

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**ESTRUTURAS AMBIENTAIS URBANAS**

**CARLOS JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS**

**GUARULHOS: ESPAÇOS IDENTITÁRIOS SOB A  
MUNDIALIZAÇÃO**



Construção da Via Dutra  
Década de 1950



Aeroporto Internacional  
de São Paulo/ Guarulhos  
Década de 1980



Folia de Reis na Festa  
da Carpição  
Bonsucesso - 2001



Ocupação "Anita  
Garibaldi"  
2000/2003

**ORIENTADORA: PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. MARIA IRENE  
SZMRECSANYI**

**SÃO PAULO**



*Assino:  
1391005*

**CARLOS JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS**

**GUARULHOS: ESPAÇOS IDENTITÁRIOS SOB A  
MUNDIALIZAÇÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Irene Szmrecsanyi.

**SÃO PAULO**

**2003**



## AGRADECIMENTOS

Muitos foram aqueles que de várias maneiras colaboraram com a realização deste trabalho. A todos agradeço pelo apoio, incentivo, carinho e críticas quando de sua elaboração.

Agradeço, em especial, à Professora Doutora Maria Irene Szmrecsanyi, orientadora que acompanhou os diversos momentos desta pesquisa e de sua redação, oferecendo diretrizes e inúmeras observações críticas, decisivas para que o presente trabalho se realizasse.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo que contribuíram com ponderações teóricas e metodológicas.

Da mesma forma, agradeço aos professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Gustavo Neves da Rocha Filho e Prof. Dr. Wilson Edson Jorge, que com rigor e respeito colaboraram com indicações para a concretização da pesquisa.

A Simone Lucena Cordeiro que ofereceu apoio, incentivo e contribuições conceituais em todos os momentos desta trajetória.

Agradeço pelas informações, leituras, revisões, fotografias e apoio: aos integrantes das Folias de Reis, Catiras, Moçambiques e Congadas; aos que participam das Festas de N. S. de Bonsucesso, da Carpição e do Cabuçu; aos moradores do "Anita Garibaldi", especialmente Meire, Miguel e Elvis; ao Maurício Pinheiro, Tânia, Renata, Divanize, Fábio, Ana, Stefânia, Expedito, Vanessa, Marli, Lucimar; aos funcionários das instituições onde realizei a pesquisa; aos estudantes, professores e funcionários das faculdades onde leciono.

E, por fim, de modo muito especial, ao preciso apoio e confiança da minha família, particularmente da minha mãe, Aparecida Bueno Camargo e meu falecido pai, Artur Ferreira dos Santos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
<b>CAPÍTULO I – GUARULHOS: PRODUÇÃO SECULAR DE ESPAÇOS IDENTITÁRIOS.....</b>	<b>17</b>
1.1. GUARULHOS – IDENTIDADE E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA.....	17
1.2. A IDENTIDADE DE GUARULHOS NA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LOCAIS.....	25
1.3. DE ALDEAMENTO A FREGUESIA.....	31
1.4. CAMINHOS, ESTRADAS E PARADAS.....	41
1.5. BONSUCESSO – CARPIÇÃO E NOSSA SENHORA.....	53
1.6. A IDENTIDADE ORIGINAL DO CENTRO.....	71
<b>CAPÍTULO II – GUARULHOS: NOS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO DA ÁREA METROPOLITANA DE SÃO PAULO.....</b>	<b>87</b>
2.1. DE FREGUESIA À VILA E DEPOIS “CIDADE”.....	87
2.2. LAVOURA DE ABASTECIMENTO E INDÚSTRIA PRIMÁRIA.....	97
2.3. SUBÚRBIOS DE SÃO PAULO EM GUARULHOS.....	107
2.4. CONSOLIDANDO UMA VOCAÇÃO.....	128
<b>CAPÍTULO III – METROPOLIZAÇÃO E PERIFERIZAÇÃO.....</b>	<b>145</b>
3.1. OS “CLARINS DO PROGRESSO”.....	145
3.2. PODER FEDERAL, REGIONAL E LOCAL.....	156
3.3. A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE.....	168
3.4. NOVAS E ANTIGAS IDENTIDADES.....	185
<b>CAPÍTULO IV – UM AEROPORTO INTERNACIONAL EM GUARULHOS.....</b>	<b>191</b>
4.1. A CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO.....	191
4.2. AEROPORTO INTERNACIONAL DE SÃO PAULO/GUARULHOS.....	199
4.3. UMA CIDADE DAS CONVENÇÕES?.....	212
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>218</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, FONTES E ACERVOS.....</b>	<b>224</b>

## RESUMO

Este trabalho procura estudar os processos de produção, apropriação e semantização do espaço no município de Guarulhos por sujeitos de diferentes classes e culturas que (re)configuram sua história e futuro, bem como os significados do município como “cidade” ou complexo de espacialidades diferenciadas. Considera-se que esses agentes importam pelo resultado de sua ação no âmbito local de Guarulhos, mas entende-se que esses atos também estão relacionados de maneira dinâmica à lógica dos modelos econômicos nacionais com reflexos regionais e municipais.

Essa perspectiva abarca como protagonistas principais dos processos em questão, por um lado, o empresariado em múltiplas ramificações, por outro, o Estado em seus diferentes níveis organizacionais, e, por um terceiro ângulo, as camadas populares compostas tanto por participantes como por excluídos do mercado e dos direitos de cidadania. Este é, portanto, um estudo de natureza histórico-social sobre transformações e persistências de configurações, usos e sentidos de um território delimitado, cuja ocupação, exploração e “identidade” vêm sendo redefinidas ultimamente com radicalismo veloz.

Palavras-chave: cidade, identidade, aeroporto, história, metropolização, subúrbio, periferização, Guarulhos, São Paulo.

## **ABSTRACT**

This paper aims to study the processes of production, appropriation and semanticization in the area of Guarulhos undertaken by agents from different classes and cultures that (re)configure their histories and future, besides the meanings of Guarulhos as a “city” or a complex of differential localities. We presume that these agents are significant because of the result their action causes in Guarulhos, but we also believe that their actions are related to national economic policies.

This perspective considers as the main protagonists of these processes the business sectors with their multiple ramifications, the state in its different levels of organization and the diverse social groups that participate in the market and civil rights or are excluded from them. This is, therefore, a historical and social study on transformations and continuances in the configurations, uses and meanings of a delimited territory, whose occupation, exploitation and identity have been redefined in an accelerated radicalism.

Key words: city, identity, airport, history, metropolis, suburb, Guarulhos, São Paulo.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho procura estudar os processos de produção, apropriação e semantização do espaço em Guarulhos, município da Área Metropolitana de São Paulo que se tornou famoso desde 1985 por abrigar o maior complexo aeroportuário internacional brasileiro - o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (AISP/GRU).

Em termos teórico-conceituais entendemos que as alterações socioespaciais são resultantes da ação de sujeitos das diferentes classes e condições culturais que, em razão da presença impositiva do aeroporto e de outras intervenções espaciais, estão redesenhando o espaço e o futuro econômico de Guarulhos, bem como redefinindo seus significados enquanto “cidade” ou enquanto conjunto de lugares singulares.<sup>1</sup>

Considera-se que esses agentes importam pelo resultado de sua ação no âmbito local de Guarulhos, mas entende-se que esses atos também estão relacionados de maneira dinâmica à lógica das imposições da economia brasileira que se internacionaliza nas transações globalizadas da atual “mundialização do capital”.<sup>2</sup> Essa perspectiva abarca como protagonistas principais dos processos em questão, por um lado, o empresariado em múltiplas ramificações, por outro, o Estado em seus diferentes níveis organizacionais e, por um terceiro ângulo, as camadas populares compostas tanto por participantes como por excluídos do mercado e dos direitos de cidadania.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> A referência principal sobre esses processos é a obra de: LEFBVRE, 1969; 1974; 1991. Contribuem ainda o estudo dos textos de: CERTEAU, 1996; GOTTDIENER, 1997; SOJA, 1993.

<sup>2</sup> Utilizamos a palavra mundialização a partir da compreensão apresentada por: CHESNAIS, 1996; SANTOS, 1987, 1993, 1994, 1996, 2000; IANNI, 1992 e 1995.

<sup>3</sup> Uma definição dos grupos sociais que formam as camadas populares que se aproxima da nossa leitura sobre Guarulhos é apresentada por Ricardo Antunes quando este busca definir a terminologia “classe trabalhadora” na atualidade como “classe que vive do trabalho”: “Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o proletariado precarizado, o subproletariado moderno ... os trabalhadores terceirizados e precarizados das empresas liofilizadas de que falou Juan José Castillo, os



Este é, portanto, um estudo de natureza histórico-social sobre uma manifestação recente da urbanização brasileira, incidindo sobre transformações e persistências de configurações, usos e sentidos de um território delimitado, cuja ocupação, exploração e "identidade" vêm sendo redefinidas com radicalismo veloz.

Partimos da seguinte hipótese: Guarulhos apresenta situação geográfica, urbana e econômica estratégica para as relações entre o Brasil e o atual contexto econômico internacional, sobretudo pela presença do Aeroporto, das rodovias e do grande número de empresas estrangeiras estabelecidas no município. Esta condição faz da cidade um importante pólo potencial de atração para futuros e presentes investimentos de capitais nacionais e estrangeiros.

Porém, além das condições espaciais, urbanas e econômicas favoráveis para os investimentos no município, hipoteticamente acreditamos que esse quadro deriva também da maneira como diferentes agentes locais em combinação com de outras esferas de atuação econômica e política vêm procurando atender as imposições da economia brasileira que se internacionaliza nas transações globalizadas.

Em entrevista ao jornal local *Olho Vivo*, em 22 de outubro de 2002, o Secretário Municipal da Indústria, Comércio e Abastecimento, José Carlos Maruoka, faz afirmações que colaboram com essa proposição. "Guarulhos é uma cidade atrativa para o investimento, mas não adianta só ser atrativa, tem de ser competitiva, e nós temos uma parceria com o setor privado de obras de infra-estrutura e podemos deduzir nos impostos futuros". Ainda segundo o Secretário, quando "existem informações de que algumas empresas gostariam de se instalar em outras cidades. Procuramos essas empresas e oferecemos Guarulhos. Não podemos ficar esperando que as empresas batam à nossa porta, temos de correr atrás delas" (*Jornal Olho Vivo*, 22 de outubro de 2002, p. 6).

---

trabalhadores assalariados da chamada 'economia informal', que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiam o exército industrial de reserva na fase de expansão do desemprego estrutural" (ANTUNES, 2001, p. 103 e 104).

Em tese, a atuação do empresariado local em suas diferentes ramificações e do Estado em diversos níveis (federal, estadual e, especialmente, municipal) é de colaboração e acomodação dos interesses do desenvolvimento da economia mundializada no Brasil e na América Latina, apresentando a cidade como uma de suas possíveis portas de entrada e espaço de fluxo.<sup>4</sup> Para isso apresentam o território de Guarulhos (meio ambiente construído e natural) e seu universo sociocultural, adequando-se para a instalação dos equipamentos das transações globalizantes.

Contudo, essa situação tem seus custos ambientais e sociais, envolvendo contradições entre os interesses das classes e criando conflitos além das acomodações. Diferentes sujeitos das camadas populares<sup>5</sup> experimentam seu processo de produção, apropriação e semantização do espaço nessa situação, por vezes, entrando em contradição com os interesses da econômica em suas esferas local, estadual, regional e global.

Desde a construção da Dutra e da Fernão Dias entre as décadas de 1940 e 1950, na instalação de um expressivo conjunto industrial, o território de Guarulhos vem prestando-se aos interesses do desenvolvimento econômico brasileiro. A partir de então o município sofre fortes impactos sobre sua distribuição sócio-espacial e física. Surgiram grandes áreas fabris e bairros habitacionais para diferentes categorias profissionais nas margens das rodovias, muitos com centros comerciais, como fica bem exemplificado pela construção do Conjunto Habitacional CECAP – Zezinho Magalhães Prado construído em 1967 às margens da Dutra.

Não obstante, vários outros bairros de Guarulhos também se constituíram a partir das décadas de 1950 e 1960 em regiões distantes do núcleo central, com fortes características periféricas e a partir da atuação dos agentes imobiliários, abrigando a grande parcela da população de Guarulhos. Muitos até incorporaram no nome a

---

<sup>4</sup> Aqui utilizamos o termo “espaço de fluxos” numa das suas dimensões apresentadas por Manuel Castells: como nó (centro de importantes funções estratégicas) e centro de comunicação (CASTELLS, 1999).

<sup>5</sup> Operários, assalariados do setor de serviços, trabalhadores terceirizados, trabalhadores da chamada economia formal e informal, trabalhadores desempregados. (ANTUNES, 2001, p. 103 e 104).

denominação dos agentes imobiliários que loteavam as terras. Um exemplo é o Parque Continental cujo nome é o mesmo de uma famosa imobiliária da cidade.

O município incorporou assim, ao mesmo tempo, características de cidade industrial e de periferia metropolitana, somada às localidades que permaneceram marcadas pela fisionomia de subúrbios. As alterações fizeram-se sentir na própria composição social da cidade, passando a ser formada por um expressivo contingente de operários, mas também composta por trabalhadores em serviço formais, informais e desempregados (ANTUNES, 2001, p. 103 e 104). Um processo onde diferentes agentes sociais atuaram sobre a produção do espaço.

Nos últimos 30 anos, Guarulhos vem novamente experimentando um quadro de alterações socioespaciais e de suas atividades econômicas. A título de demonstração, o então Superintendente da Infraero, Itamar Colaço (2002), em reunião com o Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico de Guarulhos, anunciou outra provável iniciativa a ocorrer em breve na cidade para incentivar uma nova modalidade de produção. Ele afirmou que “há grande possibilidade de ser instalada, em terreno já pertencente à Infraero, uma área alfandegária para Aeroporto-Indústria, na qual componentes importados têm facilidade de nacionalização para fins de montagem local e exportação” (*Jornal Olho Vivo*, 15 de agosto de 2002, p. 6).<sup>6</sup>

Além disso, diversas empresas de capital estrangeiro já estão instaladas em Guarulhos, incluindo as principais companhias aéreas do mundo, empresas de despacho aduaneiro, transporte internacional de cargas e entregas, além de indústrias, redes comerciais, de serviços e de hotéis.

Assim, como eixo da nossa primeira hipótese, acreditamos que a reordenação dos espaços e da sociedade de Guarulhos em sua composição e dimensões urbanísticas deriva do processo de mundialização econômica. Porém, também resulta das características particulares de Guarulhos relativas ao meio físico e, principalmente, da ação dos diferentes agentes locais (empresariado e daqueles que estão à frente do poder

---

<sup>6</sup> O Conselho foi organizado e coordenado por empresários da cidade, contando com a participação da Prefeitura Municipal. Nessa mesma direção, segundo o “Movimento Contra a Terceira Pista”, estão sendo instalados em Guarulhos os portos secos: Dry Port, Global Business, Riachelo e Ponto Frio. In: **Informativo – Movimento Contra a Terceira Pista – S.O.S. Serra da Cantareira. N. 9.** Guarulhos: s/d.

público) em sintonia com outras esferas de atuação econômica e política, criando situação de custos ambientais e conflitos sociais entre sujeitos das diferentes classes, particularmente, a partir da segunda metade da década de 1940 em Guarulhos.

Com referência na proposição anterior, surge nossa segunda hipótese: o município, ao vivenciar um quadro de rápidas transformações de suas atividades econômicas, com conseqüências socioespaciais, culturais e ambientais, experimenta uma situação contraditória de confrontação social diferenciada. A situação de conflito transparece nas ações dos movimentos de moradores diretamente envolvidos com a ampliação da terceira pista do Aeroporto e a construção do anel rodoviário, Rodoanel.<sup>7</sup> Na tentativa de evitar a efetivação dessas obras os movimentos criaram empecilhos, tais como: a exigência de audiências públicas e de estudo do impacto de vizinhança.

Essa leitura potencializa nossa proposição hipotética relativa às identidades atuais do município como constituído por núcleos com características e formações histórico-sociais diversas, sem uma camada capaz de mobilizar e liderar todas as demais num projeto coletivo. Isso impede a consagração de uma identidade única para o município e sua população. Assim, hipoteticamente, procuramos estudar se Guarulhos caracterizou-se como uma colcha de retalhos formada por lugares socioculturais diferenciados ou se essa diversidade percebida articulou-se, de alguma forma, sob efeito da administração municipal.

Além da clássica divisão entre os bairros das camadas mais abastadas, bairros industriais e áreas de moradia das parcelas populares da população e/ou da dicotomia entre centro (do comércio, financeiro e administrativo) e periferia, apresentamos o

---

<sup>7</sup> Em 2002 foi criado o “Movimento Contra a Terceira Pista” em Guarulhos, filiado ao “S.O.S. Serra da Cantareira”. Demonstração da importância que vêm adquirindo esses movimentos foi o recente adiamento por parte do governo do Estado para 2003 das seis audiências públicas que deveriam promover a discussão das obras do Rodoanel, bem como o “reconhecimento que a construção da alça sul não começará na data prevista, em julho do ano que vem”. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, “os aspectos polêmicos do EIA-Rima aliados à articulação da comunidade que se opõe ao Rodoanel -principalmente a do movimento SOS Cantareira, que congrega em torno de 40 entidades- poderiam levar à rejeição do projeto pelo Consema” (*Folha de São Paulo*- 06 de novembro de 2002).

município composto por espaços que ainda mantêm características suburbanas, outros formados recentemente como bairros semelhantes ao padrão da periferia paulistana, outros constituídos como “lugares globalizados”, na denominação de Renato Ortiz (ORTIZ, 1994), ou “espaços da transnacionalização”, na análise de Milton Santos (SANTOS, 1991, 1994, 1996, 2000), ou “espaço de fluxos”, como apresenta Manuel Castells (CASTELLS, 1999), ou ainda “não-lugares”, como assinala Marc Augé (AUGÉ, 1994): aeroportos, grandes supermercados, *shopping centers*, rodovias.

O referencial metodológico desta pesquisa é o entendimento dialético da história social da produção, apropriação e semantização dos espaços como resultantes da ação dos sujeitos num processo intrincado de relações econômicas, políticas e culturais. Este procedimento procura uma abordagem capaz de compreender a cidade de Guarulhos, algumas de suas espacialidades, agentes, identidades em relação à esfera mais ampla do desenvolvimento histórico.

Quanto ao trabalho com as fontes, objetivamos constituir análise crítica dos documentos (quanto às datas, autores, objetivos originais, etc.), relacionando levantamentos quantitativos às informações qualitativas presentes na bibliografia existente. A organização do trabalho com a documentação ocorreu em três frentes de recolhimento das informações: levantamento e estudo das fontes escritas, gráficas, estatísticas, cartográficas e fotográficas; levantamento e análise da bibliografia existente (livros, monografias, dissertações, teses, revistas e jornais); acompanhamento dos debates e da dinâmica cotidiana do processo histórico atual através da leitura diária dos jornais, informativos, sites, atividades e discussões.

Procuramos estabelecer nas três frentes de levantamento um diálogo constante entre a documentação estudada e a bibliografia levantada, buscando contrapor as diferentes informações e discutir detalhadamente suas possibilidades. Parte das considerações e indagações que surgem em nossa pesquisa emerge desse método de cruzamento de dados e análises.

Importa lembrar que em nossa metodologia não consideramos as fontes como comprovações e ilustrações de concepções previamente estabelecidas. Buscamos estabelecer através delas um diálogo entre a lógica teórica relacionada às hipóteses e as indicações empíricas de fatos significativos perante as mesmas que a documentação contenha, ainda que contradigam essas suposições, de forma a aguçar o raciocínio analítico e a interpretação final.

No momento interpretativo, procuraremos compreender os processos estruturais de mudança e continuidade como resultados de tendências desiguais, muitas vezes opostas e conflituosas, efetivadas por ações de sujeitos concretos, com interesses e capacidade prática diferente. Buscamos com isto atender os princípios da dialética e de uma história com atores reais e coletivos.

Visamos, assim, oferecer novos subsídios à crítica e ao aperfeiçoamento da história sócio-espacial de Guarulhos, dinamizando e variando a maneira de acompanhar a constituição do município em sua totalidade e em suas particularidades, como ocorre agora sob influência do Aeroporto Internacional. Para isso, por vezes, discutimos as imagens urbanas, arquitetônicas e populacionais consagradas pela literatura sobre o município, revendo a produção teórica sobre os temas correlatos à pesquisa.

Pensamos, portanto, que nosso estudo pode contribuir para a verificação dos instrumentos teóricos e abordagens já empregadas para compreender as complexidades socioespaciais de espacialidades como o Aeroporto, as Rodovias e a própria cidade. A partir da nossa problemática, fontes e referências teóricas e metodológicas, dividimos o trabalho em quatro capítulos que interagem.

Nos dois primeiros capítulos – “Guarulhos: Produção Secular de Espaços Identitários” e “Guarulhos: nos Primórdios da Formação da Área Metropolitana de São Paulo” – buscamos uma preparação para o período mais recente, discutimos como os espaços municipais, desde as origens do município, foram socialmente definidos pelas articulações e estratégias de diferentes agentes locais e determinações estruturais.

Objetivamos com isso estruturar um quadro referencial das territorialidades e identidades municipais, apreendendo sua diversidade. Para isso, inicialmente procuramos realizar uma compreensão que desejamos crítica perante as caracterizações tradicionais e costumeiras sobre as origens do município.

Com essas ponderações, não procuramos recompor a formação histórica total, mas revisitar a historiografia municipal, no sentido de construir elementos para reavaliar a constituição de uma memória e de uma identidade única para o município que ainda pautam a atuação do poder público local. Tomando como base o levantamento que realizamos até o momento, pensamos que ocorre uma situação de contradição social na constituição e uso do espaço urbano em Guarulhos e que ela pode ser explicada, reconstituindo-se o próprio processo de desenvolvimento histórico do município.

No terceiro e quarto capítulos - “Metropolização e Periferização” e “Um Aeroporto Internacional em Guarulhos” - procuramos analisar a produção e transformação das identidades espaciais e socioculturais no município quando na construção das Rodovias Dutra, Fernão Dias e do Aeroporto Internacional de Guarulhos (AISP/GRU), considerando a relação com a formação da Área Metropolitana e com os modelos econômicos vigentes no país que atuaram na constituição da Região Metropolitana da Grande São Paulo. No desenvolvimento dos dois capítulos buscamos acentuar a compreensão das possíveis alterações no espaço e identidades principiadas no período.

Na seqüência estudamos o Aeroporto Internacional já em funcionamento e os efeitos de sua presença para o espaço e população local. Procuramos apreender o processo de (re)configuração e produção das espacialidades municipais, da sociedade local e de suas identidades socioculturais. No desenvolvimento dos dois capítulos buscamos compreender o quanto a construção do Complexo Aeroportuário, das Rodovias Dutra, Fernão Dias e da futura construção da Terceira Pista do AISP/GRU, contribuiu, contribui e contribuirá para modificar ou não as características ambientais, sociais, culturais, econômicas e urbanísticas de Guarulhos. Uma situação que em nossa análise tem gerado conflitos.



**Capítulo I**

**GUARULHOS:  
PRODUÇÃO SECULAR DE ESPAÇOS  
IDENTITÁRIOS**



### 1.1. GUARULHOS - IDENTIDADE E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA: UM PROLONGAMENTO COMPLEMENTAR A SÃO PAULO?

Um dos mais antigos relatos de gestão que encontramos no Arquivo Histórico de Guarulhos, o *Relatório Apresentado à Câmara Municipal – Exercício de 1928*, do prefeito José Maurício de Oliveira Sobrinho,<sup>1</sup> ao destacar que, entre as rubricas orçamentárias, o imposto sobre veículos ocupava o primeiro lugar (70:374\$000), ultrapassando a arrecadação relativa à indústria e às profissões (33:586\$100), explica:

*Justifica-se que essa rubrica (impostos sobre veículos) hoje se sobreponha à de indústria e profissão que deveria ocupar aquele lugar, por ser Guarulhos arrabalde da Capital, preferido para residência de inúmeras pessoas que exercem a sua atividade naquela cidade e que fazem uso de automóvel particular (OLIVEIRA, 1928, p. 12-13).*

Nessa justificativa comparecem, ao nosso ver, duas representações frequentemente apontadas como essenciais para compreender as transformações socioespaciais e econômicas do município de Guarulhos, delineando as identidades de

---

<sup>1</sup> José Maurício de Oliveira foi o intendente municipal que por mais tempo administrou a Prefeitura de Guarulhos, com aproximadamente 16 anos de mandato. Considerado pela historiografia local um dos principais prefeitos municipais, sua administração é apresentada como modelo para outras gestões. Em seu primeiro período à frente da Prefeitura (30/10/1919-25/10/1930), José Maurício de Oliveira foi escolhido sucessivamente por cerca de onze anos pela Câmara Municipal para ser o prefeito de Guarulhos. Portanto, suas considerações sobre Guarulhos estão sendo aqui consideradas como indicativas das posturas que marcaram a administração pública municipal no período e posteriormente, guardadas as devidas divergências políticas como as que o afastaram após a Revolução de 30 (25/10/1930 - 19/12/1940). Antes do relatório de 1928, encontramos o *Relatório Apresentado à Câmara Municipal – Exercício de 1920*, também apresentado por José Maurício de Oliveira Sobrinho. Porém, no documento de 1920 (com 21 páginas), o prefeito foi mais sucinto e menos analítico do que no de 1928 (com 55 páginas).

seus espaços: a proximidade da “cidade de São Paulo” e a dependência em relação ao desenvolvimento da capital.

Cerca de setenta e cinco anos mais tarde, em 2003, essas mesmas características, com acréscimos, apareceram no *site* oficial da Prefeitura Municipal, na parte dedicada ao setor empresarial sob o título “Invista em Guarulhos”. A página eletrônica municipal também apresenta a localização, em relação à proximidade de São Paulo, somada à posição de área de ligação entre a capital e outros centros nacionais e internacionais através de rodovias e do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (AISP/GRU), como os principais atrativos municipais para incentivar os investidores:

*Guarulhos localiza-se na Região Metropolitana de São Paulo, o principal centro econômico do país. Distante apenas 17 km da maior metrópole da América Latina, o município encontra-se estrategicamente localizado entre duas das principais rodovias nacionais: a Via Dutra, eixo de ligação São Paulo - Rio de Janeiro e Rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte. Conta ainda com a Rodovia Ayrton Senna, uma das mais modernas do país, que facilita a ligação de São Paulo diretamente ao Aeroporto Internacional de Guarulhos. (Prefeitura Municipal de Guarulhos, <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>, 2003).*

A descrição acima é complementada pela ilustração a seguir.

#### Gravura do município de Guarulhos



(PMG. <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>, 2003).

Na gravura, o município de Guarulhos aparece na cor roxa e cortado pelas linhas verde, vermelha e amarela, representando respectivamente as rodovias Fernão Dias, Dutra e Airton Senna. Destaca-se ainda na figura o desenho de um avião localizando o Aeroporto Internacional (AISP/GRU) que ocupa uma grande área do território. Da mesma forma, é perceptível a expressiva extensão da fronteira municipal com São Paulo.

Assim, tanto esse mapa como o texto do *site* oficial do poder público local assinalam que hoje a “cidade” é apresentada por seus administradores de forma bastante semelhante àquela pela qual o prefeito José Maurício a entendia em 1928. Em outras palavras, para a sua municipalidade, Guarulhos se constitui num prolongamento da capital paulista, definindo-se por essa localização geográfica privilegiada que prepara seu desenvolvimento, como revelam as rodovias e o Aeroporto Internacional presentes em seu território.

José Maurício já assinalava em seu relatório caminhos que, no nosso entender, o município seguiu, pois orientava a postura do poder público local para se adequar ao desenvolvimento paulistano:

*Limitrofes da Capital como somos e com os nossos interesses presos àquele centro de grande gravitação, tem esta Prefeitura, procurado por todos os meios preencher as formalidades exigidas pela Diretoria de Veículos da Capital, para o trânsito dos nossos veículos naquela cidade, havendo recebido sempre a colaboração muito atenciosa do Diretor da Inspeção de Veículos da Capital Dr. Rudge Ramos (OLIVEIRA, 1928, p. 12-13).<sup>2</sup>*

<sup>2</sup>Com a vitória da Revolução de 30, a Junta Governativa de Guarulhos, chefiada por Delezino de Almeida Franco, em 25 de outubro de 1930, intimou José Maurício de Oliveira Sobrinho a renunciar e nomeou João Eduardo da Silva para o cargo de prefeito (25/10/1930 - 10/11/1931). Contudo, José Maurício de Oliveira Sobrinho, voltou a comandar a Prefeitura por nomeação do Interventor Federal no Estado, Adhemar de Pereira de Barros, em 19 de dezembro de 1940, deixando o cargo somente em 9 de fevereiro de 1945, com sua enfermidade e posterior morte em 5 de abril de 1945. Nesse mesmo ano, o Interventor nomeou como prefeito Heitor Maurício de Oliveira (filho de José Maurício de Oliveira Sobrinho), que administrou o município de 23 de maio de 1945 a 25 de março de 1947 (*Atas da Câmara Municipal de Guarulhos, 1880-1950*). Voltamos a salientar ainda que, no acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos, entre os

O já citado *site* da Prefeitura, em 2003, bem como a análise a seguir, presente no *Diagnóstico Preliminar para o Plano Diretor de Guarulhos*, realizado pela Secretaria de Economia e Planejamento local em abril de 2002, indicam o quanto perpassa a história municipal, orientando e marcando a atuação do poder público local, a caracterização do município como limítrofe e dependente da capital, por sua vez ligada à proposta de seu preparo para o desenvolvimento da metrópole:

*O município de Guarulhos ocupa posição estratégica no eixo Rio - SP e no eixo São Paulo – Campinas (até o nordeste do estado de SP, Triângulo Mineiro e, extensivamente, até Brasília e Belém), o que tem indicado o seu território para a implantação de equipamentos de relevante impacto regional, tais como: o Aeroporto Internacional André Franco Montoro, o Terminal de Tancagem de Combustíveis, o Parque Ecológico do Tietê, o Terminal Intermodal de Cargas (TIC - Leste) e o Terminal de Abastecimento (TAG). (...) Existe uma estreita vinculação de Guarulhos com o município de São Paulo, o que tem condicionado o desenvolvimento do município ao da capital do Estado, gerando sistemas de vida mais dependentes do que articulados. O município de Guarulhos é constitutivo da Região Metropolitana de São Paulo, a mais dinâmica e importante do país e, no contexto da internacionalização da economia, este fator torna-se determinante no processo de planejamento e de desenvolvimento da cidade (Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002).*

Em outras palavras, o município deveria planejar seu desenvolvimento, tendo como fundamento sua posição geográfica “periférica” e sua “dependência” em relação a São Paulo (Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002).

---

prefeitos do período compreendido entre 1880 e 1950, só encontramos os relatórios (1920, 1928 e 1943) da gestão de José Maurício.

Essa concepção encontrou respaldo fora do município no transcorrer de sua história. No mesmo ano do relatório do prefeito José Maurício, isso fica expresso num ofício do Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, José Oliveira de Barros, endereçado ao Palácio do Governo em 5 de dezembro de 1928, apresentando a conveniência de se estenderem os serviços de águas e esgotos de São Paulo até Guarulhos e ao então município de Santo Amaro.

Com o parecer positivo do Presidente do Estado, Julio Prestes de Albuquerque, a solicitação foi retransmitida para a avaliação do Congresso Legislativo em 7 de dezembro de 1928 e descrevia os dois municípios como “subúrbios” da capital do seguinte modo:

*O desenvolvimento dessas duas cidades tem sido assim influenciado e continuará dependente do extraordinário vertiginoso aumento da população da nossa capital, da qual são hoje verdadeiros subúrbios.*

*Núcleos de população já bem desenvolvidos e de crescimento fatal e rápido, não dispõem ainda de abastecimento de água e nem de serviço de esgoto, estando as municipalidades a que pertencem – pela escassez de recursos – impossibilitadas de dotá-las desses indispensáveis elementos de vida e de higiene.*

*Assim, em se tratando de cidades que são hoje verdadeiros prolongamentos da capital, e onde parte apreciável dos colaboradores no desenvolvimento e progresso desta encontram condições de vida mais adequadas às suas bolsas menos providas, tenho como de todo o ponto conveniente e justo, que o Estado estenda a elas o serviço de águas e esgotos, a cargo da Repartição de Águas e Esgotos da Capital, subordinada a esta Secretaria (BARROS, 5 de dezembro de 1928. In: OLIVEIRA, 1928, p. 17).*

O Congresso Legislativo Estadual aprovou a solicitação e o Presidente do Estado de São Paulo, Julio Prestes de Albuquerque, sancionou a aprovação na *Lei Estadual n.º 2331, de 27 de Dezembro de 1928*, dispondo em seu Artigo 1.º o seguinte: “[é] o Poder Executivo autorizado a entrar em acordo com as Câmaras Municipais de Guarulhos e Santo Amaro para que os serviços de águas e esgotos nessas cidades fiquem a cargo do Estado e subordinados à Repartição de Águas e Esgotos desta Capital, constituindo renda estadual as taxas relativas a esses serviços” (*Lei Estadual N.º 2331, de 27 de dezembro de 1928*).

Por outro lado, na atualidade, essa concepção oficial externa a Guarulhos é reforçada por outras opiniões de amplo alcance, formadoras da opinião pública. Para compreender a permanência e difusão desse ponto de vista, vale a pena verificar dois trechos sobre o município recentemente publicados pela imprensa noticiosa. Segundo o artigo da revista *Exame* intitulado “Cidade das Convenções”, investimentos da ordem de 1,3 bilhões de reais estariam sendo alocados na construção de hotéis no município, o que se justificaria porque:

*A cidade de Guarulhos é conhecida por abrigar o aeroporto internacional mais movimentado do país. Não fosse por isso, passaria despercebida, relegada a mera periferia de São Paulo. (...) Com localização privilegiada, Guarulhos atraiu 1971 indústrias e motivou os novos empreendimentos. Grudada a São Paulo, a cidade é cortada por três importantes rodovias: a Presidente Dutra, a Ayrton Senna e a Fernão Dias (CARRANCA, 20 de março de 2002, pp. 21-22).*

Na mesma linha, o *Jornal da Tarde* anos antes já destacara:

*São Paulo, a maior cidade do turismo de negócios do País, começa a perder mercado para outros centros urbanos por causa de problemas como trânsito caótico, precariedade de transporte coletivo e preços exorbitantes de hotéis e táxis. (...) Um dos municípios em expansão é Guarulhos, que tem como principal vantagem a posição geográfica: é*

*onde está o Aeroporto Internacional de São Paulo, o maior da América do Sul, com capacidade anual de 15 milhões de passageiros*  
(PORTO, 11 de julho de 1999).

Assim, partimos da concepção de que existe uma tendência na construção de uma identidade de Guarulhos que vem orientando a atuação político-administrativa no transcorrer da história do município e que o concebe como um “apêndice e prolongamento” de São Paulo determinado por sua localização geográfica. No entanto, parece-nos que essa noção tão divulgada merece alguns questionamentos. Podemos considerar adequado e satisfatório o conceito de que Guarulhos possui um único caráter e que este é determinado por sua função de “periferia” e/ou “prolongamento” da metrópole? Se é assim, não teria imperceptivelmente se integrado a ela nos últimos anos? Ou, ainda, constitui de fato uma “cidade” com identidade própria?

Não estamos procurando negar as influências da localização geográfica e a dependência do município em relação à capital, mas buscando discutir os efeitos dessa caracterização na auto-representação e na própria condução dos negócios do município. Procuramos indagar se essa caracterização seria a única possível para compreender Guarulhos.<sup>3</sup>

Defendemos aqui o argumento de que a localização é um componente necessário, mas não suficiente e exclusivo, para o estudo da ação dos diferentes sujeitos na produção, reprodução e semantização das espacialidades que constituíram o município.<sup>4</sup> Este primeiro capítulo e o segundo servem como uma preparação para o

<sup>3</sup> Essa caracterização não é exclusivamente aplicada a Guarulhos. Flávio Villaça, no livro *Espaço Intra-Urbano no Brasil*, criticou a expressão metrópole (e por extensão os termos área metropolitana e processo de metropolização) por ser “por demais associada à importância social, econômica e cultural de um núcleo urbano”. O autor preferiu utilizar a expressão conubação (“fusão de áreas urbanas”) para discutir a “expansão espacial dos núcleos urbanos e as contradições entre essa expansão e os limites político-administrativos municipais” (VILLAÇA, 1998, p. 49). Além desse, outros textos revertem o ponto de vista da análise das cidades da área metropolitana paulistana e sua inclusão na constituição da região, destacando-se José de Souza Martins (MARTINS, 1981 e 1992) e Ana Fani Alessandri Carlos (CARLOS, 1994 e 2001).

<sup>4</sup> Concordamos com o que escreve Ana Fani A. Carlos, ao assinalar que existe uma articulação “dialética entre sociedade e espacialidade, mesmo porque o homem, no seu cotidiano, multiplica

período mais recente, discutindo como esses fatores geográficos desde as origens do município foram socialmente definidos pelas articulações e estratégias de diferentes agentes locais, sujeitos a determinações estruturais de uma economia internacional, explicando a valorização territorial de Guarulhos.

Objetivamos com isso estruturar um quadro referencial das territorialidades e identidades municipais, apreendendo sua diversidade. Para isso, inicialmente procuramos realizar uma compreensão que desejamos crítica perante às caracterizações tradicionais e costumeiras sobre o município. Com essas ponderações, não objetivamos recompor a formação histórica total, mas revisitar a historiografia municipal, no sentido de construir elementos para reavaliar a constituição de uma memória e de uma identidade única para o município que ainda pautam a atuação do poder público local.

Tomando como base o levantamento que realizamos até o momento, pensamos que ocorre uma situação de contradição social na constituição e uso do espaço urbano em Guarulhos e que ela pode ser explicada, reconstituindo-se o próprio processo de desenvolvimento histórico do município. Trata-se de captar a história em seu movimento, pois se existe uma diversidade social e cultural, como ocorre a padronização, a identidade única? Seguindo Antonio Gramsci, queremos pensar como aqueles que detêm a hegemonia cultural fazem dela um instrumento político.<sup>5</sup>

Isso propõe reflexões no plano sociocultural - sem deixar de lado as dimensões econômicas e políticas -, uma vez que conduz a pensarmos em possíveis formações de identidades num processo dialético - portanto, contraditório - que de certo envolve incorporações e substituições de identidades em Guarulhos. Essas dimensões aproximam-se também das posturas de Clifford Geertz que permitem pensar a cidade

---

e aprofunda seus laços com a natureza, esta tende a ganhar uma dimensão social e histórica". (CARLOS, 1994, p. 193). Em outro momento, a geógrafa assinala que: "as relações sociais que constroem o mundo concretamente se realizam como modos de apropriação do espaço para a reprodução da vida em todas as suas dimensões (...)" (CARLOS, 2001, p. 13).

<sup>5</sup> Ponderações resultantes da orientação apresentada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Irene Szmrecsanyi. Ainda segundo essa mesma orientação, utilizamos o conceito de hegemonia oferecido por Antonio Gramsci. A partir da leitura das análises desse autor, compreendemos hegemonia cultural como um processo dialético através de trocas e diálogos. As classes dominantes assimilam o discurso e as práticas das camadas populares e, ao mesmo tempo, circulam suas idéias no cotidiano popular, deslocando da esfera político-econômica os significados sociais da dominação (GRAMSCI, 1991, 1999 e 2002).



como composta por um conjunto heterogêneo de culturas que interagem e circulam (GEERTZ, 1989).

Pensamos que a discussão da identidade envolve um processo de diferenciação e hierarquização de espaços e sujeitos, auxiliando o estabelecimento da hegemonia e da dominação. Portanto, é uma discussão que envolve um processo de síntese de múltiplas identificações, auxiliando as relações de poder.<sup>6</sup>

Assim, numa leitura das análises de Antonio Gramsci, compreendemos que há constantes negociações entre sujeitos e incorporações de significados de um segmento social pelo outro. As camadas populares não são apenas receptoras passivas da manipulação das classes dominantes. São sujeitos do processo social, dialogando, negociando e construindo suas vivências e significados em forma de movimento social. É um processo dialético através de trocas que, segundo Gramsci, constitui a hegemonia cultural.

Em alguns dos espaços de Guarulhos, encontramos indícios afinados com essas reflexões teóricas, uma vez que nesses lugares se “preservam” e se misturam, como já dissemos anteriormente, aspectos de ambientes construídos, patrimônios edificados, festas populares-religiosas e memórias datando de séculos atrás.

## **1.2. A IDENTIDADE DE GUARULHOS NA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LOCAIS**

Fundado como aldeamento indígena-jesuíta por volta de 1555 e 1560 a partir da Capela de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos (além do Aldeamento de São Miguel) e com partes do seu território exploradas no sistema de lavras de ouro, o atual município e suas adjacências estavam desmembrados inicialmente em povoados e núcleos avançados entre São Paulo e os focos populacionais do sertão. Esses espaços tornaram-se pontos de passagem, comércio e pouso para as lavras e, posteriormente,

---

<sup>6</sup> Além dos autores citados, sobre o assunto lemos: ARANTES, 1996; BOURDIEU, 1998; CALVINO, 1990; CANCLINI, 1997 e 1995; CERTEAU, 1996; GOTTDIENER, 1997; GUATARI, 1985; LEPETIT, 2001; SANTOS, 2001.

para viajantes, tropeiros de longa distância, bem como para o escoamento da produção agrícola ou oleira local, conforme discutiremos no segundo capítulo.

É pertinente salientar que, em comparação com outros municípios da atual Região Metropolitana, Guarulhos é geograficamente bastante próximo ao núcleo central da capital. Por dados de 1774, expostos a seguir, a distância assinalada entre a capital e Guarulhos era de 18 quilômetros.<sup>7</sup> Esse número equivalia ao da distância entre a da capital e São Miguel, sendo maior apenas do que o da separação entre São Paulo e Penha (10,5 km) ou Nossa Senhora do Ó (12 km) ou, ainda, Santo Amaro (12 km) e menor do que entre a capital e a maioria das localidades vizinhas a ela, conforme o quadro a seguir, elaborado para essa pesquisa:

---

<sup>7</sup> No levantamento que realizamos, encontramos outros números para a distância entre Guarulhos e o núcleo central da capital, dependendo do referencial geográfico. Todavia, todos os dados em média se aproximam da marca de 17,7 km, segundo os dados atuais da Secretaria de Economia e Planejamento de Guarulhos (SEP-GRU) (Prefeitura Municipal de Guarulhos, <http://www.guarulhos.sp.gov.br>, 2003). A título de exemplo dessas variações, na *Sinopse Estatística do Município de Guarulhos*, realizada pelo IBGE em 1948, a distância em linha reta em relação à capital do Estado é de 15 km (IBGE, 1948, p. s/n). Já João Mendes de Almeida, em seu *Dicionário Geográfico da Província de S. Paulo – 1902*, e Manuel Eufrásio de Azevedo Marques de Oliveira, no livro *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da província de São Paulo – 1952*, concordam que a “aldeia” que deu origem a Guarulhos (1555-1560) distava “3 léguas, ou 16,6 km a NNE, da capital” (ALMEIDA, 1902, p. 174./MARQUES, 1952: p. 308). Na carta geográfica do município de Guarulhos de 1936, “elaborada de acordo com a Carta do Colégio e com as retificações atuais feitas pelo Prefeito Ariowaldo Panedés”, a distância apresentada era de 18 km. Essas variações também podem significar que ocorreu alteração na localização do núcleo original central de Guarulhos e de sua capela originária. Contudo, todos dados demonstram a relativa proximidade entre o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos e o núcleo de formação de São Paulo.

**Quadro I: Guarulhos e Arredores da Cidade de São Paulo -  
Distância a Partir da Sé (em Km) - 1774**

<b>Localidade</b>	<b>Distância a partir da Sé (em Km)</b>
Penha	10,5
Santo Amaro	12
Nossa Senhora do O	12
<b>Guarulhos</b>	<b>18</b>
São Miguel	18
São Bernardo	21
Juqueri	30
Itapeperica	36
Cotia	39
Atibaia	60
Nazaré Paulista	78

Dados organizados para esta pesquisa a partir de: MARCÍLIO, 1974, p. 54 & EMPLASA - Vol. 2, 2001, p. 28.

Desde o início do aldeamento indígena-jesuítico, a posição geográfica de Guarulhos entre os núcleos de São Paulo e do Vale do Paraíba foi essencial às formas pelas quais os habitantes locais constituíram suas existências e atuaram sobre o território. No período colonial, esses processos tinham São Paulo de Piratininga como núcleo central da região e atenderam inicialmente aos interesses de proteção, catequização jesuítica, criação de uma força de trabalho a partir da mão-de-obra indígena, dominação, exploração territorial e dos recursos naturais.

No nosso entender, entretanto, a historiografia do desenvolvimento do município vem sendo organizada apagando-se a diversidade desses processos e impondo-se uma unicidade a partir da construção da história municipal para exaltar os que estiveram à frente de sua administração.

Assim a considerada “primeira obra historiográfica de Guarulhos”, de João Ranali, referencial para os outros trabalhos produzidos sobre o município, foi escrita em meados da década de 1940, quando Ranali era delegado de polícia e atendendo a uma solicitação do então prefeito José Maurício, segundo o próprio prefaciador do livro, Adolfo Vasconcelos Noronha, um outro pesquisador do passado da “cidade”. A segunda obra (dois volumes) desse autor, também referencial para a historiografia local,

intitulada *Cronologia Guarulhense*, é dedicada ao então empresário e futuro prefeito da cidade Paschoal Thomeu (1988 - 1992) - “cujo mecenato proporcionou a edição desta obra” - e aos prefeitos capitão Gabriel José Antonio (1908 - 1915), Fioravanti Iervolino (1948 - 1952 e 1957 - 1961) e Dr. Mário Antoneli (1961 - 1966).

Assim, as duas obras iniciais e referenciais sobre Guarulhos foram apoiadas pelos que estavam à frente do poder público e por setores do empresariado local. Na apresentação da *Cronologia Guarulhense - Volume I*, redigida pelo próprio “empresário-mecenas” Paschoal Thomeu, fica clara a intenção de, através da elaboração da história do município, construir uma identidade para a cidade e respaldar as ações presentes no sentido de “avaliar a evolução de tudo aquilo que, no passado, contribuiu para a formação de nosso patrimônio social, político, cultural e econômico” (THOMEU, 1986, p. 5, 7 e 9).<sup>8</sup>

Não procuramos com isso diminuir o valor dessas obras e de seus autores, negando a relação entre as descrições costumeiras sobre Guarulhos e a realidade. Pelo contrário, reconhecemos a importância desses livros pelos levantamentos e apontamentos neles existentes. São aqui utilizados como fontes de pesquisa e consulta.

Entretanto, buscamos ponderar que eles apagam (ou colocam em segundo plano) outras dimensões possíveis da história do município, como as reveladas pelos conjuntos de fotografias e documentos mantidos no Acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos, uma das bases documentais para esta pesquisa e fundamental para quem deseja estudar o município em sua diversidade.<sup>9</sup> Outras fontes são as memórias de seus habitantes, o patrimônio arquitetural, as intervenções urbanísticas e os usos que constituem costumes e tradições.

Além dos livros escritos por João Ranali, existem duas outras obras referenciais para a historiografia local: *Guarulhos – Cidade Símbolo: 1560-1960*, escrita pelo já citado Adolfo de Vasconcelos Noronha e publicada durante o IV Centenário de

<sup>8</sup> Outras duas referências bibliográficas que demonstram a relação entre a construção da história do município e os interesses políticos e administrativos são o livro escrito pelo atual prefeito Elói Pietá (PIETÁ, 1992) e por seu antecessor Jovino Cândido da Silva (1998 a 2001), analisando o processo de metropolização (SILVA, 1999).

<sup>9</sup> Fernand Braudel, em suas análises acerca da história de longa duração, analisa como os recortes temporais podem permitir a percepção de dimensões diferenciadas da história (BRAUDEL, 1978). Assim, o passado num texto histórico é uma construção que atende à perspectiva dos interesses formados no presente.

“fundação” de Guarulhos; e *Guarulhos: 1880-1980*, do mesmo autor em colaboração com Gasparino José Romão, publicada durante o I Centenário da “emancipação política” do município. Edições celebrativas, realizadas sob o patrocínio da Prefeitura Municipal e do setor empresarial, essas duas obras deixam sobressair as duas características que estamos assinalando como freqüentes na construção das análises e atuações sobre o município ao descreverem que a “vida” de Guarulhos:

*(...) sempre esteve presa visceralmente à da Capital. Foi de início, uma das doze aldeias baluartes de São Paulo; um núcleo da vastíssima exploração aurífera e das prodigiosas atividades agrícolas dos velhos bandeirantes; uma das primeiras paróquias e um dos mais antigos distritos paulistas* (NORONHA, 1960, p.3; ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 9).<sup>10</sup>

Nessa leitura, Guarulhos comporia uma unidade de assentamento regional com a Vila de São Paulo, sendo resultado dessa articulação e mantendo essa vocação e identidade originária.

Mesmo no debate sobre a data da “fundação” de Guarulhos como aldeamento indígena-jesuítico essa caracterização está presente. Defendendo a data de 8 de dezembro de 1560 como a “fundação” do Aldeamento a partir da criação de sua Igreja Matriz contra o ano de 1555, apresentado pelo Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo, em 1913 (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.), os pesquisadores locais Gasparino José Romão e Adolfo Vasconcelos Noronha acentuam que o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição seria resultado da necessidade de defesa da Vila de São Paulo “por causa das ameaças” de ataques de grupos indígenas “hostis” à presença jesuítica e portuguesa que, “em 1560, pairavam” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 110).<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Nos dois livros (*Guarulhos – Cidade Símbolo: 1560-1960* e *Guarulhos: 1880-1980*), existem textos que se repetem. Assim, por vezes, citaremos as duas obras quando encontramos os trechos repetidos.

<sup>11</sup> No relatório de 1913, que consta do livro de Tombo da Igreja Matriz, uma das fontes de estudo dessa pesquisa, o Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo escreve: “[c]onsta que o primeiro livro do tombo, que se perdeu, dava notícias de uma outra igreja, que servia de Matriz, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, sem que todavia precisasse o

Essa versão também é assinalada atualmente no *site* da Prefeitura Municipal da seguinte forma:

*Guarulhos teve sua origem como elemento de defesa do povoado de São Paulo. Com a denominação de Nossa Senhora da Conceição é fundado em 8 de dezembro de 1560 o aldeamento dos índios Guarus da tribo dos Guaianazes, integrantes da nação Tupi, pelo Padre Jesuíta Manuel de Paiva (PMG, <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>, 2003).*

Não negamos a argumentação de que o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição surgiu a partir da sua localização geográfica estratégica de proteção à Vila de São Paulo. Do mesmo modo, não estamos defendendo uma das datas da denominada “fundação” de Guarulhos (1555-1560) como a correta. Estamos realçando que as próprias explicações da origem do município se limitam a assinalar sua função de “prolongamento preso” de São Paulo e que isso contribui para compreender o desenvolvimento municipal como resultado da determinação geográfica.

São raras as tentativas de estudar e descrever a relação entre o contexto de exploração colonial, a constituição territorial e a formação social existente naquele aldeamento originário de Guarulhos. Não obstante, outras possibilidades de estudar as origens de Guarulhos seriam compreender os aldeamentos no contexto dos conhecimentos indígenas do território ou considerar a dependência da Vila de São Paulo ou de toda a economia regional da reprodução da força de trabalho proporcionada pelos aldeados.

Reconhecemos as dificuldades no estudo dos aldeamentos paulistas. Não obstante, vale ressaltar que, apesar das barreiras relativas à falta de uma sistematização das fontes sobre os aldeamentos em São Paulo, existem autores que realizaram

---

tempo de sua fundação. Parece que existia já em 1555, porque nessa época já aquela capela de Guarulhos era filial da Matriz de São Paulo” (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.). O documento consta do Acervo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

importantes estudos sobre essas formações sociais e a relação com a estrutura colonial, assinalando caminhos, acervos e documentos.<sup>12</sup>

Entretanto, no caso particular de Guarulhos, em decorrência dos recortes temáticos da historiografia local, o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição como formação social no contexto colonial e de formação territorial não constitui o tema central, inexistindo a preocupação de entendê-lo como tal. A impressão que fica é que o aldeamento nas origens de Guarulhos inexistia como formação social com alguma peculiaridade e identidade.<sup>13</sup>

Assim, a versão das origens do município apoiada na historiografia local tradicional e, de certa forma oficial, já que é endossada pelo *site* da Prefeitura, obscurece a auto-apreciação do município e seus habitantes, ofuscados pelo empenho de salientar a relação com a capital paulista.

### 1.3. DE ALDEAMENTO A FREGUESIA:

#### DIVERSIDADE DE INTERESSES NA FORMAÇÃO TERRITORIAL

Seguindo a seqüência desse quadro referencial da construção histórica da identidade do município, localizamos nas entrelinhas da historiografia três possíveis razões que ajudam a compreender por que, entre os aldeamentos das cercanias da “São

<sup>12</sup> Entre essas obras, destacamos: BONTEMPI, 1969, 1970, 2000; LEMOS e FRANÇA, 1999; HOLANDA, 1957, 1987, 1993, 1994; MONTEIRO, 1995; PETRONE, 1995.

<sup>13</sup> Uma demonstração da possibilidade de estudar o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição como uma formação social é o trabalho de John Manuel Monteiro, intitulado *Negros da Terra – Índios e Bandeirantes nas Origens de São Paulo*. Nele o historiador estabelece o tempo todo relações entre a dinâmica particularizada dos aldeamentos com o processo de formação de São Paulo no contexto da estrutura de exploração colonial. A título de exemplo, além de discutir a localização e os aldeamentos como pontos estratégicos, Monteiro assinala que: “[o] aldeamento proporcionaria uma estrutura de base da força de trabalho, preservando-se algumas características da organização social pré-colonial – tais como a moradia, a roça, a família e mesmo a estrutura política -, modificadas, é claro, pelo projeto cultural dos jesuítas (...) Contudo, conforme veremos adiante, os aldeamentos não conseguiram atender à demanda dos colonos” (MONTEIRO, 1994, p. 44).

Paulo de Piratininga”, Nossa Senhora da Conceição foi um dos primeiros a tornar-se freguesia em 8 de maio de 1685 com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos.<sup>14</sup>

Essas três explicações, apesar de o eixo de análises ser a localização e a situação de complemento a São Paulo, ao mesmo tempo permitem ponderar os motivos para elevação a freguesia - justificando a atuação dos “homens de importância” no período – e o quanto as características particulares do antigo aldeamento em relação à estrutura colonial atuaram nesse processo.

Aliás, vale a pena ler essas explicações, acompanhando a planta municipal de 1960, apresentada a seguir, que guarda várias reminiscências das origens de Guarulhos como freguesia, tais como a localização e os nomes de lugares, estradas e caminhos.

Uma dessas possíveis explicações da mudança de *status* de aldeamento para freguesia encontra-se na exploração de ouro, desde 1590, iniciando-se no lugar conhecido como “Lavras Velhas do Geraldo”. A denominação daquela lavra deriva da sesmaria concedida a Geraldo Correia Soares que também ficou conhecida como “Minas de Geraldo Correia” ou “Minas Velha”, posteriormente, “Mojolo de Ferro” e, atualmente, Bairro Morro Grande.

Segundo Adolfo de Vasconcelos de Noronha, existiam “pelo menos seis lavras auríferas em território guarulhense que se localizavam em pontos diferentes de uma vasta área, compreendendo algumas dezenas de quilômetros quadrados”, compreendendo os “bairros das Lavras, Catas Velhas, Mojolo de Ferro [este deve ter sido a chamada Lavras-Velhas-do-Geraldo], Campo dos Ouros, Bananal e Tanque Grande” (NORONHA, 1960, p. 36).<sup>15</sup>

Assim, o território do futuro município de Guarulhos por possuir lavras de ouro atraiu os colonizadores para a região. É provável que esses mineradores tenham atuado para a criação da freguesia, tendo em vista apropriarem-se de terras pertencentes antes

<sup>14</sup> No século XVII, os outros aldeamentos dos arredores desse núcleo central eram: Pinheiros, São Miguel, Barueri, Escada, Itaquaquecetuba. Sobre a data de elevação a freguesia, John M. Monteiro apresenta uma outra indicação: o ano de 1686 (MONTEIRO, 1994, p. 260).

<sup>15</sup> Essas lavras correspondem hoje (2003) à seguinte localização: Lavras - entre os Bairros Lavras e São João; Catas Velhas - entre os Bairros Fortaleza e Capelinha; Mojolo de Ferro - Bairro Morro Grande; Bananal - Bairro Bananal; e Tanque Grande - Bairro Tanque Grande. São todos bairros localizados nas Zonas Norte e Leste do Município, conforme a planta de 1960 e as plantas atuais do município.



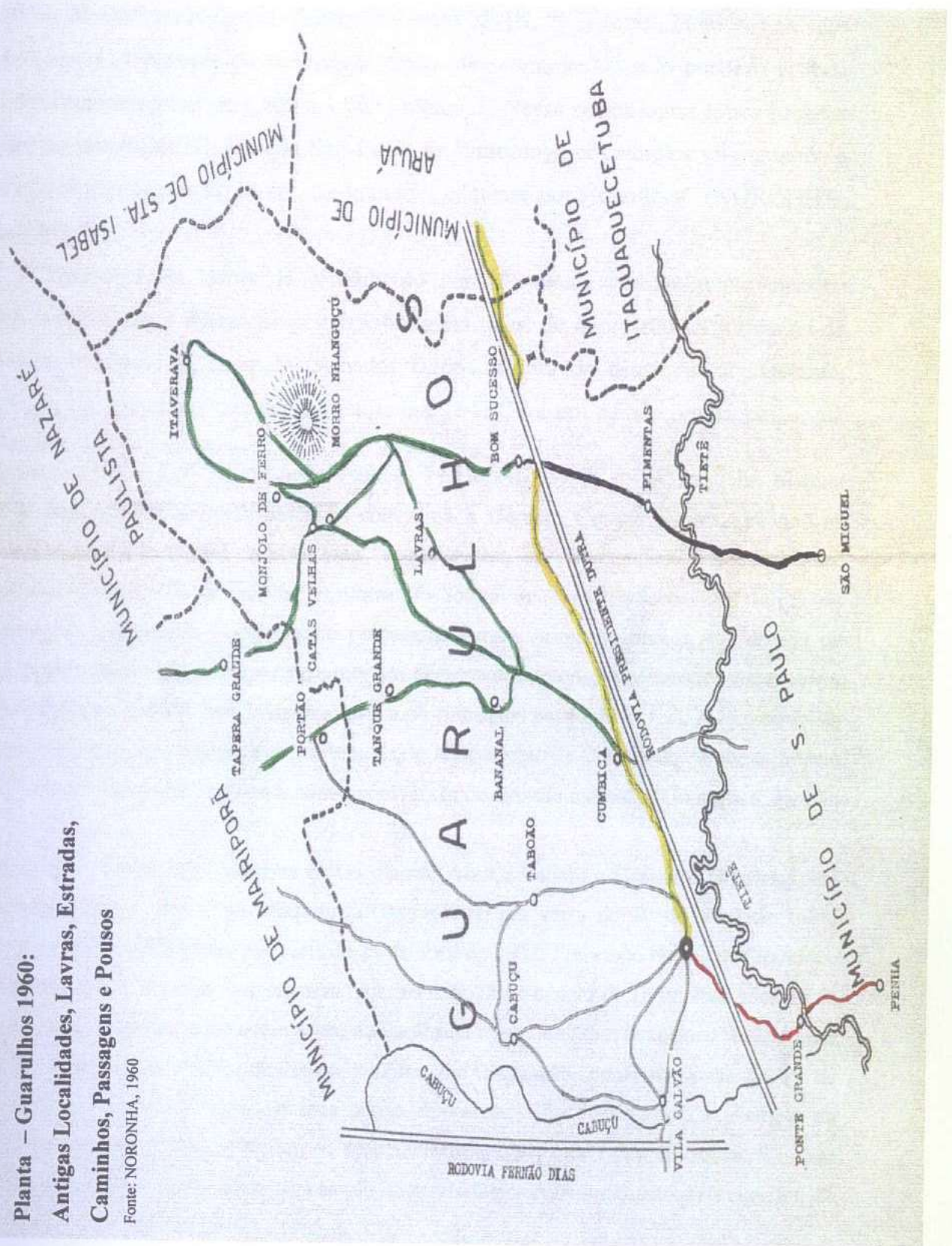
aos índios aldeados e melhor atender a seus interesses como proprietários, algo bem característico do processo de exploração colonial.

Planta - Guarulhos 1960:

Antigas Localidades, Lavras, Estradas,

Caminhos, Passagens e Pousos

Fonte: NORONHA, 1960



Uma outra razão que também levantamos na historiografia para explicar a transformação do aldeamento em freguesia, profundamente relacionada à primeira, foi a “precoce espoliação” das terras indígenas por parte dos colonizadores através das sesmarias desde a década de 30 do século XVII e de aforamentos concedidos pela Câmara de São Paulo a partir de 1661.<sup>16</sup> Segundo Noronha, apesar da decadência da exploração do ouro na região ao findar do século XVIII, “(...) foram inúmeros os seus exploradores. (...) Através de sucessivas cartas de sesmarias, o solo aurífero acabou sendo retalhado em áreas de 1.500 x 3.000 braças.(...) Nessa remotíssima época [o autor se refere ao século XVII], em que São Paulo de Piratininga era simples vila, quando a sede da Capitania estava no litoral, foi grande o interesse por Guarulhos” (NORONHA, 1960, p. 36).<sup>17</sup>

A mudança de *status* de aldeamento para freguesia possivelmente atendeu também aos interesses desses proprietários, alguns deles de expressão na formação de São Paulo. A título de exemplo, Amador Bueno, figura de destaque na capitania, chegando a ser aclamado “rei de São Paulo em 1641”, foi um desses proprietários que

---

<sup>16</sup> Informação obtida junto a Pasquale Petrone (PETRONE, 1995, p. 345) e John Manuel Monteiro. Segundo Monteiro, a sesmaria concedida a Geraldo Correia Soares, gerando as “Lavras Velhas do Geraldo”, iniciou uma “segunda fase de povoamento” em São Paulo: “[a]legando a existência de jazidas auríferas ao longo do rio Baquirivu, nas terras do Aldeamento de Conceição, Correia abriu precedente para a ocupação branca. Na década de 1660, a Câmara Municipal começou a atender aos pedidos dos colonos interessados em explorar as terras indígenas, transferindo inúmeros lotes a proprietários particulares (...). A expropriação das áreas indígenas completava-se com a tomada do Aldeamento de Conceição, já que o próprio Geraldo Correia Soares foi nomeado, com a conivência do capitão índio dos Guarulhos, capitão branco do aldeamento” (MONTEIRO, 1994, p. 205).

<sup>17</sup> Entre os que “receberam sesmarias nestas plagas: Álvaro Rabelo e Gregório Fagundes, em Guarapiranga, divisa com o rio Maquiobu (Baquirivu), por carta de 10 de abril de 1638; Antonio Madureira, em Ibiratin, por carta de 29 de abril de 1638; Francisco Nunes de Siqueira e Sebastião Bicudo de Siqueira, em Sepetiva, por carta de 28 de agosto de 1640; José Moraes da Cunha, na Tabela Grande, divisa com Mato da Paciência e Jaguará Obu; Francisco Rodrigues e Miguel de Almeida, na Aldeia de Nossa Senhora da Conceição, conforme carta de 15 de novembro de 1625. Antes dessas, muitas outras devem ter sido distribuídas, a exemplo da sesmaria que Amador Bueno, o Velho, ou seus ancestrais, obteve de Lobo de Souza. E outras mais se concederam posteriormente, a exemplo da recebida por Amador Bueno da Veiga, em 21 de setembro de 1717” (NORONHA, 1960, p. 37).

possuíram grande extensões de terras em Guarulhos, bem como a sede de suas sesmarias.<sup>18</sup>

Nelson Omeña esclarece que a qualificação de aldeia no Brasil não designava como em Portugal “pequenos povoados rurais”. Aqui ela era utilizada para denominar “as ocaras de índios em fase de assimilação”. Segundo Omeña, havia nessa época “discriminação para com as aldeias, tanto que não só os Senados da Câmara se empenham em luta constante com os colonos nomeados para dirigi-las e nelas viverem, como são freqüentes as providências dos juizes do povo a propor medidas para que os índios e mamelucos não venham, para a vila” (OMEGNA, 1962, p. 20).

Assim, a alteração resultou do processo de concessão de sesmarias e aforamentos, atendendo aos interesses dos proprietários empenhados na valorização econômica de suas terras e na diferenciação de seu *status* sociocultural.<sup>19</sup> Ou seja, um processo envolvendo a interação das características particularizadas de Guarulhos com o sistema de exploração colonial.

A outra explicação presente na historiografia que nos auxilia a compreender a elevação do aldeamento a freguesia é composta por duas dimensões que se somam: por um lado, a “prematura” retirada de uma parte da população indígena em direção a Atibaia e, por outro, a forte miscigenação então existente na área. Sobre a saída dos

---

<sup>18</sup>A figura de Amador Bueno ganhou destaque em um dos episódios conhecidos pela historiografia brasileira como “Revoltas Nativistas” – conflitos locais envolvendo os interesses brasileiros e portugueses quanto à exploração do território nacional. Em 1640, após a libertação de Portugal em relação à Espanha, ocorreu a restauração do trono português, na pessoa de D. João IV. A restauração agradou as autoridades da Colônia, mas provocou revolta na Vila de São Paulo. Alguns paulistas acreditavam que era o momento para um movimento de libertação, aclamando como rei de São Paulo o paulista Amador Bueno. Porém, Amador Bueno não aceitou o título de rei, fazendo o movimento fracassar. Vide placa em comemoração a esse episódio intitulada “Terceiro Centenário de Aclamação de Amador Bueno” e afixada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), em 1941: “Recorda este bronze singelo a oblação grata do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, à memória de Amador Bueno, que, ao recusar uma coroa real, aos paulistas assegurou a continuidade lusitana de sua missão histórica de impertérritos dilatadores da Pátria brasileira – 1641/1941” (IHGSP, 1944, p. 100 e 111).

indígenas da região, Pasquale Petrone salienta que “desde sua criação, o aldeamento de Guarulhos foi objeto de uma sistemática sangria de seus efetivos demográficos. (...) Em maio de 1669, pedia-se, na Câmara, que se chamasse a atenção do capitão de Guarulhos, tendo em vista que se tinha notícia de que os indígenas se iam ‘despejando da dita aldeia de nossa senhora da conseição em que stão setuados a muitos anos os coais se vão pasando pêra cajusara ou atubaia” (Sessão de 5 de maio 1669, *Atas da Câmara de São Paulo*, v. VI, p. 160. In: PETRONE, 1995, p. 344).

John Manuel Monteiro colabora para esse tipo de leitura, acentuando que, a partir de 1640, a população dos aldeamentos “sofreu um declínio vertiginoso”. No caso particular de Guarulhos, a desconcentração indígena aparentemente atingiu proporções significativas. Seguindo Monteiro, em 1660, “os camaristas encarregados de inspecionar o aldeamento tiveram uma surpresa ao encontrar apenas o capitão branco Estevão Ribeiro e o ‘índio principal’ Diogo Martins Guarulhos” (MONTEIRO, 1994, p. 204).

Quanto à hipótese do amalgamento, o pesquisador local, João Ranali, citando o relatório de 1768 do Governador da Capitania, destaca que naquela época “(...) já não ninguém distinguia os índios. A miscigenação e a absorção dos guaianazes pelos usos e costumes europeus realizaram a sua obra social em toda plenitude” (RANALI, 1986, p. 219).

Dessa forma, se inicialmente o aldeamento serviu aos interesses de proteção, catequização jesuítica e dominação territorial, com a presença dos colonizadores para a exploração dos recursos naturais da região, através das concessões de sesmarias e aforamentos, a permanência como aldeamento não interessava mais aos potentados locais ou à exploração colonial.

Entretanto, cabe ressaltar que essa retirada, mesmo que significativa desde a segunda metade do século XVII, provavelmente não resultou no fim da presença indígena em Guarulhos. Gasparino José Romão e Adolfo Vasconcelos Noronha, a partir de levantamento de tombamentos das propriedades rurais da região, informam que o trabalho indígena foi utilizado nas lavras auríferas em conjunto com o dos negros

---

<sup>19</sup> Colaboram com essa leitura da diferença de *status* não só em relação a dimensão política-administrativa as análises presentes em: AZEVEDO, 1945; HOLANDA, 1957, 1987, 1993, 1994; MONTEIRO, 1994; PETRONE, 1995; VIANNA, 1952.

escravos, outro elemento étnico constituinte da formação sociocultural de Guarulhos (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 48).<sup>20</sup>

É perceptível que a proximidade geográfica de Guarulhos, como área de lavras de ouro, ao núcleo central de São Paulo ajuda a compreender a atuação dos colonizadores no “precoce” processo de apropriação das terras do antigo Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição e em sua emancipação como freguesia. O interesse, porém, pelo ouro, pela terra indígena e pela transformação de aldeamento em freguesia foram dimensões que ganharam aspectos particularizados em Guarulhos e se inseriram no todo do processo de exploração colonial.<sup>21</sup>

Uma demonstração disso é o fato de que, no próprio território do futuro município de Guarulhos, nas áreas que não interessavam à exploração colonial, ocorreram processos distintos dos descritos anteriormente. Em nossos levantamentos, encontramos fontes ainda inéditas para a historiografia da região que confirmam a existência de um outro aldeamento denominado de São Miguel, mantendo-se como tal após a elevação do Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição a freguesia.

Só bem mais tarde esse Aldeamento de São Miguel também sofreu um processo de espoliação de suas terras por parte dos colonizadores, porém de modo distinto do que ocorreu com o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição. Uma indicação disso é que o nome do Aldeamento de São Miguel, não se confundindo com São Miguel Paulista, na capital, pode ser encontrado ainda no século XIX, ocorrendo o aforamento de suas posses somente a partir da segunda metade do século XIX.

Levantamos essas indicações no Acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos, através da leitura dos *Livros de Aforamentos* entre o final do século XIX e as primeiras

---

<sup>20</sup> A presença de escravos continuou mesmo após a paralisação da mineração de ouro no final do século XVIII. Romão e Noronha, a partir do “tombamento das propriedades rurais da Capitania de São Paulo, feito em 1817”, esclarecem que encontravam-se registrados “183 escravos na Freguesia da Conceição dos Guarulhos, pertencentes a 28 lavradores” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 48).

<sup>21</sup> John Manuel Monteiro, em seu estudo sobre os aldeamentos, estabelece relações entre a dinâmica particularizada dessas “formações sociais” com o processo de constituição de São Paulo no contexto da estrutura de exploração colonial. Entre outros aspectos e como exemplo dessas relações, Monteiro explica que aquelas “formas de organização social” (os aldeamentos) inicialmente também serviram às necessidades dos colonizadores em obter força de trabalho barata (MONTEIRO, 1994).

décadas do século XX<sup>22</sup> e em dois *Processos Administrativos* da Prefeitura Municipal da década de 1970<sup>23</sup>, pelos quais os aforamentos mais antigos datam de 1890. Já a terminologia “Bairro São Miguel” foi encontrada nos *Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões* no período compreendido entre 1897-1940.

Todas essas fontes remetem à existência desse Aldeamento de São Miguel que, nas primeiras décadas do século XX, tornou-se um bairro com o mesmo nome, correspondendo hoje à região dos Bairros Pimentas e Itaim (Zona Leste de Guarulhos).<sup>24</sup>

Portanto, temos elementos que assinalam a existência de ritmos diferenciados no desenvolvimento histórico das diferentes áreas que formaram o município desde a

<sup>22</sup> Na época da emissão de foros realizada pela Câmara Municipal durante o final do século XIX e primeiras décadas do XX, naquela região o termo utilizado era o de “Aldeamento de São Miguel”. Fontes: *Livro 1º Antigo - Termo de Contrato de Aforamento de Terrenos de Índios deste Município - 09/12/1890-1891; Termo de Contrato de Aforamento de Terrenos de Índios deste Município - 16/05/1896-12/03/1932; 2º Livro de Registro de Contratos de Aforamentos: 20/09/1891.*

<sup>23</sup> Outro indicativo da existência do referido aldeamento encontra-se no *Processo Administrativo nº. 17298/74*, protocolado em 13 de novembro de 1974 – Prefeitura Municipal de Guarulhos. Nele, o Delegado do Serviço do Patrimônio da União em São Paulo, Luiz Alberto Braga de Carvalho, no ofício n.º 284 de 4 de novembro de 1974, solicita uma “relação dos foreiros da União, vinculados ao antigo aldeamento de Índios de São Miguel Paulista”. Em resposta ao ofício, o então prefeito Waldomiro Pompêo oferece dois outros indicativos sobre o “antigo aldeamento” ao citá-lo em seu ofício-resposta n.º 025/75 de 6 de janeiro de 1975, anexando uma lista de 57 foreiros daquele aldeamento (*Processo Administrativo n.º 17298 – Protocolo de 13/11/1974*). Do mesmo modo, o “Aldeamento de São Miguel” também foi citado no *Processo n.º. 16863/77*, protocolado em 25 de outubro de 1977 – Prefeitura Municipal de Guarulhos a pedido de Moacyr Ferreira de Andrade, solicitando informações sobre aforamentos em área com esse nome (*Processo Administrativo Nº. 16863/77- Protocolo de 25/10/77*).

<sup>24</sup> John Manuel Monteiro também oferece pistas sobre a extensão do “Aldeamento de São Miguel” em Guarulhos ao descrever um “conflito em torno da administração da capela de Bonsucesso – instituída e legada de forma confusa por Francisco Cubas na década de 1670 (...)”. (MONTEIRO, 1994, p. 219). O historiador permite ponderar que esse aldeamento chegava até a região do atual bairro de Bonsucesso ao escrever: “[a] capela, na verdade, localiza-se em Guarulhos, no bairro atual de Bonsucesso. Na época, porém, apesar da distância, fazia parte do bairro de São Miguel (MONTEIRO, 1994, p. 264).

Colônia e o Império, resultando na formação de identidades também diversas das costumeiramente atribuídas a Guarulhos. No caso dos atuais Bairros Pimentas e Itaim, provavelmente ocorreu uma dinâmica próxima à ocorrida na região do atual bairro paulistano de São Miguel Paulista (núcleo central do Aldeamento de São Miguel de Ururá).<sup>25</sup>

Não estamos dizendo com isso que o Aldeamento de São Miguel em Guarulhos era somente uma extensão do existente com o mesmo nome em São Paulo, até porque caberia uma releitura da historiografia sobre o tema e uma pesquisa mais aprofundada junto às fontes primárias. Aqui apresentamos a existência desse aldeamento no território do futuro município de Guarulhos para realçar que, apesar de o processo de formação do território municipal desde a colônia atender aos interesses dos grupos mais abastados locais em suas relações sociais de dependência de São Paulo, a sua constituição territorial ocorreu de modo diferenciado em suas espacialidades. Da mesma forma, constituíram-se também identidades diversas.

Assim, ao que tudo indica, os habitantes da área pertencente aos atuais Bairros dos Pimentas-Itaim, pelo menos por todo período colonial e imperial, experimentaram um desenvolvimento diferenciado em relação ao núcleo central da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos e à região das antigas lavras de ouro. Essa observação importa para nosso trabalho porque reforça a tese da presente pesquisa: a existência de múltiplas identidades que constituíram socioespacialmente o futuro município de Guarulhos em contraposição à caracterização única de sua estruturação. Algumas dessas identidades, como a da região do antigo Aldeamento de São Miguel, são tão antigas como as do núcleo central e das áreas das lavras de ouro. Portanto, apresentam uma relação de dependência diferenciada ao desenvolvimento central de São Paulo.

Isto justifica nosso esforço inicial em retroceder séculos na história de Guarulhos, localizando o município em territórios diversificados desde suas origens remotas. Em outras palavras, consideramos que, embora integrados por uma economia e uma estrutura social mais ampla, sujeitos sociais hierarquizados e diferenciados atuaram no processo de produção, reprodução e semantização das espacialidades, constituindo

---

<sup>25</sup> Sobre o "Aldeamento de São Miguel" da cidade de São Paulo, lemos: AZEVEDO, 1945; MONTEIRO, 1995; PETRONE, 1995; BONTEMPI, 1969, 1970, 2000; LEMOS & FRANÇA, 1999.

grupos locais com identidades diversificadas, o que parte da historiografia local desconsidera e/ou coloca em segundo plano. A opção tem sido a construção de uma identidade, uma memória e uma história únicas, desconsiderando-se a diversidade do processo de formação daquele território e de sua população.<sup>26</sup>

Guarulhos, dessa maneira, constituiu-se inicialmente a partir das relações sociais existentes na área de exploração de lavras de ouro e na região do Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição, sendo esse aldeamento o principal ponto de contato com o núcleo central de São Paulo, atendendo aos interesses estruturais da exploração colonial.<sup>27</sup> Contudo, também formou-se em seu território o Aldeamento de São Miguel, que naquele momento não fazia parte da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, mas que veio a constituir o município e compor suas identidades.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Romão e Noronha, para fixarem a independência do Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição em relação ao de São Miguel, chegam a tecer alguns comentários sobre aquela área, procurando desvincular sua importância do desenvolvimento de Guarulhos. Mesmo assim, ao realizarem algumas ponderações sobre o referido aldeamento, colaboram com a leitura de proximidade entre aquela região e a do futuro bairro paulistano de São Miguel: “Uma coisa é certa: a aldeia que existiu no Bairro dos Pimentas, em território guarulhense, também se chamava São Miguel, já pela proximidade, já pela dependência para com os padres do aldeamento homônimo” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 36).

<sup>27</sup> A área central do Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição e as adjacências próximas à zona de contato com São Paulo pelo Rio Tietê corresponderiam hoje ao Centro do município e aos bairros: Ponte Grande, Porto da Igreja, Várzea do Palácio, Macedo, Maia, Torres Tibagy, Gopoúva e Vila Augusta. O antigo “Aldeamento de São Miguel” corresponderia atualmente às adjacências dos bairros Pimentas, Itaim e Bonsucesso. As antigas lavras localizar-se-iam nas atuais adjacências dos bairros: Lavras, São João, Fortaleza, Capelinha, Morro Grande, Bananal e Tanque Grande.

<sup>28</sup> Pelos *Livros de Aforamento* que pesquisamos, ao que tudo indica o “Aldeamento de São Miguel” constituiu o município de Guarulhos desde sua transformação em vila em 24 de março de 1880. Porém, apesar de pertencer territorialmente ao município, o aldeamento foi motivo de disputa sobre a “Remissão de Foros” em 1977. Em carta direcionada ao prefeito municipal em 25 de outubro de 1977, Moacyr Ferreira de Andrade questionava “qual Lei Federal autorizou a Câmara Municipal de Guarulhos a fazer ‘Remissões de Foros’ concedidos pela Fazenda da Coroa às terras do Extinto Aldeamento dos Índios de São Miguel e Guarulhos, próprio nacional imprescritível. Segundo a Lei Imperial n.º 3.348, de 20 de outubro de 1887, foi concedida a cobrança de foros às Municipalidades criadas no interior daquele próprio nacional e pela Lei



#### 1.4. CAMINHOS, ESTRADAS E PARADAS: POUSOS E ENTREPOSTOS COMPONDO A DIVERSIDADE TERRITORIAL

Guarulhos possui atualmente uma área física total de 319,82 km<sup>2</sup> e uma área legal de 341 km<sup>2</sup> (Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002). Conforme o mapa a seguir, o município faz fronteira a Oeste, Sul e Sudeste com vários bairros da capital (Jaçanã, Tucuruvi, Vila Medeiros, Vila Maria, Penha, Cangaíba, Ermelino Matarazzo, Vila Jacuí, São Miguel) e, seguindo a rosa dos ventos, mantém divisa com alguns municípios da Região Metropolitana de São Paulo: a Sudeste com Itaquaquecetuba, a Leste com Arujá, a Nordeste com Santa Isabel, a Norte com Nazaré Paulista e a Noroeste com Mairiporã (antigamente chamado de Juqueri).<sup>29</sup>



Mapa – Guarulhos na  
Região Metropolitana  
de São Paulo/2003:

Divisas com a Capital e com outros municípios da Região.

Fonte: Emplasa, <http://www.emplasa.sp.gov.br/>

Orçamentária Federal n.º 25, de 30 de dezembro de 1891, aquela Lei foi revogada, passando os foros a serem cobrados pela Fazenda Nacional”. A resposta apresentada pelo consultor jurídico da Prefeitura Municipal, Agnaldo de Arruda Cotrin, em 24 de novembro de 1977, que consta do *Processo Administrativo n.º 16863/77*, foi: “(...) matéria estranha, envolvendo, inclusive, consulta ‘in casu’ interpretativa de leis federais, escapando da obrigação de certificar” (*Processo Administrativo n.º 16863/77*, *Protocolo de 25/10/1977*).

<sup>29</sup> Como em relação à distância entre Guarulhos e São Paulo, também é possível encontrar variações quanto aos dados relativos à área física de Guarulhos. Na carta geográfica de 1936 do acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos, “elaborada de acordo com a Carta do Colégio com as retificações atuais feitas pelo Prefeito Ariowaldo Panedés”, a extensão assinalada era de 350 km<sup>2</sup> (“Mapa de 1936”).

Essa situação espacial propiciou ao município tornar-se um território cortado por caminhos e estradas (vicinais e de penetração)<sup>30</sup> que constituíram não só paradas, pousos e entrepostos para aqueles que chegavam e saíam de São Paulo, atingindo pontos distantes como o Vale do Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso (Cuiabá), mas também passagens entre as diferentes localidades internas ao seu território e entre aquelas que faziam fronteiras com suas divisas, como percebe-se na “Planta de Guarulhos 1960” e no mapa acima.

Pela tabela a seguir, com as principais rodovias de Guarulhos em 1960, algumas delas reminiscências das que citamos acima, em conjunto com a visualização oferecida pela “Planta de 1960” e pelo “Mapa de 2003”, é possível dimensionar a importância dessas vias para o município. Cabe observar que, no quadro, a palavra Guarulhos corresponde ao núcleo central do município.

---

<sup>30</sup> Segundo o Dicionário Aurélio, o termo “caminho e/ou estrada vicinal” é derivado da palavra: “vicinal. [Do lat. vicinale.] Adj. 2 g. 1. Vizinho (1 e 3). 2. Diz-se particularmente do caminho ou estrada que liga povoações próximas: ‘Entestando a encruzilhada vicinal, deu ordem ao cargueiro de ir seguindo adiante com a bagagem, enviesou a marcha de jeito a passar por dentro do povoado.’ (Mário Sete, Senhora de Engenho, p. 41.) [Cf. vicenal.]” (*Dicionário Aurélio*, 1994/1995, p. 672). Por sua vez, pela leitura da bibliografia sobre a evolução da cidade de São Paulo e Guarulhos, a terminologia “caminho e/ou estrada de penetração” era relativa aos percursos mais distantes. A título de exemplo, Nuto Sant’Ana, analisando a formação de São Paulo, citando Guarulhos, escreve o seguinte: “São Paulo do século XVI foi um emaranhado de longas e curtas ruas. Ruas que eram caminhos de *penetração*, como os que levavam ao Sul, Goiás, ou ao Mar e *vicinais*, como de Emboaçava, Carapicuíba, Ibirapuera e Nossa Senhora dos Guarulhos” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 63). Em seu depoimento editado pela EMLASA na obra *Memória Urbana – a Grande São Paulo até 1940*, José Simão Filho, antigo morador da capital, relata que até o início do século XX “(...) não existia a denominação rua, eram caminhos es estradas” (EMLASA, Vol. 1, 2001, p. 103).

**Quadro II: Distância entre Guarulhos (Núcleo Central do Município) e Bairros Próximos em 1960**

Rodovias	Distâncias (em Km)
Partindo da Área Central de Guarulhos	
Guarulhos-V. Rio de Janeiro	4
Guarulhos-Penha(São Paulo)	5
Guarulhos-Vila Galvão	5
Guarulhos-Cumbica	6
Guarulhos-Taboão	6
Guarulhos-Cocaia	8
Guarulhos-Pimentas	14
Guarulhos-Bonsucesso	18
Guarulhos-Tanque Grande	18
Guarulhos-Capelinha	20

Dados organizados para esta pesquisa a partir de NORONHA, 1960, p. 89

Estradas, caminhos, paradas, pousos e entrepostos que constituíram redes de sociabilidades e núcleos locais em diferentes áreas do futuro município de Guarulhos. Pela leitura da documentação que levantamos,<sup>31</sup> respaldada na historiografia sobre Guarulhos e São Paulo, em conjunto com as fotografias e plantas mais antigas dos dois municípios, algumas delas expostas a seguir, desde ainda os tempos como aldeamento e depois freguesia, duas dessas estradas internas ganham destaque pela extensão, quantidade de ramais e importância como vias de acesso, transporte de carga e tropas, marcando até a atualidade a constituição territorial do município:

- “Estrada da Conceição”, unindo a Penha a Guarulhos (apresentada em parte na “Planta de 1960” na cor vermelha);
- “Estrada Geral”, que partia da sede do município, passando pelo atual Bairro de Bonsucesso (na mesma planta assinalada com a cor amarela), continuando até Arujá a caminho do Rio de Janeiro.

A título de demonstração do significado dessas passagens tanto para São Paulo como para Guarulhos, além de outros municípios da região, a “Estrada Geral”, aberta aproximadamente em 1600, servia às minas de ouro existentes, surgindo a partir delas

<sup>31</sup> *Livros de Aforamentos, Relatórios dos Prefeitos, Processos Administrativos, Códigos de Posturas Municipais, Livros de Impostos Sobre Indústrias e Profissões*, entre outros.

caminhos ramais (todos assinalados com a cor verde na planta), como o das Lavras Velhas do Geraldo, o das Catas Velhas (posteriormente estendendo-se até Nazaré, passando pela Capelinha e Tapera Grande), o do Tanque Grande na Serra do Bananal (posteriormente Estrada que ia até Mairiporã) e a seqüência de caminhos que passavam pelo atual município de Arujá, Santa Isabel até o Rio de Janeiro.

Essas estradas e caminhos possuíam, por sua vez, pontos de parada e passagem, constituindo e fortalecendo núcleos de entrepostos e povoações que também formaram alguns dos bairros atuais do município, tais como Bananal, Tanque Grande, Lavras, Capelinha, Ponte Grande (Fotos 1 e 2), Centro de Guarulhos (Foto 3), Bonsucesso (Foto 4), Pimentas, Cumbica, Taboão, Cabuçu (Foto 5) e outras localidades fora do município como Nazaré (Foto 6), Santa Izabel, Mairiporã (antigo Juqueri) e Itaquaquecetuba (ver também “Planta de 1960”).

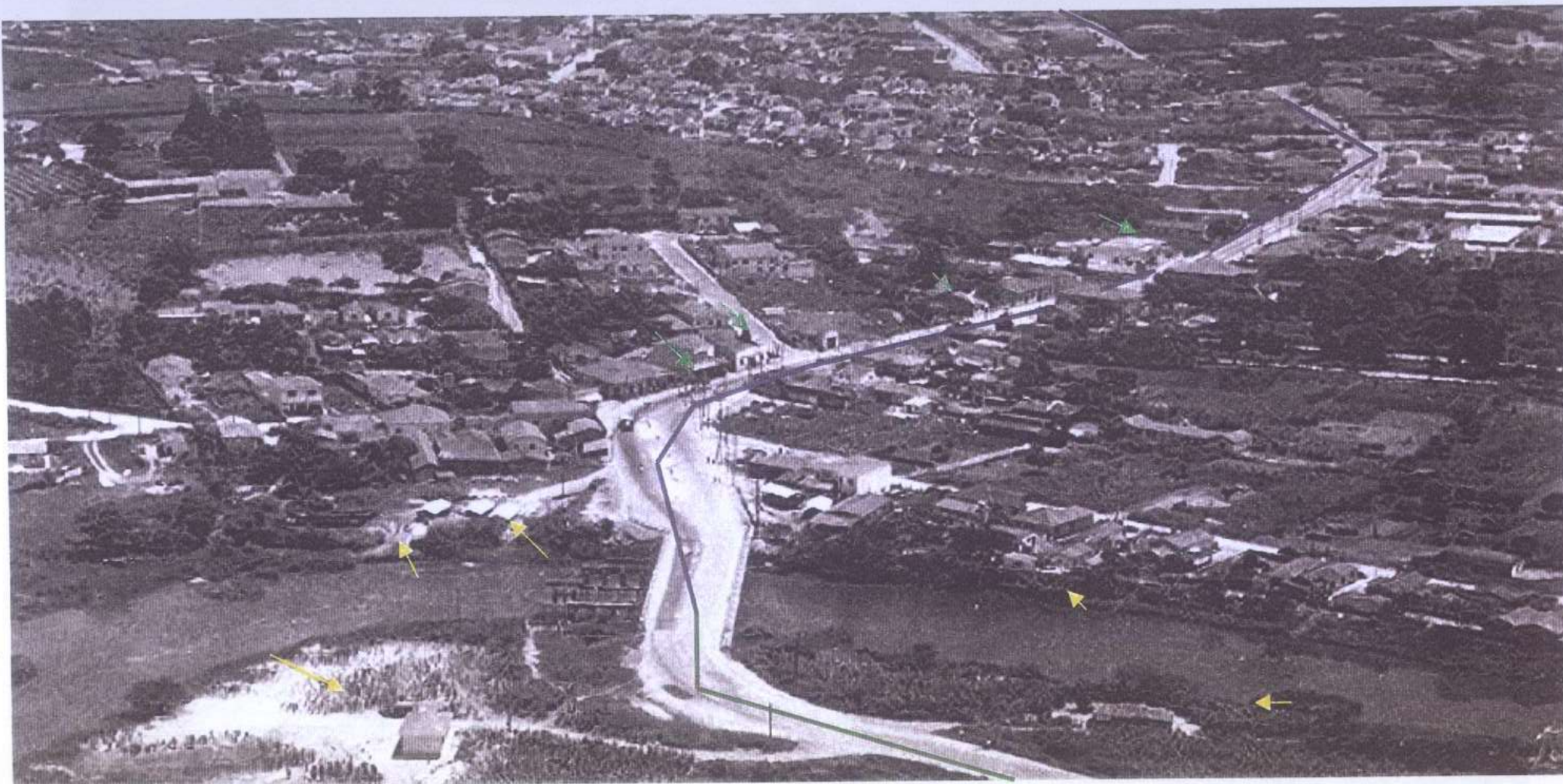
**Foto 1 – Avenida Guarulhos (com trechos que lembram a antiga “Estrada da Conceição”) cortando o atual bairro da Ponte Grande - 1959**



A fotografia é uma vista panorâmica da divisa de Guarulhos com São Paulo em 1959 na altura da atual ponte sobre o Rio Tietê (“Ponte do Migrante Nordestino”), que liga o município ao bairro paulistano da Penha de França. Apesar de não corresponder exatamente à localização da antiga “Estrada da Conceição” a imagem mostra parte do caminho que, saindo da Penha, ia em direção à área central de Guarulhos pela atual Avenida Guarulhos (do meio para direita na foto, assinalada com linha azul). Abaixo, também à direita, aparece a atual Avenida Gabriela Mistral (margem esquerda do Tietê, no sentido bairro centro de São Paulo e assinalada com linha verde), em direção ao bairro da Penha, que fazia parte da “Estrada da Conceição”.

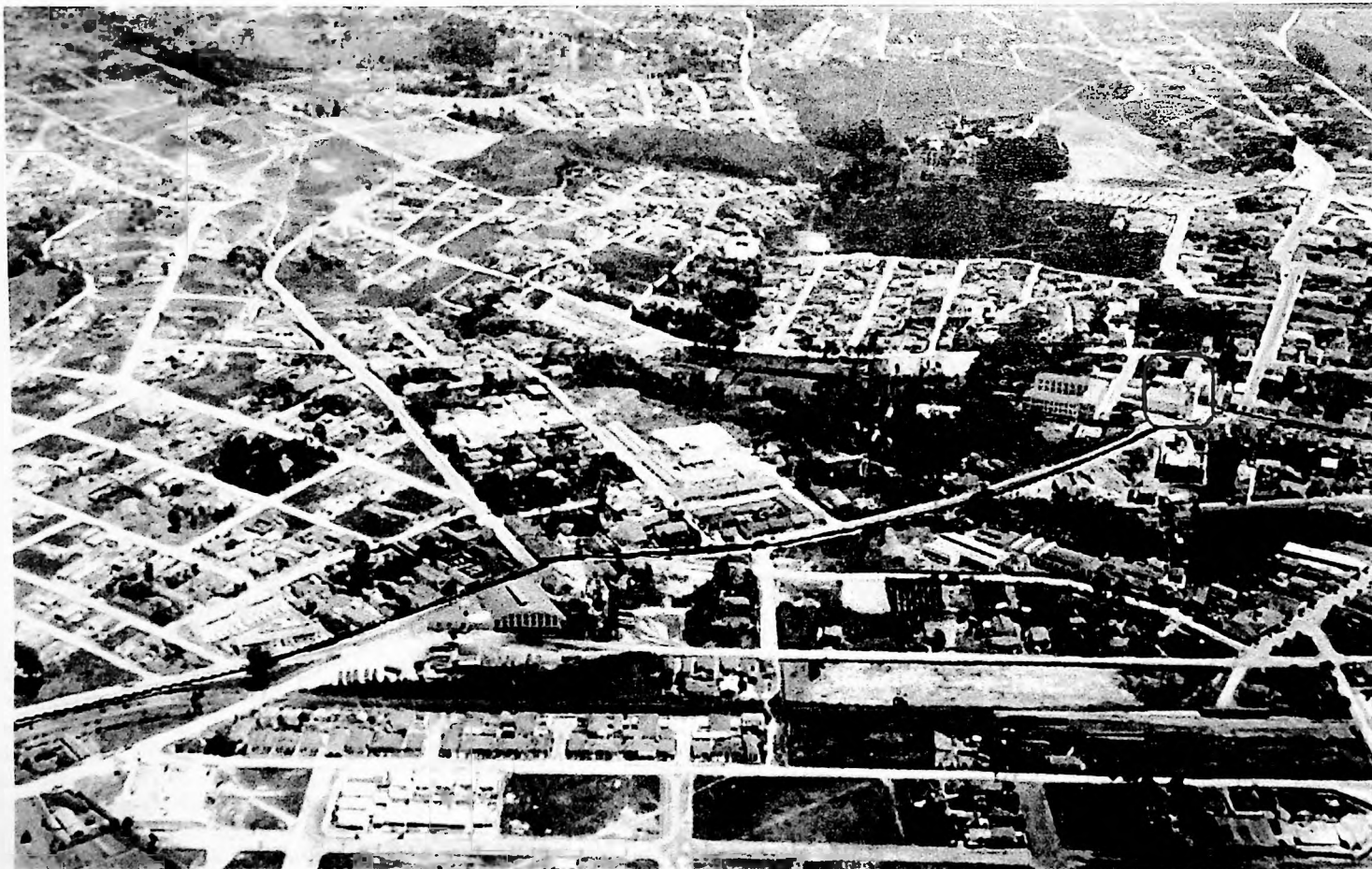
**Fonte:** AHCG – Acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1959.

Foto 2 – Detalhe da imagem anterior da Avenida Guarulhos (com trechos que lembram a antiga “Estrada da Conceição”) cortando o atual bairro da Ponte Grande - 1959



Detalhando a foto anterior, tornam-se perceptíveis as atuais Avenidas Gabriela Mistral (margem esquerda do Tietê, no sentido bairro centro de São Paulo e assinalada com linha verde) e Guarulhos (margem direita e assinalada com a linha azul), seguindo para a área central do município, lembrando o caminho realizado por aqueles que chegavam à São Paulo por um de seus percursos, a “Estrada da Conceição”. A foto também permite visualizar que as margens (direita e esquerda) tanto do Rio Tietê como da antiga Estrada da Conceição e atual Avenida Guarulhos eram utilizadas para atividades como os portos de areia (setas amarelas), comércio e moradia (setas verdes). **Fonte:** AHCG 1959. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1959.

Foto 3 - Avenida Guarulhos (com trechos que lembram a antiga “Estrada da Conceição”), cortando o atual “centro de Guarulhos” - 1961



Nesta imagem aérea do núcleo central de Guarulhos em 1961, aparece a Igreja Matriz à direita (quadrado vermelho) e suas vias de acesso, entre elas: a Avenida Guarulhos (linha azul) e a Rua Dom Pedro II (linha verde), ramificações da antiga “Estrada da Conceição”.

Fonte: AHCG. Autoria: Massami Keshi. Data: 1961.

Foto 4 – Núcleo Central de Bonsucesso e um dos ramais da antiga “Estrada Geral” – provavelmente primeira metade do século XX



Núcleo central de Bonsucesso, um dos bairros mais tradicionais de Guarulhos. A imagem mostra um dos ramais que saíam da “Estrada Geral”, passando pela área central de Bonsucesso, ligando na seqüência outros ramais como das Lavras Velhas do Geraldo, das Catas Velhas (posteriormente, estendo-se até Nazaré, passando pela Capelinha e Taperá Grande), do Tanque Grande na Serra do Bananal (posteriormente Estrada que ia até Mairiporã). Esses ramais demonstram a importância da antiga “Estrada Geral” como eixo de ligação e penetração. Além disso, na foto, percebe-se a utilização das margens das Estradas e Caminhos. Destaca-se ainda na imagem a Igreja de Bonsucesso (à esquerda da foto), pertencente à Cúria Diocesana de Guarulhos, construída em taipa de pilão com algumas divisões internas em tijolo de barro e outras em madeira. Sua edificação data aproximadamente de 1800, porém, sua origem remonta à antiga Capela de mesmo nome que, segundo a narrativa do povo, foi edificada por volta de 1741. De acordo com a documentação levantada pelo historiador John M. Monteiro, já existiam informações sobre uma “Capela de Bonsucesso” na década de 1670. Na foto, além da Igreja, ao fundo, aparece a Capela de São Benedito, construída no final do século XIX. Esse espaço é lugar de duas das mais tradicionais e movimentadas festas religiosas e de cultura popular de Guarulhos: a “Festa da Carpição” e a de “Nossa Senhora de Bonsucesso”, ambas realizadas em agosto, sendo um centro de tradições populares e de religiosidade. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** provavelmente primeira metade do século XX.



**Foto 5 – “Estrada para o Cabuçu” – cujo traçado ainda hoje guarda muita  
semelhança com o de sua origem – Década de 1970**



O Cabuçu, vale destacar, conforme discutiremos na seqüência, é também um dos espaços onde ocorre uma das mais tradicionais festas do município entorno da “Capela de Bom Jesus da Cabeça”.

**Fonte:** AHCG **Autoria:** Desconhecida **Data:** Década de 1970.

**Foto 6 – “Estrada de Nazaré” – um dos ramos da antiga “Estrada Geral” –  
Década de 1970**



Trecho da antiga “Estrada de Nazaré”. A foto provavelmente é da década de 1970.

**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Década de 1970.

Esta série de fotos documentais leva a crer que, em sua origem, a identidade de vários espaços de Guarulhos, assim como a do próprio município, constituiu-se por meio de redes de sociabilidades locais, internas a Guarulhos e a suas proximidades, que não derivaram diretamente de uma situação de dependência em relação a São Paulo.

A foto a seguir, tirada provavelmente na década de 30, segundo informações em depoimentos, destacadamente do fotógrafo Massami Keshi, ilustra bem essa situação de Guarulhos. A boiada passava em pleno centro, fazendo o município preservar as características rurais e de entreposto, ainda durante parte da primeira metade do século XX. De acordo com esses antigos moradores da área central de Guarulhos, em entrevista para esta pesquisa entre os anos de 1999-2002, esse caminho era realizado para conduzir a boiada até a pastagem onde hoje é o Bosque Maia e/ou até o matadouro municipal.<sup>32</sup>

**Foto 7 – Boiada, Boiadeiros e a Igreja Matriz – Década de 30**



Além dos animais e boiadeiros, destaque para Igreja Matriz e o seu coreto.

**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Década de 1930.

<sup>32</sup> Além do fotógrafo Massami Keshi (MASSAMI KESHI, d.d. - diferentes datas), foram ouvidos, entre 1999 e 2003, o comerciante Álvaro Mesquita (ÁLVARO MESQUITA, d.d.), o jornalista Mario Antunes (MARIO ANTUNES, d.d.), Dona Diva - filha do último chefe da Estação Ferroviária de Guarulhos (DONA DIVA, d.d.). Nos depoimentos, estamos utilizando a maneira como a pessoa é costumeiramente conhecida. Neste sentido, utilizamos apelidos, nome próprios, partes do nome e termos como dona, seu, mestre, senhor, etc. Vários desses depoimentos foram recolhidos em diferentes datas, nesse caso, estamos empregando a abreviatura d.d. para facilitar a leitura do texto. No recolhimento dos depoimentos - guardadas as necessárias diferenças dos contextos, sujeitos e finalidades -, nos inspiramos no trabalho de Éclea Bosi *Memória e Sociedade* (BOSI, 1994).

Apesar de a historiografia tradicional de Guarulhos apresentar essas estradas e núcleos populacionais, nela o destaque é dado às características decorrentes da localização como demonstração de Guarulhos, servindo ao desenvolvimento de São Paulo. Os pesquisadores Romão e Noronha ao descreverem esses espaços acentuam a dependência em relação à capital e ressaltam que “a vida” de Guarulhos “sempre esteve presa, visceralmente, à da capital como centro irradiador das primeiras estradas que demandavam o sertão bruto (...)” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 9).

Num artigo de abril de 1956 intitulado “Guarulhos e sua Economia”, publicado no *Boletim do Rotary Club de Guarulhos – Amizade*, Mario Boari Tamassia fortalece a concepção de que elementos físicos favoreceram o surgimento das estradas e foram elementos primordiais para compreender o desenvolvimento municipal. Tamassia assinala que o município possuía condições geográficas propícias a essa expansão: “eu coloco em primeiro lugar a sua topografia”. Continuando, o autor escreve:

*Guarulhos é porta aberta para ocupação urbana de todo o planalto piratiningano. Quem caminha rumo a Sorocaba encontra logo, a partir de Cotia, morros íngremes, vales estreitos, enfim, condições negativas à urbanização. Para o lado de Campinas, barra-nos a serra do cristal. Pior ainda se caminarmos para o litoral (TAMASSIA, 1956, p. 4).*

Certamente essas estradas e caminhos eram fundamentais para os interesses dos núcleos centrais de Guarulhos e São Paulo por servirem de passagem e transporte. Uma demonstração disso é que encontramos na documentação pública municipal várias citações e a constante dedicação de verbas para a manutenção desses percursos, particularmente os que ligavam Guarulhos diretamente ao centro de São Paulo, a área central de Guarulhos a Bonsucesso, Guarulhos aos municípios vizinhos e às aéreas mais distantes como o Rio de Janeiro.

Já no primeiro *Código de Posturas Municipal* de 1911, há um capítulo (com nove artigos) todo dedicado à preservação e utilização “Das Estradas, Caminhos e Servidões Públicas”. O “Artigo 71” expressa bem a importância desses percursos para o município:

*Aquele que puzer qualquer obstáculo nas estradas e caminhos, de modo que embarace ou impeça o trânsito público, será multado em dez mil reis e obrigado a remover o obstáculo a sua custa (Código de Posturas Municipais de Guarulhos, 1911, p. 11-12).*

Nos relatórios de 1920, 1928 e 1949, o já citado prefeito José Maurício, prestando contas das suas gestões, sucessivamente dedicou um capítulo às verbas destinadas à conservação das estradas, com destaque para as que ligavam Guarulhos-Penha/Capital (antiga “Estrada da Conceição” e parte da atual Av. Guarulhos); área central de Guarulhos-Bonsucesso (antiga “Estrada Geral”) e Guarulhos-Nazaré (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 6/ OLIVEIRA, 1928, p. 6-7/ OLIVEIRA, 1943, p.14 e 16).

Vale frisar que, além dessas três estradas, provavelmente as mais movimentadas pela quantidade de vezes que são citadas, existiam outras como as apresentadas no Quadro II abaixo. A título de demonstração da quantidade dessas estradas e, ao mesmo tempo, da dificuldade do próprio poder público de controlá-las em sua totalidade, indicamos o Ofício de 13/02/1975 do Chefe da Seção de Estradas de Rodagem/DOP/DO, Manoel Alonso Almendra, da própria Prefeitura, solicitando levantamentos e projetos de oficialização das estradas municipais. Na ocasião, foram listadas vinte estradas, várias das quais já possuíam usos que nos remetem à exploração das lavras e aos antigos caminhos da colônia, império e início da república.

Entre essas estradas, algumas visualizadas na “Planta de 1960”, destacamos a “Estrada dos Pimentas” e a “Estrada Bonsucesso - São Miguel” (localizadas na região do antigo Aldeamento de São Miguel e assinaladas na planta com a cor lilás); a “Estrada Velha Bonsucesso”; a “Estrada Guarulhos - Nazaré Paulista” (cor verde); a “Estrada Lavras”; a “Estrada Tanque Grande”; a “Estrada Bananal”; a “Estrada Itaberaba”; a “Estrada Veigas” (todas na cor verde); e a “Estrada para Arujá” (cor amarela).<sup>33</sup>

Uma dimensão pouco discutida pela historiografia local, mas presente nas entrelinhas da documentação pesquisada, nas memórias dos antigos moradores e nas

---

<sup>33</sup> Outras estradas citadas foram a “Estrada Mato das Cobras”; a “Estrada do Cabuçu”; a “Estrada da Água Chata”; a “Estrada do Coronel”; a “Estrada Três Cruzes”; a “Estrada Cruz Preta”; a “Estrada Moinho Velho”; a “Estrada da Várzea do Palácio”; a “Estrada Cerâmica”; a

reminiscências arquitetônicas e da cultura popular é o fato de que essas estradas e antigos caminhos constituíram e/ou fortaleceram também paradas, pousos e entrepostos. Formaram ao longo da história núcleos locais constituídos pelas relações sociais e redes de sociabilidades em diferentes áreas que envolviam moradores dentro e fora das divisas do futuro município de Guarulhos. Em nossas pesquisas, dois desses lugares se sobressairam pela antiguidade e força das suas reminiscências, permitindo aprofundar o estudo sobre eles: Bonsucesso e Cabuçu.<sup>34</sup>

### **1.5. BONSUCESSO – CARPIÇÃO E NOSSA SENHORA: A CULTURA POPULAR CONSTITUINDO TERRITÓRIOS**

Em Bonsucesso, todo mês de agosto, há mais de dois séculos e meio, ocorrem duas tradicionais manifestações socioculturais, religiosas e legítimas representantes da cultura popular da Grande São Paulo: a “Festa da Carpição” e a “Festa de Nossa

---

“Estrada Recreio São Jorge”; e a “Estrada Santa Emília” (*Processo Administrativo n.º 02041/75, 17/02/1975*).

<sup>34</sup>As informações e análises que seguem sobre Bonsucesso e Cabuçu, além da pesquisa bibliográfica e acadêmica, resultam das atividades que desenvolvemos nessas regiões por quase cinco anos. Estamos desde 1999 recolhendo dados, informações e registrando (depoimentos e imagens) em fotos, vídeos e entrevistas sobre o conjunto arquitetônico-espacial e as memórias dessas duas áreas e sua população. Possuímos cerca de 50 entrevistas e, aproximadamente, 45 horas de gravação em vídeo. Desse modo, há quase cinco anos estamos coletando informações para a presente pesquisa, em particular, sobre as tradições existentes nesses dois espaços (Bonsucesso e Cabuçu), através das suas tradicionais Festas (da “Carpição”, de “N.ª S.ª de Bonsucesso” e do “Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu”). Nossa atuação ocorreu como representantes da Secretaria de Cultura de Guarulhos e como pesquisadores do Arquivo Histórico e Núcleo do Patrimônio Cultural do Município. Em 2002, organizamos uma pesquisa de campo contando com alunos do Curso de História das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos, dos Cursos de Serviço Social, História e Geografia da UniFMU, com informações socioculturais sobre os frequentadores das Festas em Bonsucesso. Sobre a festa, escrevemos: SANTOS, Carlos José F. “Artigo de Divulgação da 260ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso-Guarulhos”. In: *Informativo Vitruvius*. Agosto/2001.

Senhora de Bonsucesso”. A “Carpição” é realizada na primeira segunda-feira de agosto e a “Festa em Devoção à Nossa Senhora de Bonsucesso” no último final de semana do mesmo mês (em 2003 a festa, segundo a data oficial da Igreja, completou sua 263.ª edição).

Novenas, romarias, procissões, missas, cantorias, folias de reis, congadas, moçambiques constituem o contexto religioso-popular dessas Festas. Já em 1913, o vigário de Guarulhos, Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo, em relatório que consta do livro de Tombo da Igreja Matriz, descrevendo o município e sua população, explica da seguinte forma as duas Festas, em particular a da “Carpição”:

*Esse termo carpição parece derivar do verbo ‘carpir’ porque primitivamente, pouco antes da festa, grande número de pessoas era chamada para fazer a limpeza e para carpir o Adro (ou Pátio como aqui denominam). Naturalmente mais tarde, como esse serviço era em benefício da Igreja de Nossa Senhora, algumas pessoas iam por devoção e outras por promessas, fazer essa limpeza (Carpição)*  
(PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

A imagem 8 na sequência - um detalhamento da foto 4, a mais antiga que encontramos de Bonsucesso - mostra a igreja e algumas pessoas carpindo o adro. A “Carpição”, no entanto, não é uma manifestação exclusiva da cultura religiosa-popular de Guarulhos.<sup>35</sup> Da mesma forma, existem outras versões para as origens da “Carpição” no município. Segundo depoimentos que recolhemos junto aos devotos entre 1999 e 2002, encontramos outras possibilidades distintas da descrita pelo Padre Celestino em 1913.

---

<sup>35</sup> Valter Cassalho, em artigo na Revista *Cultura Vozes*, narrando as manifestações da cultura caipira em Piracaia, dedica um trecho à “Carpição” (CASSALHO, 2000, p. 60). Do mesmo modo, na *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, encontramos a localização dessa manifestação em São José dos Campos, além de Guarulhos. (*Grande Enciclopédia Delta Larousse – Volume 3*, 1972, p. 1380 e 1381).

**Foto 8 – Detalhe da Foto 4 do Núcleo Central do Bairro de Bonsucesso – Sem Data  
(Aproximadamente: Primeira Metade do Século XX)**



Na imagem detalhada, focalizamos o adro da Igreja e duas pessoas próximas a um cavalo, aparentemente carpindo a terra considerada sagrada. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem Data (aproximadamente primeira metade do século XX). **Montagem:** feita por nós para este trabalho.

Uma versão narra que a imagem de Nossa Senhora de Bonsucesso foi encontrada enterrada na região. Outra associa a imagem de Nossa Senhora de Bonsucesso à morte e esta à terra. Uma terceira variante diz respeito à relação do homem com a terra de Bonsucesso como “elemento natural de energia e cura”.

Como quarta explicação, encontramos a associação da carpição ao choro e pranto realizados pelas “carpideiras” na ocasião da morte e, novamente, esta com a terra. Porém, entre os depoimentos que recolhemos durante as Festas em Bonsucesso (desde 1999), apesar de muitos entrevistados ignorarem as origens da devoção e se ligarem a elas por tradição familiar e/ou de vizinhança, a explicação oferecida pelo Padre Celestino é a mais repetida.

Prosseguindo com as palavras do Padre Celestino, temos:

*Essas devoções e promessas foram se tornando gerais e consideradas como um ato de mortificação e penitência, a ponto de virem crentes de longínquas distâncias trazer esmolas e fazer essa Carpição* (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

Comparando a Foto 8 com as Fotos 9, 10 e 11 a seguir, percebe-se que, apesar das alterações que ocorreram no entorno da igreja - como a pavimentação do adro (provavelmente na década de 1970, conforme a Foto 9), impedindo-se, assim, o ato de carpir, e a destruição da casa dos romeiros -, a devoção e a procura pela terra de Bonsucesso continuou, assim como pelas graças de Nossa Senhora. Por isso compreendemos a cultura popular não como algo, puro, isolado e sem dinâmica, mas como o “campo simbólico e material das atividades” populares em sua interatividade e circularidade com o processo sociocultural e econômico nos diferentes contextos históricos,<sup>36</sup> ou seja, como um “campo simbólico e material das atividades” populares, existindo de maneira dinâmica através de constantes negociações entre sujeitos e incorporações de significados de um segmento social pelo outro.

Mesmo impedidos de carpir, os devotos continuaram à procura pela terra. A permanência da “Festa da Carpição” sem a carpição assinala que as pessoas não são apenas receptoras passivas da manipulação das classes dominantes. São sujeitos do processo cultural e social, dialogando, negociando e construindo suas vivências e significados em forma de movimentos socioculturais, dando identidade aos espaços, a exemplo do que vem ocorrendo em Bonsucesso há mais de dois séculos e meio.

Apesar das alterações no espaço, como a pavimentação do adro da Igreja, que poderiam provocar o fim da “Festa da Carpição”, as atividades envolvendo a procura pela terra continuaram com sua força social e cultural como possibilita ponderar a seqüência de imagens a seguir.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> As expressões entre aspas foram utilizadas por Marilena Chauí ao discutir os conceitos cultura e cultura popular no livro *Conformismo e Resistência*, forma pela qual a filósofa caracteriza os “aspectos da cultura popular no Brasil”, utilizando um amplo e profundo conjunto teórico (CHAUÍ, 1984, p. 9-45).

<sup>37</sup> Além de Chauí, tratando de “conformismo e resistência” como dois aspectos da cultura popular no Brasil que interagem o tempo todo (CHAUÍ, 1984, p. 9-45), o conceito de cultura popular que utilizamos é inspirado nas análises de Antonio Gramsci (GRAMSCI, 1991, 1999 e



**Foto 9 – Pavimentação do Núcleo Central do Bairro de Bonsucesso – Sem Data (Aproximadamente: Década de 70)**



**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Aproximadamente ~~primeira~~ metade do século XX.

**Foto 10 e 11 – A terra sem o ato de carpir: Festa da “Carpição” e de “Nossa Senhora do Bonsucesso” - 2002**



Apesar da pavimentação e alterações no entorno da Igreja, a procura pela terra continuou, forçando o poder público a construir um grande “vaso” com terra ao lado da igreja. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** Agosto/2002.



Em 2003, as Festas em Bonsucesso completarão 263 anos, reunindo cavaleiros, charreteiros, caminheiros, procissão, barracas, violeiros, catiras, folias de reis, congadas, moçambiques eromeiros de várias regiões do Estado de São Paulo. Segundo as estimativas da Prefeitura Municipal, são cerca de 20 mil pessoas que circulam durante as festas: a da Carpição, na primeira segunda-feira de agosto, e de Nossa Senhora, no último final de semana do mesmo mês. Na foto, os devotos recolhem a terra sagrada e, numa procissão silenciosa, depositam o motivo da fé num declive para que as chuvas levem os pedidos e as graças alcançadas. **Fnte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** 2002.



**Foto 12 – A procissão com a terra: Festa da “Carpição” e de “Nossa Senhora do Bonsucesso”**  
A devoção pelos poderes da terra é uma das tradições populares seculares que oferece identidade para aquele espaço, parte do município de Guarulhos. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** Agosto/2002.

Pelo levantamento que realizamos desde 1999 e, particularmente, nos dados obtidos na pesquisa de campo realizada em 2002, entre 15 a 20 mil pessoas circulam durante as Festas.<sup>38</sup> Os participantes dos festejos vêm de diversos lugares da Grande São Paulo e do Estado, como Nazaré Paulista, Santa Izabel, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Mogi das Cruzes, Ferraz de Vasconcelos, Aparecida, Atibaia, Arujá, Guarujá, Santo André, São Bernardo, entre outros municípios; de bairros paulistanos como a Penha de França, São Miguel Paulista, Itaquera, Guaianazes, Santana, Jaçanã, Tucuruvi, Vila Medeiros, Vila Maria, Cangaíba, Ermelino Matarazzo, Vila Jacuí, São Miguel; outras regiões como Minas Gerais; além do próprio bairro e de outros lugares de Guarulhos.

As pessoas chegam em procissões, romarias, caravanas, com as famílias e individualmente. Utilizam diferentes tipos de transporte como cavalos, charretes, ônibus, carros particulares e também vêm a pé, como permite observar as Fotos 13 e 14.<sup>39</sup>

Pelos dados e as fotografias atuais, é perceptível o quanto a tradição permanece forte nesse lugar, oferecendo ao espaço identidade como território de devoção e manifestação da cultura popular em Guarulhos, apesar de não existir mais a necessidade de carpir desde 1913, conforme as palavras do Padre Celestino a seguir:

*Atualmente, apesar de não ser necessário fazer essa limpeza, pois o Adro é conservado sempre limpo, ainda nesse dia vão lá um sem número de romeiros (Fotos 13 e 14), cumprir essas promessas, o que fazem da forma seguinte: se algum animal ou pessoa esteve doente ou ferida, vai ali nesse dia, e conduz um saquinho de terra [Fotos: 10, 11 e 12], que vai de um para outro lugar. Parece ser esta distância duas léguas e meia, ou no máximo três léguas. (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).*

<sup>38</sup> Segundo os jornais *O Estado de São Paulo: Guarulhos-Metropóle e Folha Metropolitana*, durante as comemorações em 2000, aproximadamente 15 mil pessoas passaram pela “Festas da Carpição e de Nossa Senhora de Bonsucesso” (*O Estado de São Paulo*. “Carpição é comemorada há 259 anos”, 4 de agosto de 2000 e *Folha Metropolitana*, 3 de setembro de 2000).

<sup>39</sup> Reiteramos que as informações sobre as Festas em Bonsucesso são as que apareceram com maior frequência em nossos dados, especialmente os obtidos em conjunto com os alunos do Curso de História das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos e dos Cursos de Serviço Social, História e Geografia da UniFMU.

**Foto 13 – “Romeiros” durante as Festas da “Carpição” e de “Nossa Senhora do Bonsucesso” – 2002: Festas de características regionais**



Os romeiros chegam em procissões, romarias, caravanas, com as famílias e individualmente. Utilizam diferentes tipos de transporte como cavalos, charretes, ônibus, carros particulares ou vêm mesmo a pé.  
**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** 2002.

Os participantes dos festejos vêm de diversos lugares da Grande São Paulo e de outras regiões do Estado; de bairros paulistanos; outros Estados como Minas Gerais; além dos moradores do próprio bairro e do município.  
**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** 2002.

**Foto 14 – “Cavaleiros-Romeiros” durante as Festas da “Carpição” e de “Nossa Senhora do Bonsucesso” - 2002**



Esse contexto religioso e de cultura popular de Bonsucesso é complementado pelo conjunto arquitetônico e socioespacial daquele bairro, composto pela Igreja que surgiu da antiga “Capela de Nossa Senhora”; pela “Capela de São Benedito” (Foto 15 - a seguir), historicamente freqüentada por negros, índios, mestiços, brancos pobres, datando de 1873 (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 17); e por outras edificações, destacadamente, um conjunto de casas do entorno da igreja, parcialmente vistas na Foto 18 na sequência.<sup>40</sup>

**Foto 15 – Capela de São Benedito/Bonsucesso – 2001**



A “Capela de São Benedito” atualmente está construída em alvenaria de tijolos de barro com apenas um compartimento. Segundo contam os antigos moradores, seu entorno era um antigo cemitério. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** Agosto/2001.

Segundo a narrativa popular, a “Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso” surgiu a partir da “Capela” de mesmo nome construída por volta de 1741. Já a data de origem apresentada pela Igreja e pelos pesquisadores Ranali e Romão é 1800. (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 16).

John Manuel Monteiro, em suas pesquisas sobre os “índios e bandeirantes nas origens de São Paulo”, levantou documentos que registram a existência de uma “Capela

<sup>40</sup> Desses imóveis, somente a “Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso” (Fotos 16 e 17) foi tombada pelo *Decreto Municipal de n.º 21.143* de 28 de dezembro de 2000.

de Bonsucesso” na década de 1670, na época da disputa em torno da administração da mesma, “(...) instituída e legada de forma confusa por Francisco Cubas (...)”. De acordo com Monteiro, “quando da morte, em 1710, de Brígida Sobrinha, última filha de Francisco Cubas, o controle da capela e de seus índios achava-se nas mãos de Amador Bueno da Veiga (...)” (MONTEIRO, 1994, p. 219). Conforme a documentação estudada pelo historiador, os índios lá localizados ficam a serviço da “Capela”.<sup>41</sup>

Durante as Festas, além da devoção à terra e à Nossa Senhora, ocorrem também apresentações de folias de reis, congadas, moçambiques, catiras e violeiros, como mostram a Foto 19 e a Foto-montagem 20. Em nosso levantamento, apuramos a existência de vários grupos dessas manifestações em Guarulhos e região (quatro “Companhias de Santo Reis”, duas “Catiras”, vários “Violeiros”) que com frequência participam das Festas.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> John M. Monteiro explica que “[n]a São Paulo seiscentista, com poucas exceções, a fundação de uma capela estava associada à presença de um número considerável de índios. A própria organização espacial das capelas espelhava a divisão social, com as áreas centrais e laterais reservadas para os livres, destacando-se uma ampla área em torno da porta de entrada para os escravos e índios que desejassem ‘espionar os santos’. Dependendo do subsequente desenvolvimento econômico e demográfico do bairro, diversas dessas primeiras capelas tornaram-se capelas com padre fixo e, em alguns casos, viraram sede de freguesias”. Esse não foi o caso de Bonsucesso. Porém, demonstra a importância e o desenvolvimento diferenciado da região em relação à área central de Guarulhos (MONTEIRO, 1994, p. 191). Ainda segundo o texto de Monteiro, e como já assinalamos, a “Capela de Bonsucesso” pertencia à fazenda de Francisco Cubas que possuía na época de sua morte (1673) cerca de duzentos índios. Porém, demonstra a importância e o desenvolvimento diferenciado da região em relação à área central de Guarulhos (MONTEIRO, 1994, p. 206). No entanto, as terras dessa fazenda foram por longo período motivo de disputas e de divisões.

<sup>42</sup> Entre os grupos mais frequentes, apuramos: “*Folias de Reis*” - “Companhia de Santo Reis do Bom Clima” - Mestre/Responsável: Macuco (Geraldo Aparecido Garcia) & Oliveira (Oliveira Alves Fontes); “Companhia de Santos Reis Estrela Guia” (Vila Barros) - Mestre/Responsável: João Peão e Cirilo (José Cirilo Rosa); “Companhia de Santo Reis Divina Luz” (Jardim Adriana) - Mestre/Responsável: Xavier (José Francisco Xavier), Contra/Mestre: Sebastião Caiçara e Embaixador: Paulão (Paulo da Conceição) e Contralto: Papú (Cícero José da Cruz); “Companhia de Santo Reis Estrela do Oriente da Vila Nhocuné/SP” - Mestre/Responsável: Ditão (Benedito Flauzino); “Companhia de Santo Reis Três Reis do Oriente” de Cajamar - Mestre: Jorginho. “Catira”: “Favoritos da Catira” - cantores: Oliveira e Olivaldo./ “*Congadas*”:

Além dos grupos e violeiros, durante as Festas são centenas de barracas vendendo os mais diversos produtos alimentícios, utensílios e também com jogos. Também na ocasião ocorrem as cavalhadas, “folguedo popular que consta de uma espécie de justa ou torneio” (*Dicionário Aurélio*, 1995, p. 138).

**Foto 16 –Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso - 1999**



Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 1999.

Pertencente à Mitra Diocesana de Guarulhos, a Igreja de Bonsucesso foi construída em taipa de pilão com algumas divisões internas em tijolo de barro e outras em madeira. Possui uma nave central com duas galerias laterais, um átrio que antecede a

---

“Congada de S. Benedito e N.ª Sr.ª Do Rosário de Santa Izabel”; “Congada de Mogi das Cruzes”; “Congada de Ferraz de Vasconcelos”. / “*Moçambiques*”: “Moçambique de Mogi das Cruzes”; “Moçambique de Ferraz de Vasconcelos”. / “*Violeiros*”: “Orquestra Coração da Viola de Guarulhos” - Responsável: Oliveira Alves Fontes; “Áurea Fontes & Ribeirão e Banda Viola Viva”; Pena Branca; Inezita Barroso, entre outros. Sobre as “folias de reis” em Guarulhos, fornecemos dados e entrevista à jornalista Immaculada Lopes que publicou o artigo “Cantoria de Casa em Casa”. In: *Revista Sem Fronteiras*. São Paulo, Editora Alô Mundo, dezembro de 2001, p. 22-26.

nave, uma capela mor e um altar. Possui também uma sala, uma sacristia, e um *hall* situado atrás do altar.

No piso superior, há uma sala dos milagres em uma das galerias laterais. Abriga também mezanino e átrio. Sua edificação data aproximadamente de 1800, porém, a antiga capela de mesmo nome, segundo narrativa do povo, foi edificada por volta de 1741. Situada no centro do bairro de Bonsucesso é local de vista privilegiada. Da Rodovia Presidente Dutra, é possível enxergar sua torre. A igreja é ladeada por casas populares que ainda conservam o perfil do início do século XX,

embora muitas sofreram alterações que as descaracterizaram.

O núcleo ainda conserva características de um bairro rural e/ou entreposto. Foi tombada em 2000 como Patrimônio de Guarulhos pelo Conselho de Patrimônio Cultural Municipal.

**Foto 17 - Altar da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso - 2000**



Detalhe do altar, com a imagem de Nossa Senhora de Bonsucesso de origem portuguesa. Todo talhado de madeira, o altar na foto encontra-se enfeitado para o dia da Festa em Louvor a Nossa Senhora de Bonsucesso. **Fonte:** AHCG. **Data:** 2000. **Autoria:** Maurício Pinheiro.

**Foto 18- Igreja, casas e praça: espaço e identidade em Bonsucesso – Agosto/2002**



A Igreja de Bonsucesso é ladeada por casas populares que provavelmente datam do início do século XX, embora muitas sofreram alterações que as descaracterizaram. No entanto, o núcleo ainda conserva características de bairro rural e entreposto especialmente durante as festas. A foto revela a atualidade da tradição: o grande número de devotos, fazendo a missa torna-se campal. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** 2002.



Foto 19 – “Companhia de Santos Reis - Estrela do Oriente da Vila Nhocuné/SP - Bonsucesso Agosto/2000



“Companhia de Santos Reis - Estrela do Oriente da Vila Nhocuné”. Mestre Ditão. Durante a Festa de Nossa Senhora de Bonsucesso/Guarulhos, em 2001.

Fonte: AAHCG. Data: 2001. Autoria: Maurício Pinheiro.

Foto 20 – Manifestações da cultura popular durante as Festas da “Carpição” e de “Nossa Senhora do Bonsucesso” – 2001



“Companhia de Santos Reis do Bom Clima/Guarulhos” (Mestre Macuco) Nossa Senhora de Bonsucesso

Moçambique de Mogi das Cruzes

Imagem de São Benedito durante a Procissão de

Todas as imagens foram feitas durante a Festa de Nossa Senhora de Bonsucesso em 2001. **Fonte:** AHCG. **Data:** 2001. **Autoria:** Maurício Pinheiro

Contudo, as manifestações socioculturais da população que mora em Bonsucesso e/ou participa de suas Festas nem sempre são dimensões consideradas nas caracterizações feitas sobre Guarulhos, apesar da antiguidade do bairro e de ele ser o terceiro em população da município com 68.757 pessoas.<sup>43</sup> Nos depoimentos recolhidos, são frequentes as queixas em relação ao pouco valor oferecido pelo poder público ao bairro e às Festas. Num desses depoimentos, exemplar dos demais, o Secretário da Paróquia em 2003, Washington Ribeiro de Macedo, manifestou sua insatisfação ao narrar que há pouco investimento e divulgação do local e das Festas, gerando a “impressão de que Bonsucesso não pertence a Guarulhos”. Segundo Washington Ribeiro de Macedo, isso cria:

(...) um desconhecimento do que ocorre em Bonsucesso por parte da população de outros bairros (...) (WASHINGTON, maio de 2003).<sup>44</sup>

Essas reclamações, no entanto, não são novas. Num artigo publicado no jornal *Correio do Povo*, em 19 de junho de 1976, sob o título “Um Pequeno Paraíso Conhecido como Bonsucesso”, após descrever o bairro como uma “cidade bucólica/pitoresca” e “sem acompanhar a evolução dos anos”, o articulista (não identificado na matéria) destacou as reclamações dos moradores quanto à ausência do poder público na região. Ainda segundo a matéria, Bonsucesso seria uma “cidade”, composta então pelas “vilas: Capelinha, Bairro dos Pimentas, Aracília, Sadoquim, Água Azul, Vasconcelândia, Taberaba, Rancho Grande, Água Chata e outros”.

O artigo do *Correio do Povo* assinala:

<sup>43</sup> O bairro dos Pimentas é o mais povoado com 132.455 moradores e Cumbica, o segundo com uma população de 88.384 habitantes (SIGeo, 2000)

<sup>44</sup> São vários os depoimentos dos moradores e de participantes das Festas semelhantes ao escolhido. Entre eles, destacamos também o do Padre Linderman, pároco de Bonsucesso entre 1999 e 2001 (PADRE LINDERMAN, d.d. - diferentes datas) e Padre Frizzo, atual pároco de Bonsucesso (PADRE FRIZZO, d.d.). Os depoimentos recolhidos junto aos componentes das Folias de Reis reafirmam as mesmas críticas à falta de divulgação e incentivos por parte do poder público e da imprensa em Guarulhos (MESTRE MACUCO, d.d.); OLIVEIRA, d.d.; MESTRE JOÃO PEÃO, d.d.; CIRILO, d.d.; MESTRE XAVIER, d.d.; PAPÚ, d.d.; MESTRE DITÃO, d.d.).

*Parece ficção mas a cidade existe. Não fossem os corriqueiros problemas que denotam um certo desleixo por parte da administração pública, Bonsucesso seria realmente um verdadeiro paraíso. Mas o progresso está chegando perto daquela paz.*

*(...) Para se ter uma idéia nítida do conservadorismo e estagnação embutida no espírito do lugar, condução por incrível que pareça, ainda é coisa de outro mundo. Dona Maria de Lourdes, senhora de seus 60 e poucos anos (ela conta nos dedos e já até perdeu a conta certa), não aceita o fato do homem ter chegado à lua; desconhece o mundo fora da cidade (...) (Correio do Povo, 19/06/1976, p. 3).<sup>45</sup>*

É com o mesmo tom bucólico/pitoresco e de distanciamento que parte da historiografia tradicional local também se refere à festa e ao bairro, apesar de alguns de seus autores (Ranali, Romão e Noronha) se verem forçados a reconhecer naquele espaço e em suas manifestações a força da tradição:

*A tradição manda confessar que a festa mais popular que se realiza no Município, e cuja fama ganhou nome não só no estado como fora dele, é a da carpição, que tem lugar, anualmente, no Bonsucesso. (...) É pitoresco notar-se, às vezes, no meio da fila dos caboclos, um animal, com o seu dono ao lado e tendo, em determinada parte do corpo, encostado, o “milagroso” punhado de terra carpido, embrulhado em um lenço (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 40-41).*

Assim, provavelmente, para a historiografia local tradicional e para muitos dos que descreveram Bonsucesso e suas Festas, a exemplo da matéria do jornal de 1976, o lugar era visto como “bucólico/pitoresco” e “espaço do atraso”, portanto, um lugar fora dos padrões desejados para a caracterização de uma “cidade” que se desejava em

<sup>45</sup> Em todas as matérias jornalísticas sobre Bonsucesso que lemos, quando os participantes da Festa e moradores do bairro são questionados sobre a presença do poder público no lugar e quanto à Festa, as opiniões são semelhantes às expressas no artigo citado e nos depoimentos de Washington Ribeiro de Macedo e dos representantes das Folias de Reis. No entanto, vale ressaltar que o poder público na época da Festa participa criando uma comissão organizadora composta por membros da comunidade e de diferentes Secretarias.

constante modernização e voltada para o progresso. Vale ressaltar ainda que parte da própria Igreja Católica não concorda com algumas das manifestações consideradas “profanas” que acontecem em Bonsucesso, tais como a devoção pela terra, a presença de folias de reis, congadas, moçambiques, violeiros, cavalhadas, barracas de comércio e jogos.

O mesmo Padre Celestino que descreveu a “Festa da Carpição” em 1913, quando era vigário em Guarulhos (1912-1916), proibiu e combateu as folias de reis, como ele próprio narra em seu relatório de 1913 - o texto mais antigo que encontramos sobre as tradições populares no município:

*Por ocasião das festas do Divino Espírito Santo, fazem ainda aqui a tradicional “Folia”, cantando, acompanhados por violões e tambores, a chamada “Alvorada”, não obstante haver sido proibida pela autoridade eclesiástica. Depois de percorrerem várias ruas da cidade, cometiam o abuso inqualificável de entrar na Igreja cantando, assim, dessa maneira irrisória e somente própria dos povos selvagens, as suas orações. Proibi terminantemente esse abuso e, apesar de ocasionar não pequenas indisposições, não mais se repetiu tal fato. Quis, cumprindo escrupulosamente as disposições de S. Exa. Revma, o senhor D. Duarte Leopoldo e Silva, acabar com esses burlescos passeios da “Folia” pelas ruas, mas não me foi possível devido a pouca energia das autoridades policiais (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).<sup>46</sup>*

Provavelmente e do mesmo modo, essas tradições populares e religiosas deveriam desagradar muitos moradores de Guarulhos, por serem consideradas “profanas” e atrasadas. Os depoimentos que recolhemos entre os membros de algumas

<sup>46</sup> As descrições do Padre Celestino constituem uma das bases da historiografia tradicional de Guarulhos. João Ranali e Gasparino Romão escrevem sobre ele: “Esse religioso culto e perspicaz, senhor de uma redação escorreita e estilo adequado à visão dos fatos e receptiva percepção além de reviver episódios que, não fosse por ele, poderiam estar hoje esquecidos (...) Só o Padre Celestino que teve uma convivência estrita com a nossa gente, teria sido capaz de experimentá-las para, ao depois, promover um perfeito registro histórico” (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 58).

dessas manifestações da cultura popular-religiosa (folias de reis, catira, congadas e moçambiques) assinalam que nem todos os párcos, membros do poder público e parcelas da população aceitam essas formas de manifestação.

Segundo os mesmo depoimentos, por vezes são proibidos de participarem das procissões, das missas e de entrarem nas Igrejas, ocorrendo mesmo perseguição policial.<sup>47</sup> Da mesma forma, são constantes as reclamações de alguns párcos em relação ao “barulho” e à “bagunça” que fazem essas manifestações. Alguns padres reclamam mesmo da retirada da terra do “vaso” lateral da igreja pelos fiéis antes de ser benta, a exemplo da foto 21, de 2002, presente nesta página.

Criticam também o caráter “profano” das barracas que vendem bebidas alcoólicas e realizam jogos.



**Foto 21 - “Benção da Terra”**

Ato que para muitos clérigos deveria ser realizado antes do recolhimento da terra pelos fiéis. **Fonte:** GuarulhosWeb. **Autoria:** Sem nome. **Data:** 02 de agosto de 2002.

Assim, apesar das transformações que sofreu o espaço de Bonsucesso e da pouca presença do poder público na divulgação da festa, bem como das prováveis proibições a muitas das manifestações que lá ocorrem, as manifestações continuaram acontecendo com uma significativa participação dos grupos populares, compondo uma das mais fortes características de Guarulhos e, ao mesmo tempo, oferecendo identidade àquele espaço.

<sup>47</sup> Depoimentos de: MESTRE MACUCO, d.d.; OLIVEIRA, d.d.; MESTRE JOÃO PEÃO, d.d.; CIRILO, d.d.; MESTRE XAVIER, d.d.; PAPU, d.d.; MESTRE DITÃO, d.d. Em depoimentos cedidos entre 1999 e 2002, a organizadora das Procissões da Irmandade de São Benedito da

No entanto, em Bonsucesso também existiu a “coerção e consenso” que constituem a “hegemonia cultural”.<sup>48</sup> Os participantes da festa readequaram seus costumes às transformações que ocorreram. Uma demonstração disso é que, sem espaço para carpir, os devotos conformaram a “carpição” à coleta da terra depositada num “grande vaso” construído pelo poder público ao lado da igreja (veja Fotos 10, 11, 12 e 21).

Este é um processo considerado por nós como típico da cultura popular por ser dialético através de trocas, diálogos, coerção, consenso e resistência. É algo que envolve inclusive os diferentes grupos das camadas populares. A título de exemplo, apesar de muitos dos membros dos grupos das folias de reis em Guarulhos serem de outras cidades de São Paulo e de outros Estados, como Minas Gerais, eles identificaram Bonsucesso como o espaço para realizarem suas manifestações.

#### 1.6. A IDENTIDADE ORIGINAL DO CENTRO:

##### COERÇÃO, CONSENSO E CULTURA POPULAR NA CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS

A formação de identidades espaciais ocorre através do tempo por um acúmulo reprodutivo de ações culturais. Estas não são estáticas e podem ser mais ou menos dirigidas. Em Guarulhos, em vários espaços, ocorreu um processo de “coerção para o consenso” constituído por alguns grupos dotados de “hegemonia cultural” (GRAMSCI, 2002; 1999; e 1991). A título de exemplo da força dessa coerção e do consenso obtido, a história da “Festa da Padroeira de Guarulhos” (Nossa Senhora da Conceição), realizada em 8 de dezembro na “Igreja Matriz”, mostra a passagem de algumas manifestações idênticas às que ocorriam em Bonsucesso, como atestam o texto do Padre Celestino e as fotos a seguir, para algo que foi “perdendo sua força e brilho”, segundo a própria

---

Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, Dona Zezé, narra as proibições feitas para que a procissão não mais ocorresse no bairro (DONA ZEZÉ, 2000).

<sup>48</sup> Os termos entre aspas são utilizados aqui conforme as análises de Antonio Gramsci. De acordo com Gramsci, as classes dominantes assimilam o discurso e as práticas das camadas populares e, ao mesmo tempo, circulam suas idéias no cotidiano popular, deslocando da esfera político-econômica os significados sociais da dominação. É a operação social que possibilita às classes dominantes dirigir por meio da coerção e do consenso (GRAMSCI, 2002; 1999; e 1991).

historiografia tradicional representada por Ranali e Romão (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 40).

Entendemos que isso aconteceu por causa das transformações urbanas ocorridas no núcleo central do município e como resultado de as proibições às manifestações religiosas-populares serem mais coercitivas ali do que em Bonsucesso. Por tratar-se da área central de Guarulhos, onde estava localizada a “Igreja Matriz”, a sede do poder público local, o comércio e a residência de grupos das camadas mais abastadas, o consenso foi imposto de modo a destruir os elementos identitários populares, não desejados por serem considerados sinais de atraso.

Aqui cabe lembrar das proibições do Padre Celestino em relação às “folias de reis” ainda em 1913, que valem serem lidas observando-se as fotos a seguir. O clérigo proibiu a entrada dessas manifestações na “Igreja Matriz” e desejava que elas também fossem impedidas de circular pelas ruas do núcleo central de Guarulhos.

Para o Padre Celestino, as “folias de reis”, seguindo os conselhos das autoridades eclesiásticas, cometiam o “abuso inqualificável de entrar na Igreja cantando, assim, dessa maneira irrisória e somente própria dos povos selvagens, as suas orações”. Essas manifestações e outras típicas da cultura popular eram classificadas pelo padre como “burlescas”, devendo ser proibidas pelas autoridades públicas de se manifestarem mesmo pelas ruas (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

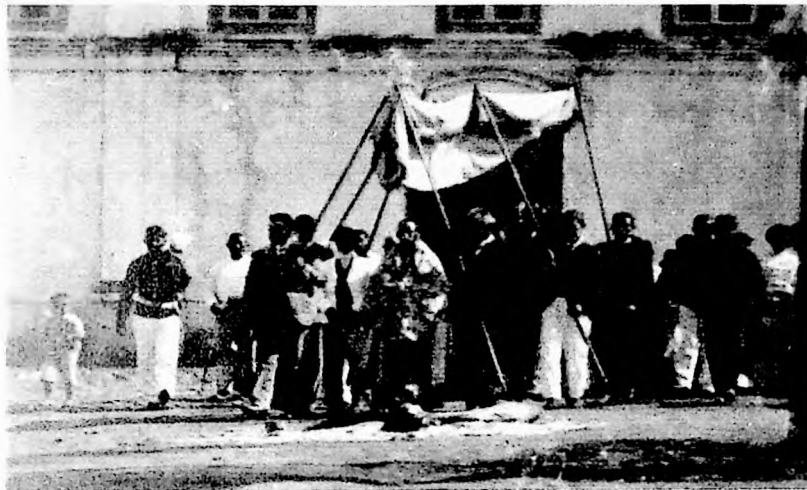


Foto 22 – Procissão do “Cristo Morto” – Igreja Matriz - 1906



Para muitos, o município insere-se no processo da história da metropolização paulistana a partir da cidade de São Paulo. Para nós, apesar de uma profunda relação com aquele contexto, o município sempre possuiu características particularizadas em seu desenvolvimento, como bem demonstra esta foto de 1906 em frente à “Igreja Matriz”, durante a “Procissão de Cristo Morto”. Pela imagem ainda no início do século XX, é perceptível a forte presença popular, carregando suas tradições pelas ruas do núcleo central do município. Guarulhos, em suas diferentes espacialidades, constituiu uma região exemplar para o estudo particularizado das transformações dos espaços que pesquisadores como Aroldo de Azevedo, Juergen Richard Langenbuch e Pasquale Petrone, entre outros, denominaram de “cinturão caipira” da cidade de São Paulo, posteriormente seus “subúrbios”, depois “periferia” e, como explica Maria Irene Szmrecsanyi, orientadora desta pesquisa, “mais recentemente em partes integrantes da própria metrópole. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1906.

Fotos 23, 24 e 25 – A “Igreja Matriz” e a “Procissão de Cristo Morto” -



Esta imagem é um recorte da anterior. Mostra uma forte presença popular, carregando suas tradições pelas ruas da cidade em seu núcleo central. Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 1906.

Outro detalhe da mesma foto anterior: Procissão de Cristo Morto – 1906 – Igreja Matriz – AHCG. Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 1906



Mais um detalhe da foto anterior: Procissão de Cristo Morto – 1906 – Igreja Matriz – AHCG. Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 1906.

**Fotos 26 e 27: O “Centro” de Guarulhos também era um espaço de Festa**



A fotografia de 29 de agosto de 1926 mostra a Praça Tereza Cristina, a Rua Dom Pedro II e a antiga Igreja do Rosario ao fundo. Pela imagem, o eixo central da cidade era ocupado por barracas durante alguma data comemorativa e/ou religiosa. Segundo depoimentos de Massami Keshi, a foto mostra, provavelmente, a “Festa do Divino” (MASSAMI KESHI, d.d.). A imagem mostra tradições de uso do espaço público que, por vezes, não são consideradas pelos projetos de intervenção. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 29 de agosto de 1938.



A imagem de 1938 revela a Rua Dom Pedro nas proximidades da Igreja Matriz. Destaque novamente para as barracas e tabuleiros, típico do comércio popular e não considerado como elemento de cultura e tradição nos projetos de intervenção na área central de Guarulhos. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1938.

Um outro exemplo desse processo de “coerção e consenso” na área central de Guarulhos foi a destruição em 1930 da “Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”, (administrada pela “Irmandade” de mesmo nome). Segundo Ranali e Romão, a “Igreja do Rosário” foi edificada anteriormente à data considerada pelo Padre Celestino como a de sua fundação, 1862 (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.). Localizada, conforme as imagens na seqüência, na atual Praça Conselheiro Crispiniano, bem no centro da área central do município, a “Igreja dos Homens Pretos” ficava em frente à “Igreja Matriz”.

A Igreja do Rosário, como as outras de mesmo nome na Grande São Paulo, possivelmente era um dos lugares de referência das manifestações populares como as congadas, moçambiques, folias de reis. Sua destruição significou a destruição de um espaço simbólico e material, portanto de identidade, da cultura de parte da população de Guarulhos na área central.

Fotos 28 – Igreja N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos



Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 20 de dezembro de 1925.

Quando a “Igreja do Rosário” de Guarulhos foi destruída, segundo Ranali e Romão, foi encontrada uma “cripta com restos de pessoas” que, de acordo com a tradição daquela igreja, seriam os membros mais destacados da Irmandade dos Homens Pretos. Isso demonstra que a Igreja do Rosário era um dos espaço identitários de parcelas da população da área central de Guarulhos. O que ocorreu com a Igreja do

Rosário em Guarulhos, no entanto, se assemelha muito com o que aconteceu com a igreja de mesmo nome localizada na atual Praça Antonio da Silva Prado em São Paulo. Ambas foram destruídas e depois construídas em outros lugares.

**Fotos 29 – Igreja N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos**



Outra foto (provavelmente década de 20) com a antiga “Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos” ao fundo da imagem e um corredor de casas térreas. Nota-se que há ainda telhados que desaguam sobre a rua.

**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Década de 1920.

Em Guarulhos, uma nova Igreja do Rosário (sem o nome completo de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos) foi erigida na atual Rua João Gonçalves no Largo do Rosário; em São Paulo, a nova edificação foi para o Largo do Paissandu. No livro *Nem Tudo Era Italiano*, citamos que, na Igreja do Rosário de São Paulo, provavelmente como na de Guarulhos, “após as procissões realizavam-se, por suas adjacências, congadas, moçambiques, batuques, sambas, caiapós, promovidos pela Irmandade dos Homens Pretos” (FREITAS, 1978, p. 147). O espaço do trabalho cotidiano também era lugar das celebrações religiosas e das manifestações lúdicas, que remontavam às mais diversas tradições culturais da parcela nacional da população paulistana. (SANTOS, 2003, p. 123). Atualmente ainda existe em São Paulo uma outra “Igreja do Rosário”, datando de 1808, com modificações arquitetônicas, localizadas em seu ponto original no bairro da Penha de França.

Não obstante a presença desse processo de “coerção e consenso” na área central de Guarulhos, existe também no município a recusa que envolve incorporações e modificações, a exemplo do que vem ocorrendo em Bonsucesso há dois séculos e meio.<sup>49</sup> Um outro lugar de destaque da cultura e da religiosidade popular típica dos antigos núcleos locais, constituídos pelas relações sociais e redes de sociabilidades em diferentes áreas que envolviam moradores dentro e fora das divisas do futuro município de Guarulhos, é a “Capela de Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu”, datada da segunda metade do século XIX.

Tombada pelo *Decreto Municipal de n.º 21.143* de 28 de dezembro de 2000, a capela e o seu entorno, como em Bonsucesso, também são relativamente pouco apresentados pela historiografia tradicional de Guarulhos como um território de identidade do município. As referências, quando ocorrem, são para caracterizar esse lugar de maneira “bucólica/pitoresca” e “distante”.

Porém, nas entrelinhas da documentação pesquisada, nos depoimentos dos antigos moradores, nas reminiscências arquitetônicas e da cultura popular, Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu aparece como um dos núcleos locais constituídos pelas redes tradicionais de sociabilidades. São várias as histórias sobre as origens da Capela do Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu ou Capela da Sagrada Cabeça. Uma delas foi recolhida pelo memorialista Affonso A. de Freitas por volta de 1934:

*A primitiva cabeça do Bom Jesus de Pirapora foi separada do corpo e recolhida à sacristia do Santuário, onde permaneceu até que a*

---

<sup>49</sup> Como é possível compreender na leitura de Gramsci (GRAMSCI, 2002; 1999; e 1991), bem como de Bakhtin (BAKHTIN, 1988; 1992; e 1996), entendemos que, em Guarulhos, além da “coerção e do consenso”, existem conflitos e lutas sociais. Em outras palavras, nem sempre a “coerção e o consenso” ocorrem sem o conflito e a resistência sociocultural. Aqui também utilizamos o conceito de interatividade referenciado nas obras de E. P. Thompson (THOMPSON, 1998; 1981), relativo à noção de inter-relação entre universos socioculturais e territoriais diferenciados, gerando influências recíprocas. Da mesma forma, consideramos o conceito de circularidade referente à maneira pela qual Carlo Guinzburg analisa valores culturais que circulam em diferentes camadas sociais, em nosso caso, também em diferentes espacialidades (GUINZBURG, 1989). Outros autores que lemos sobre o tema foram: GEERTZ, 1989; WILLIAMS, 1979; BOURDIEU, 1983; CANCLINI, 1997. São com essas referências teóricas que pensamos a cultura popular em Guarulhos.

*respeitável senhora paulista, Dona Joaquina Fortes e Rendon de Toledo (...), proprietária do latifúndio do Cabuçu, consegue a posse da sagrada relíquia, removendo-a para sua fazenda, onde a venerou em oratório particular. Por morte de Dona Joaquina Fortes, passou a imagem para o poder do preto crioulo Raymundo Fortes, ex-escravo e pajem da fazendeira, e daquele para o de outro Raymundo Fortes, neto do primeiro e continuador da devoção por Dona Joaquina instituída, tornada pública e difundida com a construção da "capelinha", por volta de 1850 (FREITAS, 1934).*

A capela, atualmente sob os cuidados das Irmãs Servas do Sagrado Coração de Jesus Agonizante (desde 11 de agosto de 1985 quando chegaram ao lugar) e da comunidade local de Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu, desde sua fundação é também um espaço da religiosidade e das manifestações da cultura popular. Todo início de agosto (geralmente no dia 6) ali ocorrem comemorações com missa caipira, procissão, quermesse, violeiros, vendas de comidas e bebidas típicas (como a bebida "Rosa Sol").

Segundo os depoimentos de membros da comunidade local e das Irmãs religiosas, tal como em Bonsucesso, a Capela é visitada por romeiros de diferentes lugares da Grande São Paulo (Nazaré Paulista, Santa Izabel, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Bom Jesus dos Perdões, Mogi das Cruzes, Ferraz de Vasconcelos, Aparecida, Atibaia, Arujá Guarujá, Santo André, São Bernardo, entre outros municípios) e de bairros paulistanos; além do próprio bairro e de outros lugares de Guarulhos.<sup>50</sup>

Aqui também, em conformidade com as informações recolhidas junto à comunidade local, as críticas ao poder público referem-se à falta de divulgação e investimento na região e na festa. Segundo Ivone Christofero Félix Pires, a impressão é que as tradições em torno da capela, oferecendo identidade ao bairro, não fazem parte de Guarulhos. De acordo com ela, em testemunho reforçado por outros membros da comunidade:

<sup>50</sup> Depoimentos de IVONE, d.d.; ROMILDO, d.d.; RUBENS, d.d.; JOSÉ ROBERTO, d.d.; e OLIVIA, d.d..

(...) quando saímos de Guarulhos e vamos para lá, parece que estamos indo para outro lugar, (...) uma outra cidade (...) (IVONE, 11/07/2003) <sup>51</sup>

Foto 30 – Capela “Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu” – 1950/1960



Capela do Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu entre 1950-1960. Segundo Affonso A de Freitas, o ano de 1724 foi quando, possivelmente, a imagem que deu origem ao nome da Capela apareceu. Ainda de acordo com Freitas em 1850 a Capela foi erguida pelo Mestre Raymundo Fortes (ex-escravo). No ano de 1922 a edificação sofreu um restauro. Na década de 90 foi construído ao lado da Capela uma nova Igreja. Atualmente as Irmãs Servas do Sagrado Coração de Jesus Agonizante cuidam da Capela junto com a comunidade. Todo mês de agosto realiza-se a tradicional festa em devoção ao Bom Jesus da Cabeça, reunindo pessoas de várias regiões do estado. ~~Autoria: desconhecida o ano de~~ **Fonte:** Acervo particular. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Aproximadamente décadas de 1950-1960.



Foto 31 – Capela do “Bom Jesus da Cabeça do Cabuçu” – Aproximadamente década de 1950



Uma segunda história, da mesma forma recolhida por Affonso A. Freitas, narra que a cabeça da imagem do Bom Jesus desceu de um córrego da Vila de Pirapora até o Cabuçu. Porém, como esclarecem Ranali, Romão e Noronha, esse córrego não foi encontrado. Uma terceira história, ainda conforme os três pesquisadores, narra que um capelão do Santuário de Pirapora, com a “consciência pesada” por cometer “desvios”, mandou “três oficinas carapinas cerrarem a cabeça do Bom Jesus” pelo “incômodo” que causava, substituindo-a por outra. Essa mesma cabeça foi a que apareceu “misteriosamente” no Cabuçu. Uma quarta história conta que a imagem do Bom Jesus de Pirapora foi substituída por ser considerada uma obra “grosseira”, sendo a cabeça dessa imagem encontrada, “em 1724, por um pescueiro do Rio Tietê (segundo o Livro do Tombo da Paróquia de Parnaíba). Foi então que, por sentimentos piedosos, D. Joaquina Fortes Rendon de Toledo e a devoção dos dois Raymundos Fortes (um Raymundo era escravo de D. Joaquina e o outro, neto do primeiro), “surgiu a Capela, restaurada em 1922”. (RANALI & ROMÃO, 1985: p. 18-19 / NORONHA, 1960: p. 28-29.)

**Fonte:** AHCG.

**Autoria:** Desconhecida.

**Data:** Aproximadamente década de 1950.

Um dos propósitos deste trabalho é destacar a importância das tradições da cultura popular (religiosa ou não) na formação dos territórios que constituem Guarulhos, apontando a diversidade de suas identidades, a exemplo do Cabuçu e de Bonsucesso. Importa lembrar que, com o aumento da população, além dos problemas sociais e urbanos, as tradições de outros lugares do país foram incorporadas e, por vezes, incorporam as já existentes, acentuando a multiplicidade das identidades do município e dessas localidades. Acreditamos que Guarulhos incorporou esses valores na construção de suas identidades.

Assim, por um lado, temos a descrição das origens de Guarulhos derivadas de sua localização geográfica estratégica e de dependência em relação a São Paulo, gerando sua tradição de aldeamento de proteção ao núcleo central jesuítico, exploração do ouro, de caminho, entreposto, pousada. E, por outro lado, temos essas mesmas tradições originárias somadas a manifestações de caráter popular e religioso como expressões de identidades não costumeiramente consideradas no estudo da história municipal.<sup>52</sup>

Essas características constituíram identidades e ofereceram significados a conjuntos arquitetônicos e urbanísticos antigos (como Bonsucesso e Cabuçu), formando territórios distintos dos que estamos acostumados a descrever e ler sobre Guarulhos.

---

<sup>52</sup> Claude Lévi-Strauss na década de 30, descrevendo uma de suas visitas aos arredores da cidade de São Paulo, permite acompanhar algumas dessas características com o seguinte trecho: "Nos arredores de São Paulo era finalmente possível observar e recolher um folclore rústico: festas de Maio durante as quais as aldeias se ornamentavam com verdes palmas, lutas comemorativas, que se conservam fiéis à tradição portuguesa, entre mouros e cristãos; procissão da nau catrineta, navio de papelão armado com velas de papel; peregrinação a longínquas paróquias protetoras dos leprosos, as quais, no meio dos eflúvios crapulosos da pinga - aguardente de cana-de-açúcar muito diferente do rum e que se bebe pura ou em batida, isto é, misturada com o sumo de limão -, pardos mestiços vestidos de ouropel, com botas, e prodigiosamente bêbedos, se provocavam mutuamente ao som do tambor para duelos de canções satíricas. Havia também as crenças e superstições de que era interessante fazer o levantamento: cura de terçol pela imposição dum anel dourado; repartição dos alimentos em dois grupos incompatíveis: comida quente, comida fria. E outras associações maléficas: peixe com carne, mangas com bebidas alcoólicas ou bananas com leite" (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 105). As descrições feitas pelo antropólogo se aproximam muito do que podemos acompanhar em Bonsucesso e Cabuçu.

Esses dois lugares são até hoje centros de expressão de parte das manifestações da cultura popular no município.

Neles persiste, mesmo com alterações, uma arquitetura e uma organização espacial que sinaliza para a imagem de Guarulhos – incluindo seu centro - antes de sua emancipação como Vila no final do século XIX.

Geralmente o conjunto arquitetônico e espacial que é destacado no município, representando sua identidade, apresenta como seus exemplares típicos (por vezes apontados como únicos reveladores de Guarulhos) os pavilhões e pátios industriais, as rodovias que cortam o território municipal, os estabelecimentos comerciais hoje representados pelo Shopping Internacional, e atualmente, mais do que tudo, o Aeroporto Internacional de Guarulhos (AISP/GRU), acompanhado das redes de hotéis que se instalam.

As características que assinalamos até aqui em Guarulhos certamente formaram sociabilidades particularizadas, construindo todo um contexto sócio-espacial e arquitetônico. Além das igrejas e capelas citadas, essas características são também perceptíveis nos formatos das ruas, praças, estrutura e fachadas de casas, antigas pousadas, caminhos, estradas, estabelecimentos comerciais, memórias dos moradores e durante as festas populares no município, sempre considerando as alterações, incorporações e mesmo o desaparecimento de algumas dimensões dessas tradições.

Isso propõe reflexões no plano sociocultural, - sem deixar de lado as dimensões econômicas e políticas - sobre esses lugares, seus sujeitos e acerca da conformação territorial e arquitetônica que ultrapassa a idéia de que esses espaços resultaram unicamente das determinações de sua localização e da dependência em relação a São Paulo. Reflexões estas que acreditamos também justificar a discussão sobre esses territórios, uma vez que conduzem a pensarmos em possíveis formações de identidades num processo dialético, portanto, contraditório, que de certo envolveu incorporações de tradições em relação à metropolização de São Paulo, como acompanharemos na seqüência.

Propõe, assim, ponderações que nos remetem a repensar a relação entre a "modernidade" urbana em conflito ou não com manifestações e espacialidades populares tradicionais e, de certa forma, ainda hoje aparentemente preservadas, mesmo com várias alterações e, por vezes, incorporações de tradições oriundas dos grupos sociais das correntes de migração, especialmente nordestina e mineira, das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980. Essa leitura nos encaminha na direção de um dos nossos

pressupostos teóricos que é o de entender as formações urbanas como parte de um processo de origem social (cultural e econômico) com diferentes dimensões.<sup>53</sup>

No município de Guarulhos, em alguns de seus territórios, como Bonsucesso e Cabuçu, encontramos elementos para essas reflexões, uma vez que nesses lugares se "preservam" e se misturam com traços culturais recém chegados, como já dissemos anteriormente, aspectos de ambientes construídos, patrimônios edificados, festas populares-religiosas e memórias datando de séculos atrás. Pistas para releituras do processo de constituição do município, através da história sociocultural desses espaços.

Novamente a título de exemplificação de nossas ponderações nesse sentido, em Bonsucesso, apesar da "invasão" das mercadorias modernas (cds, aparelhos de som, videogames, etc) e das intervenções do poder público limitando os espaços das "Festas da Carpição e de Nossa Senhora de Bonsucesso", culminando com a pavimentação realizada na área em torno da Igreja e impedindo o ato de carpir, como já assinalamos, a procura dos devotos pela terra ainda hoje é grande. Essa situação tem levado mesmo a Prefeitura a rever sua posição, colocando a "festa" em seu calendário cultural-turístico e decretando o tombamento da Igreja de Bonsucesso como patrimônio municipal.<sup>54</sup>

Outro exemplo é que mesmo que algumas das velhas estradas e caminhos tenham perdido importância no contexto mais geral da economia, as antigas pousadas e entrepostos continuaram com significado local num processo de produção, reprodução e semantização das espacialidades a partir da ação de diferentes sujeitos (LEFEBVRE, 1969; 1991; 1974). Constituem hoje espaços propícios a formas de sociabilidades típicas, comumente caracterizadas como "caipiras ou caboclas", permitindo a

---

<sup>53</sup> A partir da leitura de G. Simmel, entre outros teóricos, é possível compreender que a cidade apresenta inúmeros aspectos das complexas relações sociais, não sendo apenas um aglomerado onde as pessoas fazem trocas comerciais (SIMMEL, 1973).

<sup>54</sup> Apesar do atual reconhecimento por parte da Prefeitura Municipal de Guarulhos, ainda faltam muitas coisas a serem realizadas. Em monografia de 1987, a arquiteta Marli Almeida de Araújo, após estudar a área central do bairro de Bonsucesso em torno da Igreja, recomenda uma intervenção global no sentido da preservação do conjunto patrimonial da região (ARAÚJO, 1987). Nessa mesma direção, nossa atuação junto à Secretaria de Cultura da PMG e ao Conselho de Patrimônio Municipal, entre 1999 e 2003, foi no sentido de assessorar a comunidade local na organização da "Festa" e na criação de uma comissão para a solicitação do tombamento da área.

reprodução de determinados estilos de vida, pouco valorizados, tais como as manifestações religiosas e populares.

Esses territórios e sua população revelam, assim, o que estamos denominando de as múltiplas identidades de Guarulhos, aquelas que desde suas origens, têm se mostrado fundamentais na constituição identitária do município. Locais de sociabilidades que ultrapassam as divisões político-administrativas, e que têm sido passíveis de não reconhecimento, por vezes, por aqueles que estão à frente do poder público e que pretendem a caracterização do município através de uma identidade única.

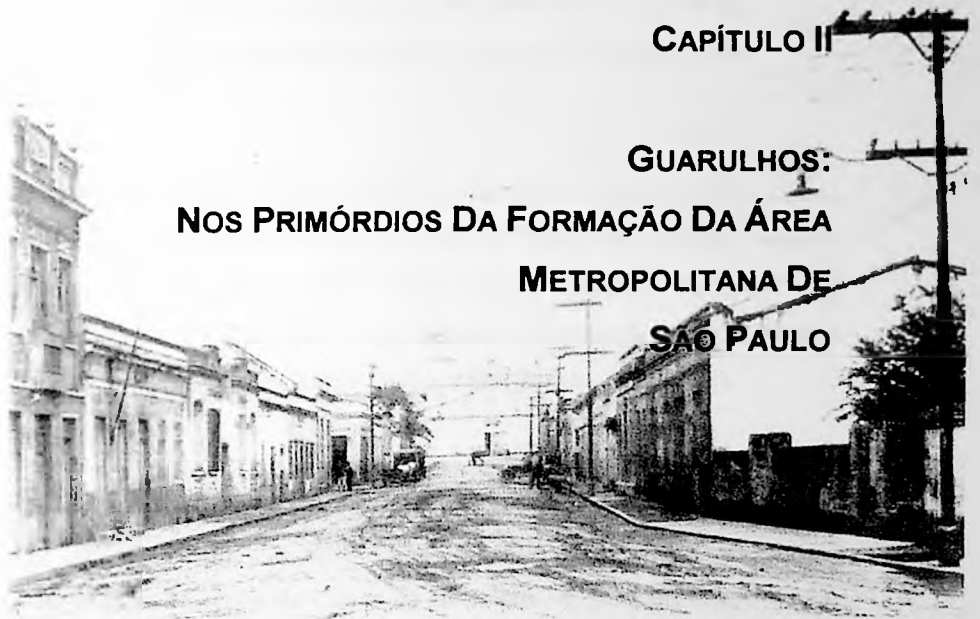
**CAPÍTULO II**

**GUARULHOS:**

**NOS PRIMÓRDIOS DA FORMAÇÃO DA ÁREA**

**METROPOLITANA DE**

**SAO PAULO**



## 2.1. DE FREGUESIA À VILA E DEPOIS “CIDADE”: NÚCLEOS E IDENTIDADES

Em 24 de março de 1880, a antiga “Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos” foi elevada à categoria de “Vila” com a denominação de “Conceição dos Guarulhos” pela *Lei Provincial n.º 34*. A nova “Vila” abrangia também as “Freguesias” de Nossa Senhora da Penha de França e a de Juqueri (atual Mairiporã).

O texto da seção que decretou e elevação foi:

*A Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo Decreta: Art. 1º = Fica elevada à categoria de Vila a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, compreendendo as Freguesias de Nossa Senhora da Penha de França e a de Juqueri com suas atuais divisas. Art. 2º = Ficão revogadas as disposições em contrário. (...) (Ata da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, 15 de março de 1880).<sup>1</sup>*

A historiografia tradicional local (Noronha, Romão e Ranali) atribui a essa mudança de *status* político-administrativo aos esforços do Padre João Vicente Valadão e João Álvares de Siqueira Bueno. Esses personagens, imbuídos de um “ideal emancipacionista”, conduziram Guarulhos supostamente à superação de um passado “desinteresse” e de atraso (*Guarulhos Cidade Símbolo em Revista*, 1981, p. 2).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A *Lei Provincial* foi publicada com o n.º 34, em 24 de março de 1880. O texto repetiu o da *Ata da Assembléia Legislativa Provincial (Lei Provincial Nº.34, de 24 de março de 1880)*. Pela *Lei Estadual n.º 1.021*, de 6 de novembro de 1906, o município teve seu topônimo alterado para Guarulhos. Acervos: Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos, Arquivo do Estado de São Paulo e Arquivo da Assembléia Legislativa de São Paulo.

<sup>2</sup> Num artigo comemorativo dos “101 anos da Emancipação”, publicado em 1981, no periódico *Guarulhos Cidade Símbolo em Revista*, a elevação é narrada num tom ufanista como um marco divisório: “O lento desenvolvimento do vilarejo fundado a oito de dezembro de 1560 foi um dos fatores que levaram Guarulhos a somente obter sua emancipação política-administrativa cerca de 320 anos depois. (...) Enquanto outras cidades passaram rapidamente da condição de Vila a Município, Guarulhos teve de desenvolver ampla luta para atingir esse ‘status’. O progresso, realmente, só viria no século atual, com a industrialização. Mas Guarulhos já havia conhecido na época em que pertencia à Capital paulista, momentos de fugurância. Assim foi, por exemplo,

João Ranali complementa a explicação sobre a emancipação, assinalando que “os lucros conferidos pelos engenhos”, em grande parte localizados na Tapera Grande e Bonsucesso e a “imensidão do solo a ser governado, não permitiram à Real Vila de São Paulo” gerenciar os “negócios administrativos” pertinente às “coisas e pessoas na margem oposta do Tietê” (RANALI, 1986, p. 219). Pensamos que os personagens que estiveram à frente da elevação à categoria de “Vila”, a exemplo do que ocorreu na época da transformação de “Aldeamento” para “Freguesia”, além do “ideal emancipacionista” e de superar as dificuldades administrativas da Vila de São Paulo em controlar a sua extensão territorial, atenderam aos interesses particulares e dos grupos que representavam no município e fora dele.

Atuaram no sentido da valorização de suas terras, negócios, *status* político-administrativo e social. Forjaram uma unidade política-administrativa e territorial para os núcleos que compunham a região, visando o controle sobre as terras, pessoas e atividades produtivas que também interessava à administração central paulistana.<sup>3</sup>

A título de demonstração desses interesses, João Álvares de Siqueira Bueno, nascido no núcleo central de Guarulhos, provável “inspirador da lei que elevou” a “Freguesia” à “Vila”, era “grande” proprietário de terras no município, além de possuir propriedades na capital (ROMÃO & NORONHA, 1985, p. 96).<sup>4</sup> Figura de ponta da

---

na época em que se lavrou ouro em uma extensa área, situada na região de Lavras. Passado esse ciclo, no entanto, a vila voltaria a cair em uma vida rotineira e desinteressante. O ideal emancipacionista, porém, não arrefeceu. Os habitantes da margem direita do Tietê sentiam-se em condições de decidir seu próprio destino, administrar sua comunidade, ao mesmo tempo em que achavam que a pequena, mas promissora Guarulhos não merecia da administração da Capital a atenção devida” (Guarulhos Cidade Símbolo em Revista, 1981, p. 02).

<sup>3</sup> Como analisa Maria Irene Szmrecsanyi, orientadora desta tese, o processo de “substituição da metrópole nacional do Rio para São Paulo” contou com a combinação entre a iniciativa privada e o Estado, tendo a cidade de São Paulo como pólo catalisador. Ao conceituar a palavra *hinterland*, Szmrecsanyi, permite compreender essa relação da seguinte forma: “*hinterland* é entendido como território cuja unidade é mais sociopolítica do que natural, pois é dada pela mobilização e drenagem de seus recursos por um núcleo urbano polarizador, através de incentivos e controles adotados por uma classe dominante local e sua elite dirigente, atuando através do Estado”. (SZMRECSANYI, 1993, p. 206).

<sup>4</sup> João Álvares de Siqueira Bueno “foi senhor da Fazenda Cumbica, que lhe doou o pai, a 28/01/1879. Posteriormente adquiriu a anexou áreas limitrofes, chamadas Taperas do Campo



política regional, João Bueno, como ficou conhecido, pertenceu ao Partido Liberal, foi deputado provincial (1880-1881 e 1884-1885), vereador e Intendente de Higiene da Capital (*O Estado de São Paulo*, 17/11/1912).

Após a emancipação de Guarulhos, João Bueno teve seu prestígio político elevado e interesses atendidos na nova “Vila”. Uma demonstração disso é que, em 30 de abril de 1891, em conjunto com Guilherme Maxwell Rudge, João Bueno obteve concessão da Câmara de Guarulhos para a “construção, uso e gozo, por si ou por meio de companhia que organizarem, de uma linha de bonde (ferro carril) por tração animada ou a vapor”. Uma autorização com validade de 50 anos (*Ata da Câmara*, 30/04/1891).<sup>5</sup>

Assim, a mudança de “Freguesia” para “Vila” político-administrativa e economicamente atendia aos interesses de grupos locais no sentido de facilitar investimentos, controlar e valorizar seus negócios e terras. Como “Freguesia” de São Paulo, os grupos que administraram Guarulhos após sua elevação à Vila, não podiam decidir sobre melhoramentos de estradas, arruamentos, aforamentos e projetos como o apresentado por João Bueno e Guilherme Maxwell Rudge.

Além disso, cabe destacar que Guarulhos, como uma “Freguesia” paulistana fora do núcleo central da capital, provavelmente não fazia parte das prioridades administrativas até como consequência dos limites da administração paulistana existente então. Como aventou o historiador local João Ranali, havia dificuldade da Vila de São Paulo em gerenciar e controlar os “negócios administrativos atinentes às coisas e pessoas” em Guarulhos (RANALI, 1986, p. 219). No período, os investimentos e

---

Largo, e terras de Maria Joaquina e outras compradas à Fazenda Nacional” (ROMÃO & NORONHA, 1985, p. 96).

<sup>5</sup> O prestígio local de João Álvares de Siqueira Bueno se estendia aos seus familiares. O segundo intendente municipal (1890-1891) escolhido pela Câmara Municipal foi Antônio José de Siqueira Bueno. Após a Proclamação da República, foram nomeados quatro intendentes pelo Governo Provisório do Estado (1890-1894): Vicente Ferreira de Siqueira Bueno, Felício Marcondes Munhoz, Antônio Dias Tavares e Luiz Dini. Entre eles foi escolhido para presidir a intendência municipal Vicente Ferreira de Siqueira Bueno (RANALI, 1986, p. 213). O nome de João Bueno aparece também junto com o Padre João Vicente Valladão, por serem os mandatários da reforma da Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso em 1913. João Bueno mandou ainda edificar uma capela anexa à Igreja (1903) em memória do seu pai: Bonifácio de Siqueira Bueno. (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

iniciativas do poder público paulistano eram dirigidos prioritariamente à área central e seus arredores.<sup>6</sup>

João Álvares de Siqueira Bueno e as camadas mais abastadas de Guarulhos ganharam também espaço político para suas reivindicações por se tornarem representantes e moradores de uma “Vila” e não mais de uma “Freguesia”. Da mesma forma, ao que tudo indica, teriam suas propriedades e negócios valorizados em decorrência da mudança de *status*, podendo estender suas propriedades.

Logo após a emancipação, foram constantes os aforamentos emitidos pela Câmara Municipal de Guarulhos. Especialmente, conforme analisamos anteriormente, sobre as terras do “Aldeamento de São Miguel”, mas também em Bonsucesso, Cabuçu e na região das antigas Lavras. A leitura dos documentos guardados no Arquivo Histórico de Guarulhos permite essas ponderações.<sup>7</sup>

Uma outra demonstração de como os interesses particulares se impuseram na constituição da Vila e forjaram uma unidade política-administrativa entre os núcleos que constituíam a região, - envolvendo aforamentos e incorporações -, foi o fato de que, antes de completar uma década, a nova “Vila” perdeu duas dessas incorporações: as “Freguesias” da Penha de França e Juqueri. Ambas foram desmembradas de Guarulhos: a Penha foi reintegrada à capital pela *Lei Provincial n.º 71*, de 3 de maio de 1886; e o Juqueri elevado a município pela *Lei Provincial n.º 66*, de 27 de março de 1889.

A leitura das “Atas da Câmara de Guarulhos”, após a criação da Vila, é um conjunto documental que permite aventar que o município foi constituído de maneira

---

<sup>6</sup> No livro *Nem Tudo Era Italiano*, de nossa autoria, destacamos essa prioridade das preocupações políticas-administrativas do poder público paulistano em relação ao núcleo “original” e central da cidade (Praça da Sé, República, o chamado “Triângulo” formado pelas ruas Direita, XV de Novembro, São Bento), suas adjacências (Santa Cecília, Santa Efigênia, Sul e Norte da Sé, Bexiga), as áreas próximas das indústrias, vilas operárias (Brás, Mooca, Belenzinho, Barra Funda etc) e as áreas ‘nobres’ (Paulista, Higienópolis, Perdizes etc) (SANTOS, 2003). Contribuem com essa leitura: SZMRECSANYI, 1993, p. 203-219; ROLNIK, 1997; FRÚGOLI JR, 2000; GROSTEIN, 1987 e 1990; SAMPAIO, 1983.

<sup>7</sup> Entre os documentos consultados, destacam-se: “Livros de Aforamentos de Guarulhos” entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX; “Atas da Câmara: 1880-1914”; “Processos Administrativos: 1880 - 1950”; “Atas Eleitorais”; “Livros de Alinhamento: 1884 - 1909 e 1909-1922”; “Código de Posturas de 1911”; “Relatórios dos Prefeitos” (veja: Fontes Citadas).

impositiva em relação aos núcleos populacionais existentes, atendendo a interesses particularizados. A *Ata da Câmara Municipal* de 26 de outubro de 1884, citada a seguir, fortalece essa análise. Tratando de uma das reclamações direcionadas à Câmara sobre a cobrança de impostos na Penha, a *Ata* possibilita vislumbrar a forma impositiva como ocorreu a criação da Vila de Guarulhos:

*Um ofício do vigário da Penha reclamando sobre os terrenos pertencentes à Igreja do rosário daquela Freguesia, que por ocasião das festas são alugados indevidamente pelo Fiscal aos romeiros, cobrando para si o aluguel que deve pertencer à Igreja para ser aplicado aos reparos que na mesma precisa e pede providências a fim de que o fiscal não continue a alugar tais terrenos. Sendo atendido pela Câmara sua reclamação, ordenando esta ao secretário que oficiasse (Ata da Câmara Municipal de Guarulhos. 26 de outubro de 1884).*

Os gráficos na sequência, com dados populacionais sobre Guarulhos, Penha e Juqueri, reforçam a idéia de imposição política-administrativa na época da criação da “Vila da Conceição dos Guarulhos”, pelo menos em relação a alguns de seus núcleos. Os números demonstram que, em vários momentos, a população do Juqueri e da Penha de França, separadamente, ultrapassava em duas e até três vezes a de Guarulhos, sugerindo ainda que não foi somente por razões demográficas que surgiu a Vila.

**Gráfico I: População de Guarulhos e Juqueri  
(1874, 1886, 1900, 1920, 1934 e 1940)**

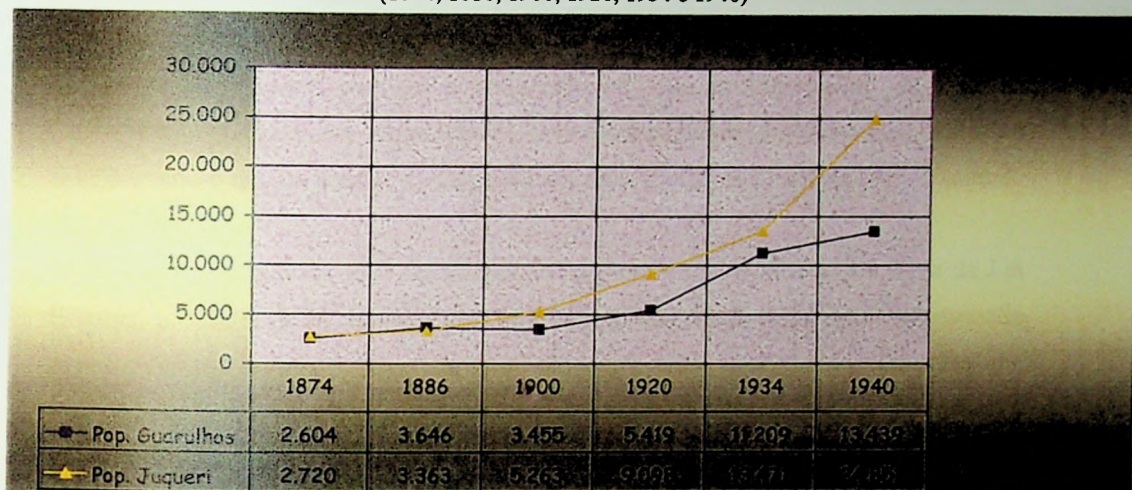


Gráfico organizado para esta pesquisa a partir das seguintes fontes: os dados sobre Guarulhos de 1920 e 1940 foram obtidos junto ao IBGE, 1948; os demais números foram obtidos junto a LANGENBUCH, 1971 e EMPLASA - Vol. 2, 2001.

**Gráfico II: População de Guarulhos e Penha de França  
(1874, 1934, 1940 e 1950)**

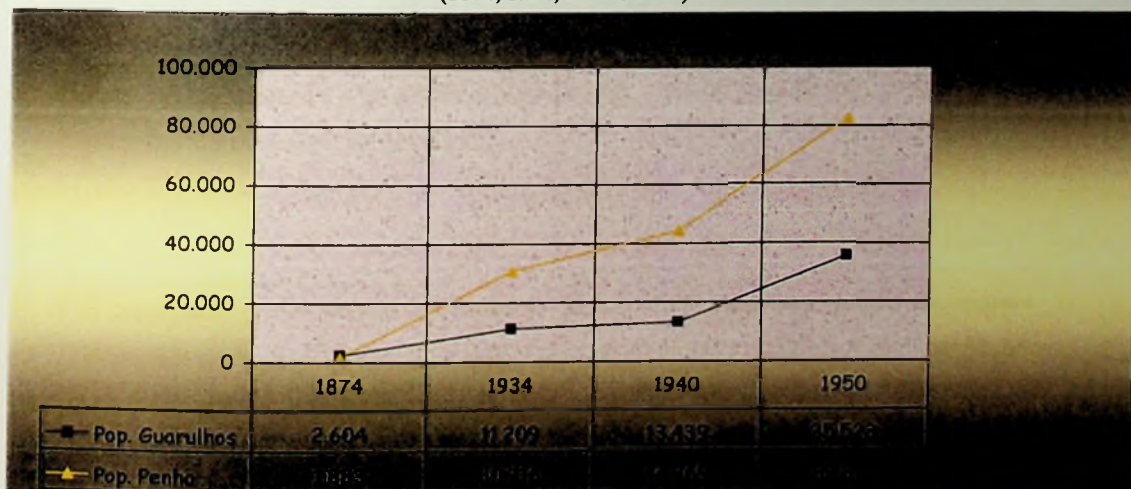


Gráfico organizado para esta pesquisa a partir das seguintes fontes: os dados sobre Guarulhos de 1920 e 1940 foram obtidos junto ao IBGE, 1948; os de 1874 sobre Guarulhos e a Penha junto a MARQUES, 1879; e os demais números foram obtidos junto a AZEVEDO. In: EMPLASA - Vol. 2, 2001, p. 32.

O estudo da formação territorial de Guarulhos permite assim também discutirmos como a constituição de um planejamento e identidade política-administrativa única foram dimensões que atuaram (ou não) na produção e reprodução do espaço municipal. Pelos dados dos quadros anteriores, Penha e Juqueri eram núcleos populacionais mais povoados que Guarulhos. O desmembramento desses dois territórios demonstra o quanto a unidade política-administrativa na constituição da Vila de Guarulhos foi baseada na imposição de uma identidade sob pólos populacionais tão antigos como o núcleo central: Cabuçu, Bonsucesso, Pimentas, Cumbica (ver "Planta de 1960").

Assim, apesar da sede do município receber "foros de cidade por força da Lei Estadual n.º 1038, de 19 de dezembro de 1906" (IBGE, 1948, p. 5), estamos buscando evitar o termo "cidade de Guarulhos" ou utilizando entre aspas por acreditarmos que essa terminologia nem sempre abrange a caracterização dos diferentes núcleos que compõem o município. Sabemos das diferentes implicações que constituem o conceito de cidade, bem como as definições de município, núcleo, subúrbio, periferia e metropolização.<sup>8</sup>

Como assinalamos anteriormente, muitos dos moradores dos bairros mais tradicionais ou distantes da área central, utilizam o termo "cidade de Guarulhos" (ou simplesmente Guarulhos), quando se referem ao que é considerado como o centro do município e seus arredores. O próprio *Dicionário Aurélio* possui uma definição de cidade semelhante às expressões utilizadas por muitos moradores de Guarulhos, demonstrando os meandros do termo:

---

<sup>8</sup> É significativamente grande a quantidade de autores e obras que discute de maneira diferenciada a cidade. Algumas delas estão relacionadas na parte dedicada à Bibliografia. De início concordamos com Henri Lefebvre (1969), que definiu a cidade como a "projeção da sociedade sobre um dado território" (LEFEBVRE, 1979), considerando, além de fatores econômicos (a cidade como resultado da concentração da força de trabalho, da acumulação do capital e da especulação imobiliária), as dimensões políticas (a presença do Estado) e socioculturais. Essa idéia potencializa ultrapassarmos a divisão espacial inicial de que estamos partindo e possibilita entender a constituição histórica de Guarulhos e seus núcleos como partes integrantes do processo de consolidação da sociedade capitalista e não como fenômenos isolados, apesar de suas especificidades.

*cidade.* [Do lat. civitate.] S.f. 1. Complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola, i. e., dedicada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe. 2. Os habitantes da cidade, em conjunto. 3. parte mais antiga ou mais central de uma cidade. 4. O centro comercial. 5. Bras. Sede do município, independentemente do número de seus habitantes. 6. Bras. Vasto formigueiro de saúvas constituído por vários alongamentos chamados *panelas.* (*Dicionário Aurélio*, 1994/1995, p. 150).

As definições acima grifadas, se aplicadas a Guarulhos permitem entender que o conceito “cidade” referia-se a um dos seus núcleos populacionais: o central. Seu uso, portanto, implica a exclusão da diversidade da formação do município e impõe a todo seu território uma identidade histórica a partir de uma determinada parte. Da mesma forma, o termo “Vila”, na época da emancipação de Guarulhos em 1880, assinala os limites dessa caracterização do município. No *Código de Posturas Municipais de Guarulhos* em 1911, a palavra “Vila” é várias vezes utilizada, distinguindo outros espaços, como povoações, freguesias, bairros, subúrbios. Separamos os seguintes trechos do *Código de 1911*:

*Art. 1 – (...) Todas as ruas ou avenidas que foram abertas na vila e povoações do município (...)*

*Art. 11 – (...) Nos concertos das ruas da vila e freguesias (...)*

*Art. 23 – (...) As rezes que tiverem de ser abatidas para o consumo público desta vila, freguesias, bairros e quarteirões (...)*

*Art. 34 – (...) Todos os moradores da vila, freguesias e subúrbios são obrigados a franquearem suas quintas, áreas, jardins e pátios (...)* (*Código de Posturas Municipais de Guarulhos – 1911*, p. 3, 4, 6 e 7)

A alusão a um outro *status* desses locais pode ser interpretada como indicando que essas povoações, freguesias, bairros, subúrbios pertenciam à “Cidade (ou Vila) de Guarulhos” sem serem a “Cidade (ou Vila) de Guarulhos”, a exemplo do que ocorreu

ident/  
GIS

com a Penha de França, Juqueri e das referências feitas na atualidade à área central do município pelos moradores de Bonsucesso, Cabuçu, Pimentas, etc.<sup>9</sup>

Uma outra ponderação importante refere-se à expressão subúrbio utilizada pelo *Código de Posturas Municipais de 1911*. Conforme analisamos anteriormente, Guarulhos em 5 de dezembro de 1928 era descrita pelo Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, José Oliveira de Barros, em decorrência de sua dependência em relação à capital como um “verdadeiro subúrbio paulistano” (OLIVEIRA, 1928, p. 15)<sup>10</sup> Assim, teríamos uma situação na qual Guarulhos é considerada como “subúrbio” da capital e, portanto, não possuiria seus próprios “subúrbios”.

Isso nos leva a concluir que os núcleos populacionais mais distantes do núcleo central de Guarulhos, não sendo seus subúrbios, teriam uma outra dinâmica de constituição territorial, diferente da situação de dependência a São Paulo mantida pelo centro. Em outras palavras, quando nos referimos à “cidade de Guarulhos” com características de subúrbio paulistano, estamos tratando de uma caracterização que não abrange a totalidade do município.

Neste trabalho, estamos preferindo utilizar o termo “município de Guarulhos”, tomando como ponto de partida a atual divisão política-administrativa para delimitarmos o espaço em estudo. Utilizamos essa terminologia no sentido apresentado pelo *Dicionário Aurélio*:

*município. [Do lat. municipiu.] S. m. 1. Circunscrição administrativa autônoma do estado, governada por um prefeito e uma câmara de vereadores; municipalidade, conselho. 2. O conjunto dos habitantes*

<sup>9</sup> Segundo a *Sinopse Estatística do município de Guarulhos* realizada pelo IBGE e publicada em 1948, “no quadro anexo ao decreto-lei estadual n.º 9.073, de 31 de março de 1938, e no fixado pelo de n.º 9.775, de 30 de novembro de 1938, para vigorar no quinquênio 1939-1943, Guarulhos se compõe de apenas um distrito: o da sede, assim permanecendo no quadro da divisão territorial, administrativo-judiciária do Estado de São Paulo, em vigor no período 1945-1948, fixado pelo decreto-lei estadual n.º 14.334, de 30 de novembro de 1944” (IBGE, 1948, p. 3).

<sup>10</sup> Maria Adélia Aparecida de Souza, ao discutir seu trabalho de pesquisa, explica que, na documentação coletada (iconografias, textos, ensaios, etc), “existem documentos que falam em São Paulo e seus subúrbios em 1840”, apesar de que, “entre nós”, essa terminologia está “nitidamente ligada ao fenômeno de metropolização” (SOUZA, 1985, p. 116).

*do município (1); municipalidade (Dicionário Aurélio, 1994/1995, p. 447).*

Nessa direção, a palavra município permite abranger os diferentes núcleos que compõem Guarulhos. Assim, caracterizamos o município como possuindo núcleos populacionais que, apesar de uma possível função socioeconômica secundária para o desenvolvimento urbano capitalista do município e da Região Metropolitana de São Paulo como veremos a seguir, foram importantes pólos socioculturais na conformação do espaço que ocupavam e na constituição de sua população. Em alguns casos, são núcleos tão antigos como o núcleo central guarulhense (sede política-administrativa e jurídica do município).<sup>11</sup>

Pensamos os núcleos naquele município como sendo espaços polarizados e articulados por possuírem atividades produtivas e mercantis vinculadas ao desenvolvimento urbano-capitalista da Região Metropolitana paulistana e, ao mesmo tempo, relacionados a um desenvolvimento sociocultural particular, com polaridade própria, como os focos religiosos, pontos de encontro, pousadas, passeios, festas e pontos de passagem de tropeiros e viajantes.

Trabalhamos, portanto, com uma definição de núcleo urbano e populacional a partir de uma dupla perspectiva teórico-metodológica que considera dimensões socioculturais na formação desses espaços como “territórios” (SANTOS, 1991, 1994 e 1996), além de sua função e importância econômica e político-administrativa municipal e regional. São territórios perceptíveis através das memórias de seus sujeitos históricos; dos patrimônios, dos discursos e das intervenções urbanísticas, dos usos que constituem costumes e tradições, por vezes indesejadas em relação às perspectivas dos poderes públicos, criando um campo de “interesses opostos e por vezes conflitantes” (THOMPSON, 1998, p. 14).<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Aqui estamos tomando os devidos cuidados para não estabelecer comparações simplistas com o conceito de “polinucleação” muito utilizado para explicar o desenvolvimento metropolitano norte-americano, especialmente numa perspectiva exclusivamente econômica, como discute criticamente Mark Gottdiener (GOTTDIENER, 1997, p. 52-53).

<sup>12</sup> Concordo assim também com o que escreve Pierre Bourdieu ao acentuar que “às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983, p. 82).



Assim, quando a antiga “Freguesia” foi elevada a “Vila” (*Lei Provincial n.º 34*, de 24 de março de 1880) e sua área central ganhou *status* de cidade (*Lei Estadual n.º 1.038*, de 19 de dezembro de 1906), Guarulhos era constituído por núcleos populacionais que constituíram territórios cuja terminologia “cidade de Guarulhos” não abrange. No entanto, ao mesmo tempo, nesse desenvolvimento particularizado havia conexões com uma totalidade maior que foi o processo de constituição urbano-capitalista da Região Metropolitana.

Resumo

## 2.2. LAVOURA DE ABASTECIMENTO E INDÚSTRIA PRIMÁRIA : O MUNICÍPIO COMO PARTE DO “CINTURÃO VERDE” PAULISTANO

Entre o final do século XIX e durante toda a primeira metade do século XX, Guarulhos não se caracterizou por uma produção agrícola dentro dos “padrões do modelo agro-exportador” da época existente em São Paulo. No período, segundo a bibliografia sobre o assunto, o Estado de São Paulo vivenciava a expansão e consolidação da economia cafeeira que tornou o café o primeiro produto de exportação da balança comercial nacional.<sup>13</sup>

A cafeicultura em São Paulo, especialmente após a sua expansão para o Oeste Paulista, consolidou as condições para o desenvolvimento industrial, comercial, financeiro, social e urbano de muitas cidades do Estado em decorrência das especificidades do desenvolvimento que ocorreu: utilização da mão-de-obra livre, imigração européia, implantação de ferrovia, desenvolvimento de uma infra-estrutura financeira, comercial e industrial para beneficiar o café. A capital concentrou grande

<sup>13</sup> Sergio Silva explica que o “o café já era o principal produto brasileiro de exportação na década de 1840 (...)” (SILVA, 1981, p. 18). Octavio Ianni permiti acrescentar a essa análise que “o ciclo do café (...) encerrou-se cerca de 1930”, ocorrendo então a passagem do “modelo agro-exportador” para o desenvolvimento voltado para o mercado interno, impulsionando a indústria nacional (“modelo nacional desenvolvimentista”) (IANNI, 1984, p. 10).

parte das atividades econômicas derivadas da economia cafeeira, consolidando sua industrialização e urbanização.<sup>14</sup>

Na nossa análise, Guarulhos e seus núcleos possuíram no período evolução sócio-econômica complementar às descritas acima, tanto no plano de sua produção agrícola como em seu desenvolvimento comercial, industrial, financeiro e urbano. Em se tratando da agricultura, segundo os relatórios do prefeito José Maurício de Oliveira, “não havia no município cultura básica” (OLIVEIRA, 1943, p. 09; 1920, p. 8). A lavoura municipal era pouco desenvolvida, conforme permitem ponderar os dados agrícolas na documentação oficial local.

Não existiam latifúndios cafeeiros e canavieiros no município. José Maurício de Oliveira Sobrinho esclarece que, “em cerca de 1500 propriedades, somente 4” eram “maiores de 500 alqueires, sendo em número de 1.300 as maiores de 10 alqueires” (OLIVEIRA, 1943, p. 10-11).

A produção agrícola cafeeira de Guarulhos era pequena, mesmo entre os municípios que compunham a Zona da Capital – região de baixa produtividade, segundo os dados oficiais<sup>15</sup>. No quadro a seguir, listamos para comparação os resultados do

<sup>14</sup> Maria Irene Szmrecsanyi esclarece “que a marcha de desenvolvimento determinado pelo café na economia regional permitiu uma expansão generalizada de empreendimentos, proporcionando ganho a diferentes grupos dentro do espectro social. A indústria manufatureira surge no Estado de São Paulo e, mais particularmente na cidade de São Paulo, como um subproduto da prosperidade material trazida pelo crescimento da economia cafeeira” (SZMRECSANYI, 1993, p. 206). Segundo Ianni, “à medida que avançava, a monocultura cafeeira provocava a reorganização e a dinamização das forças produtivas” (IANNI, 1984, p. 13). Wilson Cano consolida a análise desse processo denominado como “complexo econômico cafeeiro”, assinalando que, “ao exportar seu produto, o café gerava não apenas as divisas necessárias à importação dos alimentos para sua força de trabalho, mas também de todos os bens-salários necessários e dos bens de produção reclamados por todas as atividades rurais e urbanas” (CANO, 1985, p. 303). Além dos autores citados nesta nota e na anterior, sobre a relação entre a cafeicultura e o desenvolvimento urbano e industrial paulista e paulistano, marcado pelo “modelo agro-exportador”, lemos: BAER, 1979; CANO, 1983; DEAN, 1971; LAPA, 1983; MONBEIG, 1985; SIMONSEN, 1973; SOMEKH, 1997; STOLCKE, 1986; SUZIGAN, 1986; PRADO JUNIOR, 1979.

<sup>15</sup> A Zona da Capital na época era formada por São Paulo, Guarulhos, Cotia, Itapeverica, Juqueri, Santo André, Santo Amaro e São Bernardo. A título de comparação: em 1920 a Zona representada pela Capital ocupava o último lugar na produção de café com o número de 1.007

plântio de café para os anos de 1905 e 1940 em Guarulhos, na Capital e demais municípios dos arredores paulistanos. Observa-se que a produção cafeeira municipal no período era comparativamente reduzida, mesmo numa área de pouca coleta de café. De 1905 a 1940, a produção diminuiu em número de cafeeiros e arrobas de café produzido.

### Quadro I

#### Produção Cafeeira em Guarulhos e nos Municípios dos Arredores da Cidade de São Paulo: 1905-1940

1905			1940		
Municípios	Cafeeiros	Arrobas Produzidas	Municípios	Cafeeiros	Arrobas Produzidas
Salesópolis	86.200	3.106	Santa Isabel	87.342	1.525
Juqueri	71.400	6.640	Parnaíba	42.733	641
Parnaíba	50.000	1.500	Guararema	41.150	823
Guararema	45.000	1.650	Mogi das Cruzes	27.800	556
Capital	19.053	953	Salesópolis	25.000	500
Guarulhos	9.000	600	Juqueri	24.296	319
Cotia	2.000	80	Cotia	2.133	32
Itapecerica	733	2	Guarulhos	1.277	69
Mogi das Cruzes	-	-	Itapecerica	1.229	45
Santa Isabel	-	-	Capital	-	-

Quadro organizado para esta pesquisa a partir de CAMARGO, 1952. In: EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 74.16

A principal característica da lavoura municipal era abastecer a cidade de São Paulo. Os dados do poder público local para o período assinalam que a produção da lavoura municipal constituía-se de verduras, legumes e frutas, cuja finalidade

arrobas. Na penúltima colocação, com uma produção mais de nove vezes maior, estava a Zona de Santos e o Litoral Sul com 9.860 arrobas. Em primeiro lugar, encontrava-se a Zona Mogiana com uma produção de 8.850.184 arrobas de café (Fonte: Informações obtidas junto à: CAMARGO, 1952. In: EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 72).

<sup>16</sup> Outras fontes consultadas sobre os dados agrícolas municipais foram: *Atas da Câmara Municipal de Guarulhos 1881-1950*; *Código de Posturas Municipais Decretado pela Câmara Municipal de Guarulhos – 1911*; IBGE, *Sinopse Estatística do Município de Guarulhos – Subsídios para o Estudo da Evolução Política. Alguns Resultados Estatísticos – 1945. Principais Resultados Censitários – 1-LX-1940*, 1948; OLIVEIRA SOBRINHO, “Relatórios Apresentado à Câmara”, 1920, 1928, 1943; “Processos Administrativos Municipais”; jornais municipais do período; e EMPLASA, 2001.

fundamental era o provimento “não só do mercado da Capital, como de suas feiras-livres”. Com entusiasmo, os relatos oficiais municipais destacavam que o município “gozava da primazia de ser o grande abastecedor” da Capital (OLIVEIRA, 1943, p. 10; 1920, p. 8).

Esse tipo de produção agrícola municipal marcou toda a primeira metade do século XX como permite ponderar a documentação aqui estudada. Porém, apesar do entusiasmo com a posição de abastecedor da capital, a importância secundária que ocupava o município no contexto agro-exportador estadual, não agradava o poder público e alguns setores da sociedade local, pois se refletia também em sua posição econômica e política secundária em conjunto com outros municípios não cafeicultores. Os grupos sociais vinculados à Prefeitura de Guarulhos até procuravam incentivar o desenvolvimento de uma agricultura municipal. Contudo, existiam os limites impostos pelo solo, clima e condições topográficas não favoráveis ao plantio do principal produto de exportação: o café.

Em artigo publicado no *Boletim do Rotary Club de Guarulhos – Amizade*, em 1956, com o título “Guarulhos e sua Economia”, Mario Boari Tamassia expressava a frustração com a posição secundária do município nos quadros municipais estadual. Nele o autor apresenta crítica e sarcasticamente as características agrícolas descritas até aqui:

*As tentativas de lavourização eram inúteis. O homem busca sempre terras mais férteis. Estas existiam em todo o hinterland paulista. (...)*

*(...) todo esforço foi inútil. Os poderes públicos lutavam em vão para animar sua economia agrária.(...)*

*Fato pitoresco deu-se, por volta de 1933. Constitui-se em São Paulo um grande partido com apoio governamental, denominado: “Partido da Lavoura”. Em Guarulhos organizou-se a Diretoria Municipal. Era seu Presidente – o Sr. Dr. Orestes dos Santos Correia, homem versado em letras, muito culto, um tanto boêmio, mas que de lavoura nada entendia. Realizando-se, no Teatro Municipal, uma grande Convenção do Partido da Lavoura, Guarulhos fez-se representar pelo Dr. Orestes. Guarulhos devia pronunciar-se à cerca dos magnos problemas agrários. Ao iniciar o seu discurso, o representante de Guarulhos foi logo apupado, com gritos: “Guarulhos só produz*

*formigas saúvas*". E o auditório entrou em tumulto. Toda sorte de legumes ia de encontro ao nosso representante (TAMASSIA, 1956, p. 03-04).

Pela data do artigo, 1956, é possível assinalar que, durante o final do século XIX e toda a primeira metade do XX, Guarulhos realmente não possuiu mesmo como característica na agricultura a produção agrícola para exportação, especialmente a do café, que proporcionou o desenvolvimento sócio-econômico e urbano de muitos municípios paulistas. Ao mesmo tempo, o município também não foi um pólo concentrador das atividades derivadas da produção cafeeira: comércio, industrialização e casas financeiras. Por outro lado, sua posição geográfica não o favorecia como área de cruzamento de transporte da produção da cafeicultura (especialmente do Oeste Paulista), limitando suas possibilidades de obter vantagens comerciais e industriais do transporte e beneficiamento do café (fábrica de sacaria, depósitos).

A produção pecuária também sempre ocupou uma posição secundária no orçamento local. Uma demonstração disso é que o "Matadouro Municipal" foi criado somente a partir da *Lei Municipal n.º 76*, de 15 de Fevereiro de 1928 com uma "matança diária" prevista de 20 bovinos. Comparativamente aos outros municípios que formavam a Zona da Capital, a produção pecuária de Guarulhos sempre ocupou uma posição intermediária na região que também não tinha como sua característica produtiva esse tipo de economia. A pecuária, portanto, não representava também um setor produtivo que oferecesse um desenvolvimento econômico local.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> **Quadro: Produção Pecuária em Guarulhos e nos Municípios da Zona da Capital: 1905, 1920, 1934 e 1940**

1905		1920		1934		1940	
Municípios	Número de Cabeças	Municípios	Número de Cabeças	Municípios	Número de Cabeças	Municípios	Número de Cabeças
Capital	21.606	Capital	38.885	Capital	32.892	Capital	5.375
Santo Amaro	9.907	Cotia	6.427	Itapecerica	18.184	Itapecerica	3.828
Itapecerica	8.286	Guarulhos	4.968	Cotia	17.283	Juqueri	3.351
Cotia	6.694	Itapecerica	4.512	Guarulhos	6.534	Guarulhos	1.662
Guarulhos	6.042	Juqueri	3.635	São Bernardo	5.485	Santo André	1.477
Juqueri	5.428	São Bernardo	2.349	Juqueri	4.893	Cotia	1.141
São Bernardo	3.447	Santo Amaro	1.431	Santo André	-	Santo Amaro	-
Santo André	-	Santo André	-	Santo Amaro	-	São Bernardo	-

Quadro organizado para esta pesquisa a partir de CAMARGO, 1952. In: EMPLASA - Vol. 2, 2001, p.

Entretanto, compreendemos que o município não estava isolado em relação ao “modelo agro-exportador cafeeiro” vigente e a sua passagem para o “modelo voltado para o desenvolvimento do mercado interno”. Pensamos que o desenvolvimento da Capital, como município de maior desenvolvimento urbano naquele contexto, consolidou em Guarulhos uma economia agrícola de função secundária: de abastecimento com sua lavoura. Portanto, à medida que ocorria o desenvolvimento do capital relacionado à cafeicultura, o município recebia seus influxos, desenvolvendo uma lavoura de abastecimento: verduras, legumes e frutas.

Do mesmo modo, sob os influxos do desenvolvimento urbano da capital, consolidou-se no município uma “indústria primária e extrativista” também de abastecimento ao desenvolvimento urbano da capital. Assim, a característica produtiva presente na lavoura local de prover a cidade de São Paulo estava presente nesse tipo de “indústria primária”, principal item da produção industrial municipal.

Com a produção voltada para São Paulo, essa indústria primária produzia tijolos, telhas, cerâmicas e extraía areia, pedregulho, cal, madeira e lenha. Voltando ao primeiro “Relatório Orçamentário” do prefeito José Maurício de Oliveira Sobrinho, em 1920, no capítulo dedicado à descrição do tipo de indústria municipal, observa-se a importância desse setor produtivo para a receita do período:

*A Indústria que predomina no município é a extrativista. A tiragem de lenha, madeiras, carvão, é enorme no município. Inúmeros são os veículos que diariamente se dirigem a Capital, para onde transportam aqueles produtos. De rico que era o Município em matas, vai-se tornando desprovido dela, sentindo-se já a alta do preço daquelas matérias. Será conveniente que a Câmara cogite dos meios de incentivar a replantar as nossas matas por parte dos munícipes.*

(...)

*Funcionaram este ano 27 olarias no município. Entre estas a de Vila Galvão da firma Andrade & Cia Limitada é a vapor e em grande escala. As demais, localizadas à margem direita do rio Tietê exportam seus produtos para a Capital pela via fluvial (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 7).*

Essas características produtivas marcaram a vida econômica e o desenvolvimento urbano e social de Guarulhos por toda a primeira metade do século XX. Uma demonstração disso é que, cerca de vinte e três anos após o “Relatório de 1920”, em 1943, durante outro mandato do prefeito José Maurício, novamente é relatado o seguinte:

*Releva notar que, a par das indústrias discriminadas, trabalharam no Município mais de 38 estabelecimentos empregados na manufatura de telhas e tijolos, cuja produção é quase toda remetida a Capital, sendo que seu valor exportado atingiu a Cr\$2.762.551,650 (OLIVEIRA, 1943, p. 11).*

Apesar do documento acima fazer referência a outras indústrias municipais, o predomínio até os primeiros anos da década de 1950 foi das “indústrias primárias e extrativistas” que cresciam conforme ocorria o desenvolvimento urbano paulistano. Essa análise é perceptível na leitura comparativa dos “Quadros II e III” na seqüência, o primeiro tratando do desenvolvimento industrial de Guarulhos e tendo como fonte a documentação oficial local e o segundo baseado em dados dos “Anuários Estatísticos Estaduais de São Paulo” sobre o crescimento do número de edificações na cidade de São Paulo. Nota-se que o crescimento do número de olarias, portos de extração e cerâmicas acompanhou o crescimento do número de prédios em São Paulo, sendo sempre superior ao das outras indústrias (têxteis, perneiras, galões, estamparias, etc).

**Quadro II**  
**Desenvolvimento Industrial de Guarulhos**  
**1897-1956**

Ano (Fonte)	Indústrias Total	Olarias, Portos de Extração, Pedreiras, Cerâmicas	Indústrias extrativistas vegetal: madeira, lenha e carvão	Outras Indústrias: têxteis, permeiras, galões, estamparias, etc
1897 <sup>a</sup>	05	05	Sem Informação	Sem Informação
1900 <sup>a</sup>	07	07	Sem Informação	Sem Informação
1910 <sup>a-b</sup>	13	13	Sem Informação	Sem Informação
1920 (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 07)	27	27 - "olarias"	Apesar de não fornecer quantidades, o prefeito José Maurício de Oliveira assinalou que era este tipo de indústria que "predominava no município".	Em construção uma fábrica de tecidos na Av. Guarulhos
1928 (OLIVEIRA, 1920, p. 21)	60	53 - "cerâmicas"	Sem Informação	2 - "tecidos"; 1 - "permeiras"; 1 - "galões"; 1 - "estamparia"; 1 - "camisa de meia"; 1 - "meia de esporte" Total = 07
1934 (Ata da Câmara. 9/1/1934)	34	34	Sem Informação	Sem Informação
1943 (OLIVEIRA, 1943, p. 10-11)	70	38 - "estabelecimentos empregados na manufatura de telhas e tijolos"	Sem Informação	32 - o "Relatório" não descreve quais eram essas outras indústrias
1949 <sup>d</sup> (Processo Administrativo, N. 131749, Protocolado em 31/10/1949)	194	160 - "olarias, areia, cal"	Sem Informação	27 - "fábricas"; 07 - "aguardente, fubá, couros, tamancos, cadeiras, chinelos, fios etc" Total = 34
1953 <sup>e</sup> (Processo Administrativo, N. 294653, Protocolado em 21/09/1953)	271	228 - "olarias, pedreiras, extração de pedregulho e areia"	16 - "lenha, carvão, etc"	27 - "metalúrgicas, têxteis, papel, química, etc.
1956 (NORONHA, 1960, p. 105)	430	220 - "olarias"; 40 - "portos extratores de areia e pedregulho" Total = 260	Sem Informação	90 - "grandes indústrias"; 80 - "pequenas fábricas" <sup>f</sup> Total = 170

Este Quadro foi organizado a partir das fontes citadas logo abaixo dos anos listados. É uma versão resumida dos dados que possuímos sobre as olarias e portos de extração. Privilegiamos os anos em que, além dos dados sobre as olarias, encontramos informações sobre outras indústrias.

<sup>a</sup>  *Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões entre 1896-1949.*

<sup>b</sup> O segundo maior valor de arrecadação para receita pública municipal prevista para 1910 era derivado das tarifas sobre as olarias: 1:824\$000. Esse valor assinala a importância das olarias para a economia local. A proposta de arrecadação total para receita prevista em 1910 era de 8:129\$387. O primeiro valor seria de impostos sobre "casas de secos e molhados - 1:850\$000" (*Lei Municipal n.º 11, 1909, p. 4*).

<sup>c</sup> Utilizamos aspas nas terminologias que encontramos junto às fontes quando da descrição da produção em decorrência dos dados aparecerem grafados de forma diferente.

<sup>d</sup> Levantamento atendendo solicitação de 26/10/1949 do "Departamento de Produção Industrial" do governo Estado de São Paulo.

<sup>e</sup> Levantamento atendendo solicitação de 21/09/1953 do *Livro Vermelho dos Telefones - São Paulo: uma publicação de caráter estritamente industrial, comercial e turística.*



**Quadro III**  
**Desenvolvimento do Imposto Predial da Capital**  
**1900, 1910, 1922 e 1926**

Ano	Total de Prédios	Térreos	Assobradados	Um Andar	Mais de Um Andar
1900	22.407	18.507	2.061	1.734	105
1910	32.914	23.854	6.728	2.145	187
1922	64.491	44.904	13.570	5.640	377
1926	83.428	58.748	14.390	9.785	505

Dados organizados a partir do *Anuário Estatístico de São Paulo de 1916, V.2, p. 282.* & *Anuário Estatístico de São Paulo de 1916 a 1926, p. 482-483.*

Comparando os números do quadro anterior com os do seguinte, percebe-se que o crescimento populacional e a expansão industrial paulistana, que conduziram ao crescimento urbano da cidade, expresso em parte pela elevação do número de edifícios “sujeitos” ao imposto predial, precisavam de material para a construção dessas novas edificações, bem com para obras públicas infra-estruturais.<sup>18</sup> Por sua vez, esse constante crescimento do número de prédios, que sugere a “intensificação da atividade da construção civil”, incentivou o consumo e, assim, a produção das olarias, cerâmicas, portos de areia e a extração de madeira existente em Guarulhos.

Cabe observar ainda que, até meados da década de 1950, Guarulhos tinha como sua principal base a indústria oleira e extrativista.<sup>19</sup> Mesmo as outras indústrias que surgiram no município (têxteis, perneiras, galões, estamperia, camisa de meia, meia de

<sup>18</sup> Sobre o assunto, foi importante a leitura de SOMEKH, 1997; GITAHY, M.L.C. & PEREIRA, 2002; SAMPAIO, 2002.

<sup>19</sup> Para efeito de comparação: Guarulhos, em 1943, possuía 32 indústrias distintas das olarias, conforme o “Quadro I”; em 1938, Santo André possuía 72 fábricas; São Caetano do Sul, 69 fábricas; e São Bernardo do Campo, 37 fábricas (AZEVEDO, 1958. In: EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 78). A cidade de São Paulo, já entre 1921-1922, possuía 1.195 fábricas (EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 82).

esporte, aguardente, fubá, couros, tamancos, cadeiras, chinelos), tinham como propósito, além do consumo local, provavelmente o mercado consumidor da capital.

Ainda pelo “Quadro I” apreende-se que as características produtivas presentes no começo do século XX mantiveram-se marcando a economia municipal durante toda primeira metade daquele século e os primeiros anos da década de 1950. Não obstante, vale destacar que, apesar do contínuo crescimento do número de olarias e portos extratores entre 1953-1956, foi significativo o crescimento de outros tipos de indústrias e fábricas naquele curto período.

Aproximadamente em três anos (1953-1956), o número de indústrias diferentes de olarias cresceu mais de seis vezes com a constituição de 143 novos estabelecimentos (de 27 em 1953 para 170 em 1956). Esses números assinalam o início de uma alteração nas bases produtivas, socio-econômicas e urbanas do município, cujas origens estão no final da década de 1940 e início dos anos 50.

Explicação para essa alteração no setor produtivo municipal foi a construção e o posterior funcionamento das Vias Dutra e Fernão Dias nos trechos que cortam Guarulhos. Mas sua força só pode ser plenamente compreendida se ligada ao impulso industrializante de políticas do governo federal, que se acentua nos anos 50. Nas áreas marginais dessas vias no município, foram instaladas indústrias de médio e grande porte, a partir do início dessa década, fato que repercutiu no crescimento populacional da cidade, acarretando mudanças de composição de classes sociais, alterações nos costumes, desenvolvimento de instituições governamentais, do comércio e dos serviços privados, assim como da indústria do tecido e dos equipamentos urbanos.<sup>20</sup>

Contudo, até meados da década de 1950, Guarulhos continuava a ter como principal base de sua economia o extrativismo das riquezas naturais e as olarias, somados à produção da lavoura, cujos resultados voltavam-se para atender o crescente mercado da cidade de São Paulo. Essas características fizeram com que o município fosse descrito como um dos componentes do chamado “cinturão verde ou agrícola” paulistano. Essa denominação era empregada no período para descrever os municípios

---

<sup>20</sup> A Dutra foi inaugurada em 19 de janeiro de 1951 (*Revista Novas da Dutra*, <http://www.novadutra.com.br/resgate.html>, 2001) . A Fernão Dias, segundo os sites do Departamento de Estradas de Rodagem de São Paulo e Minas Gerais (DER-SP e DER-MG), teve “sua inauguração em fins dos anos 50”. ([http://www.der.mg.gov.br/html/mapa\\_site.html](http://www.der.mg.gov.br/html/mapa_site.html) / [http://www.der.sp.gov.br/vder/\\_malha/pedagio.asp](http://www.der.sp.gov.br/vder/_malha/pedagio.asp)).

da região agrícola da Capital cuja produção estava em grande parte voltada para o abastecimento de São Paulo.

Em nossa pesquisa, encontramos essa nomenclatura de “cinturão verde ou agrícola” referindo-se a Guarulhos no *Suplemento Especial da Folha da Manhã*, de 24 a 25 de janeiro de 1954, comemorativo do “IV Centenário de São Paulo”. Tratando do programa de incentivo à produção da região criado pelo “Serviço de Fomento Agropecuário da Capital” (criado pelo *Decreto n.º 21.530, de 1 de julho de 1952*), o texto esclarece que o próprio órgão havia estruturado uma rede de quinze “Casas de Lavoura”, correspondendo aos municípios da área do “cinturão verde” paulistano, entre eles, Guarulhos (In: “O ‘Cinturão Verde’”. *Suplemento Especial da Folha da Manhã*, de 24 a 25 de janeiro de 1954, p. central e 06).<sup>21</sup>

Essa característica produtiva de Guarulhos, como veremos a seguir, interferiu no desenvolvimento urbano e sociocultural municipal, oferecendo ao município, durante toda a primeira metade do século XX, características de uma área componente desse chamado “cinturão verde” e/ou “cinturão agrícola” paulistano, mas com características particularizadas em seu desenvolvimento, a exemplo da forte presença das olarias e das antigas tradições já existentes no município.

### 2.3. SUBÚRBIOS DE SÃO PAULO EM GUARULHOS

Ao classificarmos Guarulhos como componente do “cinturão verde e/ou agrícola” da capital, concordamos em grande parte com a bibliografia sobre o desenvolvimento dos municípios dos arredores de São Paulo.<sup>22</sup> Ressalvamos, porém,

<sup>21</sup> Os outros municípios elencados foram: “Barueri, Capital, Cotia, Franco da Rocha, Guarulhos, Itapeperica da Serra, Mairiporã, Mogi das Cruzes, Piedade, Santo amaro, Santo André, São Bernardo do Campo, Santa Isabel, São Roque e Suzano” (In: “O ‘Cinturão Verde’”. *Suplemento Especial da Folha da Manhã*, de 24 a 25 de janeiro de 1954, p. central e 06).

<sup>22</sup> Sobre o assunto são referenciais as obras de Aroldo de Azevedo (AZEVEDO, 1945, 1961 e 1958), Juergen Richard Langenbuch (LANGENBUCH, 1971 e 1981) e Pasquale Petrone (PETRONE, 1995), entre outros.

que o município, ao constituir-se como região exemplar para o estudo das transformações desses espaços, também se diferenciou dos demais por suas particularidades.

Vale lembrar que discordamos da posição que elabora a história de Guarulhos, abordando o município como um simples “apêndice e prolongamento” de São Paulo, constituindo um município determinado pela localização geográfica e pela topografia local. Defendemos o argumento de que a localização, topografia e a dependência em relação à capital são componentes necessários, mas não suficientes e exclusivos, para o estudo da ação dos diferentes sujeitos na produção, reprodução e semantização das espacialidades, sendo estes processos que constituem e dão sentido aos espaços e, assim, ao município.

A função produtiva auxiliar no desenvolvimento paulistano durante a primeira metade do século XX descrita até aqui se refletiu na constituição e reconstituição social dos espaços municipais. Nesse período, interagiram antigas e novas tradições na conformação territorial, alterando aquelas apresentadas no primeiro capítulo. Manifesta-se desde então um processo dialético, portanto contraditório, de continuidade, incorporação, substituição e hibridização de identidades em Guarulhos, acrescentando novas características à conformação territorial apresentada na primeira parte deste trabalho.<sup>23</sup>

Pelo nosso levantamento, assinalamos que, nas áreas dedicadas à lavoura, foram fortalecidas as características de um universo de sociabilidade semelhantes às descritas como do “modo de vida caipira”.<sup>24</sup> Nas descrições externas a Guarulhos no período,

---

<sup>23</sup> Numa leitura das análises de Antonio Gramsci, compreendemos que há constantes negociações entre sujeitos e incorporações de significados de um segmento social pelo outro. As pessoas não são só receptoras passivas da manipulação das classes dominantes. São sujeitos do processo social, dialogando, negociando e construindo suas vivências e significados em forma de movimento social. Um processo dialético através de trocas e diálogos que, segundo Gramsci, constitui a hegemonia cultural (GRAMSCI, 2002; 1999; 1991). Essa perspectiva aproxima-se também das posturas de autores que permitem pensar a cidade como composta por um conjunto heterogêneo de culturas que interagem e circulam, entre eles: BAKHTIN, 1988 e 1996; BOURDIEU, 1983; CANCLINI, 1995: p. 151; GEERTZ, 1989; THOMPSON, 1981 e 1998; WILLIAMS, 1979.

<sup>24</sup> Utilizamos a terminologia “modo de vida caipira”, no sentido apresentado por autores como Antônio Candido e Donald Pierson. Segundo Candido, “caipira” é “o homem rural tradicional

encontramos caracterizações que, ao classificarem o município como componente do “cinturão verde ou agrícola”, o identificam também como pertencente a um “cinturão caipira” da capital.

Pensamos que, a exemplo do que escreve Antonio Candido em *Os Parceiros do Rio Bonito*, ao diferenciar o sistema produtivo existente nas fazendas em relação aos sítios e chácaras, a produção sitiante em Guarulhos possibilitou o desenvolvimento do que o estudioso denominou como “economia caipira”.<sup>25</sup> Realçamos que no município as bases da produção da lavoura eram os pequenos proprietários agrícolas. Em 1920, o prefeito José Maurício de Oliveira Sobrinho descrevia da seguinte maneira a presença desses pequenos produtores:

*São inúmeras as chácaras de árvores frutíferas e de verduras (...) cujos produtos abastecem os mercados de São Paulo, como demonstra a extraordinária concorrência de pequenos agricultores que no trem das 4:16 da manhã procuram o maior centro de consumo dirigindo-se à Capital (OLIVEIRA, 1920, p. 8).*<sup>26</sup>

---

do sudoeste e porções do centro-oeste, fruto de uma adaptação da herança portuguesa, fortemente misturada com a indígena, às condições físicas e sociais do Novo-Mundo. Nessa linha de formação social e cultural, o caipira se define como um homem rústico de evolução muito lenta, tendo por fórmula de equilíbrio a fusão intensa da cultura portuguesa com a aborigine e conservando a fala, os usos, as técnicas, os cantos, as lendas que a cultura da cidade ia destruindo, alterando essencialmente ou caricaturando. Em compensação, no quadro de sua cultura o caipira pode ser extraordinário.” (CANDIDO, 1979 & <http://www.mundocaipira.com.br/>).

<sup>25</sup> Sobre a “economia caipira”, Candido explica: “[o]s proprietários de fazendas de cana, gado ou, depois, café formavam uma camada permeável às atividades de troca – vendendo, comprando produtos e, deste modo, se ligando ao mercado, cujas alterações sofriam com mais sensibilidade. Os proprietários do tipo sitiante ora seguiam este ritmo, ora se ligavam ao dos cultivadores instáveis, não vendendo, como eles, o produto da sua lavoura senão em escala reduzida e de modo **excepcional**. Esta segunda categoria, de sitiantes, posseiros e agregados, é que define plenamente a economia caipira de subsistência e a vida caracterizada pela sociabilidade dos bairros” (CANDIDO, 1979 & <http://www.mundocaipira.com.br/>).

<sup>26</sup> Cabe lembrar que, em 1943, o Prefeito José Maurício relatava que “em cerca de 1500 propriedades, somente 4” eram “maiores de 500 alqueires, sendo em número de 13000 as maiores de 10 alqueires” (OLIVEIRA, 1943, p. 10-11).

CAIPIRAS  
↓

Além da forma como ocorria a produção da lavoura de Guarulhos, as características do “modo de vida caipira” também podem ser percebidas por toda uma rede de sociabilidade local presente nas festas religiosas e em outras manifestações populares, tais como música, festas, vestimenta, religiosidade, comida - em parte apresentadas no capítulo anterior e que ainda hoje estão presentes nos núcleos mais antigos como Bonsucesso e Cabuçu.

Ernani da Silva Bruno, na década de 1950, contribui com essa caracterização sobre o “modo de vida caipira” no município ao descrever como a presença desses sujeitos de Guarulhos, entre outras localidades, fazia-se sentir na cidade de São Paulo:

*O fato é que o indígena diretamente ou através do mameluco e depois mais diluído no caipira deixaria marcas bastante visíveis em São Paulo ainda no século passado. O caboclo genuíno da Freguesia do Ó ou da Conceição de Guarulhos participava da existência da cidade – já um tanto cosmopolizada – trazendo gêneros de sua roça e os produtos de sua indústria primitiva para vender no mercado paulistano (BRUNO, 1954, p. 49).<sup>27</sup>*

Porém, pensamos que a identificação de Guarulhos como um “município caipira” e/ou pertencente a um “cinturão caipira e agrícola” paulistano ao mesmo tempo que possibilita caracterizar parte de seus espaços, população e a forma como ocorria a produção da lavoura, por outro, engloba de modo generalizante espacialidades e sujeitos que, na primeira metade do século XX, também ofereciam outras características ao município.

Como esclarece Donald Pierson em seus estudos sobre “Cruz das Almas”, realizado na segunda metade da década de 1940 e publicado nos anos de 1950, a terminologia “caipira” sofrera alterações, diferenciando-se de suas origens, “acompanhando a transformação da cidade de São Paulo em uma metrópole”. Pierson

<sup>27</sup> Na Várzea do Carmo, atual região do Parque Dom Pedro em São Paulo, existia até um “‘Mercado Caipira’ ou ‘Mercado dos Caipiras’, onde os moradores das áreas mais distantes – Penha, Nossa Senhora do Ó, Santana, Santo Amaro, Guarulhos, entre outras localidades – vinham vender seus produtos agrícolas, medicinais, artesanais, madeira e outros artefatos para os moradores das regiões mais centrais da Paulicéia” (SANTOS, 2003, p. 101).

legal

explica que a insígnia “caipira” teve sua abrangência ampliada, sendo empregada para descrever “todo habitante de qualquer parte do País fora das cidades maiores”.<sup>28</sup>

Assim, ao classificarmos Guarulhos e sua população como componentes de um “Cinturão Caipira” cabe distinguir as diferenciações internas existentes no município para evitar a impressão de que todos os espaços municipais eram núcleos de sociabilidade do “modo de vida caipira”. A terminologia vale quando relaciona o município como parte do “cinturão verde ou agrícola” paulistano, caracterizando a produção de sua lavoura e indústria primária voltada para a capital. Serve também para caracterizar os antigos núcleos populacionais municipais. No entanto, é limitada quanto à caracterização social e cultural de outros territórios municipais, como os das primeiras olarias, cerâmicas, portos de extração, indústrias têxteis e dos lugares onde foram construídas as estações pertencentes ao *Trawnay* da Cantareira.

Os proprietários e trabalhadores daqueles serviços, pelo menos até a década de 1940, possuíam em grande parte outras tradições e origens socioculturais diferentes das dos bairros agrícolas e de “modos de vida caipira”. Conformaram seus espaços de forma diversa desses, mesmo que a sua produção tivesse a mesma finalidade de abastecer a capital.

De acordo com os “Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões (1896-1949)”, as “Atas da Câmara Municipal” e os depoimentos dos antigos moradores, era expressiva a presença dos imigrantes, principalmente italianos, durante os primeiros anos da primeira metade do século, entre os proprietários e trabalhadores das principais olarias, cerâmicas, portos de extração, comércio e outras indústrias municipais como a “Fábrica de Polainas e Sandálias José Saraceni”, localizada na Vila Augusta. Ali aparecem os nomes das famílias Testai, Romano, Zamataro, Bonanata, De Rício, Faccini, Lombardi, Fanganielo, Vilano, Camisoti, Delbússio, Mandoti, Calegari,

<sup>28</sup> Pierson, numa definição semelhante à apresentada anteriormente por Antonio Candido, esclarece que a denominação caipira, a princípio, era aplicada às pessoas “de origem índia e européia, também misturada, em graus que variam de zona para zona, com o africano. Sua cultura é algo diferente da cultura das cidades maiores, sendo uma das diferenças a de dialeto” (PIERSON, Outubro de 1950, p. 312-313 e PIERSON, março de 1950, p. 33-43). Portanto, tanto a definição de Pierson como a de Candido são diferentes da maneira abrangente como a insígnia “caipira” foi utilizada na primeira metade do século XX e, provavelmente, na definição do “cinturão caipira” paulistano.

GPS  
1/2  
CAIPIRA

Mignela, Fantazini, Martello, Demari, entre outras (*Ata da Câmara Municipal, 03/08/1934 e Livro de Impostos Municipais Sobre Indústria e Profissões*)<sup>29</sup>.

As mesmas fontes assinalam que as outras correntes imigratórias (portugueses, espanhóis, árabes, alemães) e mesmo os brasileiros, até a década de 1940, também se vincularam à produção dessa indústria primária e ao comércio municipal. No entanto, o predomínio era dos italianos e, posteriormente, com uma significativa participação de portugueses. Isso não significa que esses imigrantes não participavam da produção da lavoura local, mas sim que estavam mais presentes naquele tipo de indústria.<sup>30</sup> O quadro IV, a seguir, fortalece a posição sobre o predomínio de italianos entre os trabalhadores e proprietários das indústrias primárias nas primeiras décadas do século XX ao mostrar que os italianos, em 1912, constituíam mais do que a metade da população estrangeira do município.

#### Quadro IV

##### População de Guarulhos Por Nacionalidades 1912

Ano	Total	Brasileiros	Estrangeiros	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Árabes	Japoneses	Alemães	Outras
1912 <sup>a</sup>	7.000	4.950	2.050	1.800	100	75	50	-	-	25

Fonte: PADRE CELESTINO, 1913

Pela nossa pesquisa, apesar de não ser uma atividade exclusiva dos imigrantes italianos, a presença deles nas olarias, cerâmicas, portos de extração e primeiras indústrias têxteis, implica outros elementos na definição territorial municipal, não

<sup>29</sup> Entre os depoimentos que sinalizam a forte presença dos italianos nesses setores e espaços, estão os obtidos entre 1999-2003 de moradores da área central de Guarulhos: MASSAMI KESHI, d.d. (diferentes datas); ÁLVARO MESQUITA, d.d. (diferentes datas); MARIO ANTUNES, d.d. (diferentes datas); DONA DIVA, d.d. (diferentes datas).

<sup>30</sup> Aqui cabe uma ressalva quanto à imigração japonesa. Os imigrantes nipônicos possuíram participação mais expressiva na lavoura, especialmente a partir da década de 1940, segundo os depoimentos dos antigos moradores do município, incluindo o de um dos descendentes desses imigrantes: Massami Keshi (Veja lista dos depoimentos recolhidos).



englobados na sua caracterização como um município de sociabilidade somente “caipira”. Vale salientar que a presença de imigrantes em Guarulhos, especialmente italianos, no final do século XIX e durante toda a primeira metade do XX, estava no contexto do desenvolvimento demográfico paulistano, também constituído em parte por fortes correntes imigratórias europeias.<sup>31</sup>

Assim, a presença italiana em Guarulhos, bem como em São Paulo, relaciona-se ao dinamismo do mercado impulsionado pelo café, mas não significou o desaparecimento dos territórios e tradições de outras parcelas populacionais, mas acrescentou novas sociabilidades na formação do município. Uma demonstração disso é que os núcleos populacionais mais antigos continuaram marcados por tradições culturais e sociais do “modo de vida caipira” e o são ainda na atualidade.

Deste modo, os bairros onde ficavam as primeiras olarias, cerâmicas, portos de extração e as primeiras indústrias têxteis, que passaremos a apresentar a seguir, possuíam características socioculturais e territoriais diversas das que poderiam ser classificadas como exclusivamente “caipira”. Os depoimentos de moradores de Bonsucesso e Cabuçu, dois dos núcleos de “sociabilidade caipira” em Guarulhos, reforçam essa interpretação ao assinalarem a pouca participação, quando não o desconhecimento, em relação as suas tradicionais festas por parte dos moradores dos bairros onde inicialmente ficavam aquelas indústrias primárias. A origem sociocultural e o modo de trabalho daquela parcela da população a levaram a desenvolver uma sociabilidade distinta das tradições e modos de vida caipira.

<sup>31</sup> “(...) a população paulistana, de 1872 a 1895 aumentou em cerca de 103.980, a parcela estrangeira da população cresceu em 68.918 – o que representava mais da metade do crescimento demográfico da cidade. Dentre os estrangeiros, por sua vez, a maioria era de italianos (63,38% - quase 45.000), vindo a seguir os portugueses (21,13% - 15.000), espanhóis (6,76% - 4.800), alemães 93,38% - 2.400), franceses (1,55% - 1.100), austríacos (1,41% - 1.000) e um ‘pequeno número de ingleses, belgas e de suecos’. Portanto, segundo os dados, um crescimento populacional relacionado a um grande número de europeus, especialmente italianos” (SANTOS, 2003, p. 14). Um contexto que fez memorialistas e viajantes, como a escritora italiana Gina Lombroso Ferrero, constatar em 1908: “[o] traço mais saliente da cidade é a sua italianidade. Ouve-se falar o italiano mais em São Paulo que em Turim, em Milão, em Nápoles (...) Vinhos, pães, automóveis, roupas, tecidos, livros, anúncios, tudo é italiano” (SANTOS, 2003, p. 14).

Assim, entre a virada do século XIX e toda a primeira metade do XX, frente às regiões e adjacências das “antigas” lavras, do núcleo central, de Bonsucesso, de Cabuçu, e do “Aldeamento de São Miguel”, os bairros e localidades onde estavam essas indústrias primárias, estabelecimentos comerciais e habitação para os trabalhadores naquele tipo de indústria (espaços assinalados na planta a seguir com a tonalidade amarela) ganharam relevância social e econômica.

Conforme permite inferir a evolução do comércio, negócios e indústrias presente nos “Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões entre 1896-1949”, nas “Atas da Câmara” e nos depoimentos recolhidos, esses lugares corresponderiam hoje às imediações dos atuais bairros Ponte Grande, Porto da Igreja, Várzea do Palácio, parte de Cumbica, e com repercussões na Vila Augusta, Itapegica, Macedo, Fátima, São Roque e no Centro do município.

## Guarulhos Bairros Atuais

2003

Destaque para a região das olarias, cerâmicas, portos de extração e primeiras indústrias na primeira metade do séc. XX – na cor amarela.



Zona Sul	Zona Oeste	Centro	Zona Leste	Zona Norte
01 - Ponte Grande	02 - Itapegica	20 - Centro	24 - Macedo	07 - Picanço
22 - Vila Augusta	03 - Tranquilidade		25 - Fátima	08 - Vila Rio
23 - Porto da Igreja	04 - Jd. Vila Galvão		27 - Cecap	09 - Morros
	05 - Torres Tibagy		28 - São Roque	10 - Cabuçu
	06 - Vila Galvão		29 - Várzea do Palácio	11 - Cabuçu de Cima
	21 - Gopouva		30 - Cumbica	12 - Invernada
			31 - Aeroporto	13 - Taboão
			36 - Água Azul	14 - Bela Vista
			37 - Mato das Cobras	15 - Cocaia
			38 - São João	16 - Monte Carmelo
			39 - Lavras	17 - Bom Clima
			40 - Pres. Dutra	18 - Paraventi
			41 - Pimentas	19 - Maia
			42 - Itaim	26 - Bela Barros
			43 - Água Chata	32 - Bananal
			44 - Aracília	33 - Tanque Grande
			45 - Sadokim	34 - Fortaleza
			46 - Bonsucesso	35 - Capelinha
				47 - Morro Grande

Fonte: A partir da Planta Oficial da Prefeitura Municipal de Guarulhos - Secretaria de Economia e Planejamento - Departamento de Planejamento - Divisão Técnica do SIGeo - PMG.

Visualiza-se na “Planta” e nos dados do Quadro V e Gráfico III a seguir, que os bairros onde ficavam as principais olarias, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, margeavam o Rio Tietê e tinham maior proximidade com o núcleo central da capital, voltando quase toda sua produção para aquele município.

Esses bairros (Ponte Grande, Vila Augusta e Porto da Igreja) corresponderiam em grande parte atualmente à Zona Sul do município. Eram lugares cortados pela antiga “Estrada da Conceição” - um dos principais caminhos ligando São Paulo a outras áreas da região em direção ao Rio de Janeiro (como discutimos no capítulo anterior - veja “Planta de 1960”) que, entretanto, até o final do século XIX eram pontos de passagem, não constituindo núcleos populacionais.

Na primeira metade do século XX, esse caminho localizado entre o atual bairro paulistano da Penha de França e o núcleo central de Guarulhos passou por transformações sócio-espaciais: adensamento populacional, abertura de ruas, iluminação, construção de casas e estabelecimentos comerciais, tornando-se no período, em conjunto com a área central e a Vila Galvão (como discutiremos a seguir), a região onde o poder público priorizou suas intervenções.

Quadro V: Evolução das Olarias, Cerâmicas, Portos de  
Extração em Guarulhos - 1900-1949

BAIRROS E LOCALID ADES	OLARIAS, CERÂMICAS E PORTOS DE EXTRAÇÃO A CADA DEZ ANO					
ZONA SUL	1900	1910	1920	1930	1940	1949
Ponte Grande	07	10	07	05	02	08
Porto da Capelinha	-	01	02	02	-	-
Porto da Igreja	-	-	04	04	07	17
Av. Guarulhos	-	-	-	02	06	15
Telles*	-	-	-	-	01	04
Vau*	-	-	06	01	01	-
Joçara*	-	01	-	-	-	-
Capoeira*	-	-	-	05	-	-
Manos*	-	-	-	01	-	-
Pedreguho*	-	-	-	01	-	-
Matadouro	-	-	-	-	01	-
Várzea	-	-	-	-	-	01
Planalto*	-	-	-	-	-	01
<b>TOTAL</b>	<b>07</b>	<b>12</b>	<b>20</b>	<b>23</b>	<b>18</b>	<b>45</b>
ZONA OESTE	1900	1910	1920	1930	1940	1949
Vila Galvão	-	-	01	-	01	02
Gopoúva	-	-	01	02	-	03
Itapegica	-	-	-	-	-	01
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>02</b>	<b>02</b>	<b>01</b>	<b>06</b>

BAIRROS E LOCALID ADES	OLARIAS, CERÂMICAS E PORTOS DE EXTRAÇÃO A CADA DEZ ANO					
ZONA LESTE	1900	1910	1920	1930	1940	1949
Cocaia	-	-	-	01	01	08
Palácio	-	-	-	-	04	11
Macedo	-	-	-	-	02	17
São Miguel	-	-	-	-	01	03
Bom Sucesso	-	-	-	-	01	07
B. Pimentas	-	-	-	-	-	03
Baquerivu Mirim	-	-	-	-	-	03
Cumbica	-	-	-	-	-	04
Itaim	-	-	-	-	-	05
Monteiro Lobato	-	-	-	-	-	06
Presidente Dutra	-	-	-	-	-	01
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>01</b>	<b>09</b>	<b>68</b>
ZONA NORTE	1900	1910	1920	1930	1940	1949
Morros	-	-	-	01	-	02
Estr. Nazaré	-	-	-	01	01	-
Estrada do Cabuçu	-	-	-	-	03	-
Taboão	-	-	-	-	01	03
Bela Vista	-	-	-	-	-	02
Picanço	-	-	-	-	-	02
Sítio Morros*	-	-	-	-	-	01
Tanquinho	-	-	-	-	-	04
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>02</b>	<b>05</b>	<b>14</b>

Quadros organizados para esta pesquisa a partir dos dados apurados junto aos *Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões entre 1896-1949*

**Gráfico III: Evolução das Olarias, Cerâmicas, Portos de Extração em Guarulhos por Décadas e Zonas (1900, 1910, 1920, 1930, 1940 e 1949)**

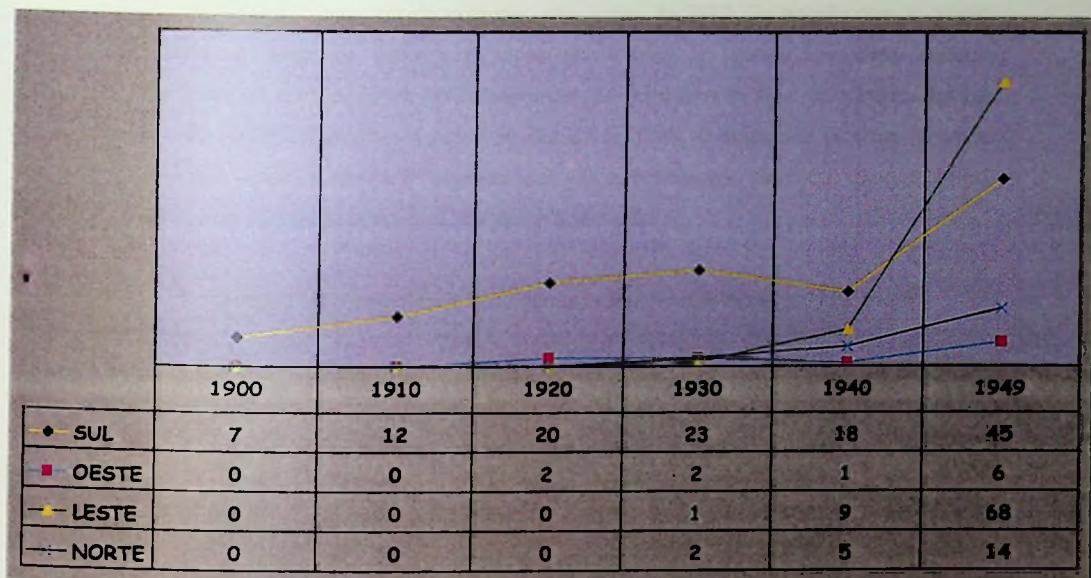


Gráfico organizado para esta pesquisa a partir dos dados apurados junto aos *Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões entre 1896-1949*.

Cabe observar no Quadro e Gráfico acima que também ocorreu a partir da segunda metade da década de 1940 o desenvolvimento de olarias, cerâmicas, portos de extração nos bairros da Zona Leste e Norte, mais distantes da área central de Guarulhos, da Capital e dos bairros iniciais dessas indústrias. Conforme já assinalamos, a partir da segunda metade da década de 1940, essa indústria primária desenvolveu-se em grande parte como uma decorrência da evolução urbana do município sob influxo da construção das Vias Dutra e Fernão Dias, possuindo outras características sociais e econômicas.

Reconhecemos assim duas fases de desenvolvimento dessa indústria primária em Guarulhos. A primeira datada entre o final do século XIX até meados da década de 1940, marcada pela produção na Ponte Grande, Vila Augusta, Porto da Igreja e região, quase toda enviada para São Paulo e com uma forte presença italiana. A outra fase, a partir da segunda metade dos anos 40, com o predomínio desse tipo de indústria na

Portos  
2  
Fases

Zona Norte e, principalmente, Leste do município, vinculada à construção da Dutra e à periferização da população municipal e paulistana, com a participação de outros contingentes populacionais, destacadamente migrantes nordestinos e mineiros.

Os dados populacionais por nacionalidade para 1940 reforçam essa análise, quando comparados com os números para o ano de 1912. De acordo com o quadro abaixo, a presença estrangeira, conseqüentemente a italiana, proporcionalmente diminuiu na composição total da população de Guarulhos no final da primeira metade do século XX. Portanto, a partir da década de 1940, o município incorporou novas características em seu perfil populacional, conseqüentemente, territorial e sociocultural, conforme acompanharemos na seqüência deste trabalho.

Quadro VI – População de Guarulhos Por Nacionalidades 1912-1940<sup>32</sup>

Ano	Total	Brasileiros	Estrangeiros	Italianos	Portugueses	Espanhóis	Árabes	Japoneses	Alemães	Outras
1912 <sup>a</sup>	7.000	4.950	2.050	1.800	100	75	50	-	-	25
1940 <sup>b</sup>	13.439	11.382	2.057	411	618	149	-	433	268	178

<sup>a</sup> 1912 - PADRE CELESTINO, 1913

<sup>b</sup> IBGE, 1948 & (CAMARGO, 1952. In: EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 53).

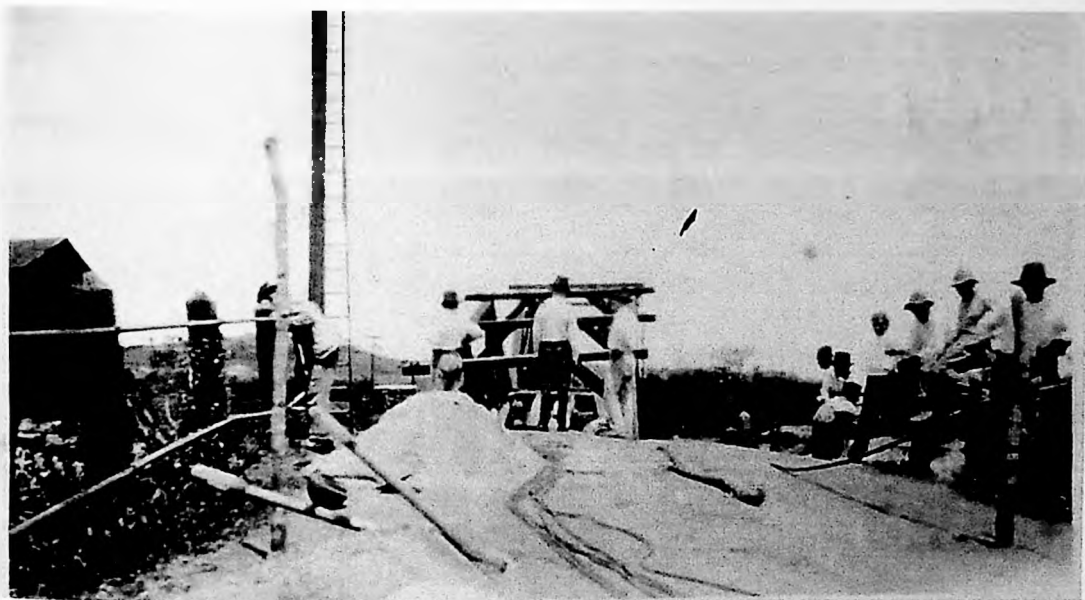
Esses dados populacionais em diálogo com os dos quadros sobre a “Evolução das Olarias, Cerâmicas, Portos de Extração em Guarulhos” permitem reconhecer duas fases do desenvolvimento da indústria primária no município. Porém, também assinalam que, entre o final do século XIX e quase toda a primeira metade do século XX, as regiões que desenvolveram esse tipo de indústria com intensidade, podendo ser classificadas como uma espécie de “subúrbio oleiro” de São Paulo e Guarulhos (portanto, numa posição intermediária entre os dois núcleos), com características

<sup>32</sup> Sobre esses dados, existem desencontros entre seus números. Para o ano de 1940, os dados do IBGE, sem distinguir as nacionalidades, apresentam uma população estrangeira municipal em 2.064 habitantes (IBGE, 1948). Já a EMPLASA informa uma população estrangeira de 2.057 (CAMARGO, 1952. In: EMPLASA – Vol. 2, 2001, p. 53). Estamos considerando os dados sobre a população estrangeira apresentados pela EMPLASA por existir a divisão por nacionalidades.

diferenciadas das áreas agrícolas e de sociabilidade “caipira”, foram mesmo os bairros da Zona Sul do município e suas adjacências: Ponte Grande, Porto da Igreja, Várzea do Palácio, parte de Cumbica, e com repercussões na Vila Augusta, Itapegica, Macedo, Fátima, São Roque e no Centro do município.

A fotografia a seguir é um detalhe de um dos portos de extração de areia em Guarulhos. Apesar da localização ser desconhecida, provavelmente a imagem foi tomada à margem do Rio Tietê. Essa localização explica-se pela data aproximada da foto: década de 1930, segundo anotações no verso da mesma.

**Foto 1 - Porto de Extração de Areia à margem do Rio Tietê**



**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** aproximadamente década de 1930.

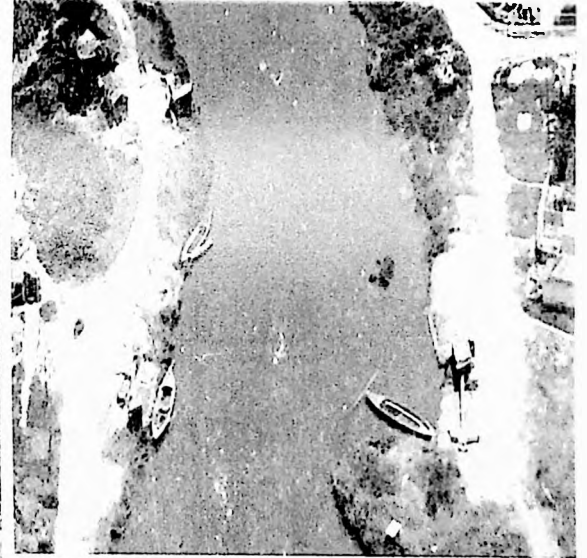
Mario Boari Tamassia, em artigo no *Boletim do Rotary Club de Guarulhos - Amizade*, em 1956, evidencia a relação entre as olarias/oleiros e extratores/portos de extração com o desenvolvimento urbano da região da seguinte forma:

*Há 20 anos (1936) a economia guarulhense não se explicava senão através da produção de tijolos. Lembro-me que meu pai, quase pioneiro no ramo da panificação, assemelhava-se a um habitante egípcio das margens do rio Nilo. O seu bem estar e de sua família se*



*ligavam, estreitamente à maior ou menor enchente do rio Tietê. Quando o rio transbordava em demasia, as olarias paravam de produzir. O pão ficava sobrando nos cestos. E as cadernetas de fiado aumentavam-lhe a aflição.*

Foto 2 - Portos de Extração à margem do Rio Tietê



Vista aérea da divisa de Guarulhos com São Paulo na altura da ponte que passava sobre o Rio Tietê e ligava o município ao bairro paulistano da Penha de França. No lado de cima, à direita aparece o bairro da Ponte Grande e a Avenida Guarulhos em direção à área central do município. Abaixo localiza-se a atual Avenida Gabriela Mistral em direção ao bairro da Penha. A ideia do fotógrafo provavelmente era uma visão geral da área, por volta de 1959. Porém, a imagem em seus detalhes permite apreender o Rio Tietê antes da retificação e suas margens amplamente utilizadas. Em conjunto com outros relatos de antigos moradores e a leitura dos "Livros de Impostos Sobre Indústria e Profissões" ao detalhamos a fotografia verifica-se a presença dos portos de areia, além da utilização do rio por pequenas embarcações. Imagens como essas, quando somadas à outras fontes, possibilita compreender dimensões da dinâmica produtiva e sócio-espacial do município. **Foto:**AHCG. **Data:** por volta de 1959. **Autoria:** Desconhecida.

O desenvolvimento das olarias, cerâmicas, portos de extração acrescentaram novas características territoriais e sociais a essa área de contato com São Paulo. Seu desenvolvimento repercutiu, além dos bairros onde estavam localizadas, também nas suas adjacências através da construção de moradias, de estabelecimentos de comércio e de igrejas.

Apesar de não possuímos dados populacionais por bairros para o período, essa localidade concentrou parcelas significativas da população de Guarulhos na primeira metade do século XX, o que é perceptível pelo expressivo crescimento do comércio na região (“Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões entre 1896-1949” e “Atas da Câmara”), pela construção de Igrejas e Capelas datando do período. Nesse sentido, em 1913, o pároco de Guarulhos, Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo, nos oferece pista sobre o expressivo contingente populacional que habitava essa área, ao narrar o início da construção da Igreja de São Geraldo na Ponte Grande, justificando a edificação por ser “populoso” aquele bairro (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).<sup>33</sup>

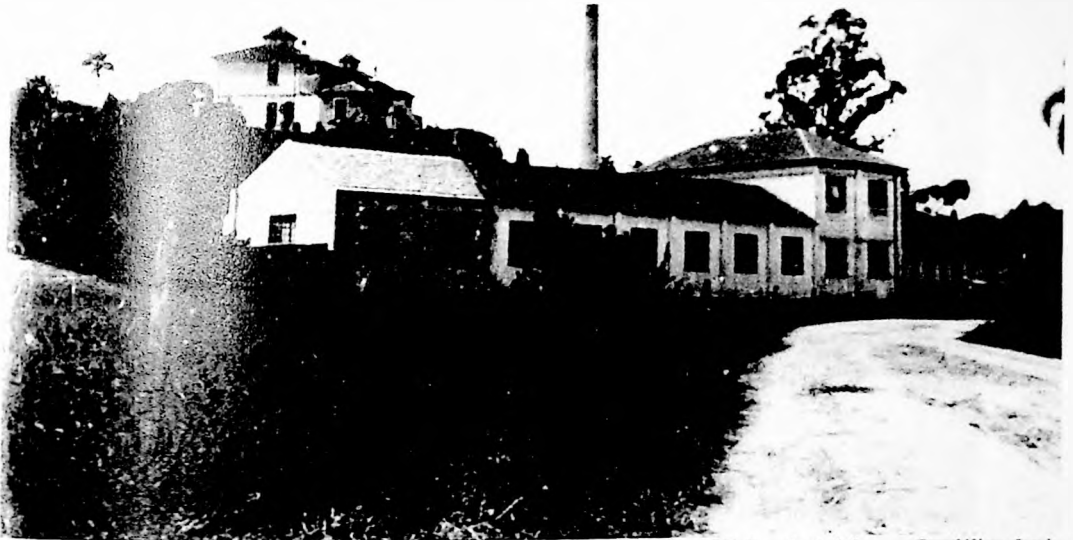
Em conjunto com o núcleo central, foi a área onde também se instalaram as primeiras indústrias não oleiras e extrativistas da cidade, entre elas a pioneira Fábrica de Polainas e Sandálias José Saraceni na Vila Augusta. Essa fábrica, em conjunto com a

→ as indústrias

<sup>33</sup> Até a primeira metade do século XX, não encontramos registros sobre Igrejas, Capelas e Festas religiosas na Zona Sul do município, a exemplo de Bonsucesso e de Cabuçu. Pela nossa pesquisa, apuramos que as construções religiosas mais antigas na região foram edificadas quando do desenvolvimento social e cultural produzido pela indústria primária ali existente. Levantamos os seguintes dados: 1900 – criada a Capela do Bom Jesus no Porto da Igreja; 20/4/1911- Zampoli Ângelo pediu autorização à Câmara para construir a Capela de Santa Cruz na Ponte Grande (*Atas da Câmara* / ROMÃO & NORONHA, 1980 / RANALI, 1986/); 25/5/1913 - início da construção da Capela e depois Igreja de São Geraldo na Ponte Grande, segundo o Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.). Além disso, são pistas do contingente populacional da área a criação de algumas das primeiras paróquias de Guarulhos: São Pedro Apóstolo (V. Galvão) em 1954; São Geraldo (Ponte Grande) em 1957; São Francisco de Assis (Gopoúva) em 1957; Santo Antônio (V. Augusta) em 1960; N. S. de Lourdes (Itapegica) em 1968 (*Dioceses de Guarulhos*, 2003/2004).

Fábrica de Tecidos Carbonel, no núcleo central de Guarulhos, foi construída entre o final da década de 1910 e início dos anos de 1920 (Veja a foto a seguir).<sup>34</sup>

Foto 3 - “Fábrica de Tecidos Carbonel”



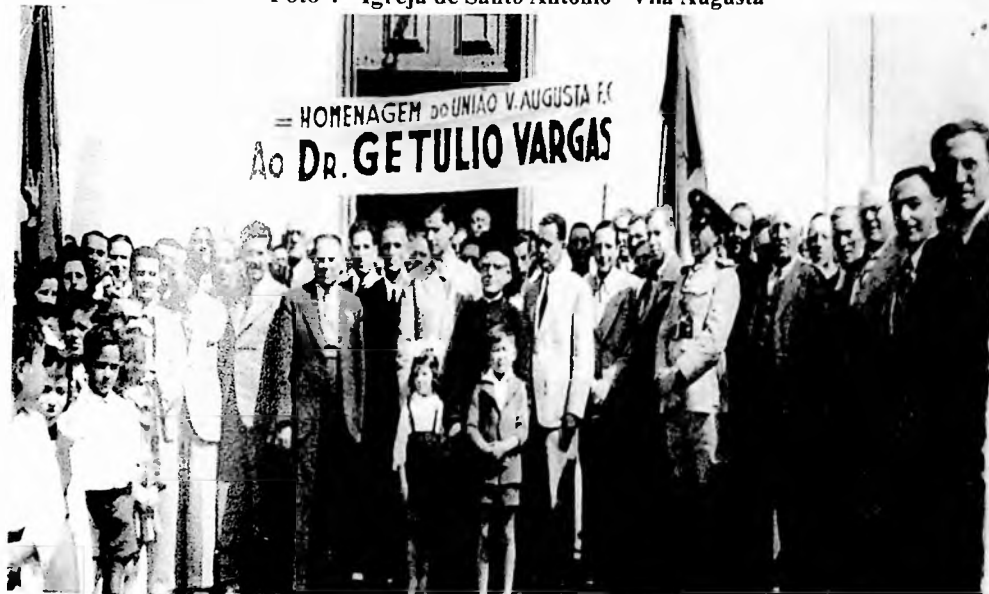
A “Fábrica de Tecidos Carbonel” (área central) que, em conjunto com a “Fábrica de Polainas e Sandálias José Saraceni”, apesar de não serem as bases da economia municipal na primeira metade do século, demonstram a existência de um outro tipo de indústria no município, cuja produção também era voltada para a capital. Atualmente no prédio funciona Escola com mesmo nome da fábrica.

Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: aproximadamente década de 1920/1930.

<sup>34</sup> Sobre a “Fábrica de Polainas e Sandálias José Saraceni”, vale destacar que seu fundador era um imigrante italiano que, após obter sucesso com uma fábrica de couro na Avenida Tiradentes em São Paulo, comprou no fim da década de 1910 uma chácara em Guarulhos no lugar onde atualmente se localiza o bairro da Vila Augusta (atualmente à margem da Via Dutra e próxima ao Shopping Internacional de Guarulhos – antiga fábrica da Olivetti). Segundo Eugênio Saraceni, filho de José Saraceni, em carta publicada pelo jornal “Folha de São Paulo” em quinze de outubro de 1973, a fábrica de seu pai em Guarulhos possuía “uma vila de onze casas modestas, mas confortáveis, que [ele] construiu para residência dos operários e suas famílias, sem cobrança de aluguel, com fornecimento gratuito de luz, água, leite, frutas e verduras. Construiu, inclusive, uma escolinha com duas classes, posteriormente entregues ao município (...)” (*Folha de São Paulo*, 15/10/1973, p. 14).

O poder público priorizou sua atuação nessa área e cercanias que também era a porta de entrada, saída e passagem principal para quem ia e vinha da Capital. Uma espécie de cartão de visita do município, como faz ponderar a foto a seguir.

Foto 4 - Igreja de Santo Antonio - Vila Augusta



Segundo informações que constam do verso da foto, a imagem reúne autoridades municipais (sem identificação) e foi tirada provavelmente na frente da Igreja de Santo Antonio na Vila Augusta, em 1941  
 Fonte: AHCG Autoria: Desconhecida. Data: 1941.

O prefeito José Maurício de Oliveira em 1943 justificava os investimentos na região cortada pela Avenida Guarulhos, da seguinte forma: “É a principal artéria que nos liga à Capital. Transitam por essa via, mas de 1.000 veículos por dia, em transporte de madeira, verduras e legumes para à Capital. (...) De necessidade premente é a sua pavimentação. Para esse fim se destina grande parte da economia que temos realizado em nossa administração” (OLIVEIRA, 1943, p. 14).

Vale frisar que também nesses bairros habitavam aqueles que estavam à frente do poder público municipal. Exemplos disso são José Saraceni, proprietário de uma chácara e da “Fábrica de Polainas e Sandálias”, localizadas na Vila Augusta, nomeado interinamente como prefeito, pelo Secretário da Justiça, de 26/2/1936 a 13/3/1936; Reinaldo Poli, também residente na Vila Augusta, prefeito de 13/12/1953 a 13/12/1957;

José e Heitor Maurício, prefeitos por vários mandatos, e residentes no núcleo central de Guarulhos.

Em oposição a essas melhorias, os antigos núcleos populacionais com forte característica do “modo de vida caipira”, apesar da importância da produção de sua lavoura e de suas tradições, foram colocados em segundo plano nas ações dos que estavam à frente do poder local, entrando numa espécie de isolamento administrativo que criava uma sensação de abandono.

Resulta daí a proposição de que existiam no município duas identidades distintas: uma identidade que se desejava nova de um município que se preparava para a modernização derivada do crescimento paulistano, identidade esta localizada a partir do centro e voltada para a capital e uma outra identidade que se procurava superar por ser bucólica e caipira, como a existente nos núcleos mais antigos e afastados da área central e de São Paulo.<sup>35</sup> Uma identidade suburbana, buscando sua urbanização, e uma outra identidade de sociabilidade caipira e anacrônica. Mario Boari Tamassia, então redator-chefe do jornal *Folha de Guarulhos*, oferece pistas para essa interpretação em artigo publicado em 30 de agosto de 1936:

*É índice incontestável de que dia a dia, as indústrias [o autor refere-se: às indústrias têxteis, olarias, cerâmicas, etc] em nosso município vão se desenvolvendo e, conseqüentemente, centenas de pessoas para aqui acorrem na certeza de encontrar serviço fácil e vida mais barata. Opera-se então a concentração de elementos que são capazes de atrair nova gente para tomar parte em nossa atividade social, cooperando automaticamente para o desenvolvimento da sociedade e permanência de todas as instituições que se intentem.*

<sup>35</sup> A tendência era, por vezes, descrever esses núcleos mais distantes dos centrais como “rústicos”. Esse aspecto aparece nos “Anuários da Seção de Demografia de São Paulo”. Consideravam-se os sujeitos sociais da população desses lugares como sendo de “diminuto cultivo intelectual e mediana educação, afastados como estão do centro (...) das populações cultas”. Apontava-se aquela “gente” como possuindo “menor noção de moralidade (...) por serem povoações distantes dos centros moralizados”; “menor grau de civilidade e moralidade vivendo em lugares, afastados do centro” (*Anuário Estatístico da Secção de Demografia*, 1902, p. 101-102; 1904, p. 12; e 1905, p. 12-13).

*Pode-se dizer que estamos saindo do rol das "cidades mortas", caracterizadas por um povo pacato e que se não se desloca. Entocado sempre nas mesmas casas esburacadas, sem ânimo, sem vida. Já vamo-nos saindo desse rol porque cada dia que passa é mais gente nova que vem ser guarulhense, ao menos pelo interesse comum de melhorar a nossa desventurada terra. Se ainda nos restam algumas reminiscências, essas vão sendo expurgadas (TAMASSIA, 30/08/1936, capa).<sup>36</sup>*

Pelo artigo acima citado, buscava-se a partir das áreas mais próximas da capital e de forte presença dos imigrantes europeus (ou da "gente nova" descrita por Tamassia) atrair investimentos do governo estadual e dos investidores de São Paulo. Para isso, era necessário capacitar o município, demonstrando como se modernizava, apagando e/ou deixando em segundo plano antigas reminiscências dos aldeamentos e do "modo de vida caipira".<sup>37</sup> Portanto, apesar da produção sitiante e da existência de núcleos

<sup>36</sup> Vale destacar que consideramos as análises expressas na *Folha de Guarulhos* representativas da opinião dos principais agentes da política local. Entre os fundadores do jornal e aqueles que publicavam artigos aparecem nomes de vereadores municipais e dos prefeitos: José Maurício de Oliveira, Heitor Maurício de Oliveira, Gentil Bicudo, Guilhermino Rodrigues de Lima, Carlos Panedés, José Saraceni, Alfredo Ferreira Paulino Filho, Zeferino Pires de Freitas. Outro destaque entre os articulistas e fundadores da *Folha de Guarulhos* é a forte presença dos nomes de origens italianas: Tamassi, Montagnani, Montesanto, Poli, Trama, Faccini, Fanganello, Rinaldi, Ferrage, Panunzio, Martello, Brancaleoni, Saraceni (*Folha de Guarulhos*, 10/07/1936, p. 4).

<sup>37</sup> Donald Pierson, em pesquisa realizada em 1950, assinala como na primeira metade do século XX, o termo "caipira" tinha conotações que, provavelmente, não interessavam à caracterização do município àqueles que estavam à frente do poder público em Guarulhos. Explica Pierson: "O termo 'caipira' é usado na zona metropolitana de duas diferentes maneiras: 1) como termo descritivo", o autor refere-se como modo de distinguir o morador da zona rural em relação ao da cidade, "e 2) como termo de desaprovação e mesmo de ridicularização" (PIERSON, Outubro de 1950, p. 312). Contudo, é antiga a conotação negativa do termo "caipira". Saint-Hilaire, em suas viagens, descreve os caipiras da seguinte forma: "(...) nos traços de alguns deles os caracteres da raça americana, seu andar é pesado e eles têm um ar rústico e desajeitado. Os cidadãos têm pouca consideração por eles, designados pelo injurioso apelido de caipiras, que provavelmente se origina da palavra curupira, pela qual os antigos habitantes do país denominavam os

populacionais de sociabilidade “caipira”, essa identidade contrariava a posição de apresentar Guarulhos, preparando-se para acompanhar e atender ao desenvolvimento da metrópole, em decorrência de sua proximidade a ela, de seus recursos naturais e de sua dependência em relação à capital.

Foi no início do século XX, especialmente a partir da década de 1910, que a municipalidade, tendo esses bairros e o centro como base, procurou consolidar a identidade de Guarulhos como um município cujas riquezas naturais, função produtiva e proximidade a São Paulo o tornavam auxiliar e útil ao desenvolvimento da capital, como uma espécie de “município suburbano paulistano”. Foi nessas áreas que o poder público realizou prioritariamente intervenções urbanísticas e administrativas.

#### **2.4. CONSOLIDANDO UMA VOCAÇÃO: “MODERNIZAÇÃO/URBANIZAÇÃO” COMPLEMENTAR OU SUBURBANA**

A prefeitura local, por vezes em combinação com os governos estadual, federal e municipal de São Paulo e a iniciativa privada, chegou mesmo a construir toda uma infra-estrutura para essa função de abastecimento de São Paulo: a partir da década de 1910, o município foi marcado pela introdução da Estrada de Ferro, da energia elétrica, de serviços de águas e esgotos. Ocorrem também pedidos para instalação da rede telefônica ou de licenças para implantação de indústrias, de atividades comerciais e dos serviços de transporte de passageiros, quase todos referidos ao núcleo central e às áreas mais próximas à capital.<sup>38</sup>

---

demônios malfazejos que habitavam as matas. Parece mesmo que este último termo ainda é conservado até hoje sem alteração e sempre com significado injurioso” (SAINT-HILAIRE, 1974, P. 138).

<sup>38</sup> Maria Irene Szmrecsanyi ajuda a compreender esse processo, ressaltando que “os investimentos estrangeiros em serviços públicos ocorreram durante toda a segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século XX. (...) Saneamento básico e fornecimento de água, transportes urbanos ou a grande distância (estradas de ferros e portos), gás e eletricidade constituíram os principais campos de aplicação desses capitais. Transporte e comunicação eram



Em 1928, o prefeito José Maurício de Oliveira, ao relatar de forma otimista o crescimento da instalação de iluminação pública no município, permite perceber o quanto essa “benfeitoria” representava o desenvolvimento do município :

*A The S. Paulo Tramway Light and Power Comp. Ltd. tem sabido com agrado geral desempenhar o contrato efetuado a 26 de fevereiro de 1914 com esta Municipalidade para o fornecimento de força luz pública e partículas. Durante o ano foram aumentadas 13 lâmpadas de iluminação pública.*

*Velha aspiração nossa tem sido propugnar quanto possível pelo desenvolvimento da Avenida Guarulhos, dando incentivos para seu progresso.*

*Entre os fatores principais, necessários ao seu engrandecimento, conta-se como principal a sua iluminação.*

*Sabido é que nessa importante artéria que nos liga à Penha, Capital, na extensão de 7 Kilômetros, 5 pertencem ao nosso município e outros dois ao município da Capital (OLIVEIRA SOBRINHO, 1928, p. 9-10).*

Mapa  
rios

A iluminação elétrica pública, pelas palavras do prefeito, significava o “progresso”, “modernização” e “urbanização” de Guarulhos. Para compreender a importância de aumentar a iluminação pública, importa destacar que o perímetro urbano do município era determinado pelos cem metros além da última benfeitoria pública, tais como água encanada, esgoto, calçamento e também iluminação elétrica.

Segundo explica Heitor Maurício de Oliveira (filho do prefeito José Maurício e nomeado prefeito de 23/5/1945 a 25/3/1947), num artigo publicado em 6 de setembro de

---

requisitos para a expansão das áreas urbanizadas. Capitalista locais, interessados na valorização e abertura de novos assentamentos, freqüentemente ajudavam com a sua influência pessoal as companhias estrangeiras a obter ou renovar concessões” (SZMRECSANYI, 1993, p. 214).

1936 no jornal *Folha de Guarulhos*, a “Lei Orgânica do Município” havia alterado a distinção entre três zonas dentro do município. Eram reconhecidas apenas duas zonas: a urbana e a rural, sendo que a primeira incluía a suburbana (OLIVEIRA, 06/09/1936, capa). Na década de 1930, esse perímetro abrangeria atualmente os bairros: Vila Galvão, Itapegica, Gopoúva, Torres Tibagy, Ponte Grande, Vila Augusta, Centro, Porto da Igreja, Macedo (OLIVEIRA, 06/09/1936, primeira página). Assim, o crescimento da iluminação pública representava o aumento da zona urbana municipal, sinal de “progresso, modernização e urbanização”.<sup>39</sup>

O prefeito José Maurício, em 1943, refere-se da seguinte forma ao assunto: “A iluminação pública da cidade foi aumentada de mais de 26 lâmpadas e mais 4 globos (...) A iluminação geral é de 520 lâmpadas (...) O desenvolvimento e progresso de muitas vias públicas requereria ainda maior número de lâmpadas...” (OLIVEIRA SOBRINHO, 1943, p. 11).

Além da iluminação, outro sinal de evolução era o trem. Desde o final do século XIX, discutia-se na Câmara Municipal a necessidade de a região ser servida por uma estrada de ferro ligando-a à Capital. Aqui também a posição complementar ao desenvolvimento paulistano servia como justificativa para a construção dos ramais da estrada de ferro no município.

As alegações presentes nas “Atas da Câmara” referem-se ao mercado para os recursos naturais da região, para sua lavoura, produção de madeira, pedra ou tijolos, dado o grande número de olarias em funcionamento. De acordo com as “Atas da Câmara”, a implantação de ramais ferroviários em Guarulhos justificava-se porque quase toda a produção municipal estava direcionada à população paulistana ou atendia às crescentes edificações da capital.

Em 04 de fevereiro de 1915, as solicitações se concretizaram com a inauguração do Ramal Guapyra - Guarulhos, do “*Tramway da Cantareira*” (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 10).<sup>40</sup> As Estações implantadas em Guarulhos eram: Vila Galvão,

<sup>39</sup> Cabe realçar que o aumento da área servida pela iluminação pública também servia, conseqüentemente, para elevar a arrecadação de impostos no perímetro urbano do município, tais como imposto predial, do lixo e outras taxas. (OLIVEIRA, 06/09/1936, capa).

<sup>40</sup> Originalmente, a “Estrada de Ferro da Tramway da Cantareira” foi construída em 1893 como um transporte da Companhia de Esgotos Cantareira para levar materiais para a construção da

Torres de Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta, Guarulhos (Centro) e o prolongamento até a Base Área de Cumbica. As fotos a seguir mostram cinco dessas estações da Estrada de Ferro, cujo percurso pode ser visualizado no trecho do mapa do município em 1938, apresentado adiante.

**Foto 5 - Estação da Vila Galvão**



A Estação da Vila Galvão – primeira estação dentro do município de Guarulhos.

**Fonte:** Acervo de Cid Beraldo. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem data

adutora que traria água do reservatório da Cantareira. Segundo Ralph Mennucci Giesbrecht, no *site* “Estações Ferroviárias de São Paulo”, em 1894, “como a estação inicial de embarque para o público, na rua João Teodoro, era considerada longe do centro, prolongaram-se em 1907 os trilhos até o atual Parque Dom Pedro II. Em 1908 iniciou-se a construção do ramal para Guarulhos”. Giesbrecht esclarece que, em 1941, a Estrada “foi incorporada à EoF. Sorocabana (...)”. Em 1964, foi extinto o trecho original e em 31/05/1965, o trecho que sobrou, Areal-Guarulhos, foi suprimido de vez (...)” (“O Trem da Cantareira”. Folha Metropolitana – Edição

história do trem

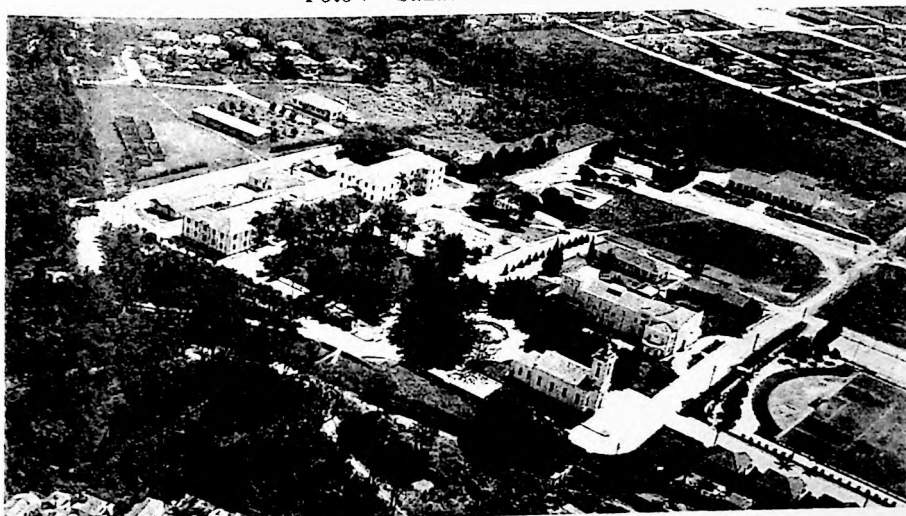
Foto 6 – Estação Gopoúva



Estação Gopoúva. A Estação mais próxima do antigo “Sanatório Padre Bento” (tombado pelo patrimônio municipal – atualmente localizada no bairro Tranquilidade).

**Fonte:** Museu da Cia. Paulista, Jundiaí. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem data.

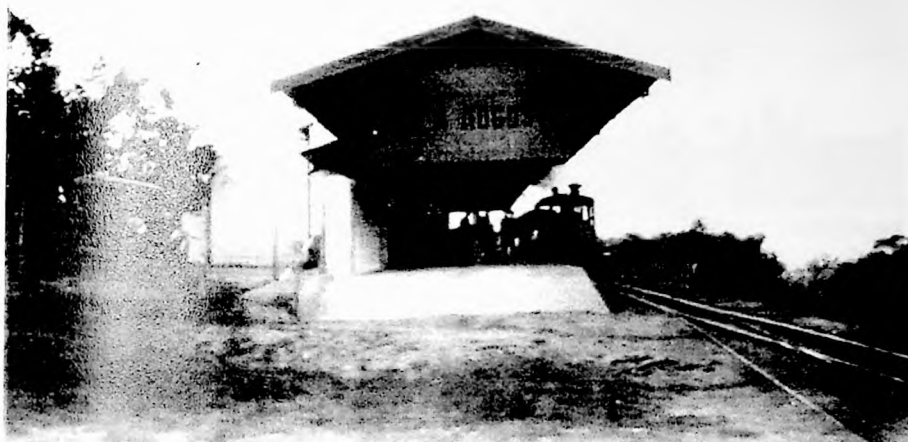
Foto 7 – Sanatório Padre Bento



Inaugurado em 5 de julho de 1931 o “Sanatório” possuía uma colônia de hansenianos. Pertencente ao Governo do Estado, essa colônia ficava em uma área de 20 alqueires e chegou a abrigar na década de 1930 cerca de 600 pessoas entre crianças, adultos e idosos. A colônia era constituída pelo hospital (à esquerda e no alto na foto), casas para os pacientes, residência do diretor, complexo esportivo (com campo de futebol, piscinas, quadra de tênis e pista de corrida), clube social (salão de baile, salão de jogos e sala de cinema – edificação que aparece à esquerda da Igreja na foto). O Sanatório foi extinto na década de 1960 e atualmente funciona como “Complexo Hospitalar Padre Bento de Guarulhos”, administrado pela Secretaria Estadual da Saúde e outra parte pertence a CDHU. (TESTONE, 1999). **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** aproximadamente década de 1950.

Foto 8- Estação da Vila Augusta

Foto 8 – Vila Augusta



Estação localizada num dos bairros mais próximos das primeiras áreas oleiras e de portos extrativistas do município, além de possuir uma forte presença de ferroviários. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Aproximadamente Década de 1930.

Foto 9 – Estação Guarulhos



O núcleo central, como “ponta de linha” (estação “terminal”) reforçou sua característica de entreposto, comércio e sede do poder municipal. A casa do chefe da estação com alterações e uma réplica da antiga estação estão tombadas pelo patrimônio municipal e ficam localizadas atualmente na Praça IV Centenário – centro de Guarulhos. **Fonte:** Carl Heinz Hahmann. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Década de 1940

Foto 10 - Estação Cumbica

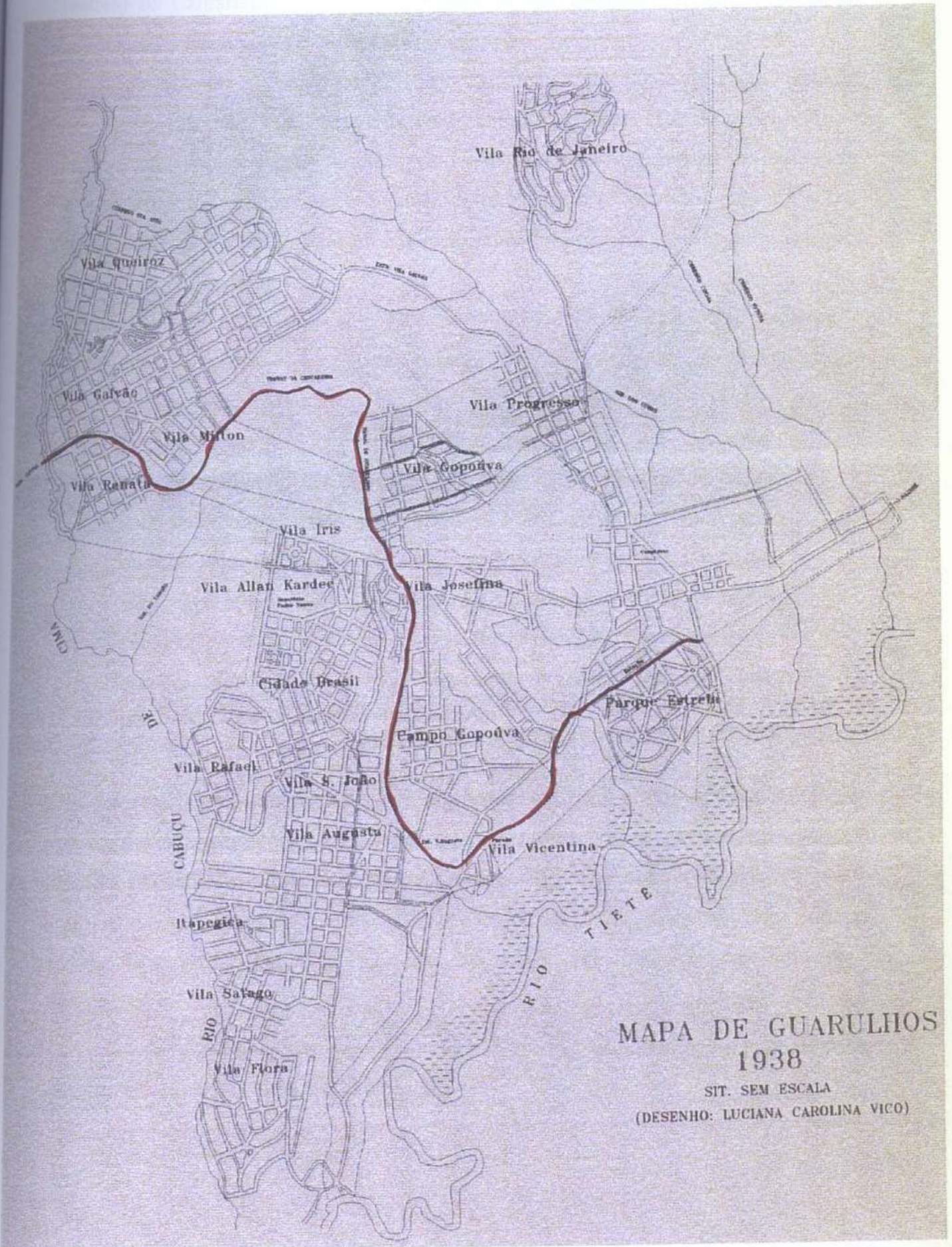


A Estação Cumbica era um prolongamento da Estrada até a Base Aérea. A sede da estação, com alterações, ainda existe sob os cuidados da Base Aérea de Cumbica. **Fonte:** Arquivo do Museu da Cia. Paulista, em Jundiá. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem Data.

Padre Celestino Gomes d'Oliveira Figueiredo, em relatório presente no livro de Tombo da Igreja Matriz, descreve da seguinte forma a importância do trem para o desenvolvimento do município, especialmente para os lugares onde estavam suas estações:

*... neste ramal da Tramway da Cantareira, construído sob a direção do Dr. Torres Tibagy, admiram-se duas importantes obras de artes feitas nesta paróquia: a ponte metálica sobre o rio Cabuçu, com um vão livre de 10 metros, e passagem superior que defronta com a fábrica cerâmica, da Companhia Agrícola e Industrial de Guarulhos. Esta velha e tradicional povoação, até pouco tão isolada na sua silenciosa colina, sente-se reviver, desde que abriu de par em par as suas portas a esse ramal de viação férrea que com a atividades e vida lhe vê trazer o progresso e a civilização ambicionados (PADRE CELESTINO, In: Folha Metropolitana, 08/12/1989, p. 2).*

Trecho do Mapa de Guarulhos em 1938



Na cor vermelha, o percurso da "Estrada de Ferro da Tramway da Cantareira". **Autoria:** Desconhecida.

Além do transporte de passageiros, o trem servia para o embarque para a capital dos produtos da lavoura municipal, das olarias, cerâmicas e portos de extração. O “*Tramway da Cantareira*” possibilitou ao entorno das estações um desenvolvimento como pontos de embarque e desembarque.

Especialmente o núcleo central do município como “ponta de linha” (estação final) experimentou um significativo desenvolvimento. Além de sede do poder político, fortaleceu suas características de entreposto por ser a estação terminal da Estrada de Ferro, onde muitos se dirigiam no sentido de embarcar seus produtos para a Capital. Importa realçar que grande parte do território municipal não foi servido pelas estações da “*Tramway da Cantareira*”.

Em 15 de junho de 1921, José Maurício de Oliveira Sobrinho relatava o desenvolvimento urbano do núcleo central e seus arredores, já prevendo um adensamento populacional na área:

*Nas proximidades da sede do município surgiram também novos bairros: Gopouva, Bela Vista, Macedo, Vila Camargo e Vila Zanardi onde se multiplicam as construções. Entretanto, apesar do grande número de novas casas, o problema da habitação entre nós é de difícil solução, agravado em vista da população paulistana, premida pelas mesmas dificuldades, ter de procurar as cercanias da Capital* (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 10).

A área central de Guarulhos e a região das olarias e portos de extração sob os influxos desse desenvolvimento sofreram alterações urbanísticas conformando sua atual situação. Na sede do município, foi construída a sede da prefeitura (década de 1920), destruída a antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos (1926), novos estabelecimentos comerciais surgiram, houve alargamento das ruas e, principalmente, melhorou-se a iluminação.

As três fotos a seguir demonstram as transformações, ainda que precárias, pelas quais passavam a área central e adjacências.



**Foto 11 – Centro de Guarulhos - Rua Dom Pedro no sentido da Igreja Matriz**



Rua Dom Pedro no sentido da Igreja Matriz. Por volta das décadas de 30/40. Em destaque, a rua principal de Guarulhos ainda sem pavimentação, apesar da presença da iluminação pública. Importa destacar também a presença de alguns veículos motorizados dividindo o espaço com carroças (no alto à direita) e ao fundo o antigo coreto. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1930/1940.

**Foto 12 - Antigo Paço Municipal**



Foto de 15/03/1923 do Antigo Paço Municipal e seu entorno que sofreu alterações a partir da década de 40/50. A construção desse Prédio foi uma das tentativas de valorizar urbana, comercial e politicamente a sede do município. Além de Paço (1948-1958), serviu como Departamento de Educação e Cultura, Biblioteca e IBGE. Atualmente funciona como Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal. O prédio foi tombado pelo Decreto Municipal No. 21.143 de 28/12/2000. **Localização:** esquina das Ruas Felício Marcondes e Sete de Setembro. Segundo informações sem autoria no verso da foto, o Antigo Paço foi construído nos anos de 1920. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 15/03/1923.

Foto 13 – Casa Poli na Rua Dom Pedro II – Centro de Guarulhos



Casa Poli em 1929, fundada em 1916 – uma das principais casas de comércio localizada na esquina da Rua Dom Pedro II (antiga Rua Direita) com a atual Conselheiro Crispiniano na área central de Guarulhos que, por possuir a estação final da “Estrada de Ferro da *Tramway* da Cantareira”, fortaleceu sua posição de entreposto entre os produtores das áreas mais distantes do município que buscava levar seu produtos para a capital. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1929.

O poder público em conjunto com a iniciativa privada atuou sobre a área central, na região das primeiras olarias e das estações ferroviárias, conformando esses espaços para atender o desenvolvimento local em combinação com o da capital. Apesar de não encontrarmos documentos descrevendo a estrutura administrativa da Prefeitura Municipal no período, vale destacar que era precária a estrutura técnica da municipalidade para as intervenções urbanas, precisando contar com o auxílio externo (Governo do Estado e Prefeitura de São Paulo) e particular. A única informação que encontramos relativa a despesas com técnicos públicos municipais para realizarem essas intervenções consta dos “Relatórios” do prefeito José Maurício de Oliveira. No *Relatório de 1928*, o prefeito declara o pagamento mensal em nome de Guilhermino Rodrigues de Lima (também prefeito entre 2/9/1933 a 11/7/1938) como “Engenheiro Municipal”.

Ao mesmo tempo, um bom exemplo de como ocorria a participação particular nas intervenções urbanísticas do município era a maneira como aconteciam os loteamentos municipais. Grupos particulares loteavam grandes extensões de terras com o apoio da prefeitura e, aparentemente, sem sua intervenção. Em 1920, a prefeitura elogiou os loteamentos das áreas próximas à sede do município da seguinte forma: “[p]ara o rápido desenvolvimento desses bairros”, explica o prefeito José Maurício de Oliveira referindo-se às cercanias da sede do município, “muito concorrem a iniciativa dos srs. Dr. Basílio Marcondes Machado, Dr. José Ciampitti, Juvenal Ramos Barbosa, Francisco Antonio de Miranda, Gabriel da Silveira Vasconcelos, que retalharam grandes extensões de terras, procedendo a arruamentos e à venda em lotes com facilidades de pagamentos” (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 10).<sup>41</sup>

Embora alguns desses lugares já existissem, novos bairros surgiram e foi a partir das estações de trem e dos loteamentos particulares que todos ganharam impulso de desenvolvimento, como possibilita perceber a análise a seguir:

*Apesar da falta de comodidade que se verifica na Estrada de Ferro do Tramway da Cantareira, que diariamente nos dá 14 trens, é extraordinário o progresso que essa estrada trouxe ao município não só à sede e seus arredores como também às estações vizinhas. Assim é que por ocasião da inauguração do Ramal da estrada de Ferro da Cantareira a 4 de fevereiro de 1915 eram completamente desabitados os lugares onde hoje florescem e prosperam as estações de Vila Galvão e Vila Augusta, cheias de habitações desde casa operária até os palacetes luxuosos (OLIVEIRA SOBRINHO, 1920, p. 10).<sup>42</sup>*

<sup>41</sup> Como veremos adiante, outro bom exemplo da participação da iniciativa privada na urbanização municipal foi o bairro da Vila Galvão.

<sup>42</sup> De acordo com a definição apresentada por José de Souza Martins: “[n]o subúrbio, mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para moradias operárias, os lotes eram grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano (...) A periferia já é o produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos, todo o reduzido espaço disponível para construção, falta de plantas (...)” (MARTINS, 2001: p. 75).

A configuração desses espaços faz lembrar, mesmo nos dias atuais, características típicas de subúrbios. Alguns dos bairros onde ficavam as estações ferroviárias (entre eles: Vila Galvão, Torres de Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta) ganharam as características de bairros suburbanos com a forte presença de imigrantes entre seus moradores. Vila Galvão é um bom exemplo como a iniciativa privada atuou na constituição de alguns dos territórios de Guarulhos.<sup>43</sup>

No caso desse bairro, além de um lugar de olaria e da estação de trem, há um espaço de passeio e lazer com características tipicamente de subúrbio, como está indicado no relatório de 1920 citado acima. Na Vila Galvão, particularmente, havia uma grande concentração de imigrantes portugueses desde a formação do bairro. O português Gabriel Fontoura Vasconcelos foi o fundador do local e era considerado um de seus maiores proprietários além de dono da única cerâmica ali existente - a Cerâmica de Vila Galvão.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> A participação da iniciativa privada no loteamento, bem como nos serviços urbanos, não foi uma característica isolada de Guarulhos. Guardadas as necessárias diferenciações, Maria Irene Szmrecsanyi esclarece que loteamentos particulares “eram negócios já experimentados em São Paulo com grande sucesso” desde as últimas décadas do século XIX (SZMRECSANYI, 1993, p. 214). Sobre o assunto, lemos também: CAMPOS NETO, 1999; CARLOS, 1994; DEÁK, 1999; FRÚGOLI JR., 2000; GOULART, 1991; GROSTEIN, 1990 e 1987; MARICATO, 1996; MARTINS, 1992; ROLNIK, 1997; SAMPAIO, 1981; SEGAWA, 2000; SOMEKH, 1997; VILLAÇA, 1998.

<sup>44</sup> “O nome de Vila Galvão foi uma homenagem que o fundador quis prestar ao seu tio, o monsenhor Ezequias Galvão, que contribui financeiramente para o êxito do empreendimento” (*Folha Metropolitana*, 08/12/1989, p. 2). A presença da família Vasconcelos na urbanização do bairro foi significativa. A título de exemplo, em 19 de julho de 1936, o jornal *Folha de Guarulhos* anunciava que Francisco Gonzaga de Vasconcelos, principal proprietário na Vila Galvão, iria apresentar à Câmara Municipal projetos de intervenção naquele bairro (*Folha de Guarulhos*, 19/07/1936, p. 2).

Nesse bairro, o surgimento da olaria combinou com o desenvolvimento da linha de trem. Aliás, foi no mesmo ano da instalação da estação do *Tramway* da Cantareira, 1915 (veja foto na sequência), que o engenheiro italiano residente em Guarulhos, José Ciampitti, elaborou a planta de urbanização e loteamento da Vila Galvão.<sup>45</sup>



Foto 14 - Estação da *Tramway* da Cantareira da Vila Galvão.

Em 1935, Cícero Miranda, “capitalista” paulistano, adquiriu parte da propriedade dos Vasconcelos e construiu em torno do lago

No centro da foto (quarto da esquerda para a direita), o Chefe da Estação. **Fonte:** do Acervo Particular de Henrique Domingues. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** década de 30.

da Vila Galvão um parque que na década de 1950 foi doado para a Prefeitura Municipal.

Deste modo, às características anteriores, como as presentes em Bonsucesso e Cabuçu, novas características foram acrescentadas à Guarulhos, sendo elas que definiram a identidade que se desejava para o município. Durante toda a primeira metade do século XX, pelos “relatórios oficiais municipais”, “atas da câmara” e jornais da época, a municipalidade em conjunto com as iniciativas particulares e de outras esferas do poder público priorizou a atuação nas regiões mais próximas à capital nas áreas das indústrias primárias, das estações ferroviárias, no núcleo central do município e suas adjacências.

Lugares com fortes características de subúrbios paulistanos, só que localizados no território de Guarulhos, delimitando seu perímetro urbano, conforme, já em 1936, assinalava Heitor Maurício de Oliveira (prefeito de Guarulhos de 23/5/1945 a

<sup>45</sup> Contudo, o primeiro levantamento da Vila Galvão foi realizado pelo engenheiro Luiz Felipe Gonzaga Campos em 1908 (“Atas da Câmara”, “Livros de Impostos Municipais Sobre Indústrias e Profissões”, “Jornais de Guarulhos” e depoimentos de antigos moradores).

25/3/1947), alertando a prefeitura sobre a necessidade de se ampliar a iluminação elétrica no município para englobar essas áreas na zona urbana:

*Por um dispositivo da Lei Orgânica, o Perímetro Urbano, somente poderá ir cem metros além de onde haja melhoramentos municipais (...) Se a Prefeitura não tomar rápidas providências, estendendo a rede elétrica, ficará prejudicadíssima com este dispositivo. Nos bairros de Vila Galvão, Ponte Grande, Vila Augusta, Gopoiúva, Macedo, etc (onde atualmente passa o perímetro urbano) não poderão ser cobrados os impostos prediais, municipais, do lixo e diversas taxas, pois pela atual lei, sem esses melhoramentos, ficarão constituindo Perímetro Rural (OLIVEIRA, 06/09/1936, primeira página).*

A partir dos territórios inseridos no “perímetro urbano” de Guarulhos, o poder público local buscou consolidar aquela que deveria constituir-se como a identidade de Guarulhos: uma “cidade” que se preparava para acompanhar e auxiliar ao desenvolvimento da metrópole, que se configurava em decorrência dessas proximidade e dependência em relação à capital.

Trata-se de um processo que estamos denominando de urbanização e modernização suburbana. Para isso, como assinalamos até aqui, o poder público local capacitava o município, “modernizando” alguns de seus espaços e removendo ou deixando em segundo plano antigas “reminiscências”, buscando o apoio da prefeitura paulistana, do governo do estado e dos investidores particulares.

Porém, essa situação gerou contradições, entre elas, os antigos núcleos foram deixados em segundo plano nas ações oficiais locais, gerando uma situação de não pertencimento que ainda hoje guarda conseqüências, como assinalamos no primeiro capítulo. Moradores de Bonsucesso e Cabuçu, dois desses antigos núcleos populacionais, queixam-se ainda na atualidade da “pouca” importância atribuída pelo poder público aos seus bairros e suas manifestações socioculturais. (vide depoimentos listados na parte dedicada às fontes do primeiro capítulo).

Ao mesmo tempo, alguns dos núcleos populacionais discutidos neste capítulo, apesar de considerados como partes do perímetro urbano do município na década de 1930, por possuírem um intercâmbio maior com São Paulo, consolidaram suas relações

sociais, culturais e econômicas como subúrbio paulistano e não como subúrbio de Guarulhos.<sup>46</sup> A título de exemplo, dessa situação de conflito identitário, nas décadas de 1940 e 1950, segundo testemunho do comerciante Henrique Domingues, morador na Vila Galvão desde 1938, ocorreu um movimento pleiteando a separação do bairro de Guarulhos e sua integração a São Paulo (DOMINGUES, 01/2003).

Assim, considerada política e administrativamente uma “cidade” composta por uma sede, bairros, zona urbana e rural (IBGE, 1948, p. 03-04), Guarulhos, para esta pesquisa, constituiu-se como um município que, ao procurar auxiliar à metropolização paulistana, desenvolveu em seu território bairros suburbanos de São Paulo, deixando à margem outras identidades. A unidade administrativa que criou a “cidade” não constitui uma unidade identitária durante toda a primeira metade do século XX, apesar da atuação daqueles à frente do poder público local priorizar suas ações nos bairros considerados exemplares da identidade de “cidade” desejada.

Pensamos assim que a oposição do poder público local em administrar o município como um território auxiliar, preparando para acompanhar e atender aos interesses da metropolização paulistana inibiu a constituição de Guarulhos como uma “cidade” capaz de reconhecer seus diferentes núcleos e sociabilidades na construção de sua identidade. As áreas aqui descritas neste capítulo, incluindo o próprio núcleo central do município, eram cercanias suburbanas da “cidade” de São Paulo, não partes de uma “cidade” chamada Guarulhos.

Vila Galvão  
SP

Remissão

<sup>46</sup> De acordo com o Dicionário Aurélio: subúrbio . [Do lat. *suburbium*.] S. m. 1. Cercanias de cidade ou de outra povoação. [Cf. *suburgo*.] (*Dicionário Aurélio*, 1994/1995, p. 615).



**CAPÍTULO III**

**METROPOLIZAÇÃO**

**E**

**PERIFERIZAÇÃO**



### 3.1. Os “Clarins do Progresso”:

#### Base Aérea, Vias Dutra, Fernão Dias e Industrialização

No dia 19 de janeiro de 1951, o Presidente Eurico Gaspar Dutra inaugurava a “nova” Estrada de Rodagem entre o Rio de Janeiro e São Paulo, que recebeu seu nome: a Via Dutra. Ao findar da mesma década de 1950, era implantada pelo presidente Juscelino Kubitschek a Rodovia Fernão Dias, ligando São Paulo e Minas Gerais.

Via  
Dutra  
Fernão

Essas duas vias passam pelo município de Guarulhos, que já possuía, porém, em seu território outro espaço resultante da intervenção federal e cuja utilização ultrapassava a área administrativa municipal: a Base Aérea de São Paulo, a BASP, fundada em 26 de janeiro de 1945. Localizada em Cumbica e de propriedade do Ministério da Aeronáutica, a Base foi estrategicamente construída próxima de onde já se iniciavam as obras da Dutra, ocupando no período de sua inauguração uma extensão de 9.572.600m<sup>2</sup>.

Posteriormente, em 1980, a partir dessa área foram iniciadas as obras da construção do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (AISP/GRU), sendo desapropriados no período mais 4.000.000m<sup>2</sup> pelo Governo do Estado. Entretanto, além da finalidade militar, antes mesmo da construção do Aeroporto Internacional (AISP/GRU), a Base já apresentava a função de “aeroporto comercial de emergência”, sem ainda configurar-se como um dos principais entrepostos de transporte de passageiros e cargas do estado.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A relação entre a construção da BASP e as obras da Dutra apóia-se no *Relatório da Prefeitura Municipal Apresentado à Gabriel Monteiro da Silva, Diretor Geral do Dep. das Municipalidades, em 1943, pelo Prefeito José Mauricio de Oliveira*, p. 22. Cabe ressaltar que a BASP com a construção da Dutra a ma distância de 28 Km do centro de São Paulo e 8 Km do centro de Guarulhos. O “papel de aeroporto comercial de emergência” é indicado pelo periódico *Visão*, edição do dia 24 de junho de 1960, em matéria-entrevista com o Prefeito Fioravante Iervolino (*Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46). Em abril daquele mesmo ano, de acordo com o jornal *Tribuna de Guarulhos*, enquanto Congonhas estava em reformas, operaram na base em Cumbica os aviões “Caravelle” e “Comet” das linhas internacionais de passageiros. Segundo a matéria a pista da Base Aérea, maior (2.300 metros) do que a de Congonhas (1.800 metros), em “virtude da margem de segurança para aterrar” já era utilizada em caráter precário pelos “aviões Comet 4” (*Tribuna de Guarulhos*, 15 de janeiro de 1960, p. 5). Antes da criação da BASP, na

Rinaldo Poli, prefeito eleito para o exercício de 13 de dezembro de 1953 a 13 de dezembro de 1957, cuja gestão, segundo a imprensa local, inaugurou a “era industrial” no município, classificou a Dutra como “a clarinada que acordou Guarulhos” (POLI, Rinaldo, 08/12/1982, p. 6). Segundo o prefeito, essa rodovia produziu a industrialização do município, o que permitiu o seu desenvolvimento econômico, populacional, urbano e administrativo.<sup>2</sup>

De fato, como é possível acompanhar nos “Mapas de Localização Industrial e de Expansão Urbana em Guarulhos”, expostos a seguir, das duas rodovias que passam pelo município, a Dutra atraiu, a partir de suas marginais, um desenvolvimento industrial e urbano de maior alcance territorial. Mesmo porque, paralela ao percurso da antiga “Estrada Geral”, conforme o “Mapa de 1960” (no primeiro capítulo), a Dutra, comparativamente à Fernão Dias, corta o território municipal mais extensamente - 19 Km (*Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46). Além disso, estrategicamente liga São Paulo ao Rio de Janeiro, integrando diversos municípios da área metropolitana paulistana e do Vale do Paraíba. Um verdadeiro corredor de “integração desenvolvimentista”, tendo São Paulo como núcleo central.<sup>3</sup>

---

área funcionou também o Clube Paulista de Planadores e em 1940 a empresa proprietária daquelas terras – Empresa Agrícola Mavilis Ltda, pertencente às famílias Guinle e Samuel Ribeiro, dou os 9.572.600m<sup>2</sup> para a instalação da BASP (AISP/GRU, 2000; NORONHA, 1960; *Folha Metropolitana*, 1980, p. 3)

<sup>2</sup> Rinaldo Poli foi o primeiro prefeito de Guarulhos eleito após a “Revolução de 1930”. Segundo depoimento de seu irmão Primo Poli (POLI, Primo, 7 e 8 de dezembro de 2002, p. 29) e a imprensa local, Rinaldo como prefeito buscou atrair as indústrias para Guarulhos. Interessa assinalar que candidato pelo PSD (Partido Social Democrático) Rinaldo Poli derrotou os candidatos locais apoiados por “Jânio Quadros e Adhemar de Barros”. Interessa destacar que o partido do prefeito Poli, em 1945, formou a coligação PTB-PSD que elegeu o Presidente Dutra. Essa mesma composição partidária posteriormente elegeu Juscelino Kubitschek em 1955 derrotando a UDN (União Democrática Nacional). Acerca dos embates políticos quanto aos modelos econômicos de desenvolvimento adotados, foram referenciais: BENEVIDES, 1976; BIELSCHOWSKY, 1988; CANO, 1998; CARDOSO e FALETO, 1970; FIORI, 1992; IANNI, 1994; MARICATO, 1996; MARTINS, 2001; MOREIRA, s/d; REIS, mar.- abr. 1996, jan.- fev. 1996 e, set.- out, 1995; RODRÍGUEZ, dez. 1986; SKIDMORE, 1979; WEFFORT, 1989.

<sup>3</sup> Maria Irene Szmrecsanyi comprando São Paulo e Rio e tendências de cornubação entre elas, chega a descrever a Dutra da seguinte forma: “As cidades se unem como pólos de uma ampola e

Os dados apurados por nós e apresentados no capítulo anterior dão conta que, a partir da instalação e funcionamento da Dutra, na primeira metade da década de 1950, entre 1953 e 1956, o número de indústrias cresceu mais de seis vezes, aumentando o número de novos estabelecimentos de 27 em 1953 para 170 em 1956 (veja-se o “Quadro II: Desenvolvimento Industrial de Guarulhos: 1897-1956”, no primeiro capítulo deste trabalho).

Em 1956, impulsionada por esses números e interessada em atrair mais indústrias, a administração municipal, em colaboração com as indústrias e com o comércio local, organizou a “1.ª Exposição da Indústria Guarulhense” no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Além dos estabelecimentos de proprietários locais, a exposição contava com a participação e colaboração das empresas recém-chegadas e, em alguns casos, daquelas ainda em instalação. Entre outras indústrias, compareceram:

*Asea Elétrica S.A. (transformadores elétricos); Pfizer Corporation do Brasil S.A. (produtos químicos); Olivetti Industrial S.A. (máquinas de escrever); Microlite do Brasil S.A. Com e Ind. (indústria eletroquímica de pilhas e baterias); Fábrica Dental Suprema Ltda (cadeiras odontológicas, estantes, porta-resíduos, armários semi-aço, mochos); Técnica Industrial Elétrica Ltda; Indústria Metalúrgica Stella Ltda (metalurgia); Metalúrgica Kosmos S.A. (metalurgia); Abrasivos Irmãos Meyer S.A. - Indústria e Comércio; IPSA S.A. Indústria de Papel (papel); Aço Inoxidável Fabril Guarulhos S.A.; Indústria de Couros Atlântica S.A. (produtos do couro, cola, tintas e vernizes para cortumes); Fábrica de Casimiras Adamastor S.A. (fiação de lã); Têxtil Beru S.A. (tecelagem); Toddy do Brasil (produtos alimentícios); Companhia Cervejaria Rio Claro S.A. - “Caracu”; Fábrica de Cigarros Sudan S.A. (Listagem organizada para esta pesquisa a partir das seguintes fontes: Amizade, abril de 1956, p. 6; Folha Metropolitana, 8 de dezembro de 1981;*

---

densa região urbanizada que incorpora a estratégica área industrializada do Vale do Paraíba, a ponto de a Via Dutra se constituir hoje quase numa avenida de fundo de vale, tal a intensidade de seu trânsito dia e noite”(SZMRECSANYI, 1993, p. 218).

NORONHA, 1960; POLI, Rinaldo, 8 de dezembro de 1982, p. 6; POLI, Primo, 7 e 8 de dezembro, 2002, p. 29; *Tribuna de Guarulhos*, 15 de janeiro de 1960, primeira página; *Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46).<sup>4</sup>

Grande parte dessas indústrias foi construída nas marginais e adjacências das instalações federais no município, especialmente da Via Dutra. Assim, conforme os mapas a seguir, somados à lista das indústrias e firmas que se instalaram em Guarulhos, bem como aos dados demográficos e às fotografias que discutiremos adiante, podemos afirmar que, realmente a partir da década de 1950, após a instalação da Base Aérea em Cumbica e a inauguração das Rodovias Fernão Dias e, principalmente, Dutra, foram alojadas em Guarulhos indústrias de pequeno, médio e grande porte. A partir de então, tendo principalmente as marginais e proximidades da Dutra como fulcro dinâmico, produziram-se no território municipal significativas transformações na textura urbana, na organização político-administrativa, no comércio, nos serviços e na composição social.

---

<sup>4</sup> Segundo o *Boletim do Rotary Club de Guarulhos – Amizade* de abril de 1956, além das indústrias citadas, também participaram da exposição intitulada como “1a. Feira de Amostras das Classes Produtoras de Guarulhos”, localizada no Pavilhão das Nações, as seguintes “firmas” vinculadas ao comércio, transporte, finanças e outras que não conseguimos localizar a atividade: “Cia. Importadora e Industrial “Dox”; Transportes Pasqualino; Mercantil e Industrial Toni Ltda; F. Sargentini; Oliveira & Pompêo Zuber Ltda; Empresa de ônibus Guarulhos Ltda; Irmãos Délla Ltda; Banco do Trabalho Ítalo-Brasileiro; Banco Popular do Brasil; Jon Tocos Reawsk; Ester Crute & Cia Ltda; A. Aguzzo & Cia Ltda; Ernesto Saler & Cia; Prefeitura Municipal” (*Amizade*, abril de 1956, p. 6).

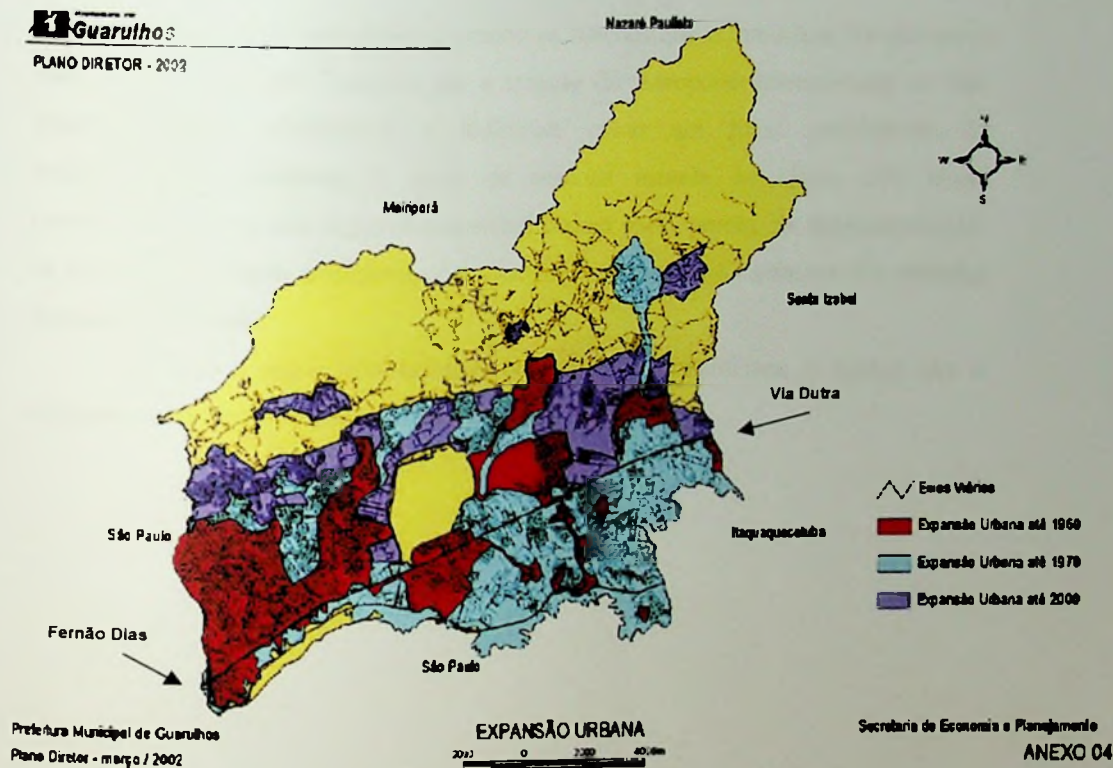
**Mapa de Localização Industrial**  
**Guarulhos**



Fonte: Sistema de Informações Georreferenciais da Prefeitura Municipal (SIGe0/PMG).

O “Mapa de Localização Industrial de Guarulhos”, ao apresentar as principais áreas industriais do município (em amarelo), consolidadas a partir da década de 1950, permite visualizar a proximidade das indústrias com a Rodovia Fernão Dias (zona sul e oeste do município), a Base Área em Cumbica (zona leste) e, especialmente, as marginais da Via Dutra (zona oeste, sul, centro e leste).

Do mesmo modo, conforme o "Mapa da Expansão Urbana" a seguir, é possível dimensionar a a expansão da urbanização de Guarulhos e como ela acompanhou, neles se apoiando, a acompanhando e apoiando-se na instalação e funcionamento das intervenções federais. Novamente é perceptível a expressiva área de influência exercida pela Dutra.



Ainda conforme a evolução da mancha urbana no mapa, a urbanização do município, até 1960 (cor vermelha) e principalmente entre aquela década e a de 1970 (cor azul clara), acompanhou as rodovias e o desenvolvimento industrial rumo à zona leste municipal. Após a década de 1970, os efeitos desse processo, como a procura por moradia, dirigiram-se à zona norte do município.

*áreas frágeis etc e tal*

Desse modo, as repercussões urbanas das intervenções federais no município e do desenvolvimento industrial foram diferenciadas em sua extensão territorial. Antes, porém, de prosseguirmos na análise das influências dessa urbanização industrializante na produção, reprodução e semantização das espacialidades e identidades municipais, vale salientar que esse quadro se inseriu no processo de metropolização paulistana, sendo fundamental, ao nosso ver, consideramos suas determinações sobre a dinâmica urbana de Guarulhos.<sup>5</sup>

As rodovias ali instaladas e mesmo as funções que o município foi ganhando com a Base Área em Cumbica até a criação do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (AISP/GRU) o definiram como um lócus privilegiado da industrialização paulistana a partir da segunda metade do século XX. Essas intervenções de impacto regional e nacional faziam parte, porém, do desenvolvimento da área metropolitana paulistana, que, por sua vez, recebia os influxos dos modelos econômicos federais.

As fotos a seguir dimensionam bem, além da arquitetura, o espaço que o conjunto dessas indústrias no município ocupou.

---

<sup>5</sup> Estamos utilizando a palavra metropolização concordando com a definição apresentada por Nestor Goulart Reis: "a metropolização é um processo social característico do mundo contemporâneo, segundo o qual um conjunto de aglomerações urbanas desenvolve entre si

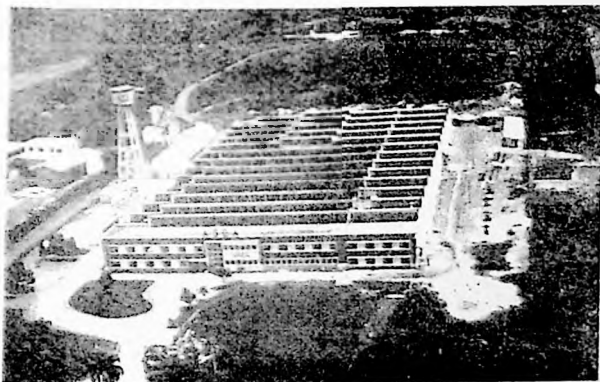
Foto 1 - "Nova Zona Industrial"



Aparece na imagem a área dedicada no período à instalação do "novo" parque industrial de Guarulhos, provavelmente localizado nas imediações da atual Avenida Monteiro Lobato. Na imagem, a chaminé da Fábrica de Casimiras Adamastor S.A

**Fonte:** NORONHA, 1960.  
**Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1960.

Foto 2 - Asea Elétrica S.A.



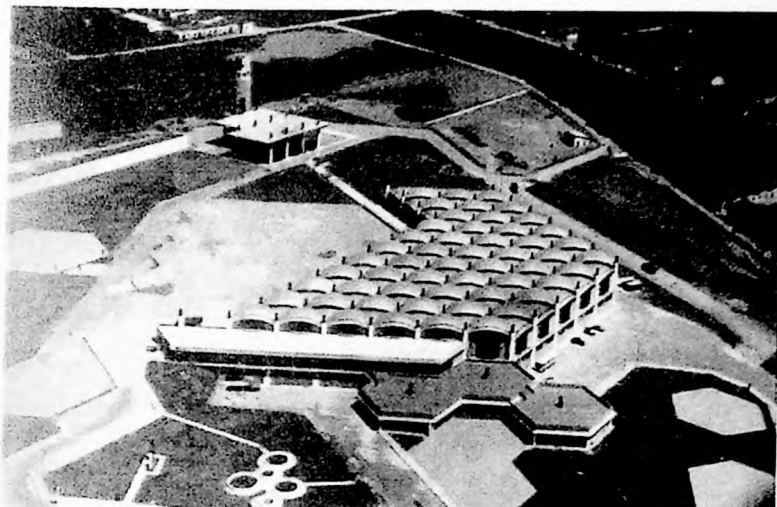
A Asea Elétrica S/ A teve início no ano de 1883, na Suécia, empresa comparável à General Electric, dos Estados Unidos ou à Siemens, da Alemanha. No ano de 1953, resolveu instalar-se no Brasil, escolhendo Guarulhos como sede, mais precisamente na avenida Monteiro Lobato, em frente à Capela de São Roque. O terreno então ocupava uma área de 100.000 m<sup>2</sup> com área construída de 10.000 m<sup>2</sup>.  
**Fonte:** Acervo Particular de Massami Keshi.  
**Autoria:** Massami Keshi.  
**Data:** 1960.

---

relações tais que passam a constituir um sistema, cuja significação para a sociedade é maior do que a simples soma de suas partes"(REIS, mar.- abr. 1996. p. 15).



**Foto 3 - Olivetti Industrial S.A.**



**Fonte:** NORONHA, 1960. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1960.

**Foto 4 - Microlite do Brasil S.A. Com e Ind.**



**Fonte:** NORONHA, 1960. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** 1960.

Ainda em 29 de março de 1967, o governador do Estado, Roberto Costa de Abreu Sodré, além dos grupos sociais e econômicos a ele vinculados, atentos à metropolização que também atingia outros municípios da região, buscando atuar sobre esse processo, estabelecia a criação da “área metropolitana paulistana”, incluindo Guarulhos. Segundo o texto do *Decreto Estadual n.º 47.863*, o Governo do Estado criava o “Conselho de Desenvolvimento da Grande São Paulo, do Grupo Executivo da Grande São Paulo - GEGRAN”, com a justificativa de considerar necessário, além da constituição da infra-estrutura econômica e administrativa, um maior controle estatal sobre o desenvolvimento da “Grande São Paulo”, “*fundamental ao progresso do País*” (*Decreto Estadual n.º 47.863 de 29 de março de 1967*).<sup>6</sup>

O GEGRAN deu início à discussão da criação do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI), pronto em 1971. O PMDI buscava “planejar o desenvolvimento metropolitano, coordenar os investimentos estaduais (...) e propor a implantação de entidades” para solucionar os “problemas metropolitanos”. Esse Plano Metropolitano, partindo do Governo do Estado, foi elaborado contando com empresas

---

<sup>6</sup>Pelo *Decreto Estadual n.º 47.863*, a área metropolitana de São Paulo, compreenderia 33 municípios, entre eles Guarulhos. O *Decreto Estadual n.º 48.163* de 3 de julho de 1967 redefine a área metropolitana, incluindo, além dos municípios criados pelo *Decreto n.º 47.863*, os de Biritiba-Mirim, Guararema, Jquitiba, Salesópolis e Santa Isabel. Por sua vez, a criação da Região Metropolitana da Grande São Paulo ocorreu por *Lei Complementar Federal n.º 14*, de 8 de junho de 1973 e por *Lei Complementar Estadual n.º 94*, de 29 de maio de 1974. Inicialmente a Região foi formada por 37 municípios, posteriormente 39, com o desmembramento por emancipação de dois dos municípios iniciais. Atualmente são os seguintes os municípios da Região Metropolitana da Grande São Paulo: Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Cajamar, Caieiras, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapevi, Itaquaquecetuba, Itapeverica da Serra, Jandira, Jquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista (Emplasa, <http://www.emplasa.sp.gov.br/>, 18 de novembro de 2003).

de planejamento como "ASPLAN, GPI, Neves & Paoliello e com a colaboração da SOTEPLAN E PADCO, de origem americana".<sup>7</sup>

Guarulhos ocupava uma posição estratégica nas orientações do PMDI. De acordo com Juliana Morais Tessarollo, na parte dedicada à estrutura urbana (controle do uso do solo) o Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado recomendava:

*desestimular a expansão urbana na direção sul e sudoeste, reorientando-a especialmente em direção a leste (Mogi das Cruzes) e nordeste (Guarulhos); estimular o desenvolvimento de novos centros de atividades terciárias em corredores ao longo do sistema ferroviário, capazes de absorver a expansão do setor terciário na metrópole e de viabilizar o sistema de transporte rápido de massas e com pontos focais nas regiões de Osasco, Santo Amaro, ABC, Mogi, Itaquaquecetuba e Guarulhos* (TESSAROLLO, 1973, p. 44).

Assim, este trabalho parte do princípio de que a evolução urbano-industrial de Guarulhos, a partir da década de 1940, ocorreu sob os influxos econômicos e político-administrativos da constituição da área metropolitana paulistana, sob os quais "as áreas edificadas ou transformadas funcionalmente" tenderam "a acompanhar em linhas gerais os principais troncos da rede de transportes e comunicações". Apesar de estudarmos as características particularizadas de Guarulhos, concordamos com Nestor Goulart Reis, quando ele afirma que, "em sentido social e físico, a metropolização não é um fenômeno de âmbito local, mas regional" que provocou simultaneamente centralização e descentralização (REIS, mar.- abr. 1996. p. 16).

<sup>7</sup> Segundo Juliana Morais Tessarollo, para contratar essas firmas o governo "contou com o financiamento de CR 3.000.000,00 do Serviço Federal de Habitação e urbanismo". O PMDI baseou-se ainda no PUB - Plano Urbanístico Básico - criado para a capital em 1968 e no Relatório Lebre/SAGMACS de 1957. De acordo com Tessarollo, é do período também o PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, de 1971 (TESSAROLLO, 1973, p. 43).

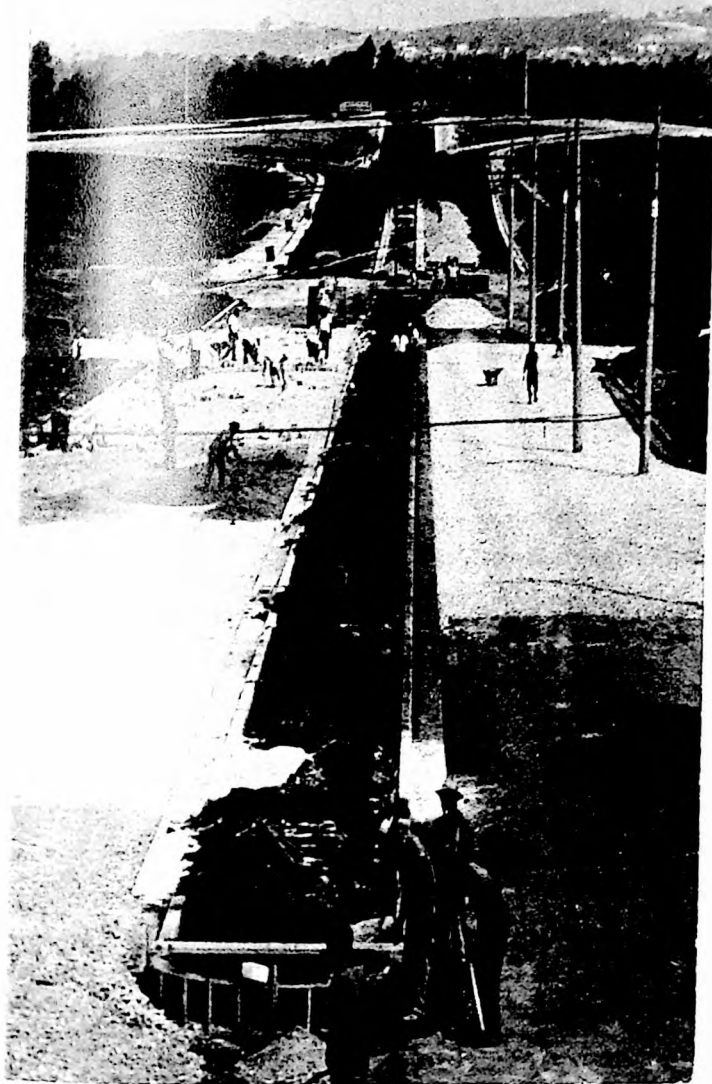
### 3.2. PODER FEDERAL, REGIONAL E LOCAL - INDUSTRIALIZANDO, URBANIZANDO E LOTEANDO GUARULHOS

Como assinalamos, a metropolização paulistana e, conseqüentemente, a de Guarulhos foram marcadas por um contexto industrializante, impulsionado inicialmente pelas políticas do governo federal, descritas como o “modelo nacional desenvolvimentista”.<sup>8</sup> Acentuado na década de 1950, esse “modelo” estimulou a industrialização nacional, “via substituições de importações”, e o desenvolvimento do mercado interno, conduzindo à construção da infra-estrutura necessária a sua concretização, da qual a construção de rodovias e de aeroportos fazia parte.

Além de constituir empresas estatais de suporte industrial nos setores de energia, mineração, siderurgia e financiamento (são exemplos: Petrobrás - 1953, Eletrobrás - 1954, Companhia Siderúrgica Nacional - 1946, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDE - 1952), o Estado procurou consolidar toda uma rede de comunicação viária, com repercussões na esfera federal, estadual e municipal.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Luciano Martins, explica que o nacional-desenvolvimentismo “prevaleceu no Brasil” a partir “dos anos 30 [...] foi a idéia de construção da nação, baseada na industrialização via substituições de importações, tendo o Estado como demiurgo, vários matizes de nacionalismo como ideologia e o populismo sob suas diferentes formas como sustentação política. Foi a isso que se convencionou chamar ‘nacional-desenvolvimentismo’, que não chega a ser um conceito, mas descreve e sintetiza um projeto político e um estilo de ação” (Martins, 1991, p. 3). Vale destacar ainda que esse modelo foi baseado no ideário da Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL. Quando do governo Juscelino Kubitschek ocorreu a internacionalização do mercado interno e o favorecimento a associação dos capitais nacionais com os estrangeiros – conhecido como “desenvolvimentismo associado (BENEVIDES, 1976; BIELSCHOWSKY, 1988; CANO, 1998; CARDOSO e FALETO, 1970; FIORI, 1992; IANNI, 1994; MARICATO, 1996; MARTINS, 2001; MOREIRA, s/d; RODRÍGUEZ, dez. 1986; SKIDMORE, 1979; WEFFORT, 1989).

<sup>9</sup> Além das rodovias aqui citadas, segundo as informações da Infraero, data de 1936 o momento que o Governo do Estado adquiriu e “a área para a construção” do Aeroporto de Congonhas, “incorporando, mais tarde, áreas complementares por meio de desapropriações”. Ainda segundo a Infraero, o Governo do Estado “investiu sistematicamente em Congonhas, adequando a sua infra-estrutura ao crescimento da aviação comercial. Em 1957, o Aeroporto de Congonhas tornava-se o terceiro do mundo em volume de carga aérea”. Da mesma forma, o Aeroporto de



**Foto 5 – Rodovia Dutra – Trevo de Guarulhos**

O território de Guarulhos com a construção da Via Dutra, serviu como palco para instalação de um expressivo conjunto industrial relativo ao modelo de substituição de importações no pós-II Guerra. Várias alterações sócio-espaciais ocorreram, transformando estruturalmente o município. A Dutra, para o município tornou-se mais do que uma auto-estrada federal que cortava o território municipal. A rodovia constitui-se com um dos cartões de visita, vitrine e estrada de ligação intermunicipal e entre os próprios bairros municipais.

**Localização:** Trevo da Dutra. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida **Data:** Décadas de 1950-1960.

terceiro do mundo em volume de carga aérea". Da mesma forma, o Aeroporto de Viracopos, "fundado na década de 30, teve um grande desenvolvimento nos anos 50, quando era utilizado comercialmente pelas empresas aéreas brasileiras (...) Em 1957 teve início profundo trabalho de construção e instalação de todos os equipamentos necessários para um aeroporto internacional (...) Em 19 de outubro de 1960, por meio da Portaria Ministerial n.º 756, Viracopos foi elevado à categoria de aeroporto internacional (...)” (<http://www.infraero.gov.br>).

← história dos Aeroportos

Era do ↘

Nos projetos do modelo “nacional-desenvolvimentista”, considerava-se necessária para o desenvolvimento industrial a integração do mercado interno e sua conexão por vias que articulassem as regiões, a exemplo das rodovias Dutra, Fernão Dias e mesmo da Base Aérea em Cumbica. O desenvolvimento urbano-industrial da área metropolitana de São Paulo e de Guarulhos incluía-se neste contexto.<sup>10</sup>

A partir do governo Juscelino Kubitschek e seu “Plano de Metas”, o governo favoreceu os setores empresariais ligados ao capital transnacional, ocorrendo a internacionalização do mercado interno e a promoção da associação dos capitais nacionais com os estrangeiros - conhecido como “desenvolvimentismo associado”. O “Plano de Metas”, propiciou a instalação em grande escala de indústrias de bens de capital e de bens de consumo duráveis, novamente a exemplo de algumas das indústrias instaladas em Guarulhos, como listamos anteriormente.<sup>11</sup>

Todavia, desde os anos de 1940 a área metropolitana de São Paulo, incluindo Guarulhos, já havia iniciado a constituição de parte da infra-estrutura necessária para a implantação dos estabelecimentos industriais, seguindo os efeitos do modelo

---

internacional (...) Em 19 de outubro de 1960, por meio da Portaria Ministerial n.º 756, Viracopos foi elevado à categoria de aeroporto internacional (...)” (<http://www.infraero.gov.br>).

<sup>10</sup> Nestor Goulart Reis explica que o Estado assumiu os setores “com pequena lucratividade ou a fundo perdido, assegurando as bases e as maiores margens de benefício para a ação privada”. Enquanto isso, “as multinacionais investiram em mecânica, eletrônica, química, veículos, estaleiros e uma infinidade de outros setores, de lojas de departamentos até água mineral, nos quais a concentração do mercado assegurasse lucratividade elevada”, a exemplo das empresas que se instalaram no município de Guarulhos. “As empresas brasileiras conservaram áreas que já haviam conquistado, sobretudo a da construção civil, ampliaram algumas e perderam o controle de diversas outras ...” (REIS, set. - out. 1995. p. 37).

<sup>11</sup> Para refletir sobre os efeitos desse modelo na economia nacional, particularmente na área metropolitana de São Paulo e Guarulhos, vale considerar os dados apresentados por Thomas Skidmore sobre o desempenho da economia brasileira no período: “Entre 1955 e 1961, a produção industrial cresceu 80% (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100%), indústrias mecânicas (125%), indústrias elétricas e de comunicações (380%) e indústria de equipamentos de transportes (600%). De 1957 a 1961, a taxa de crescimento real foi de 7% ao ano e, aproximadamente, 4% *per capita*” (SKIDMORE, 1979, p. 204).

desenvolvimentista federal.<sup>12</sup> Dessa forma, já na década de 1950, os municípios dessa área, que, durante a vigência do modelo “agro-exportador”, ocupavam uma posição secundária na economia estadual, foram particularmente impulsionados pela indústria resultante da ação dos grupos à frente do Estado na esfera federal, estadual e municipal.

Para mensurar a dinâmica do desenvolvimento industrial do município, elaboramos uma nova listagem das indústrias que se instalaram em Guarulhos após a “1.ª Feira de Amostras das Classes Produtoras de Guarulhos” de 1956 até 1960. Pela quantidade, tipo e origem nacional do capital das empresas, em grande parte estrangeiro ou de origem mista, é possível assinalar que o município industrializou-se ainda mais intensamente sob o “desenvolvimentismo associado”.

Além das já citadas “Toddy do Brasil, Asea Elétrica S.A., Pfizer Corporation do Brasil S.A.; Olivetti Industrial S.A., Microlite do Brasil S.A. Com e Ind.”, entre outras, em quatro anos estabeleceram-se ou iniciaram suas instalações:

*Philips do Brasil S.A. (fábrica de aparelhos e componentes eletrônicos); SKF do Brasil Ltda (rolamentos); Norton S.A. Indústria e Comércio (produtos químicos); Norton-Meyer S.A. Indústria e Comércio (lixas, rebolos de esmeril, etc); Máquinas York S.A. (máquinas e autopeças); Dornbusch & Cia. Ltda (cilindros gravados para plásticos, papéis, tecidos, couros, materiais moldáveis e máquinas do ramo); Indústria Automobilística Borton S.A. (produtos automobilísticos); Lemmerz S.A. (rodas para caminhões e ônibus); Indústria de Peças para Automóveis Steola S.A. (peças para autoveículos); Liquidic Carbonic Industrial S.A. (gás carbônico e gelo seco); Companhia Industrial de Metais Laminados - Cindumel (metais laminados); Fundação Quatro Jotas Ltda (fundição e modelagem de ferro, bronze e alumínio); Comercial e Industrial Guarulhos S.A. (distribuidora de ferro e aço da Companhia Siderúrgica Nacional); Durapel S.A. (papel); S.A. Corrêa da Silva*

<sup>12</sup> Segundo a geógrafa Ivani Moreira desde 1940 “a Grande São Paulo” era responsável “por 62% do valor da transformação industrial (VTI) do Estado de São Paulo e 25% do VTI nacional” (MOREIRA, s/d)

(*fábrica de beneficiamento de tecidos de nylon*); *Cerâmica de Guarulhos S.A. adquirida pelo Grupo Votorantim (produtos de revestimento cerâmico - pastilhas)*; entre outras indústrias (Listagem organizada para esta pesquisa a partir das seguintes fontes: *Amizade*, abril de 1956, p. 6; *Folha Metropolitana*, 8 de dezembro de 1981; NORONHA, 1960; POLI, Rinaldo, 8 de dezembro de 1982, p. 6; POLI, Primo, 7 e 8 de dezembro, 2002, p. 29; *Tribuna de Guarulhos*, 15 de janeiro de 1960, primeira página; *Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46).

Guarulhos teve seu território tomado pela instalação de um expressivo conjunto industrial de pequeno, médio e grande porte. Eram especialmente indústrias do setor de transformação.

Como vimos, a construção das rodovias Dutra e Fernão Dias foi, naquele contexto, um fator decisivo a favorecer a instalação das indústrias em Guarulhos. Ao longo de suas marginais e adjacências, foram instalados pavilhões industriais.

A estatística relativa ao período confirma esse rápido crescimento. Conforme os dados da *Agência Municipal de Estatística do IBGE*, o valor da produção industrial municipal elevou-se de “2 bilhões”, em 1957, para “3,3 bilhões”, em 1958. Em 1959, estimava-se que o valor alcançaria “5 bilhões”, alcançando, em 1960, a cifra de “7 bilhões” (*Agência Municipal de Estatística do IBGE*. In: “*Visão*”. São Paulo, *Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46).

O tamanho de algumas dessas indústrias, em 1960, oferece bem a dimensão da ocupação do solo e de sua importância econômica e social: Pfizer Corporation do Brasil - área coberta de 28.000 m<sup>2</sup>; Asea Elétrica S.A. - terreno de 100.000 m<sup>2</sup> e área coberta de 10.000 m<sup>2</sup>; Microlite do Brasil S.A. - terreno de 20.000 m<sup>2</sup> e área coberta de 10.000 m<sup>2</sup>; Cerâmica de Guarulhos S.A. - terreno de 27.300 m<sup>2</sup> e área coberta de 4.000 m<sup>2</sup>; Companhia Industrial de Metais Laminados - CINDUMEL - terreno de 8.000 m<sup>2</sup> e área construída de 5.000 m<sup>2</sup>; S.A. Corrêa da Silva - terreno de 18.000 m<sup>2</sup> e área construída de 6.000 m<sup>2</sup> (NORONHA, 1960).

Tendo a cidade de São Paulo como centro desencadeador, Guarulhos formou com outros municípios da área metropolitana paulistana o principal “núcleo



polarizador” dos modelos desenvolvimentistas do período.<sup>13</sup> O trecho do *Decreto Estadual n.º 47.863* de 29 de março de 1967, que criou a área metropolitana de São Paulo, é revelador nesse sentido, demonstrando também como aqueles que estavam à frente do Governo do Estado encaravam a metropolização paulistana:

*Considerando,*

*1.º - que a área metropolitana de São Paulo assume, hoje em dia, importância nacional, não apenas pelo porte da sua população e pela importância das funções econômicas, administrativas e sociais que concentrou, como também por constituir um pólo de desenvolvimento fundamental ao progresso do País;*

*2.º - que o crescimento anárquico das áreas urbanizadas, centradas no Município da Capital, bem como o atraso dos equipamentos e serviços de infra-estrutura bloqueiam o funcionamento da metrópole, pondo em risco o gigantesco capital social presente na aglomeração, fazendo surgir as chamadas “deseconomias” e comprometendo o ritmo do desenvolvimento (...) (Decreto Estadual n.º 47.863, 29 de março de 1967).*

Vê-se, pelo texto do decreto, que o governo estadual procurava criar as condições político-administrativas e infra-estruturais para consolidar, controlar e impulsionar o desenvolvimento urbano-industrial da área metropolitana paulistana.<sup>14</sup> A

<sup>13</sup> Segundo ainda dados apresentados por Ivani Moreira, a partir das décadas de 1950 e 1960 a “Região foi ganhando crescente comando sobre a rede urbana brasileira, situação que têm o seu ápice na década de 70, quando além do maior parque industrial do país, a Região passa a crescer e diversificar suas funções terciárias, situação propiciada pelo ótimo desempenho da economia brasileira no período do chamado ‘milagre econômico’ (1967 a 1973). Este período foi marcado por intensa concentração de investimentos na Grande São Paulo, que refletiram sobre as taxas de emprego e conseqüente ampliação da atratividade demográfica (MOREIRA, s/d).

<sup>14</sup> Neste sentido, concordamos com Maria Irene Szmrecsanyi que ao analisar a “substituição da metrópole nacional” do Rio de Janeiro Para São Paulo, permite compreender que a segunda tornou-se o “núcleo polarizador” do modelo desenvolvimentista do período a partir das “ações escolhidas e praticadas por segmentos sociais capazes de com elas afetar o conjunto da

ação dos grupos sociais à frente da prefeitura municipal de Guarulhos foi também a de atuar auxiliando a instalação de indústrias no município. O prefeito Rinaldo Poli explica que, durante sua gestão (1953 - 1957), a prefeitura esforçou-se em realizar propaganda, com o apoio dos comerciantes, industriais e outros agentes locais, para divulgar anúncios atrativos, convidando as indústrias a se estabelecerem no município.

Segundo o prefeito Poli, a administração pública se “cotizava” e “toda semana saía, no ‘Diário de São Paulo’, um anúncio de página inteira convidando as indústrias” a se instalar em Guarulhos (*Folha Metropolitana*, 08/12/1982, p. 6). Fazia parte da propaganda de atração da municipalidade e dos grupos sociais mais abastados apresentar o município como possuidor de grandes extensões de terras que, segundo o próprio prefeito, comparativamente às de outras cidade da área metropolitana, eram ainda pouco ocupadas e “baratas”. (POLI, Rinaldo, 08/12/1982, p. 6).<sup>15</sup>

A prefeitura, em sua propaganda para atrair indústrias e investidores, somava a essas características fundiárias as intervenções federais de impacto regional e nacional que facilitavam o transporte. Completava esse quadro a apresentação do município como possuindo, entre suas principais qualidade, a proximidade de “cidade de São Paulo” e a profunda sintonia (dependência) com o desenvolvimento urbano, industrial e econômico da capital. A somatória dessas características provavelmente abaixava os custos da produção e credenciava o município para ser uma das áreas privilegiadas na atração das indústrias na Região Metropolitana de São Paulo.

Na nossa compreensão, a municipalidade em sua busca para industrializar Guarulhos estava em sintonia como os modelos desenvolvimentistas vigentes no país. Isto é, ela reproduzia na esfera local a prática do governo regional e federal, com

---

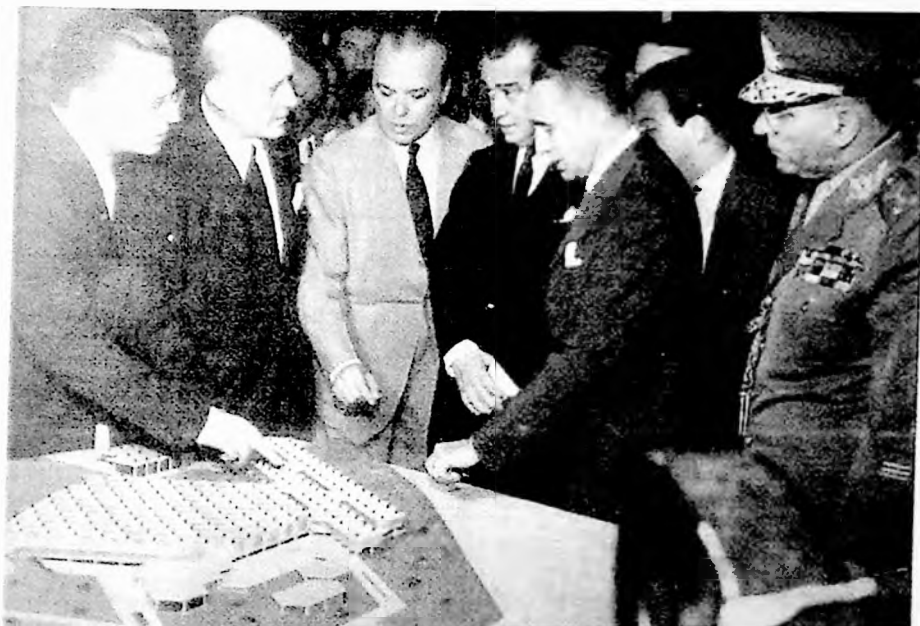
coletividade”. Szmrecsanyi explica assim que São Paulo “é metrópole porque tem hegemonia, ou seja, é o *locus*, ao mesmo tempo, de liderança e de domínio sobre diferentes classe e grupos presentes alhures no território nacional ou até fora dele. São Paulo é metrópole enquanto sede do capital que organiza e drena o trabalho nacional, mesmo que os lucros nela nem sempre se detenham, passando as fronteiras do país” (SZMRECSANYI, 1993, p. 206, 217 e 218 & SZMRECSANYI, 1994, p.146 – 149).

<sup>15</sup> Aqui vale salienta, como discutimos no capítulo anterior, Guarulhos não se caracterizou dentro dos “padrões do modelo agro-exportador” vigente até meados de 1930. Portanto, possuía áreas pouco valorizadas para agricultura e até aquele momento pouco utilizadas.

dimensões diferenciadas, é claro. Buscava, assim, atrativos e condições infra-estruturais para a instalação de indústrias no território municipal.

A fotografia a seguir assinala bem o intercâmbio de interesses locais, regionais, federais e empresariais no desenvolvimento industrializante que ocorria no município. Nela aparecem o presidente da República, Juscelino Kubitschek, o governador do Estado, Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, o prefeito de Guarulhos, Fioravanti Iervolino, e empresários na cerimônia de inauguração, em 1959, de uma dessas indústrias atraídas pelas facilidades de Guarulhos, a então moderna fábrica da Olivetti Industrial S.A.

**Foto 6 - Inauguração da Fábrica da Olivetti**



Na imagem, durante a cerimônia de inauguração da Fábrica Olivetti, olhando o *marketing* do conjunto da edificação, aparecem o presidente da República, Juscelino Kubitschek, o governador do Estado, Carvalho Pinto, o prefeito de Guarulhos, Fioravanti Iervolino, além de empresários. Essa fotografia é simbólica do intercâmbio entre os interesses locais, regionais e federais, tanto por parte do Estado como dos setores empresarias.

**Fonte:** NORONHA, 1960. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Décadas de 1959.

A construção de uma identidade de município próximo e dependente de São Paulo, possuindo ainda como seus atrativos as intervenções federais em seu solo (Dutra, Fernão Dias e Base Aérea - futuramente o Aeroporto Internacional) e vastas áreas

“baratas”, constituiu-se numa prática de hegemonia cultural pertinente aos interesses políticos dos grupos econômicos locais. Não foi casual que, por ocasião das comemorações do IV Centenário de Guarulhos, momento decisivo para a consagração de uma identidade desejada, o então prefeito Fioravanti Iervolino convidou para presidir a comissão dos festejos o industrial e rotariano, Waldomiro Pompêo, depois também prefeito, tendo como secretário outro industrial, Francisco Antunes Filho, cuja firma confeccionou o símbolo da data.<sup>16</sup>

A identidade do município como uma cidade industrial seria uma marca para o apresentar como um produto (ou mercadoria) atraente e, portanto, vendável. Para isso, era preciso atender ao modelo de desenvolvimento regional, federal e atrair as indústrias.

Reforçando essa identidade, a própria municipalidade também dispôs-se a oferecer vantagens econômicas e infra-estruturais como elementos atrativos do seu território. Um bom exemplo disso foi a atuação da prefeitura no período. Primo Poli, em entrevista recente ao jornal local *Olho Vivo*, explica que seu irmão, o ex-prefeito Rinaldo Poli, isentava de impostos “por 20 anos, as indústrias” que se instalassem em Guarulhos (POLI, Primo, 7 e 8 de dezembro, 2002, p. 29). Muito provavelmente a isenção de impostos como atrativo para as indústrias continuou nas gestões posteriores. Em 1960, o prefeito Fioravanti Iervolino, segundo o *Jornal de Guarulhos*, também concedeu a “isenção de impostos por dez anos para as indústrias que se instalassem” no local. (*Jornal de Guarulhos*, 8 de dezembro de 1981, p. 4).

Além disso, a primeira *Lei de Zoneamento n.º 444* do município, promulgada em 26 de março de 1957, ao definir três perímetros territoriais municipais, isentou de impostos a zona suburbana e de desenvolvimento futuro. Essa área, que tinha início na Estrada de São Miguel Paulista com a Avenida José Miguel Ackel, seguia até a ponte sobre o Rio Tietê, retomando ao ponto de origem. Ou seja, traçou um perímetro próximo à Dutra e localizado na zona leste municipal.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> O símbolo do IV Centenário foi escolhido pelo escritor Guilherme de Almeida e pelo Lourival Gomes Machado, diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo. O monumento foi confeccionado pela indústria Formaflex, de Francisco Antunes e irmãos.

<sup>17</sup> Os outros dois perímetros eram: “o primeiro demarcando a área compreendida entre a Avenida Guarulhos no bairro Ponte Grande, seguindo ao longo da Rodovia Presidente Dutra — bairro Várzea do Palácio até Monteiro Lobato, Jardim Bom Clima, Vila Flórida, Taboão,

Assim, pensamos que, além das determinações do processo de metropolização e dos modelos desenvolvimentistas, os grupos locais mais abastados em Guarulhos atuavam fazendo valer seus interesses, particularmente relativos ao comércio, negócios imobiliários e prestação de serviços. A título de exemplo, ainda na primeira metade da década de 1940, ao analisar os sinais iniciais das transformações derivadas da construção da Rodovia Dutra e da Base Aérea São Paulo em Cumbica, um dos relatórios do prefeito José Maurício de Oliveira permite compreender que os efeitos da metropolização no município agradavam porque provocavam, além do progresso, a valorização imobiliária.

Assim, na conclusão do *Relatório da Prefeitura Municipal de Guarulhos Apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Gabriel Monteiro da Silva, DD Diretor Geral do Dep. das Municipalidades, em 1943*, José Maurício destacava:

*As obras Federais da Base Aérea de Cumbica e da estrada de rodagem Rio-São Paulo, cujo traçado atinge a parte mais baixa da cidade, tem concorrido também para o progresso crescente que se verifica, principalmente pela grande valorização de propriedades* (OLIVEIRA, 1943, p. 22).<sup>18</sup>

Ao tecermos um breve quadro das origens sociais e econômicas de alguns dos prefeitos de Guarulhos a partir da década de 1940, é notável a vinculação desses

---

Centro, Vila Galvão e fechando a área no Rio Cabuçu. Neste perímetro estão incluídos bairros originados das Estações da antiga Estrada de Ferro Sorocabana. O segundo perímetro compreendendo uma área que vai do Rio Baquirivu-Guaçu em Bonsucesso, segue pela antiga Vila até o cemitério de Bonsucesso, retornando ao seu ponto de origem fechando a área” (*Lei de Zoneamento n.º 444 de 26 de março de 1957; SEP/PMG, 2002, Cd-room*).

<sup>18</sup> Sobre a Base Aérea de São Paulo, demonstrando a profunda ligação entre das intervenções efetivadas no município com desenvolvimento paulistano, Romão e Noronha escrevem: “... em virtude do gigantesco desenvolvimento da Cidade de São Paulo, e atendendo às necessidades técnicas surgidas, a base foi transferida para os terrenos da Fazenda Cumbica, recém doada ao Ministério da Aeronáutica pelo Sr. Eduardo Guinle. A instalação da Base em Cumbica ocorreu em 26 de janeiro de 1945” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 177 / Prefeitura Municipal de Guarulhos, <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>, 2003).

dirigentes com o setor imobiliário, comercial, industrial e de serviços local. Entre aqueles que estiveram à frente da prefeitura nas décadas de 1920 a 1960, encontramos informações sobre os seguintes prefeitos:

- *José Maurício de Oliveira*: alcaide por cerca de 16 anos, entre as décadas de 1920 a 1940, foi um dos proprietários e loteadores das terras, entre outras, onde hoje se localizam os atuais bairros do Gopoúva e da Vila Progresso. Essas regiões usufruíram do desenvolvimento vinculado da estrada de ferro da *Trawnay* da Cantareira; *elite sempre pelo o mesmo terreno*
  - *Guilhermino Rodrigues de Lima*: prefeito entre 1933 - 1938, foi sócio de José Maurício de Oliveira e também proprietário e loteador das terras dos atuais bairros do Gopoúva e da Vila Progresso;
  - *José Saraceni*: prefeito em 1936, era proprietário da “Fábrica de Polainas e Sandálias José Saraceni”, além de propriedades no bairro Vila Augusta;
  - *Heitor Maurício de Oliveira*: prefeito entre 1945 - 1947, como filho de José Maurício de Oliveira deu continuidade aos negócios imobiliários do pai;
  - *Rinaldo Poli*: prefeito entre 1953 - 1957, era *e prop. de terras* filho de Nello Poli - fundador em 1916 de um dos principais estabelecimentos comerciais do município: a “Casa Poli” (veja foto no capítulo anterior). Além do comércio, após sua gestão na prefeitura, dedicou-se ao ramo imobiliário;
  - *Fioravanti Iervolino*: prefeito entre 1948 - 1952 e 1957 - 1961 “na década de 1940, adquiriu a única empresa de ônibus existente na cidade - Empresa de ônibus Guarulhos”;
  - *Waldomiró Pompêo*: prefeito entre 1966 - 1970 e 1973 - 1977, industrial e rotaryano, era proprietário da Serraria Guarulhos, no bairro Itapegica, e foi um dos responsáveis na organização das comemorações do IV Centenário de Guarulhos
- (Fontes: *Olho Vivo*, 7 e 8 de dezembro, 2002, p. 30 e 52; *Folha Metropolitana*, 8 de dezembro de 1982, p. 6; *Guaru. Com.* <http://www.guaru.com.br>).

PIETA: 43



→ funcionário  
des Sra. Sra. Sra.

Mario  
Antorelli

O desenvolvimento industrial e urbano de Guarulhos atendia aos interesses particulares dos chefes políticos locais e dos grupos sociais a que eles pertenciam e representavam. Vários bairros de Guarulhos constituíram-se a partir das décadas de 1950 e 1960, resultantes dos loteamentos promovidos por aqueles à frente do poder público municipal e por agentes sociais a eles vinculados, como atesta a lista acima sobre as atividades dos prefeitos do período.

Essa análise pode ser mensurada ao verificarmos que, cerca de doze anos após a promulgação da *Lei de Zoneamento n.º 444*, de 26 de março de 1957, o zoneamento municipal foi novamente alterado para acompanhar os constantes loteamentos que ocorriam. Em 17 de setembro de 1969, foi promulgada uma nova *Lei do Zoneamento n.º 1.503*, ampliando o perímetro urbano demarcado na *Lei n.º 444* de 1957, sendo incluídos 10 novos bairros com uma clara tendência de expansão urbana habitacional em direção à zona norte do município e, conseqüentemente, em direção à Serra da Cantareira.

Outro dado importante nesse novo zoneamento de 1969 foi a criação de quatro “Zonas de Expansão Urbana”, com um elevado número de novos loteamentos, na maioria distantes do núcleo central de Guarulhos. Como veremos na seqüência, esses novos loteamentos na década de 1970 e 1980 foram os que originaram a “periferia metropolitana” localizada em Guarulhos.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup>Os bairros inclusos pela *Lei do Zoneamento n.º 1.503* de 17 de setembro de 1969 como perímetro urbano foram: Vila Sabatino, Jardim do Papai, Jardim Rosa de França, Jardim Paulista, Jardim Cascão, Jardim Moreira, Vila Rio de Janeiro, Jardim Santa Cecília, Jardim São Paulo, Jardim Jovaia. Quanto às “Zonas de Expansão Urbana”, a “lei” assinalava que seria composta da seguinte maneira: Primeira Zona de Expansão Urbana: Compreende os loteamentos: Cidade Seródio, Jardim São João, Parque Santos Dumont, Jardim Luise, Jardim Nova Portugal, Jardim Maria Dirce, cruza a Rodovia Presidente Dutra e engloba os loteamentos Cidade, Parque Alvorada, Cidade Parque Brasília, Jardim Albertina, Parque das Nações, Vila Izabel, Jardim Oliveira, Parque Industrial Cumbica, Jardim Paraíso, Jardim Cumbica e Jardim Presidente Dutra. Esta zona de expansão urbana engloba os loteamentos ao norte do Aeroporto e a região dos Pimentas. Também se nota que alguns dos loteamentos aqui mencionados estão à beira da Estrada Guarulhos-Nazareth e no bairro dos Pimentas da Avenida José Miguel Ackel; Segunda Zona de Expansão Urbana: Engloba os loteamentos de Vila Nova Bonsucesso e loteamento Cidade Aracília; Terceira Zona de Expansão Urbana: Conta com os loteamentos

No nosso entender, em decorrência do processo de metropolização, esses novos bairros constituíram áreas periférica da Região Metropolitana localizadas em Guarulhos. Assim, além de possuir em seu território bairros com características suburbanas paulistanas, Guarulhos também configurou-se como um município com bairros periféricos em relação a São Paulo.

### 3.3. A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE - "CIDADE MERCADORIA" E SEGREGAÇÃO ESPACIAL

Entendemos que foi no ensejo de constituir as condições político-administrativas e jurídicas necessárias tanto para atrair a indústria, como o desenvolvimento urbano, imobiliário e comercial, que ocorreu a elevação à categoria de comarca em 30 de dezembro de 1953 pela *Lei n.º 2456*.<sup>20</sup> Assim como quando da criação da "freguesia, vila e cidade", a elevação à comarca não ofereceu ao município uma identidade capaz de abarcar todos os seus núcleos populacionais, apesar de essas categorias representarem a constituição de uma unidade político-administrativa.

---

Jardim Paulista, Jardim Dona Luiza, Jardim Brasil, Jardim Leblon, Jardim Guilhermino, Jardim Santa Maria, Jardim Monte Alegre, Parque São Miguel, Jardim Normândia, Parque Maria Helena, Parque Jandaia, Cidade Tupinambá, Jardim Pimentas e Jardim Arujá. Quarta zona de Expansão Urbana: Constituída apenas pelo loteamento Jardim Arapongas "(*Lei de Zoneamento n.º 1.503, de 17 de setembro de 1969*; SEP/PMG, 2002, Cd-room).

<sup>20</sup> "comarca [De co-1 + marca] (13).] S. f. 1. Circunscrição judiciária sob a jurisdição de um ou mais juízes de direito. 2. Ant. Região, confins" (*Dicionário Aurélio*, 1995).



Foto 7 - Instalação da Comarca em Guarulhos



A foto é um ato comemorativo à instalação da Comarca em Guarulhos, promovido diante do Antigo Paço Municipal (atual Secretaria da administração) na esquina das Ruas Felício Marcondes e Sete de Setembro (Centro do município)

Fonte: AHCG.

Autoria: Desconhecida.

Data: 24/03/1956.

A leitura da entrevista do prefeito Fioravanti Iervolino em 1960 ao periódico *Visão* possibilita essa compreensão. Ao descrever Guarulhos, Iervolino destacava:

*Ao contrário do que acontece em todas as outras cidades, Guarulhos cresce de fora para dentro. E, por motivos que não vem ao caso, formaram-se diversos povoados isolados dentro do município. E isso criou sérias dificuldades na solução de dois problemas básicos da administração municipal: água e esgotos. Assim, é preciso vencer cinco quilômetros ou mais de áreas vazias para atingir um povoado. Isso cria dificuldades enormes à*

*construção de rede de água e esgoto (Visão, 24 de junho de 1960, p. 46).*

Ou seja, a impressão que fica é que os novos bairros que surgiam e os bairros mais distantes do chamado núcleo central de Guarulhos e suas adjacências eram zonas periféricas que não pertenciam ao município, apesar da localização político-administrativa dessas áreas no município. Constituíram-se mais como periferias metropolitanas do que de Guarulhos e com características identitárias diferenciadas das costumeiramente assinaladas para caracterizar o município como uma cidade.

Uma demonstração disso é que, desde da década de 1970, em alguns dos bairros das atuais “regiões” de Guarulhos (Cumbica, Pimentas e Bonsucesso) expressou-se o desejo de emancipação política e constituição de um novo município.<sup>21</sup> Segundo o jornal *Estado de São Paulo*, “no fim dos anos 1970, parte das lideranças de Cumbica já manifestava a vontade de emancipar-se de Guarulhos” (<http://www.estado.com.br/jornal/suplem/seub/99/05/14/>).<sup>22</sup>

Em entrevista ao jornal local *Folha Metropolitana*, em 1989, um dos líderes do “movimento de emancipação de Cumbica”, comerciante Kan Kise (posteriormente

---

<sup>21</sup> A equipe responsável pela proposta do Plano Diretor Municipal em 2002 dividiu o município em oito Regiões: A)Região - Pimentas: Água Chata, Aracília, Itaim, Pimentas, parte de Bonsucesso e Presidente Dutra; B) Região - Bonsucesso: Água Azul, Bonsucesso, Mato das Cobras, Morro Grande, Presidente Dutra e Sadokim; C)Região - Taboão:Bela Vista, Invernada, Morros, Taboão; D)Região - São João:Bananal, Capelinha, Fortaleza, Lavras, São João e Tanque Grande; E)Região - Cumbica: Cumbica; F) Região - Centro: Bom Clima, Cecap, Centro, Fátima, Gopoúva, Itapegica, Macedo, Maia, Monte Carmelo, Paraventi, Macedo, Monte Carmelo, Ponte Grande, Porto da Igreja, São Roque, Tranquilidade, Várzea do Palácio, Vila Augusta e Vila Barros; G)Região - Vila Galvão:Cocaia, Jardim Vila Galvão, Picanço, Torres Tibagy, Vila Galvão, Vila Rio e parte do Cabuçu; H)Região - Cabuçu: Parte do Cabuçu e Cabuçu de Cima” (SEP/PMG, 2002, Cd-room).

<sup>22</sup> O bairro dos Pimentas é o mais povoado de Guarulhos com 132.455 moradores e Cumbica o segundo com uma população de 88.384 habitantes (SIGeo, 2000). Além disso, os bairros onde encontra-se o Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos e dois dos maiores parques industriais do município, conforme o “Mapa de Localização Industrial de Guarulhos”, exposto anteriormente.

eleito vereador), explica que “os que moram e trabalham no Jardim Aracília trabalham com bancos de Arujá, onde é mais fácil o acesso (...), as do Bairro dos Pimentas vão para São Miguel; e as empresas da Cidade Satélite acabam trabalhando com as redes bancárias de Ermelino Matarazzo (...)” (*Folha Metropolitana*, 8 de dezembro de 1989, p. 4)

Guardada as devidas ressalvas dos interesses políticos e particulares na constituição de um novo município, o movimento de emancipação em Cumbica e região, em parte expressa o modo como muitos moradores dos bairros mais distantes do núcleo central e adjacências encaram o município: como não pertencendo a ele.<sup>23</sup>

Ao estudarmos a dinâmica do desenvolvimento urbano e social do período, é possível compreender que as regiões que compunham o território municipal sentiram de forma diferenciada os efeitos das transformações que ocorriam. Além da distância geográfica em relação às áreas do núcleo central ou adjacências e da ausência do poder público municipal, estudadas nos dois primeiros capítulos deste trabalho, os núcleos populacionais novos e antigos que receberam grandes contingentes de população a partir da segunda metade do século XX também se distanciavam socioculturalmente da chamada “cidade de Guarulhos”.

Ao analisarmos os dados demográficos a seguir, verifica-se que a partir da segunda metade da década de 1940 e, principalmente, durante os anos de 1950 Guarulhos experimentou um constante e vertiginoso crescimento populacional e,

---

<sup>23</sup>Aqui vale lembrar dos depoimentos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho dos moradores de Bonsucesso e do Cabuçu que se diziam como moradores em outra cidade (entre eles: IVONE, d.d.; ROMILDO, d.d.; RUBENS, d.d.; JOSÉ ROBERTO, d.d.; OLIVIA, d.d.; WASHINGTON, 05/2003). Neste mesmo sentido, entre os depoimentos apresentados por Expedito Leandro no livro sobre Guarulhos intitulado *A Formação de uma Metrópole*, encontramos o seguinte testemunho: “o que se tem notado é que as regiões limítrofes com São Paulo dispõem de alguns pequenos benefícios. Agora, regiões tipo Bonsucesso, o bairro dos Pimentas, Lavras e adjacências, são bairros extremamente pobres e abandonados, sem esgoto, sem agu encanada, sem uma urbanização digna. Além dos terrenos irregulares feitos por imobiliárias que visam apenas a exploração. E o pior de tudo é que a prefeitura não tem o mínimo controle. Não precisa ler em jornais ou livros para constatar esta desordem” (LEANDRO, 1998, p. 49).

simultaneamente, transformações expressivas em sua configuração social, cultural e urbana, produzindo alterações mesmo no zoneamento municipal.

Os novos contingentes populacionais eram formados por pessoas do próprio Estado de São Paulo, incluindo a capital, e de outros estados brasileiros (especialmente da região nordeste e de Minas Gerais). Entre esses novos habitantes, muitos possuíam origem agrária.<sup>24</sup> O *VIII Recenseamento Geral - 1970*, realizado pelo IBGE, aponta os seguintes dados sobre “as pessoas não naturais do município por tempo de residência” para aquela data:

**Quadro I – Pessoas Não Naturais do Município Por Tempo de Residência em 1970 (em percentagens da população total)**

População	Menos de 1 ano	1 a 2	3 a 5	6 e mais	Total
225 377	9,8	12,7	13,1	21,9	57,5

Fonte: IBGE, 1973

De acordo com os dados do *Centro de Defesa dos Direitos Humanos* para 1980, entre os 532.724 moradores de Guarulhos, 379.652 (71,3%) eram de outros municípios, sendo a grande maioria do Estado de São Paulo (CDDH, 1980. In: LEANDRO, 1998, p. 47). Esse quadro populacional tem sua origem na década de 1950.

Demograficamente entre 1940 e 1950, o município aumentou sua população em 22.084 pessoas com uma elevação percentual de 164,32%. No período entre 1950 e 1960, o crescimento foi de 65.750 habitantes com 185,09% de evolução populacional. Entre 1960 e 1970, a elevação demográfica foi de 135.592 moradores, com uma variação de 133,88%. Já de 1970 a 1980, o aumento demográfico foi de 295.859 pessoas, numa elevação percentual de 124,90%.

<sup>24</sup> Como explica Nestor Goulart Reis, “a formação de um mercado consumidor unificado, de proporções nacionais, acarretou a unificação do mercado para a força de trabalho, provocando a formação de grandes correntes migratórias inter-regionais e sobretudo do meio rural para o urbano. Estavam dadas as condições para as duas grandes explosões: a populacional e a urbana” (REIS, jan.- fev. 1996. p. 14-15).

Conforme os quadros e gráficos a seguir, a elevação demográfica prosseguiu entre os anos de 1980 e 1991, como o crescimento populacional de 255.142 pessoas e o aumento percentual de 47,80%. Entre 1991 e 2001, com o aumento de população em 283.433 habitantes a evolução percentual foi de 35,97%. Mesmo com a desaceleração na segunda década, em vinte anos a população do município dobrou, enquanto que o incremento da população de toda a área metropolitana atingiu pouco mais de 40%.

Quadro II

## Evolução Populacional de Guarulhos

1874 - 2000

Ano	População
1874	2.604 ou 2.379
1886	3.646 ou 7.009
1900	3.455
1912	7.000
1920	5.419 ou 5.961
1933	12.000
1940	13.439
1950	35.523
1953	40.000
1960	101.273
1970	236.865 ou 225.377
1980	532.724
1991	787.866
2000	1.071.299

Quadro III

## Evolução Populacional da Região

Metropolitana de São Paulo

1886 - 1991

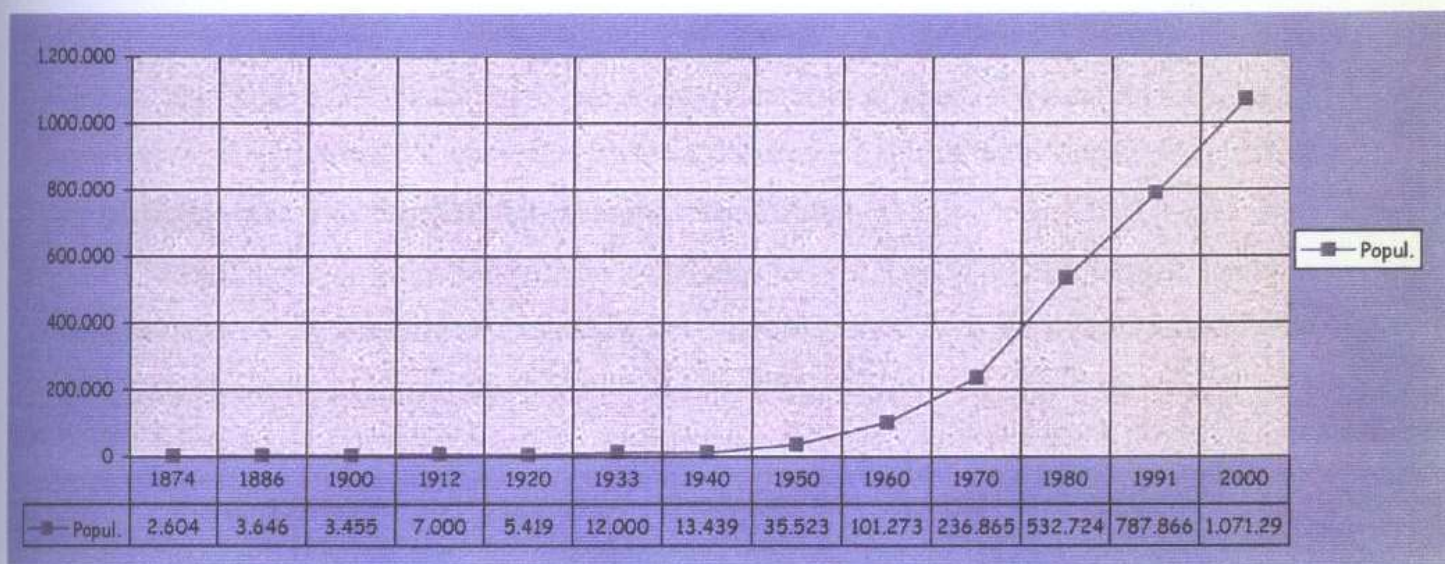
Ano	População
1886	111.916
1900	323.003
1920	716.349
1934	1.244.890
1940	1.568.045
1960	4.791.245
1970	8.139.730
1980	12.588.725
1991	15.444.941
2000	17.833.511

As fontes utilizadas para a formulação dos Quadros II e Gráfico I foram:

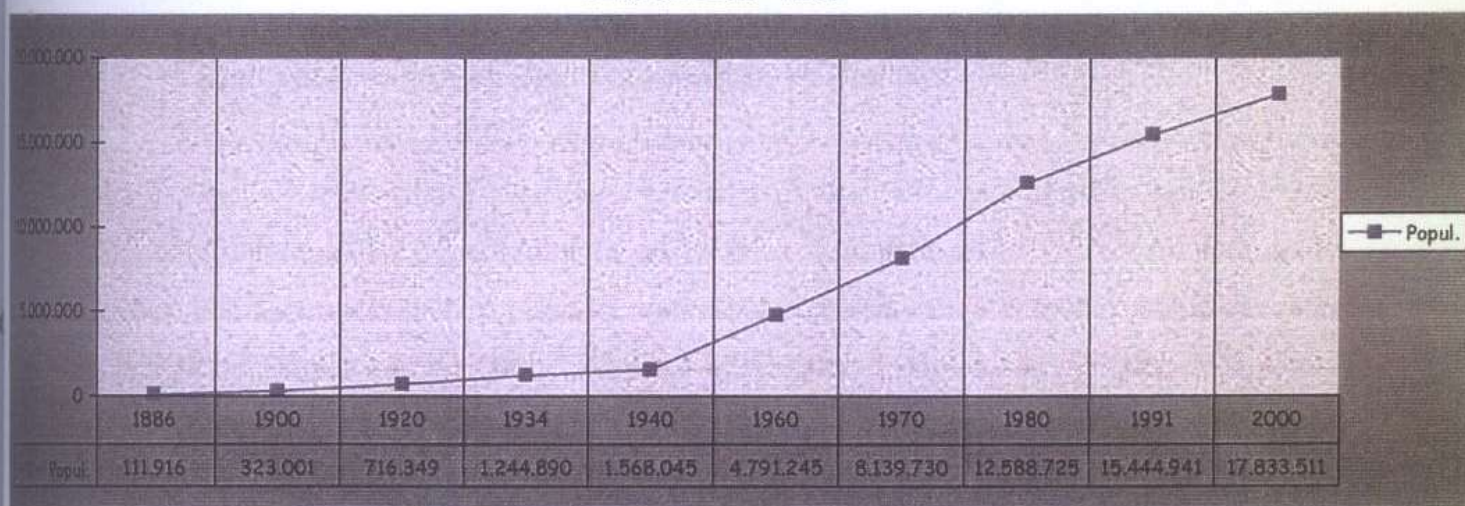
- 1874: Segundo a *Província de São Paulo - Recenseamento de 1874* Guarulhos possuía 2.379 pessoas. De acordo com os dados presentes em *Estruturação da Grande São Paulo* de J. Richard Langenbuch o número era de 2.604 pessoas (LANGENBUCH, 1971)
- 1886: Segundo Langenbuch a população era de 3.466 habitantes (LANGENBUCH, 1971). Já na obra *Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos* a população é estimulada na no mesmo ano em 7.009 pessoas (CAMARGO, 1952. In: EMPLASA, 2001)
- 1900: LANGENBUCH, 1971
- 1912: PADRE CELESTINO, 1913
- 1920: o dado de 5.419 foi obtido junto ao IBGE, 1948. Segundo Langenbuch a população era de 5.961 habitantes (LANGENBUCH, 1971)
- 1933 e 1940: IBGE, 1948.

- 1950 - Levantamento atendendo solicitação de 21/09/1953 do "Livro Vermelho dos Telefones - São Paulo" (*Processo Administrativo, N.º. 2946/53, Protocolado em 21/09/1953*)
- 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000: IBGE.

**Gráfico I - Evolução Populacional de Guarulhos por Década: 1874 – 2000**



**Gráfico II - Evolução Populacional Da Região Metropolitana de São Paulo por Década: 1886– 2000**



As fontes utilizadas para a formulação Gráfico II e do Quadro III foram:

-1886-1940: dados obtidos a partir da Tabela intitulada "Cidade de São Paulo e seus Arredores – População Total segundo os Municípios" (CAMARGO, 1952 In: EMPLASA, 2001). Foram considerados até o período os seguintes municípios: Capital, Guarulhos, Cotia, Itapeverica, Juqueri,

Santo André, Santo Amaro, São Bernardo, Mogi das Cruzes, Salesópolis, Guararema, Santa Isabel, Parnaíba

- 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000: IBGE e Censos Demográficos Emplasa

Portanto, essa evolução demográfica em Guarulhos, do mesmo modo que a industrialização do município, embora inclusa nos processos de se conformar ao padrão de crescimento e expansão das atividades industriais e urbanas da “Região Metropolitana da Grande São Paulo”, foi mais intensa que o vigor demonstrado pelo conjunto da área. Isso é possível de se compreender, comparando-se os quadros e gráficos da evolução demográfica do município com o da Região Metropolitana de São Paulo.

Aliás, como a própria definição constitucional de Região Metropolitana auxilia a compreender, o crescimento demográfico de Guarulhos inseriu-se num processo definido da seguinte maneira pela *Constituição Federal de 1988*:

*o agrupamento de municípios limítrofes que assuma destacada expressão nacional, em razão de elevada densidade demográfica, significativa conurbação e de funções urbanas e regionais com alto grau de diversidade, especialização e integração sócio-econômica, exigindo planejamento integrado e ação conjunta permanente dos entes públicos nela atuantes (Constituição Federal de 1988)<sup>25</sup>*

Pelos dados demográficos municipais, quando comparados aos dados populacionais para a Região Metropolitana paulistana e expressos nos gráficos e quadros apresentados, Guarulhos acompanhou, guardadas as necessárias diferenciações, o processo de rápido povoamento metropolitano do período, tornando-se atualmente o segundo município mais populoso do Estado de São Paulo. Além do adensamento nos núcleos já existentes, como resultado do crescimento populacional, novos bairros surgiram, em alguns casos em torno de núcleos que ainda guardavam características suburbanas, como Vila Galvão, Vila Augusta, Ponte Grande, Gopoúva, Bonsucesso, Centro.

---

<sup>25</sup> Por suas vez, a Região Metropolitana é definido na Constituição Federal de 1988 e caracterizadas no artigo 153 da Constituição Estadual do Estado de São Paulo de 1989, como uma organização regional do Estado.

Porém, a elevação demográfica se faz sentir principalmente nas áreas municipais mais distantes. Essas áreas, denominadas pela *Lei de Zoneamento Municipal n.º 1.503*, de 17 de setembro de 1969, como “Zonas de Expansão Urbana”, corresponderiam em grande parte à atual periferia do município (ou periferia metropolitana).<sup>26</sup>

Essa análise pode ser mensurada, considerando-se os dados para o ano de 2000. Segundo as estimativas da Prefeitura Municipal através do seu Sistema de Informações Georreferenciadas (SIGeo), dos 46 bairros da cidade, os três com maior densidade demográfica eram Pimentas, com 132.455 moradores, Cumbica, com 88.384, e Bonsucesso, com 68.757, todos correspondendo às “Zonas de Expansão Urbana” de 1969. A área de Bonsucesso destaca-se ainda por ser espaço de uma das maiores ocupações urbanas de terra do país, denominada “Anita Garibaldi”, a qual foi organizada em 2000 pelo movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), possuindo

<sup>26</sup> Vale salientar que diferenciamos periferia de subúrbio a exemplo da definição realizada por José de Souza Martins. Como explica o sociólogo o subúrbio, “mesmo na fase já alcançada pela industrialização e pelos loteamentos de terrenos para moradias operárias”, possuíam “lotes grandes, as casas tinham espaço para o grande quintal, um remanescente do rural que permanecia no urbano (...)”. No município de Guarulhos encontramos essas características ainda hoje em bairros como Vila Galvão, Vila Augusta, Gopoúva, Itapegica, adjacências do núcleo central do município, entre outros. Prosseguindo na diferenciação realizada por Martins, a periferia seria “produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos, todo o reduzido espaço disponível para construção, falta de plantas (...)”. Uma outra definição possível que soma-se a essa foi a realizada pela equipe de pesquisadores do Centro de Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP (Cândido Procópio F. de Camargo, Fernando Henrique Cardoso, Frederico Mazzucchelli, José Álvaro Moisés, Lúcio Kowarick, Maria Herminia T. de Almeida, Paul Singer e Vinicius Caldeira Brant) no livro *São Paulo 1975 – crescimento e pobreza*, Preferia foi definida como: “aglomerados, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde vai residir a mão-de-obra necessária para o crescimento da produção” (CEBRAP, 1982, p. 25). Tanto a definição de Martins como a do CEBRAP, trazem características que fizeram parte da constituição dos novos bairros que surgiram em Guarulhos como o processo vivenciado a partir da década de 1950, mesmo entre aqueles lugares que constituíram-se nas adjacências dos antigos núcleos como Bonsucesso, Cabuçu e Pimentas (MARTINS, 2001: p. 75).

↳ periferia ≠ subúrbio



hoje 2.000 famílias, o que demonstra, ao mesmo tempo, o déficit habitacional e a organização da população por moradia.<sup>27</sup>

Assim, a partir da década de 1950, Guarulhos experimentou um processo de incorporação horizontal de áreas adjacentes aos núcleos já existentes. Ou seja, uma urbanização extensiva, que provocou profundas alterações em sua estrutura urbana, social e ambiental com conseqüências na atualidade.<sup>28</sup>

As fotografias na seqüência demonstram que, no mesmo período que ocorria a industrialização do município e o crescimento demográfico, as áreas mais próximas do núcleo central sofriam poucas alterações em seu conjunto urbanístico.

---

<sup>27</sup> Os dados são do próprio Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST. (MTST, <http://www.mtst.org/>). Expedito Leandro em seu livro *Formação de Uma Metrópole* estudou a origem de muitos dos movimentos sociais por moradia e qualidade de vida existente em Guarulhos. Pelo seu livro é possível acompanhar que as organizações populares acompanham também o desenvolvimento urbano e demográfico do município. Atualmente, além das diversas áreas de ocupação por parte da população, os movimentos que discutem a construção da “terceira pista do Aeroporto Internacional de São Paulo-Guarulhos”, o Movimento de Luta Por Moradia-MLM e, principalmente, o MTST expressa de maneira significativa a organização dos movimentos sociais na cidade.

<sup>28</sup> De acordo com Delmar Matter, coordenador do Plano Diretor, da Comissão de Estudos de Macrodrenagem e Secretário-Adjunto de Obras, “só na região do Aeroporto, há mais de cem poços artesianos, comprometendo seriamente os lençóis aquíferos”. Quanto às leis de Zoneamento, ele lembrou que “nas áreas mais organizadas se dá atenção ao seu cumprimento, mas que nas regiões periféricas são tantas as carências, que as pessoas não se incomodam quando o zoneamento não é respeitado”. In: “Capacidade Ambiental foi debatida na Câmara”. “Jornal Olho Vivo”. Guarulhos: Olho Vivo, 24/09/2002, p. 06.

Foto 8 - Vista aérea da cidade de Guarulhos, em 1959.



Fonte: AHCG. Autoria: Massami Keshi. Data: 1959.

Detalhe para a Igreja Matriz, ao fundo, e para a Rua Dom Pedro II seguindo à sua frente. Importa destacar que, no período, não havia uma verticalização do núcleo central. Prevalciam casas residenciais, como é possível notar à esquerda e prédios de, no máximo, dois andares nas ruas centrais, com raras exceções como o prédio do Colégio Clarentiano, atrás da Igreja. Nota-se ainda o pequeno número de automóveis circulando. Ao que tudo indica, aspectos do processo de metropolização, como a verticalização e o trânsito ainda não haviam atingido a cidade como um todo, apesar do crescimento populacional e do aumento do número de indústrias, conforme indicado pelas tabelas estatísticas. Do mesmo modo, pode-se perceber que a área central ainda era vista como lugar de moradia de parte das camadas mais abastadas de Guarulhos, em decorrência da ainda pequena demanda por parte do comércio e do valor do imposto

predial, mais caro no eixo central, conforme indicam os livros pesquisados no Acervo do Arquivo Histórico de Guarulhos, que impedia a fixação dos mais pobres.

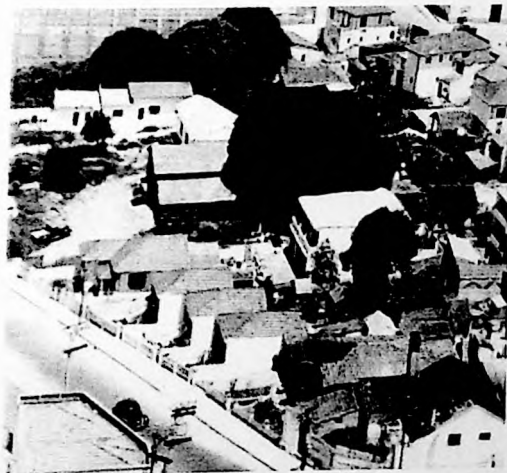
**Foto 9 - Detalhando a vista aérea da cidade de Guarulhos, em 1959.**



**Fonte: AHCG. Autoria: Massami Keshi. Data: 1959.**

Detalhe da imagem anterior. Em destaque, os estabelecimentos comerciais na área central de Guarulhos, em frente à Igreja Matriz. Aparecem também na imagem a Praça Tereza Cristina, a Rua Dom Pedro II e a esquina da Rua Felício Marcondes.

**Foto 10 - Detalhando a vista aérea da cidade de Guarulhos, em 1959.**



**Autoria: Massami Keshi. Data: 1959.**

Detalhe mostrando residências padronizadas na área central de Guarulhos. **Fonte: AHCG.**

**Foto 11 – Dom Pedro II entre as décadas de 1950-1960**



**Foto: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: 1950-1960**

Rua Dom Pedro no sentido da Igreja Matriz e a partir do lugar conhecido atualmente como “Pontão”, por volta dos anos 1950-1960. Destaque também para o prédio da “Casa Poli” (lado esquerdo da imagem). Nesta imagem a “Dom Pedro” já estava pavimentada. Acompanha-se ainda, em comparação às imagens anteriores, o aumento do número de automóveis (incluindo um ponto de táxi) e do número de pessoas pelas ruas.

**Foto 12– Outra vista aérea da cidade de Guarulhos, entre 1958 - 1960**

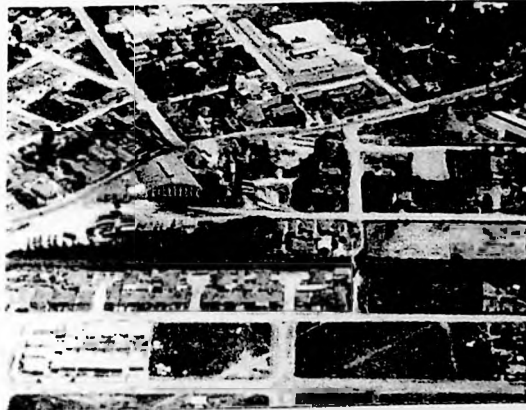


**Foute: AHCG. Autoria: Massami Kishi. Data: 1958-1960.**

A fotografia anterior é de 1958 e também aérea detalha a parte lateral direita da Igreja Matriz. Aqui as observações realizadas anteriormente acerca dos prédios comerciais de no máximo dois andares e de residência valem, excetuando o prédio do Colégio Clarentiano. Nestas imagens aéreas do núcleo central de Guarulhos, além da não verticalização, podemos ver que a industrialização não trouxe melhora no padrão urbanístico, como na década de 1940 verificou-se na cidade de São Paulo. Estas fotos e seus detalhes permitem ponderar que os lucros derivados das indústrias que instaladas na cidade não resultaram em impostos municipais aplicados na urbanização da cidade.

**Foto 13— Detalhe de Fotografia Aérea de 1961**

Nesse outro detalhe de uma imagem de 1961 (Veja “Foto 3 - Avenida Guarulhos” no primeiro capítulo), aparecem alguns pavilhões industriais ao longo da Avenida Guarulhos, numa área já próxima ao núcleo central e também nas adjacências da Dutra.



**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Massami Keshi. **Data:** 1961.

Proporcionalmente, poucos foram os investimentos estaduais, federais e municipais para suprir de infra-estrutura urbana e equipamentos sociais o município, no sentido de fazer frente ao crescimento demográfico, especialmente nas áreas periféricas. Entre esses investimentos, destaca-se a construção do “Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado”, cujo projeto era de João Vilanova Artigas, juntamente com Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha.

Construído na segunda metade da década de 1960, o projeto do conjunto habitacional foi solicitado pela Caixa Estadual de Casas do Povo (CECAP) - uma

autarquia do governo estadual, “cujo objetivo era construir e vender casas para trabalhadores sindicalizados”. Ou seja, aquele conjunto habitacional foi projetado para servir de moradia para uma parte da força de trabalho em crescimento no período em Guarulhos.<sup>29</sup>

O conjunto foi construído às margens da Dutra para abrigar 50 mil habitantes, com espaço para 10.560 apartamentos e com equipamentos como posto de saúde, escola, comércio, cinema, teatro, igreja, quadra de esporte e um estádio para 10 mil pessoas (*Guarulhos - Cidade Símbolo - em Revista*, 1968, s/n). Desse conjunto, surgiu um dos bairros mais habitados da cidade: o CECAP.

Foto 14 – “Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado”



CONJUNTO HAB “ZEZINHO DE MAGALHÃES PRADO” — CECAP  
As obras de esgoto, água, galerias pluviais e pavimentação  
(Av. Monteiro Lobato) ficaram a cargo da Prefeitura de Guarulhos

Fonte: AHCG. Autoria: Desconhecida. Data: Décadas de 1960-1970

<sup>29</sup> Sobre o alcance populacional do Conjunto CECAP, vale considerar a análise feita pelos pesquisadores do CEBRAP sobre o financiamento público em relação à habitação no período: “o que ocorre com os fenecimentos públicos na construção civil é elucidativo: 80% dos empréstimos do BNH foram canalizados para as camadas de renda média e alta, ao mesmo tempo em que naufragavam os poucos planos habitacionais voltados para as camadas de baixo poder aquisitivo. As pessoas com até 4 salários mínimos constituem 55% da demanda habitacional, ao passo que as moradias colocadas no mercado pelo Sistema Financeiro de Habitação destinaram-se em sua maior parte a famílias com rendimento superior a 12 salários mínimos” (CEBRAP, 1982 59 e 60).

De acordo com a publicação *Guarulhos (Cidade Símbolo) em Revista*, de 1968, quando da “entrega” do projeto da construção do “Conjunto CECAP”, o Governador Abreu Sodré “pegando o Prefeito Pompêo pelo braço, disse-lhe: ‘... veja o que estou te oferecendo Prefeito!’”. Segundo a publicação, ficou acertado que o prefeitura colaboraria com os seguintes “melhoramentos”: “pavimentação, água, luz, esgoto” (*Guarulhos (Cidade Símbolo) em Revista*, 1968, s/n). A foto anterior, retirada de folheto de propaganda da prefeitura e a próxima demonstram que o poder público local procurou colaborar com o governo do Estado.

**Foto 15 – “Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado”**



**Fonte:** Acervo particular da Família Pompêo. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Décadas de 1960-1970.

Na imagem aparecem o Prefeito Pompêo e o Governador do Estado Abreu Sodré, vistoriando as obras que ficaram a encargo da Prefeitura.

Porém, pelo crescimento populacional e apesar das proporções do projeto desse conjunto habitacional, a tônica foi o pouco investimento na infra-estrutura social e urbana. Para efeito de comparação, no mesmo período de construção do Conjunto CECAP, destinado a abrigar 50 mil pessoas, entre as décadas de 1960 e 1970, a população

municipal aumentou em 135.592 novos moradores. De acordo com os dados do *VIII Recenseamento Geral - 1970*, realizado pelo IBGE, Guarulhos possuía um “número médio de 3 moradores por dormitório” naquele ano, uma das médias mais altas em comparação com os municípios da Região Metropolitana paulistana.

A título de comparação, separamos os 11 municípios mais habitados da Região Metropolitana de São Paulo - RMSP em 1970. Pelo quadro, além de ocupar a terceira posição em população, Guarulhos, em conjunto com Osasco, era o quarto município com o maior índice de moradores por dormitório. Apesar de não possuímos dados para os outros anos, como o crescimento populacional do município foi maior que o da região e como as políticas para fazer frente ao *déficit* habitacional provavelmente não acompanharam o crescimento demográfico, é de se pensar que esse índice manteve-se o mesmo ou até aumentou.

**Quadro IV – Número Médio de Moradores Por Dormitório  
Entre os Municípios Mais Habitados da RMSP - 1970**

Município	Número de Moradores	Número de Dormitórios	Moradores por Dormitórios
Diadema	75.544	22.028	3,4
Mauá	98.228	29.739	3,3
Carapicuíba	51.900	16.558	3,1
Guarulhos	225.377	73.630	3,0
Osasco	274.235	91.138	3,0
Suzano	53.013	18.118	2,9
Santo André	404.140	148.038	2,7
São Bernardo do Campo	191.864	68.847	2,7
Mogi das Cruzes	135.798	48.629	2,7
São Caetano do Sul	145.366	55.963	2,5
São Paulo	5.641.330	2.239.201	2,5
Total da Região	7.753.509	2.964.301	2,6

Fonte: IBGE, 1973.



### 3.4. NOVAS E ANTIGAS IDENTIDADES - PERIFERIA METROPOLITANA

Os próprios prefeitos municipais em suas entrevistas deixavam transparecer a falta de estrutura do município para fazer frente ao desenvolvimento urbano e demográfico de então. O prefeito Iervolino em 1960, ao agradecer o governo do Estado, pelo “empréstimo de 60 milhões” para um “plano de emergência” para resolver o “problema de esgoto e água”, reconhecia que ainda faltava um “plano definitivo” para sua “solução” mesmo que “parcial” (*Visão*, 1960, p. 47).

Porém, aparentemente o “plano definitivo” para uma “solução parcial”, apontado por Iervolino, não ocorreu em sua gestão e nas de seus sucessores. Em 1968, segundo a própria prefeitura, durante a gestão de Waldomiro Pompêo, “apenas dez por cento da zona urbana possui água e, das 17 mil ligações existentes, 9 mil e tantas são clandestinas”. Para “amenizar” o problema, foi criada a “autarquia municipal denominada Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE” (*Guarulhos - Cidade Símbolo - em Revista*, 1968, s/n).

Na mesma direção, respondendo ao questionário da *Revista dos Municípios*, em 1968, a prefeitura declarava que “o governo federal poderia beneficiar o esforço da municipalidade, imediata e efetivamente, fazendo com que o Banco Nacional de Habitação se revele efetivo na construção de casas, através de financiamento a longo prazo; auxiliando o saneamento das zonas ribeirinhas, como as do Tietê e margens do Rio Cabuçu (...)” (*Revista dos Municípios*, 1967, s/n).

Nas décadas posteriores à de 1960, esse quadro de desenvolvimento urbano e industrial sem infra-estrutura para a população e de periferização populacional continuou, apesar dos planos metropolitanos e municipais de desenvolvimento, como a *Lei n.º 1.689*, de 30 de dezembro de 1971, que criava “o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Guarulhos”.<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Em a *Formação de uma Metrópole*, Expedito Leandro permite essas ponderações ao assinalar que, segundo “os dados da Secretaria de Habitação e Bem-Estar Social do município, o primeiro registro oficial da existência de favelas em Guarulhos, ocorre por volta da década de 1970” (LEANDRO, 1998, p. 50). No livro *São Paulo 1975 - Crescimento e Pobreza*, segundo os pesquisadores do CEBRAP, “apesar de inexistirem dados globais acerca da população favelada da Grande São Paulo, sabe-se que ela é numerosa em certos municípios - Guarulhos, Osasco, Diadema, São Bernardo, além da Capital”. Ainda de acordo com os mesmos pesquisadores, “a

Assim, o crescimento populacional e as políticas de desenvolvimento industrial e urbano no plano metropolitano e municipal, somadas à especulação imobiliária propiciada pela concentração de áreas nas mãos de alguns loteadores, fizeram com que grandes contingentes populacionais buscassem moradia ou aquisição de terrenos de baixo valor por vezes em loteamentos clandestinos, em áreas de mananciais e reservas naturais.<sup>31</sup> Nesse último caso, especialmente em direção à região norte, onde fica localizada a Serra da Cantareira, conforme indica o “Mapa da Evolução Urbana”, exposto no início deste capítulo.

Esse processo está por trás da expansão que abrangeu no município regiões com pouca ou nenhuma infra-estrutura urbana (saneamento, água, luz, rede de esgoto, asfalto) e equipamentos sociais (escola, hospital, segurança, transporte, comunicação). Assim, concordamos com os pesquisadores do CEBRAP que, a exemplo de São Paulo, “a maior parte dos problemas” de seus moradores não decorre “do crescimento da cidade enquanto tal. Esses problemas diferenciam-se segundo as classes sociais e, portanto, resultam de formas de organização da produção e da distribuição da riqueza, que não são peculiares a São Paulo” nem a Guarulhos. Ou seja, em grande parte, os problemas da região metropolitana, incluindo Guarulhos, são conseqüências dos

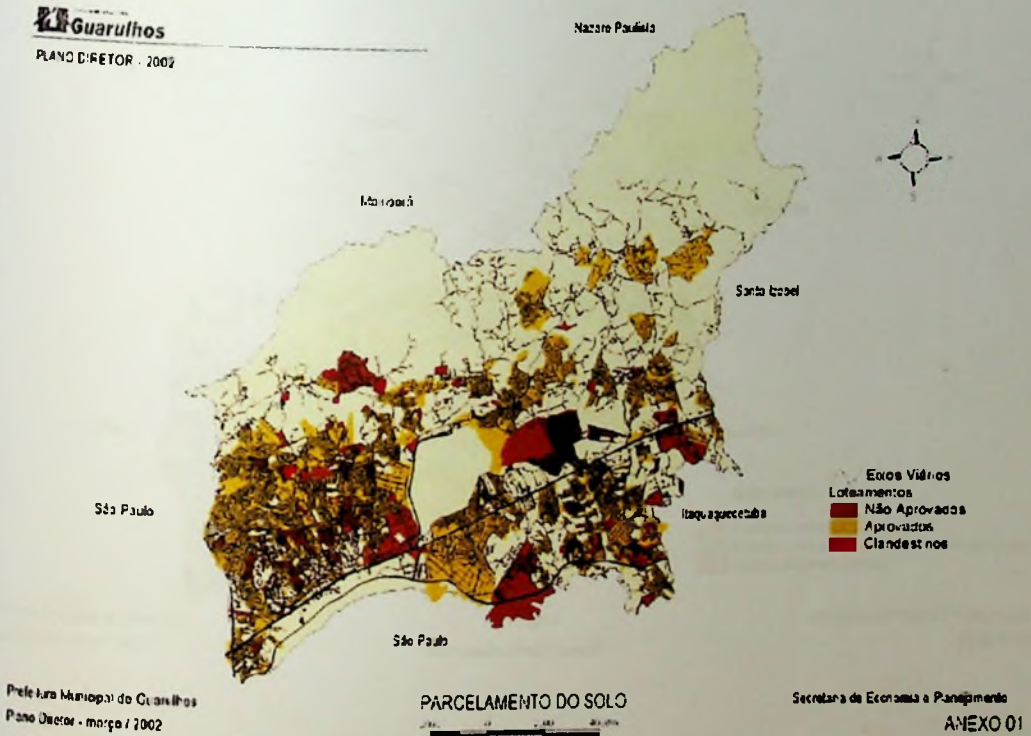
---

localização das favelas tende a seguir a trilha da industrialização, amontoando-se os barracos em áreas próximas ao mercado de mão-de-obra qualificada” (CEBRAP, 1982, p. 36 e 37). Considerando essa análise, apesar da falta de dados objetivos, como Guarulhos era um dos municípios que mais se industrializavam no período é possível pensar que também era crescente o número de favelados.

<sup>31</sup> Essa situação nos municípios da Região Metropolitana de São Paulo foi analisada da seguinte forma pelos pesquisadores do Centro de Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, trabalhando com dados até 1975: “as empresas transferem assim o custo da moradia (aquisição, aluguel, conservação do imóvel) e os de transporte para o próprio trabalhador e os custos dos serviços urbanos básicos, quando existentes, para o âmbito do estado. Deste momento em diante, as vilas operárias tendem a desaparecer e a questão da moradia passa a ser resolvida pelas relações econômicas no mercado imobiliário. Surge no cenário urbano o que será designado ‘periferia’ (...)” (CEBRAP, 1982, p. 25). Uma leitura crítica sobre a política habitacional, os planos e projetos urbanos pode ser encontrada nas seguintes obras: BONDUKI, 1998; DEÁK, C. e SCHIFFER, S., 1999; DIAS, 1982; GITAHY, M.L.C. & PEREIRA, p., 2002: p. 35-51; GROSTEIN, 1990 e 1987; KOWARICK, 1988; LEME, 1999; MARICATO, 1996; REIS, 1996; ROLNIK, 1997; SAMPAIO, 1981 e 2002; TORRES, 2001; VILAÇA, 1998.

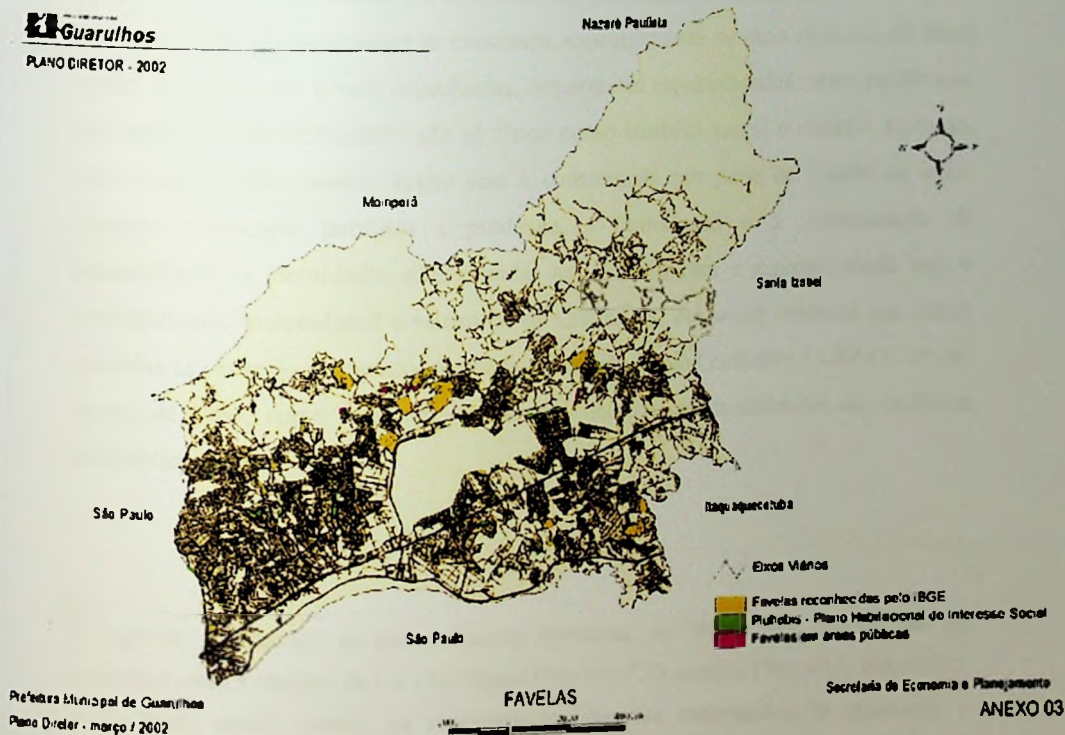
modelos de desenvolvimento adotados pelo Estado no nível federal, estadual e municipal que resultaram na “exacerbação do contraste entre acumulação e pobreza” (CEBRAP, 1982, p. 19).<sup>32</sup>

Os dois Mapas a seguir para o ano de 2002 assinalam bem os reflexos da dinâmica desse desenvolvimento na atualidade. O primeiro trata do “Parcelamento do Solo” e o segundo, das “Favelas” municipais.



<sup>32</sup> Um bom exemplo disso é a história do pedreiro e morador de Guarulhos José Braga, narrada por Expedito Leandro. José Braga, contou que morava no bairro Várzea do Palácio e trabalhava como oleiro na olaria da família Minella. Quando da construção da Rodovia dos Trabalhadores “foi obrigado a sair e ir morar na favela” em Cumbica “(...) num minúsculo barraco com a mulher e seus seis filhos” (LEANDRO, 1998, p. 48).

Em Guarulhos, por um lado, estruturou-se um dos maiores parques industriais da Região Metropolitana de São Paulo, potencializando o acúmulo de capital por parte das empresas (nacionais e transacionais). Além disso, os grupos à frente do Estado em nível federal, regional e do poder público municipal, vinculados à elite local e ao empresariado externo que ali investiu, atenderam aos interesses das classes que representavam, favorecendo seus lucros no comércio, no setor imobiliário e em serviços.



Por outro lado, apesar de ter gerado emprego para uma parcela expressiva da população, o desenvolvimento urbano metropolitano no município não estruturou a ocupação do solo, não garantindo a preservação das áreas de reservas naturais, a infraestrutura e os equipamentos sociais para a maior parte da população, conforme

demonstram os dados dos mapas anteriores e o “Mapa da Evolução Urbana” no início do capítulo.<sup>33</sup>

O município incorporou, assim, ao mesmo tempo, características de cidade industrial e de periferia metropolitana, além das localidades que ainda guardaram fisionomia de subúrbios. As alterações fizeram-se sentir na própria composição social da cidade, sendo esta formada por um expressivo contingente de operários, mas também por trabalhadores empregados nos setores de serviços formais, informais e desempregados (ANTUNES, 2001, p. 103 e 104).

Esse foi um processo em que diferentes agentes sociais atuaram sobre o espaço e sobre suas identidades locais. Os novos bairros que surgiram constituíram, em conjunto com os núcleos populacionais já existentes, especialmente os mais distantes da aérea central do município e suas adjacências, importantes espacialidades locais periféricas, ocorrendo um distanciamento não só físico como também social e cultural, portanto, identitário. O crescimento urbano sem a constituição por parte do Estado da infraestrutura necessária permitiu a produção, a reprodução e a semantização de espacialidades e identidades diferenciadas que constituíram e guardam ainda hoje a multiplicidade sociocultural e territorial de Guarulhos. Foi nesse contexto que foram iniciadas as obras do Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos (AISP-GRU), em agosto de 1980, como mais um componente decisivo na constituição das múltiplas identidades do município.

<sup>33</sup> Segundo o promotor da justiça Marcelo Daneluzzi, em 2002, “70% dos imóveis em Guarulhos estão à margem da Lei”. In: “Jornal Olho Vivo”. Guarulhos: Olho Vivo, 20/06/2002, p. 3. Deste modo, mesmo as recomendações daqueles encarregados de realizarem o planejamento urbano, em muitos casos, não foram consideradas. A título de exemplo, no Relatório Lebrecht de 1957, já se recomendava: “a organização da área metropolitana em condições de atender ao uso mais conveniente da terra, baseada em uma distribuição racional da população (...) evitar os loteamentos destinados a vivenda, nas zonas insalubres inundáveis e nas que não dispunham de serviços maciços indispensáveis” (TESSAROLLO, 1973, p. 46 4 47). Sobre os assuntos correlatos a esse tema lemos, entre outros: DEÁK, C. e SCHIFFER, S. (orgs.), 1999; GROSTEIN, 1990 e 1987; MAGNANI, 1996; MARICATO, 1996; MARTINS, 2001, 1992 e 1981; MAUTNER, 1999; ROLNIK, 1997; VILLAÇA, 1998.



**CAPÍTULO IV**

**UM AEROPORTO INTERNACIONAL  
EM GUARULHOS**

#### 4.1. A CONSTRUÇÃO E INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO

A Comissão Coordenadora do Projeto Sistema Aeroportuário da Área Terminal de São Paulo – COPASP, em novembro de 1979, foi à prefeitura de Guarulhos “para informar que o Aeroporto Metropolitano em Cumbica era irreversível”. Segundo a COPASP, também estavam asseguradas outras obras sugeridas pela sua equipe técnica: a Via Leste e a retificação do Rio Tietê que deveriam “ficar prontas com rapidez” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 180).

Um mês após as declarações dos representantes da COPASP, em dezembro de 1979, foi aprovado o Plano Piloto do aeroporto e, nos primeiros meses de 1980, seu Plano Diretor. Em agosto de 1980, iniciaram-se as obras do “Aeroporto Metropolitano de São Paulo”, depois denominado de “Internacional”, numa área de cerca de 10 quilômetros quadrados pertencente ao Ministério da Aeronáutica, onde ficava a Base Aérea de São Paulo – BASP/Cumbica, e, em mais 4 quilômetros, “em vias de desapropriação pelo Governo do Estado” (*Folha Metropolitana*, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3, 4 e 12).<sup>1</sup>

No dia 20 de janeiro de 1985, ocorria a inauguração do aeroporto, “entrando em operação o 1.º Terminal de Passageiros com 75.000 m<sup>2</sup> de área construída e capacidade para atender 7,5 milhões de passageiros por ano”. Ainda em 18 de agosto do mesmo ano, “foi inaugurado o Terminal de Carga Aérea” (INFRAERO, 2000, p. 05).

Do mesmo modo que o aeroporto, a construção da Via Leste “visando o acesso ao futuro Aeroporto Metropolitano, ao Parque Ecológico do Tietê e uma nova opção para o tráfego de longa distância, de São Paulo rumo ao vale do Paraíba”, também foi realizada com “velocidade” e, já em 1980, estava em andamento. A retificação do Rio Tietê e a implantação do Parque Ecológico, executadas pelo DAEE (Departamento de

---

<sup>1</sup> As empreiteiras contratadas foram a “Camargo Corrêa S.A. e a Constran S.A., que venceram a licitação oferecida pela COPASP, como um consórcio. A ordem de serviço foi dada no dia 11 de agosto último” (1980), “com um prazo de 600 dias úteis para a entrega dos trabalhos, que constam dos serviços de terraplanagem, drenagem e pavimentação de pistas, pátios, vias de acesso e de serviço, mobilizando uma verba de Cr\$ 4.602.233.537,00, com os possíveis reajustes previstos já em contrato” (*Folha Metropolitana*, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3).

Água e Energia – órgão da Secretaria de Obras e do Meio Ambiente e uma autarquia multifuncional do Governo do Estado), também iam se “desenvolvendo com rapidez” (*Folha Metropolitana*, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3, 4 e 12).

A agilidade em que ocorreram o início e a concretização dessas obras foi justificada técnica e economicamente por seus responsáveis. A COPASP e a Infraero (Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária - responsável por administrar atualmente o AISP-GRU) assinalavam que a rapidez das obras ocorreu em decorrência do “crescimento da cidade de São Paulo” e das “limitações de áreas em Congonhas” que, ao findar da década de 1970, “havia atingido a capacidade máxima de operações”. Essa situação obrigava “os passageiros de São Paulo, para atingir destinos internacionais, a efetuar conexões em Campinas ou Rio de Janeiro”, aumentando os custos e o tempo de viagem.<sup>2</sup>

A Infraero concluiu suas explicações, acentuando que, para “atender a demanda de transporte aéreo do principal pólo econômico do Brasil” (INFRAERO, 2000, p. 05), era necessária a implantação do “projeto de um aeroporto internacional” em Cumbica. Na mesma linha de explicações técnicas e econômicas, os representantes da COPASP, em entrevista ao jornal *Folha Metropolitana* em dezembro de 1980, justificavam a escolha de Guarulhos da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Conforme assinalamos no capítulo anterior, desde 1960 a Base Aérea de São Paulo - BASP em Cumbica já era utilizada como uma espécie de aeroporto “comercial de emergência” (*Visão*, 24 de junho de 1960, p. 46 e *Tribuna de Guarulhos*, 15 de janeiro de 1960, p. 5), demonstrando a defasagem do Aeroporto de Congonhas em relação a sua utilização. Levantamos a hipótese de que, na época da aquisição da área pelo Ministério da Aeronáutica - MAER, existiam mesmo previsões para o futuro uso comercial da Base como Aeroporto. Segundo a *Revista Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos - 15 Anos*, da Infraero, “[e]m 1947, foram realizados novos estudos da região onde o MAER considerava necessário o acréscimo de 8,5 milhões de metros quadrados para que se garantisse total segurança e perfeitas condições para uma considerável ampliação futura” (INFRAERO, 2000, p. 05). Além disso, a BASP-Cumbica teve sua área aproveitada em 1980 para a construção de uma das duas pistas propostas pela empresa de consultoria contratada para realizar o Plano Diretor do Aeroporto em Guarulhos, a Internacional de Engenharia S.A. (*Folha Metropolitana*, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3 e *Tribuna de Guarulhos*, 15 de janeiro de 1960, p. 5).



(...) apesar das discussões que até hoje se ouvem sobre as vantagens e desvantagens da construção do Aeroporto Metropolitano na Base Aérea de Cumbica, [outros lugares cogitados foram Caucaia do Alto e Cotia] a área foi definida porque, além da proximidade física – Guarulhos fica a 25 km da Capital –, as condições de custo de desapropriação, terraplenagem e acesso são bastante aceitáveis, e este é o último sítio livre e suficientemente amplo dos arredores da Capital, com essas condições. Quanto à facilidade de acesso, a explicação é a construção da Via Leste, já iniciada, construída paralela à Via Dutra, que terá suas pistas duplicadas até início do funcionamento do Aeroporto (Folha Metropolitana, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3).<sup>3</sup>

Ainda segundo as informações fornecidas pela COPASP ao jornal *Folha Metropolitana* em 8 de dezembro de 1982, a “intenção” inicial era a de concentrar esforços na “ampliação do Aeroporto de Campinas (Viracopos)”. Algo que já vinha ocorrendo desde 1957, quando Viracopos passou por obras, visando à “construção e instalação” dos “equipamentos necessários para um aeroporto internacional” e, “em 19 de outubro de 1960”, quando a “Portaria Ministerial n.º 756” o elevou à categoria de aeroporto internacional (*Folha Metropolitana*, 8 de dezembro de 1982, p.1 e

<sup>3</sup> Na nossa compreensão, o “Sistema Aeroportuário” em São Paulo tem suas origens ainda no final da década de 1950 e início de 1960. Conforme as informações obtidas junto à Infraero, no período os aeroportos existentes em São Paulo passaram por adaptações visando a sua ampliação para a utilização comercial internacional. De acordo com a Infraero, o Governo do Estado “investiu sistematicamente em Congonhas, adequando a sua infra-estrutura ao crescimento da aviação comercial. Em 1957, o Aeroporto de Congonhas tomava-se o terceiro do mundo em volume de carga aérea”. Ainda segundo a Infraero, “em 1957 teve início [um] profundo trabalho de construção e instalação de todos os equipamentos necessários para um aeroporto internacional (...) Em 19 de outubro de 1960, por meio da Portaria Ministerial n.º 756, Viracopos foi elevado à categoria de aeroporto internacional (...)” (<http://www.infraero.gov.br>).

<http://www.infraero.gov.br>). Entretanto, de acordo com a COPASP, com a “crise municipal do petróleo”<sup>4</sup> do período, foi necessário rever a:

*(...) ordem das prioridades dessas obras aeroportuárias, passando a pesar mais as avaliações de distância do centro gerador do tráfego aéreo de São Paulo (cruzamento das avenidas Paulista e Brigadeiro Luiz Antonio): 25 quilômetros até Guarulhos e 95 quilômetros até Campinas. Assim, a construção do Aeroporto de Cumbica impôs-se como prioridade absorvendo todas as disponibilidades de recursos da COPASP (Folha Metropolitana, 8 de dezembro de 1982, p.1).<sup>5</sup>*

Pelas palavras acima, acompanha-se que, além das justificativas de ordem técnica e econômica para a construção do aeroporto em Cumbica, havia “um projeto maior que visava à criação de um Sistema Aeroportuário Paulista”. Nesse sistema, novamente segundo a própria COPASP, o aeroporto em Cumbica atenderia prioritariamente ao “tráfego aéreo doméstico e aos vôos internacionais para o Cone Sul do continente”, sendo que seu Plano Diretor, além das duas pistas a serem construídas, já previa a construção de uma terceira.

Nesse novo “Sistema Aeroportuário”, Congonhas ficaria com os vôos da ponte aérea Rio de Janeiro-São Paulo, com os vôos regionais e de aviões particulares. Viracopos, com as obras de ampliação previstas para o início na década de 1990,

<sup>4</sup> Sobre a “crise do petróleo”, vale lembrar que ela foi provocada pelo embargo ao fornecimento de petróleo aos Estados Unidos e às potências européias em 1973 pelas nações árabes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - Opep. Foi uma represália dessas nações ao apoio americano e de alguns dos países da Europa Ocidental à ocupação de territórios palestinos pelo Estado de Israel. O Brasil sentiu os efeitos do embargo, bem como da decisão posterior da Opep de estabelecer cotas produtivas e elevação dos preços.

<sup>5</sup> De acordo com o *site* da Infraero, na parte dedicada à história do Aeroporto de Viracopos, “Viracopos viveu um período de queda em seu movimento, com a transferência do tráfego para o Aeroporto de Guarulhos em 1985” (INFRAERO, <http://www.infraero.gov.br>).

ocupar-se-ia dos vôos internacionais de longa distância (Europa, Américas, Oriente, etc).

Além desses aeroportos, seriam utilizados outros menores para vôos de pequena distância, a saber, os aeroportos de São José dos Campos, Santos e do Campo de Marte. A conclusão da matéria jornalística a partir das informações da COPESP é a de que: “[d]essa maneira, a criação de um sistema aeroportuário em lugar de um único e gigantesco aeroporto (...) só será concluída por volta do final do século XX” (*Folha Metropolitana*, 8 de dezembro de 1982, p.1).

Em nossa análise, o “Sistema Aeroportuário” em implantação na década de 1980 e, conseqüentemente, a construção do aeroporto em Guarulhos, em conjunto com as outras obras em andamento no município, combinavam com as diretrizes dos planos metropolitanos do período. De acordo com “PMDI (Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado) – II (Revisão e Atualização/82)”, entre outras orientações, naquele momento era estratégico “procurar ajustar as políticas regionais ao quadro econômico-social extremamente crítico do País e da Região, em virtude da crise mundial em curso”; e “promover a criação de centros de atividades terciárias” EMPLASA, <http://www.emplasa.sp.gov.br>).

Assim, a construção do aeroporto em Cumbica e o projeto de um “Sistema Aeroportuário” faziam parte de um contexto de aplicação de políticas metropolitanas que, por sua vez, incluía-se nos quadros da economia brasileira vivenciando crise de pagamento da dívida externa e de crescente endividamento interno, derivados das mudanças de orientação econômica em âmbito mundial. O modelo político-econômico nacional e o próprio planejamento fundamentaram-se em grande parte no fortalecimento do setor terciário como o PMDI-II permite ponderar.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> A relação que fazemos entre o aeroporto, o sistema aeroportuário e o desenvolvimento do setor terciário no período combina com a análise presente no Perfil da Economia Brasileira - Edição 1995 da Agência Estado. Segundo suas ponderações, “desde os anos 70, o setor de maior crescimento na economia brasileira tem sido o terciário. Tal fenômeno está associado à urbanização acelerada que ocorreu principalmente nas décadas de 70 e 80, e que possibilitou a expansão das atividades terciárias. Estas, normalmente, destinam-se ao atendimento das funções intermediárias complementares dos demais setores da economia e, também, à ampliação da prestação de serviços finais.” Utilizando dados do IPEA e do Banco Municipal, no mesmo

Na mesma direção, o município de Guarulhos também sofreu os influxos da política de desconcentração industrial da cidade de São Paulo em favor de outras regiões, aplicados pelo planejamento metropolitano paulistano sob a influência do governo federal. Na segunda metade da década de 1970, com efeitos na década de 1980, o Estado brasileiro propunha o II PND - Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (1974-79).<sup>7</sup> Segundo a orientação, o PMDI- II apresentava o objetivo de “propiciar a implantação de infra-estrutura e equipamento social nas áreas ‘externas’ à Grande São Paulo com possibilidades de expansão industrial acelerada” e “incentivar a descentralização das atividades terciárias” (EMPLASA, <http://www.emplasa.sp.gov.br>).

A construção da Via Leste, segundo o próprio Secretário dos Transportes do Estado de São Paulo, se encaixa nesses objetivos. Aproveitando a visita a Guarulhos para vistoriar as obras do aeroporto, em entrevista ao jornal *Folha Metropolitana*, publicada em dezembro de 1980, o secretário explicava que:

*A Via Leste não só seria uma nova opção para o tráfego de longa distância, de São Paulo rumo ao Vale do Paraíba, estâncias das montanhas de Minas e Rio de Janeiro. Ela constituirá agente estimulante para o desenvolvimento do turismo para o Litoral Norte e Campos do Jordão, contribuindo de forma ponderável para o êxito da*

período em que ocorreu a implantação do aeroporto em Guarulhos e dos “Sistema Aeroportuários” de São Paulo, segundo a Agência Estado, “comparado com o desempenho de outras nações, o crescimento do setor de serviços no Brasil é semelhante ao observado nos países desenvolvidos, e superior ao dos países de idêntico nível de desenvolvimento” conforme assinala a tabela abaixo. (Agência Estado. <http://www11.agedado.com.br>)

<sup>7</sup> Acerca dos modelos políticos e econômicos de desenvolvimento adotados e seus rebatimentos nos planos e projetos metropolitanos, foram referenciais: BENEVIDES, 1976; BIELSCHOWSKY, 1988; CANO, 1998; CARDOSO e FALETO, 1970; DEÁK, C. e SCHIFFER, S., 1999; DIAS, 1982; FIORI, 1992; GITAHY, M.L.C. & PEREIRA, p., 2002: p. 35-51; GROSTEIN, 1990 e 1987; IANNI, 1994; LEME, 1999; MARICATO, 1996; MARTINS, 2001; MOREIRA, s/d; REIS, mar.- abr. 1996, jan.- fev. 1996 e, set.- out. 1995; RODRÍGUEZ, dez. 1986; ROLNIK, 1997; SAMPAIO, 1981 e 2002; SKIDMORE, 1979; SZMRECSANYI, 1993, p. 206, 217 e 218 & SZMRECSANYI, 1994, p. 146 - 149; TORRES, 2001; VILLAÇA, 1998; WEFFORT, 1989.

*política de descentralização industrial (Folha Metropolitana, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 4).*<sup>8</sup>

Desse modo, os efeitos das orientações federais e regionais se fizeram sentir no município. Tanto a desconcentração industrial como o desenvolvimento do setor terciário foram políticas que atuaram sobre o território municipal e sua população, em meio a um contexto de grave crise econômica e social, provocada pelo agravamento da crise financeira internacional, pelo crescimento da dívida externa e pela restrição da capacidade de investimento do setor público.

Entre a segunda metade da década de 1980 e início dos anos de 1990, a economia mundial entrava em sua fase mais recente, que ficou costumeiramente denominada de “globalização” ou, como quer o francês François Chesnais, de “mundialização” do capital.<sup>9</sup> Acentuou-se, com isso, a tendência das alterações no setor

<sup>8</sup> Lúcia M. Machado Bógus e Rosana Baeninger, a partir de dados fornecidos pela Fundação Seade, descrevem da seguinte forma esse processo de desconcentração industrial iniciado na década de 1970 e que resultou na expansão urbana de outras regiões no interior do Estado de São Paulo: “[d]e fato, no que se refere à dinâmica urbana, as alterações regionais apontavam para o surgimento de importantes pólos (...): Campinas, São José dos Campos, Ribeirão Preto, Sorocaba, São José do rio Preto e Bauru. Nos anos 80, essa influência dos pólos acabou por atravessar os limites das respectivas regiões, atingindo áreas vizinhas e despertando a potencialidade de regiões como Araçatuba e Presidente Prudente, com influência na configuração da rede urbana” (BÓGUS e BAENINGER, jul. - Set./1995, p. 62-67).

<sup>9</sup> François Chesnais (CHESNAIS, 1996) e David Harvey (HARVEY, 1992) auxiliam nosso trabalho especialmente para entendermos os conceitos e o caráter ideológico das terminologias utilizadas pelos economistas da chamada “pós-modernidade”. A título de exemplo, analisando a palavra globalização, Chesnais esclarece o quanto ela, mais usada pela mídia sob influência anglo-saxônica, quer indicar uma internacionalização econômica supostamente livre e não submetida a intervenções institucionais ou nacionais. Segundo esse autor, é por isso que a raiz de conotação geográfica *globo* é usada, buscando uma também suposta abertura sem fronteiras e com a unificação dos espaços. De acordo com Chesnais, o sentido dessa desejada neutralidade da palavra seria impingir a evolução econômica recente como uma superação da velha compartimentação nacional por uma mais livre dos indivíduos no mercado. Além de Chesnais e David Harvey, ganham nesse trabalho fundamental importância também as obras de autores nacionais como Otávio Ianni (IANNI, 1992: p. 39) e Milton Santos. Ambos permitem apreender

produtivo no município. O aeroporto em Guarulhos, já em pleno funcionamento, tornou-se um dos espaços essenciais, não só para a Região Metropolitana Paulistana, como para a integração nacional e para os vínculos externos do país. Em 1990, o “Aeroporto Metropolitano”, inaugurado em 1985, tornou-se o “Aeroporto Internacional de São Paulo – Guarulhos (AISP-GRU)”.

Os efeitos dessa situação que já se faziam notoriamente sentir em Guarulhos na década de 1980 continuaram a progredir, inclusive sob o patrocínio da prefeitura. Entre eles, está o desenvolvimento da área dedicada ao setor de serviços, apoiado no crescimento do setor financeiro, implicando o deslocamento de estabelecimentos industriais e a exigência de novas atividades, resultando na criação de novas características no espaço local através de novos usos “decorrentes” de uma nova divisão espacial e urbana do trabalho.<sup>10</sup>

Nesse processo, constitui também uma nova organização social dos espaços urbanos, que subverteu a hierarquia de escalas territoriais ao fazer penetrar, nas atividades econômicas no município e nas relações locais, estímulos e finalidades globais. Atualmente, o Aeroporto gera 27.000 empregos diretos. Oferece também uma rede comercial com 150 lojas e serviços, distribuídos nos três pavimentos dos terminais 1 e 2. Abriga, no total, 370 empresas. Com a conclusão do novo terminal, número 3, o Complexo Aeroportuário de Guarulhos será um dos maiores do mundo e o principal da América Latina.<sup>11</sup>

Com o crescente tráfego e com a conclusão das novas construções, gerando a sua “Terceira Pista”, as projeções indicam que cada terminal irá movimentar mais de 12 milhões de passageiros/ano, o aeroporto totalizando a capacidade de movimentar 39 milhões de passageiros/ano, assim que forem concluídas todas as etapas da obra, com

---

as características brasileiras da mundialização do capital, auxiliando a compreensão do caso localizado de Guarulhos e a constituição de um quadro teórico-metodológico particular.

<sup>10</sup> Em seu *site* oficial, na parti intitulada “Empresarial – investida em Guarulhos”, como atrativo disponibiliza as leis municipais de “Incentivos Fiscais Em Guarulhos”: Lei Municipal nº 5.428, de 12/11/1999, regulamentada pelo Decreto nº 20.865, de 28/02/2000

<sup>11</sup> Dados obtidos junto à Prefeitura e à Infraero (Relatório Anual, 2000; Relatório Anual, 2001; Centro de Negócios Aeroportuário de São Paulo. Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos – 15 Anos, 2000.)

entrega prevista para 2006. Nessa ocasião, deverá gerar, segundo os números divulgados pela Prefeitura, mais de 20.000 empregos diretos.

**Foto 1 - AISP/GRU - 2001**



**Fonte:** AHCG. **Autoria:** Sem denominação. **Data:** 2001.

O complexo aeroportuário (AISP/GRU) possui área de 14 km<sup>2</sup> e é responsável por 30% do tráfego aéreo brasileiro. Porém, é um dos espaços no município que têm seus custos sociais e ambientais questionados pelos movimentos populares, envolvendo uma situação de contradições e conflito de identidades.

#### **4.2. AEROPORTO INTERNACIONAL DE SÃO PAULO/GUARULHOS – GLOBAL, REGIONAL E LOCAL**

Guarulhos, a partir da segunda metade da década de 1980, teve seu caráter eminentemente industrial, adquirido a partir da década de 1950, transformado pelo desenvolvimento de um novo setor de serviços, tendo o aeroporto um papel fundamental nessa nova configuração. Em vista disto, vem refazendo seus espaços para atender novos programas, buscando construir uma nova identidade.

De acordo com o *Diagnóstico Preliminar para o Plano Diretor de Guarulhos*, realizado pela Secretaria de Economia e Planejamento local em abril de 2002:

*(...) são aproximadamente quarenta mil estabelecimentos e trabalhadores autônomos que atuam no setor, oferecendo diversas opções à população. Existe uma grande expectativa no crescimento deste setor, nos próximos dois anos, haja vista a implantação dos novos complexos hoteleiros no município e nos ramos ligados ao turismo de negócios. Com os novos investimentos imobiliários previstos para o município, as lojas de conveniência, lavanderias, locadoras de veículos, restaurantes, lojas de presentes e artesanato são alguns dos ramos que deverão receber investimentos significativos (Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002).*

Essa tendência pode ser acompanhada quando verificamos a implantação de novos complexos hoteleiros no município. De acordo com os dados da prefeitura, são oito hotéis considerados de padrão internacional, como Casear Park, Mercure, Marriot e Panamby. Serão inaugurados entre 2003 e 2004 mais três grandes empreendimentos das redes Sol Meliá, Choice e Pathernon/Tbis, sendo responsáveis, juntos, por uma oferta de mais de 1.200 quartos e geração de aproximadamente 1.000 empregos diretos, de acordo com cálculos divulgados pela prefeitura (PMG. [www.guarulhos.sp.gov.br](http://www.guarulhos.sp.gov.br) e Agência de Desenvolvimento Tietê-Paraná. <http://www.adtp.org.br>).

De acordo com o artigo da revista *Exame*, intitulado "Cidade das Convenções", em março de 2002 eram previstos para os próximos anos "sete empreendimentos e 14 hotéis, com investimentos de 3 bilhões de reais" para o município, "podendo transformar Guarulhos na capital do turismo de negócios no país". Ainda conforme a revista, "a mola propulsora" desses investimentos é o aeroporto, "onde desembarcam 70% dos estrangeiros que visitam o país" (CARRANCA, 20 de março de 2002, p. 21-22).

Há por parte do poder público e dos setores do empresariado de Guarulhos uma notória preocupação em incentivar o desenvolvimento dessas atividades ligadas ao ramo



de turismo, particularmente o de negócios. Na mesma direção, é perceptível que o comércio também ocupa no município um papel importante em sua economia. São estabelecimentos dos mais variados ramos e portes, inclusive grandes redes de supermercados (Extra, Carrefour, BIG) e lojas de departamento. Guarulhos possui dois *shopping centers*: O Shopping Poli, localizado no centro da cidade, abriga 60 lojas, e o Internacional Shopping Guarulhos, o maior da Grande São Paulo, com 80 mil metros quadrados, apresenta 300 lojas e a maior concentração de salas de projeção do Brasil (15 salas).

Guarulhos abriga, ainda, um grande número de transportadoras e empresas de logística. Futuramente, quando forem concluídas as obras do Rodoanel (também cortando o território de Guarulhos), a previsão da prefeitura é que ocorrerá a ampliação da capacidade de escoamento de cargas, estimulando ainda mais a instalação de novas empresas do ramo de transporte, armazenagem e logística no município. A cidade conta também, com portos secos e entrepostos aduaneiros, proporcionando maior proteção às mercadorias e agilidade nos procedimentos alfandegários.

Cabe destacar, porém, que ainda hoje, apesar do desenvolvimento do Aeroporto, dos outros setores da atividade econômica e da política de desconcentração industrial promovida pelo governo federal e regional, o município possui um dos mais significativos e variados parques industriais do país, pois conta com cerca de 2.200 empresas, com destaque para as indústrias metalúrgicas, plásticas, químicas, farmacêuticas, alimentícias e de vestuário. Além disso, o município é o segundo em arrecadação no Estado de São Paulo.<sup>12</sup>

Entre as maiores indústrias instaladas em Guarulhos, estão as seguintes: Visteon, Renner Dupont, Cummins, Asea Brown Boveri, Borlem, Degussa, Pfizer/Phibro, Bardella, Aché, Stiefel, NEC, VDO, Yamaha, SEW, Quaker, Mannesmann e Bauducco, entre outras. Especialmente os bairros de Cumbica, Bonsucesso, Itapegica e Taboão, como discutimos no capítulo precedente, continuam a abrigar as principais áreas industriais do município. Contudo, destaca-se o Parque Industrial de Cumbica, com cerca de 700 indústrias, quantidade maior do que o de muitas cidades de grande atuação no ramo industrial.

---

<sup>12</sup> Esses dados sobre as atividades econômicas, bem como os que seguem, foram fornecidos pela Prefeitura Municipal de Guarulhos para o ano de 2002. In: <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>

De acordo com os dados demográficos expostos no capítulo anterior, entre 1980 e 1991, o município aumentou sua população em 255.142 pessoas, com uma elevação percentual de 47,89%. No período entre 1991 e 2001, o crescimento foi de 283.433 habitantes com 35,97% de evolução populacional. Um desenvolvimento demográfico que já vinha ocorrendo desde a década de 1950 e que tornou Guarulhos o segundo município mais populoso do Estado de São Paulo, com 1.071.299 habitantes entre o final dos anos 1980 e início de 1990.

Nos últimos anos, segundo a prefeitura, o município continua crescendo numa média de 2,5% ao ano, índice maior do que o da capital, que atinge 0,8% (*Folha de São Paulo*, 20 de janeiro de 2003, p. C1 e C2). A elevação demográfica se faz sentir em vários bairros, especialmente nos bairros da zona norte e leste do município, muitos dos quais próximos do aeroporto. De acordo com o jornal *Folha de São Paulo*, a partir de dados fornecidos pela Prefeitura de Guarulhos, IBGE e Infraero, em sete bairros vizinhos ao aeroporto, no período entre 1980 e 2000, o crescimento foi de “198.465 novos habitantes, passando de 127.372 para 325.837 pessoas”.

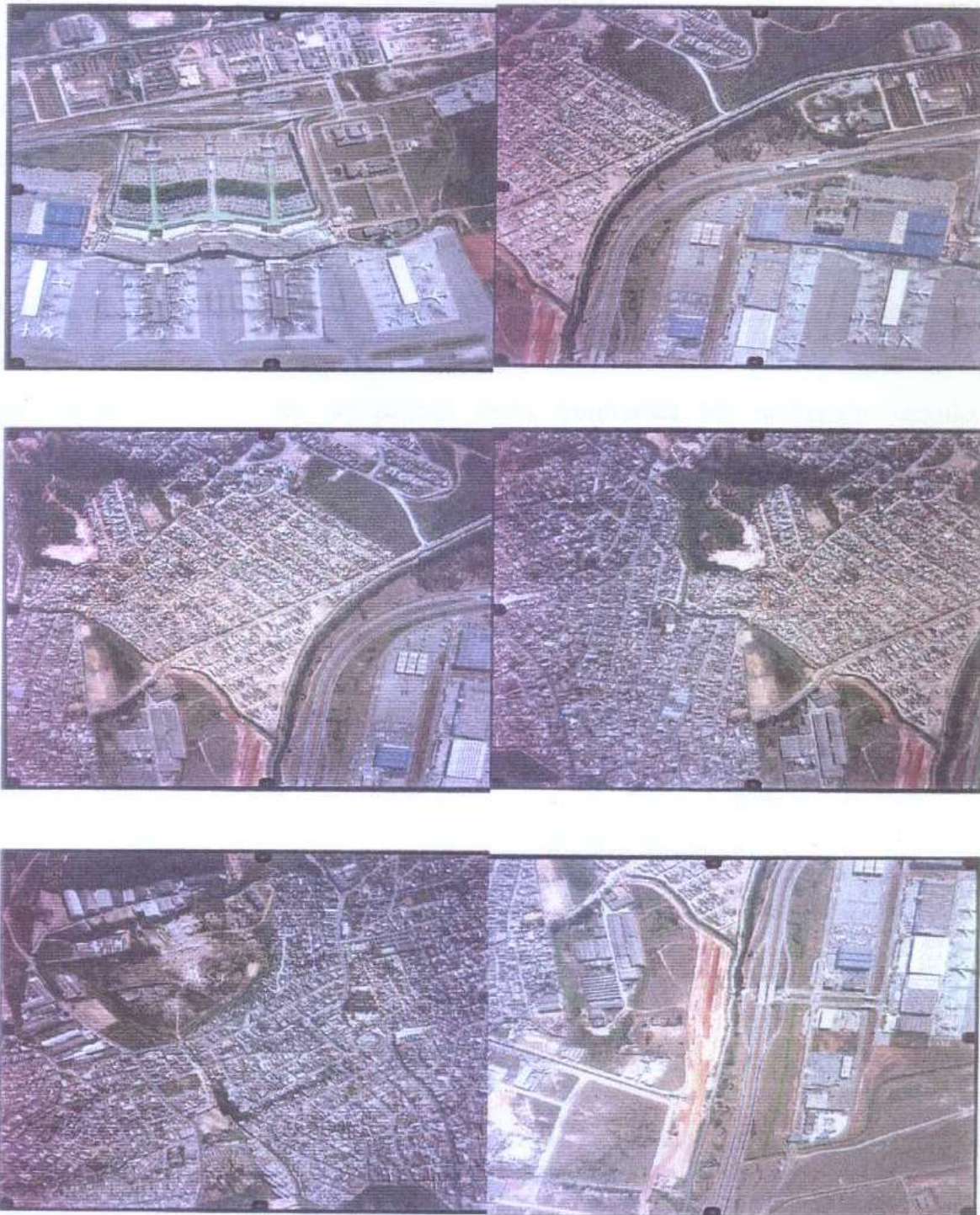
Para ressaltar como se dá esse processo na região, separamos as evoluções demográficas dos três bairros mais povoados:

**Quadro I – Evolução populacional dos Três Bairros mais Povoados Próximos ao Aeroporto – 1980, 1991 e 2000**

	1980	1991	2000
<b>Cumbica</b>	41.117	67.398	88.384
<b>Taboão</b>	24.960	44.136	66.037
<b>São João</b>	18.020	39.449	64.734

Fonte: IBGE

A procura pelos bairros dessa região, conforme a própria prefeitura esclarece, deriva da oferta e dos preços baixos dos terrenos na área, além do grande número de indústrias e do próprio aeroporto, que funcionam como atrativos. A seqüência de fotos aéreas a seguir demonstra bem a proximidade entre esses bairros e as instalações aeroportuárias.

**Fotos 2, 3, 4, 5, 6 e 7– Sequência de Fotos Aéreas do Aeroporto e de seus Arredores**

**Fonte:** PMG. **Autoria:** Sem denominação. **Data:** 2002.

Segundo a Secretária Adjunta de Economia e Planejamento, Eulália Portela Negrelos, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, “metade da população da cidade vive em loteamentos irregulares ou em 320 favelas - situação predominante” nas proximidades do aeroporto. (*Folha de São Paulo*, 20 de janeiro de 2003, p. C1 e C2).

Pela nossa pesquisa, o loteamento daquelas terras teve seu início antes mesmo da construção do aeroporto. Essa informação pode ser apurada em uma história narrada pela própria Infraero, contando o surgimento do aeroporto. Conforme a Infraero, em 1947, o Ministério da Aeronáutica “tentou obter uma área de 8,5 milhões de metros quadrados” na região próxima da BASP, mas não conseguiu obter sucesso, pois “já estavam loteadas” (INFRAERO, 2000, p. 05).

Além disso, a partir da industrialização da segunda metade da década de 1940, aquela foi uma das áreas mais procuradas para moradia por parte da população que crescia no município. Desde o início da implantação do aeroporto, ocorreram no município manifestações contrárias à sua instalação. Noronha e Romão escrevem que “houve manifestações das sociedades civis contrárias ao aeroporto devido à problemática social quanto às desapropriações, pois trata-se [o texto é de 1980] de uma região onde só residem operários, que, com muita dificuldade, construíram suas casas e agora se vêem na iminência de abandoná-las” (ROMÃO & NORONHA, 1980, p. 180).

Na mesma direção, em junho de 1984, a Secretaria de Economia e Planejamento local já destacava os impactos do aeroporto para a população local e a necessidade de definir regras visando ao aproveitamento e ao uso do solo. Diz o documento intitulado “Plano de Acessibilidade ao Aeroporto”:

Sobre a extensão das desapropriações:

*Alguns bairros da região de Cumbica desapareceram para dar lugar às instalações do aeroporto. Da Cidade Serôdio e Jardim Novo Portugal, por exemplo, não sobrou muita coisa. Desapareceu inteiramente o Jardim Maringá - o que era o bairro, hoje, é uma das pistas do campo de pouso. O Parque São Luis teve 90% de sua área desapropriada e perderam significativas fatias os jardins Presidente Dutra, Haroldo Veloso e São João.*

Sobre o contexto social da criação do Aeroporto, o mesmo texto informa:

*Foram obrigadas a mudar-se da região, aproximadamente, oito mil pessoas. E o processo de desapropriação foi relativamente rápido e simples. No dia 11 de junho de 1.980 era assinado o decreto - lei número 1.971 por meio do qual a União denunciava o domínio da área sob sua tutela em favor do Estado de São Paulo. Isso permitiu o reconhecimento dos títulos e propriedades de particulares transcritos há mais de 20 anos. Dessa forma a desapropriação dessas terras pôde transitar pelo Fórum de Guarulhos e não pela Justiça Federal - que se achava sobrecarregada de serviço - e o pagamento das indenizações se fez pelo domínio pleno e não pelo domínio útil.*

E, sobre o valor das desapropriações, declara o documento:

*Atendendo a uma determinação do Ministério da Aeronáutica e do governo do Estado de São Paulo, a avaliação das moradias se baseou nos preços de mercado, evitando-se assim, uma série de problemas sociais na região. O total das indenizações alcançou, em dólares o montante de US\$ 14 milhões (Secretaria de Economia e Planejamento-PMG, CD-Room, abril/2002).*

A prefeitura teve como prática mais constante adequar o uso e a ocupação do solo municipal à presença do aeroporto, atendendo às restrições e exigências do MAER - Ministério da Aeronáutica. O planejamento do município foi adaptado à presença do aeroporto e as suas restrições quanto à área ocupada em seu entorno. A exemplo dos períodos anteriores, o poder público municipal atuou no sentido de conceder o espaço municipal às intervenções regionais e federais, buscando tirar proveito dos resultados dessas intervenções.

Lendo a revista comemorativa dos 15 anos do AISP-GRU, é possível aventar que a prefeitura local não teve participação direta na decisão da implantação do aeroporto em Guarulhos, considerada como "irreversível" pela COPASP. Segundo a

*Revista Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos - 15 Anos, da Infraero*, a decisão foi tomada pelo Ministério da Aeronáutica e pelo Governo do Estado (INFRAERO, 2000, p. 20).<sup>13</sup>

Em 1985, mesmo ano da inauguração do aeroporto, a prefeitura local agregou na sua legislação municipal sobre o uso e ocupação do solo a figura das zonas aeroportuárias, modificando a *Lei de Zoneamento n.º 2360/80*. Em 1990, essa adequação na *Lei de Zoneamento* de 1980 originou a *Lei Municipal n.º 3733/90*, depois modificada pela *Lei Municipal n.º 3999/91* e pela *Lei Municipal n.º 4818/96* de 1996, atualmente em vigor. Todas essas alterações e leis procuraram adaptar o uso e a ocupação do solo municipal ao aeroporto.

Pelo “Mapa de Influência da Terceira Pista”, o AISP/GRU localiza-se na Zona Central da mancha urbana. Portanto, ele tem o uso restringido como Zona Aeroportuária. Ou seja, conforme o mapa, as fotografias anteriores e os dados demográficos, as Zonas Aeroportuárias estão localizadas numa área em sua grande parte urbanizada.

---

<sup>13</sup> Em suas memórias, o fotógrafo Massami Kishi relata que “entre outras coisas, Néfi [o prefeito na época da implantação do aeroporto] poderia ter exigido, em troca do barulho do avião em nosso município, a construção de uma universidade federal. No Japão, por exemplo, quando da construção do aeroporto de Narita, o município de Tsukuba ganhou uma cidade para 20 mil cientistas” (MASSAMI KISHI, <http://www.guaru.com.br>).

Nazaré Paulista

Mairiporã



Santa Izabel

Localização aproximada do Trecho do Rodoanel em Guarulhos

Via Dutra

São Paulo

Itaquaquecetuba

ZONA AEROPORTUÁRIA 1

ZONA AEROPORTUÁRIA 2

ZONA AEROPORTUÁRIA 3

ZONA AEROPORTUÁRIA 4

ZONA AEROPORTUÁRIA 5

ZONA AEROPORTUÁRIA 6 - ÁREA A SER DESAPROPRIADA

Fernão Dias

São Paulo

Rod. Ayrton Senna

Secretaria de Economia e Planejamento

Prefeitura Municipal de Guarulhos  
Plano Diretor - março 2002

**MAPA DE INFLUÊNCIA DA 3ª PISTA**

200 0 2000 4000m



Conforme os dados fornecidos pela equipe da Secretaria de Economia e Planejamento Municipal, responsável por elaborar o Plano Diretor do município, nessas áreas de Zonas Aeroportuárias o uso do solo é preponderantemente “residencial/diversificado, sendo que as maiores densidades são encontradas na porção este do Aeroporto”. Ainda de acordo com a mesma equipe, “observa-se que apesar de existirem várias restrições para o uso Habitacional das zonas de uso aeroportuárias, este ainda é predominante, verificando-se um crescimento da malha urbana em toda a extensão periférica do Aeroporto (...)” (Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002).

Além disso, a implantação do aeroporto também teve e ainda tem suas conseqüências ambientais. A título de exemplo, o aeroporto foi assentado sobre a Bacia Hidrográfica do rio Baquirivu-Guaçu. De acordo com o parecer do próprio DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica do Governo do Estado), resumidamente as instalações causavam:

*Paralisação de atividades econômicas com interrupção de linhas de produção de indústrias, face à perda de equipamentos, matérias primas, estoques, etc.;*

*Vulnerabilidade da população no que se refere ao alto risco de contaminação por doenças de veiculação hídrica, como a leptospirose, cólera e enterite, entre outras;*

*Prejuízos à integridade física e psicológica, pois a população atingida fica condicionada a mudar seus hábitos durante a estação chuvosa;*

*Danos e até mesmo destruição de habitações residenciais e unidades comerciais, causando desabrigo da população, além de prejuízos materiais;*

*Danos ao sistema de energia, telecomunicações, redes de água e esgoto, equipamentos comunitários públicos e privados;*

*Interrupções prolongadas no sistema viário, principalmente na Av. João Jamil Zarif e nas proximidades da rodovia Pres. Dutra, com*



*reflexos nos demais sistemas que se interligam com as Marginais do rio Tietê, Rodovia Ayrton Senna e o próprio sistema urbano do município de Guarulhos* (DAEE, 1999, In: Secretaria de Economia e Planejamento - PMG, CD-Room, abril/2002).<sup>14</sup>

Do mesmo modo que o conjunto inicial do aeroporto, a construção de sua "terceira pista" também causa polêmicas. Serão 5.250 desapropriações e a remodelação viária em todo o entorno da área aeroportuária. Segundo o Movimento de Luta por Moradia de Guarulhos (MLM) e o Movimento Contra a Terceira Pista, esse quadro pode produzir a desapropriação de cerca de 30.000 pessoas e o desaparecimento de três bairros do município, além de efeitos socioambientais parciais em pelo menos outros dezoito, afetando 54 mil imóveis.

Conforme cálculos da Secretaria de Planejamento da municipalidade, as desapropriações atingirão 7.300 famílias, sendo necessária uma área de 940 mil m<sup>2</sup> para reassentá-las. É visível um potencial conflito entre novas e antigas identidades refletidas na ocupação e uso dos espaços, conforme mostra o "Mapa de Influência da 3ª Pista".<sup>15</sup> A seqüência de fotos adiante mostra as dimensões de quatro conflitos iminentes.

<sup>14</sup>Sobre o assunto, DINIZ, 1996, p. 51-61 e 1996; "Estudo de Impacto Ambiental EIA - Relatório de Impacto Ambiental RIMA - Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos".

<sup>15</sup> O dado de 5.250 desapropriações é fornecido pelo escritório da Urbaniza contratado pela Infraero (Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária) para realizar as desapropriações. Entre os bairros totalmente e parcialmente envolvidos, de acordo com o Movimento Contra a Terceira Pista, destacam-se alguns dos mais povoados da cidade: Malvinas, Haroldo Veloso, Novo Portugal, Santa Rita, Jardim Moreira, Jd. Palmira, Continental, Vale dos Machados, Vila Rio de Janeiro, Jd. São Paulo, Cocaia, Jd. Bela Vista, Jd. Santa Emília, Jd. Santa Inês, Seródio, Jd. São João, Lavras, Jd. Soberana, Ponte Alta, Bonsucesso, Vila Carmela, Jd. Planalto, Jd. Marilena, Jd. Santa Lídia, Jd. Novo Portugal, Jd. Eucaliptos. O número de 54 mil imóveis atingidos, conforme o Movimento, refere-se às residências afetadas pela desvalorização produzida pelo barulho, poluição e riscos de acidente. In: **Informativo - Movimento Contra a Terceira Pista**. N. 8. Guarulhos: s/d.

**Fotos 8 – Avião Sobrevoando Área com Casas Populares**

**Fonte:** Mario Yoshinaga. **Autoria:** Mario Yoshinaga. **Data:** s/d.

**Fotos 9, 10, 11 e 12 – Sequência de Fotos Exibindo a Ação de Desocupação no Jardim Marilena**

**Fonte:** APEOSP. **Autoria:** Antonio Celso. **Data:** 1997.

As quatro fotos anteriores mostram uma desocupação no Jardim Marilena, numa das áreas próximas ao Aeroporto, que é visto ao fundo. De acordo com os dados da Prefeitura, no ano de 2000 existiam 300 mil imóveis cadastrados em Guarulhos, sendo 57 mil (20%) vagos. Ao mesmo tempo no município, existim cerca de 320 favelas (*Folha de São Paulo*, 20 de janeiro de 2003, p. C1 e C2).

### Fotos 13 e 14 – Ocupação Anita Garibaldi



**Fonte:** MTST/APEOSP. **Autoria:** Antonio Celso/Riquembegue. **Data:** 2000.

No dia 19 de maio de 2000, cerca de 300 famílias, junto com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), ocuparam um terreno no bairro de Bonsucesso na periferia de Guarulhos. O terreno tem a extensão de 1.139.000 m<sup>2</sup>. São cerca de 2000 pessoas. A primeira foto da seqüência e dos primeiros dias da ocupação e outras duas de 2002.

#### 4.3. UMA CIDADE DAS CONVENÇÕES?

Concomitantemente, podemos perceber que muitos imóveis na região central do município e no centro de alguns dos seus núcleos mais antigos (como Bonsucesso, Vila Galvão, Ponte Grande, Vila Augusta) estão passando a abrigar atividades comerciais, encarecendo a região e expulsando ou impedindo a ocupação pela população de baixa renda, especialmente em pontos considerados “áreas nobres”. Esse quadro atualmente se amplia com a instalação de hotéis apresentados como de “padrão internacional” na área central da cidade ou em suas adjacências, modificando não só a paisagem urbana, mas, de novo, a composição sociocultural dos seus usuários.

A situação refletiu-se nos debates da “Comissão Especial de Revitalização do Centro de Guarulhos”, criada por decreto pela Prefeitura Municipal em conjunto com a Câmara Municipal e presidida pelo empresário Luis Roberto Mesquita. Por seu próprio nome, a Comissão expressa a necessidade de setores da sociedade de Guarulhos (especialmente aqueles vinculados aos agentes imobiliários, comerciais, financeiros, industriais e à rede de hotelaria) de respaldar suas ações de valorização imobiliária com discurso sobre a “revitalização” da área central da cidade, pressupondo sua perda de dinamismo ou de vida. Com isso, busca-se atender aquele que “deveria ser um dos propósitos do município”, segundo a Prefeitura e o Conselho de Desenvolvimento Econômico de Guarulhos: tornar-se um pólo de redes de hotéis, centros de convenções, feiras, exposições e do turismo de negócios, vocação que se agudizará ainda mais com a construção da terceira pista do Aeroporto Internacional.

Durante as reuniões da “Comissão Especial de Revitalização do Centro”, de acordo com os jornais locais e com o *Relatório Final* de setembro de 2002, foi constante a idéia de oferecer atrativos para esses empreendimentos, apagando, ao mesmo tempo,

determinadas características populares, através da expulsão dos camelôs, lotações, população moradora na rua e diminuição da circulação de ônibus.

**Fotos 13 e 14 – “Centro” de Guarulhos - 1999**



**Fonte:** Maurício Pinheiro. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** 1999.

A primeira foto é da Igreja Matriz e a segunda, da Rua Dom Pedro II em direção à Praça Conselheiro Crispiniano. Ambas mostram o núcleo central de Guarulhos amplamente utilizado pelo comércio de características populares.

Constante, também, é a posição de deixar em segundo plano (quando não negar), elementos locais de cultura materiais e de costumes que poderiam ser considerados patrimônios existentes, para ressaltar a necessidade de se construir uma identidade única para cidade a partir de intervenções nessa área central.

Essas intenções procuraram requalificar Guarulhos para atender às modificações que irão surgir com a ampliação da “Terceira Pista” do Aeroporto Internacional, aparecendo particularmente nas falas dos representantes do setor empresarial e em trechos do próprio *Relatório Final* da “Comissão Especial de Revitalização do Centro”.

Logo na apresentação, esclarece o Relatório, “[a]s intervenções de revitalização devem privilegiar a qualidade funcional, com a intenção de formar um patrimônio cultural, com produtos de grande durabilidade e de significativa expressão artística”.<sup>16</sup>

Segundo o empresário Luis Roberto Mesquita, - já citado como Presidente da Comissão Especial de Revitalização do Centro, também Presidente do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Guarulhos e membro da “Comissão de Revitalização da Cidade Satélite Cumbica” - em matéria do *Jornal Olho Vivo*, as ações são necessárias devido ao “grande volume de investimentos que serão feitos nos arredores do Aeroporto, com destaque para a “*Fiera Milano*”, um megacentro de exposições, bancado pela iniciativa privada”.<sup>17</sup>

De acordo com a revista *Exame*, o “Centro de Exposições, Feiras e Convenções de Guarulhos” ocupará uma área a partir de 150.000m<sup>2</sup> e terá investimentos na ordem de 350 milhões de reais, tendo como investidor o Governo do Estado de São Paulo. A infra-estrutura do “Centro” contará com cinco pavilhões, dois hotéis, duas torres de escritórios, um centro de convenções, um *flat*, área para *shows* e um *shopping*. Já a “Feira de Milão das Américas” possuirá uma área a partir de 60.000m<sup>2</sup>, investimentos de até 5000 milhões de reais, sendo o seu investidor a *Fiera Milano*. A infra-estrutura da “Feira” contará com pavilhão de exposições, áreas de lazer e de negócios” (CARRANCA, 20 de março de 2002, p. 23).

Assim, os espaços funcionais do Aeroporto contrastam com as características de muitos outros pontos da cidade, sendo apresentados como o novo padrão a ser seguido nas áreas remanejadas.<sup>18</sup> Por esta razão, ao mesmo tempo em que muitos recantos de Guarulhos conservam feições suburbanas paulistanas e outros ainda mantêm uma aparência de periferia metropolitana, o centro comercial e administrativo agora é percebido como tacanho ou desprovido de representação adequada para objetivos de maior grandeza.

<sup>16</sup> In: “Relatório Final da Comissão Especial de Revitalização do Centro de Guarulhos”, setembro/2002; “Atas Comissão Especial de Revitalização do Centro de Guarulhos”, 2002.

<sup>17</sup> In: “Jornal Olho Vivo”. Guarulhos: Olho Vivo, 15/08/2002, p. 5.

<sup>18</sup> “Lugares globalizados”, na denominação de Renato Ortiz (ORTIZ, 1994), ou “espaços da transnacionalização”, na análise de Milton Santos (SANTOS, 2000; 1996; 1994; 1991), ou “espaço de fluxos”, como apresenta Manuel Castells (CASTELLS, 1999), ou ainda “não-lugares”, como assinala Marc Augé (AUGÉ, 1994).

A Associação Comercial e a Municipalidade juntam-se em busca de símbolos da chamada "identidade guarulhense", que a vizinhança de São Paulo, o contexto metropolitano e o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos ao mesmo tempo delineiam e apagam.

Cabe questionarmos: a força da empresa aeroportuária federal estimula e/ou esmaga as iniciativas locais? Guarulhos continua um subúrbio da metrópole? Ou imperceptivelmente integrou-se a ela nos últimos anos como espaço aeroportuário? Ou, ainda, constitui de fato uma "cidade", a segunda do estado, e não um aglomerado sem identidade? As respostas são distintas, segundo a revista *Exame*:

*A cidade de Guarulhos é conhecida por abrigar o aeroporto internacional mais movimentado do país. Não fosse por isso, passaria despercebida, relegada a mera periferia de São Paulo* (CARRANCA, Adriana, 20 de março de 2002, p. 23).

*Cidade das Convenções  
Exame SP n.12 Ed 762*

Por sua vez, as populações rurais remanescentes, as dos bairros com características ainda suburbanas e os dos bairros periféricos constroem meios de redefinir aspectos de sua cultura, mesmo que de forma híbrida. As oposições em contraste se confrontam, mas encontram formas de se harmonizar. O processo de mudança avança num alarde silencioso. A síntese das contradições é elaborada a cada momento. E um município com múltiplas identidades culturais aparece. Multiplicidade identitária que poderia ser considerada a própria identidade do município desde que respeitada sua diversidade, inclusive na elaboração de projetos de intervenção urbana e sociocultural.<sup>19</sup>

Trata-se assim de captar a história em seu movimento, pois se existe diversidade social e cultural, por que a busca pela padronização numa a identidade única? Seguindo Antonio Gramsci, pensamos que aqueles que detêm a hegemonia cultural fazem dela um instrumento político.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> São leituras importantes sobre este aspecto: ARANTES, 1994; CANCLINI, 1995; CERTEAU, 1996; CHAUÍ, 1984 e 2001; GEERTZ, 1989; GUINZBURG, 1989; THOMPSON, 1998 e 1981; WILLIAMS, 1989 e 1979.

<sup>20</sup> Ponderações resultantes da orientação apresentada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Irene Szmrecsanyi. Ainda segundo essa mesma orientação, utilizamos o conceito de hegemonia oferecido por Antonio Gramsci. A partir da leitura das análises desse autor, compreendemos a hegemonia

Tomando como base o levantamento que realizamos até o momento, pensamos que essa situação de contradição social na constituição e uso do espaço urbano em Guarulhos pode ser explicada, reconstituindo-se o próprio processo de desenvolvimento histórico do município, especialmente a partir das décadas de 1950 e 1960, com a instalação da Via Dutra e, na década de 1980, com o início do funcionamento do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Buscamos, portanto, compreender a reordenação dos espaços urbanos e da população, e a formação e/ou transformação de identidades na cidade em suas dimensões urbanísticas locais e em sintonia com o processo de mundialização econômica.<sup>21</sup> Consideramos que, a partir dos anos 70 do século XX, as transformações no sistema econômico mundial encaminham-se para a “financeirização” da acumulação de capital, enquanto no plano nacional, define-se a imersão direta do espaço local de Guarulhos nas rotas internacionais da globalização, pela escolha do local de implantação do aeroporto de São Paulo.

Interessou-nos particularmente verificar e avaliar como esse complexo aeroportuário – o Aeroporto Internacional de São Paulo/Garulhos (AISP/GRU), com uma área de 14 milhões de metros quadrados e responsável por 30% do tráfego aéreo do país<sup>22</sup> - bem como as Rodovias Dutra, Fernão Dias, Ayrton Senna e o anel rodoviário circundante da cidade de São Paulo, o Rodoanel, em construção, têm atuado no processo de reordenação socioespacial de Guarulhos, gerando contradições materializadas em formas urbanas e nas condições de existência de seus habitantes.

---

cultural como um processo dialético através de trocas e diálogos. As classes dominantes assimilam o discurso e as práticas das camadas populares e, ao mesmo tempo, circulam suas idéias no cotidiano popular, deslocando da esfera político-econômica os significados sociais da dominação (GRAMSCI, 2002; 1999; 1991).

<sup>21</sup> Utilizamos a palavra mundialização a partir da compreensão apresentada por CHESNAIS, 1996; SANTOS, 2000, 1994, 1987; IANNI, 1995, 1992; HARVEY, 1992.

<sup>22</sup> O Aeroporto Internacional de São Paulo/Garulhos (AISP/GRU) possui mais de 171.000 movimentos de aeronaves. Os terminais de passageiros 1 e 2 têm capacidade para receber, cada um, até 7,5 milhões de passageiros/ano. São 500 embarques e desembarques de aeronaves ao dia. A receita operacional para o ano base 2000 foi de R\$ 366,4 milhões.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No transcorrer da nossa pesquisa acompanhamos alguns dos processos pelos quais Guarulhos, ao longo de sua história social, experimentou a produção, apropriação e semantização de diferentes espaços e identidades. Durante nosso estudo procuramos apreender os personagens desses processos como envolvidos em relações econômicas, políticas e culturais. Como sujeitos de diferentes classes sociais, a frente do poder público local ou não.

Por outro lado, compreendemos que em cada estágio aqui tratado, os interlocutores mais decisivos para os personagens locais foram aqueles que estavam a frente do desenvolvimento da cidade de São Paulo e da Região Metropolitana Paulistana, influenciando de modo decisivo na natureza das transformações socioeconômicas e urbanas de Guarulhos.

Ao estudarmos a história social do município compreendemos um quadro de heterogeneidade sociocultural e urbanística de múltiplas identidades que ali se percebe, dificultando o reconhecimento de um caráter único ou preponderante para Guarulhos e de seus moradores. Esse quadro, por sua vez, diante da valorização da "modernização" trazida pelo aeroporto, atualmente vem criando uma situação de crise de auto-identificação para os que buscam uma unicidade identitária para caracterizar o município.

No decorrer desta tese buscamos contrapor a historiografia local, as imagens tradicionais e oficiais sobre o município com diferentes fontes (escrita, estatística, iconográfica, oral) e teorias. Esse caminho metodológico nos conduziu a perpassa pela história municipal e apreender que, em diferentes épocas, tanto a historiografia local tradicional como os que dirigiam o poder público municipal, ofereceram destaque à determinadas identidades e espaços, atendendo aos interesses daqueles que detinham a hegemonia cultural fazendo dela um instrumento político. Ao mesmo tempo, colocavam em segundo plano outros espaços identitários municipais, tão importantes como os primeiros.

Entre as representações que freqüentemente são apontadas como essenciais para compreender as transformações socioespaciais e econômicas municipais, delineando as identidades de seus espaços e sujeitos aparecem: a proximidade da "cidade de São Paulo" e a dependência em relação ao desenvolvimento da capital. Características que, segundo seus defensores, deveriam orientar a atuação do poder público local e dos grupos a ele vinculados, buscando benefícios econômicos e urbanos dessa situação e, ao mesmo tempo, justificando suas ações.

Compreendemos que essa forma de administrar o município e de descrevê-lo vem deixando à margem outras localidades e identidades de longa tradição (Bonsucesso, Cabuçu, região do antigo aldeamento de São Miguel nas proximidades do atual bairro dos Pimentas e as áreas da lavras) que sofreram a partir da segunda metade do século XX, um forte processo de periferação junto com novos bairros constituídos mais recentemente (Presidente Dutra, Sadokim, Aracília, Fortaleza entre outros).

Assim, o estudo comparativo entre as fontes e a historiografia local sobre o município, também permitiu vir à tona a existência de espacialidades, parcelas da população e sociabilidades que fugiam de uma caracterização única. Esse caminho metodológico possibilitou a percepção da diversidade socioespacial de núcleos populacionais de tradições distintas daquelas que estamos acostumados a descrever quando pensamos em Guarulhos.

Nossa pesquisa procurou o caminho da percepção dessas múltiplas identidades municipais. Apreendemos então locais de sociabilidades que ultrapassavam as divisões político-administrativas e que têm sido passíveis de não reconhecimento, por vezes, por aqueles que estão à frente do poder público e que pretendem a caracterização do município através de uma identidade única.

Deste modo, política e administrativamente considerada uma "cidade", Guarulhos, para esta pesquisa constituiu-se como um município que, ao procurar auxiliar à metropolização paulistana, desenvolveu em seu território bairros que se caracterizaram como verdadeiros subúrbios paulistanos (Vila Augusta, Vila Galvão, Gopoúva, Ponte Grande, entre outros, incluindo sua área central) e outros como periferias metropolitanas (Bonsucesso, Cabuçu, Pimentas, Presidente Dutra, Sadokim, Aracília, Fortaleza entre outros), guardadas os devidos cuidados com as especificidades de cada lugar.

O estudo de Guarulhos permitiu assim que discutíssemos como a constituição de um planejamento e uma identidade política-administrativa-jurídica única foram dimensões que atuaram (ou não) na integração do espaço municipal, uma vez que a cidade possui pólos populacionais. Alguns são tão antigos quanto seu núcleo central, como: Cabuçu, Bonsucesso, Vila Galvão e Ponte Grande.

O termo "cidade de Guarulhos" foi utilizado nesta pesquisa tomando como ponto de partida a atual divisão político-administrativa para delimitarmos o espaço em estudo. Contudo, sabemos dos limites dessa descrição e das diferentes implicações que

constituem o conceito de cidade, algo que buscamos discutir na realização da pesquisa e em conjunto com as definições de núcleo, subúrbio, periferia e metropolização.

De início concordamos com Henri Lefebvre que definiu a cidade como a “projeção da sociedade sobre um dado território” (LEFEBVRE, 1991, 1974 e 1969), considerando além de fatores econômicos (a cidade como resultado da concentração da força de trabalho, da acumulação do capital e da especulação imobiliária), as dimensões políticas (a presença do Estado) e socioculturais (a identidade).

Segundo Lefebvre: “o espaço não é apenas econômico, onde todas as partes são intercambiáveis e têm valor de troca. O espaço não é apenas um instrumento político para homogeneizar todas as partes da sociedade. Ao contrário ... O espaço continua sendo um modelo, um protótipo permanente dos valores de uso que se opõem às generalizações do valor de troca na economia capitalista sob a autoridade de um Estado homogeneizador. O espaço é um valor de uso, mas ainda assim é tempo ao qual ele está, em última análise, vinculado, porque tempo é nossa vida, nosso valor de uso fundamental” (LEFEBVRE . In: GOTTDIENER, 1997, p.132).

Essa idéia possibilitou buscarmos entender a constituição histórica da cidade de Guarulhos e seus núcleos como partes integrantes do processo de consolidação da sociedade capitalista e não como fenômenos isolados, apesar de suas especificidades. Como acentua Bernard Lepetit, outro autor importante para este estudo, “as casas e os espaços de trabalho, os edifícios públicos e a rede viária, as maneiras de viver e de morar, a organização técnica da produção e da troca, as formas de divertimentos e a geografia dos espaços de lazer sempre provêm, em sua maior parte, do passado e resultam, em sua evolução, de ritmos diferentes”. Em outras palavras, “o fato de que os elementos de uma cidade, em sua contemporaneidade, têm idades diferentes” (LEPETIT, 2001, p. 137-138).

Andando por Guarulhos hoje é perceptível essa “pluralidade de temporalidades”. Diferentes sujeitos constroem em seu cotidiano diversas maneiras de habitar a cidade. Como discute o historiador Michel de Certeau, “a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico” (CERTEAU, 1996, p. 174).

Caracterizamos Guarulhos assim à princípio como possuindo núcleos populacionais e urbanos múltiplos que foram importantes pólos socioculturais na

conformação do espaço que ocupavam e na constituição de sua população, tomando os devidos cuidados em não estabelecer comparações simplistas com o conceito de “polinucleação” muito utilizado para explicar o desenvolvimento metropolitano norte-americana, especialmente numa perspectiva exclusivamente econômica, como discute criticamente Mark Gottdiener (GOTTDIENER, 1997, p. 52-53).

No caso de Guarulhos, apreendemos seus núcleos como sendo espaços polarizados e articulados por possuírem atividades produtivas e mercantis vinculadas ao desenvolvimento urbano-capitalista do município e da Região Metropolitana e, ao mesmo tempo, relacionados ao um desenvolvimento sociocultural (como pólos religiosos, pontos de encontro, pousadas, passeios, festas, pontos de passagem de tropeiros e viajantes) de relevância na formação do município. Trabalhamos, portanto com uma definição de núcleo urbano e populacional a partir de uma dupla perspectiva teórico-metodológica que além de sua função, importância econômica, político-administrativo-jurídica municipal e regional, considera dimensões socioculturais na formação desses espaços (SANTOS, 2000; 1996; 1994; 1991).

Espaços perceptíveis através das memórias de seus sujeitos históricos; do patrimônio; dos discursos e das intervenções urbanísticas; dos usos que constituem costumes e tradições, por vezes subversivas, marginais e indesejadas em relação às perspectivas dos poderes públicos, criando um campo de disputa e atritos no “qual interesses opostos apresentam reivindicações conflitantes” (THOMPSON, 1998, p. 14). Concordamos assim também com o que escreve Pierre Bourdieu ao acentuar que “às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983, p. 82).

A unidade administrativa que criou a “cidade” não constitui uma unidade identitária, apesar da atuação daqueles à frente do poder público local priorizar suas ações nos bairros e espacialidades consideradas exemplares da identidade de “cidade” desejada. Um bom exemplo nesse sentido foram e continua sendo as adequações urbanísticas e na legislação urbana municipal em relação ao Aeroporto Internacional de São Paulo/GRU. O que nós leva questionar: será mesmo que se “não fosse pelo aeroporto” Guarulhos “passaria despercebida, relegada a mera periferia de São Paulo” (CARRANCA, 20 de março de 2002, p. 23), como assinalou matéria publicada pela revista *Exame*.

Pensamos assim que a oposição do poder público local em administrar o município como um território auxiliar, preparando somente para acompanhar e atender aos interesses da metropolização paulistana e, atualmente, ao processo de "mundialização" inibiu a constituição de Guarulhos como uma "cidade" capaz de reconhecer seus diferentes núcleos e sociabilidades na construção de sua identidade. As áreas aqui descritas, incluindo o núcleo central do município, constituíram como cercanias suburbanas, periferias e/ou arredores metropolitanos da "cidade" de São Paulo; ou ainda "lugares globalizados" como as Vias Dutra, Fernão dias, Via Leste e AISP/GRU (ORTIZ, 1994; SANTOS, 2000; CASTELLS, 1999; AUGÉ, 1994).

Na nossa compreensão, a municipalidade deveria respeitar a multiplicidade identitária que constitui Guarulhos, inclusive na elaboração de projetos de intervenção urbana e sociocultural. Pensamos mesmo que essa diversidade identitária poderia ser apresentada como a própria identidade do município, desde que considerada sua diversidade.

**REFERÊNCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS,  
FONTES E ACERVOS**

## FONTES

## ESCRITA E ESTATÍSTICA

- AGÊNCIA MUNICIPAL DE ESTATÍSTICA DO IBGE. In: "Visão". São Paulo: Visão, 24 de junho de 1960, p. 46.
- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO TIETÊ PARANÁ. <http://www.adtp.org.br>
- ALMEIDA, Dr. João Mendes de. **Dicionário Geográfico da Província de S. Paulo – Obra Póstuma**. São Paulo: Typ. A Vap. Espindola, Siqueira & Comp., 1902, p. 174.
- AMIZADE – Boletim do Rotary Club de Guarulhos. Guarulhos: Rotary Club, abril de 1956.
- "Anuário Estatísticos da Secção de Demografia". São Paulo: República dos Estados Unidos do Brasil – Estado de São Pulo/Diretoria do Serviço Sanitário, 1902.
- "Anuário Estatísticos da Secção de Demografia". São Paulo: República dos Estados Unidos do Brasil – Estado de São Pulo/Diretoria do Serviço Sanitário, 1904.
- "Anuário Estatísticos da Secção de Demografia". São Paulo: República dos Estados Unidos do Brasil – Estado de São Pulo/Diretoria do Serviço Sanitário, 1905.
- "Atas da Câmara Municipal de Guarulhos". Guarulhos: Câmara Municipal, 1880-1950.
- "Ata da Câmara Municipal de Guarulhos". Guarulhos: Câmara Municipal, 30/04/1891.
- "Ata da Câmara Municipal de Guarulhos". Guarulhos: Câmara Municipal, 03/08/1934.
- "Ata da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo". São Paulo: Assembléia Legislativa Provincial, 15 de março de 1880.
- "Atas da Câmara Municipal de Guarulhos". Guarulhos: Câmara Municipal, 1881-1950.
- BARROS, José Oliveira. "Ofício do Secretario da Viação e Obras Públicas do Estado, José Oliveira de Barros, endereçada ao Palácio do Governo em 05 de dezembro de 1928". In: OLIVEIRA, Prefeito José Mauricio de. **Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Guarulhos – 1928**. Guarulhos/São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarulhos/ Typ. Gianotti, 1928, p. 16-17.
- CARRANCA, Adriana. "Cidade das Convenções". In: **Exame-ExameSP**, N. 12. Edição 762. São Paulo: Editora Abril, 20 de março de 2002, p. 21-23.
- CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS - CDDH. In: LEANDRO, Expedito. **Formação de uma Metrópole**. São Paulo: CDDH, 1998, p. 47.
- **Código de Posturas Municipais Decretado Pela Câmara Municipal de Guarulhos – 1911**. Guarulhos/São Paulo: Câmara Municipal/Typ. Heitor & Alves, 1911.
- COMISSÃO ESPECIAL DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE GUARULHOS. "Relatório Final da Comissão Especial de Revitalização do Centro de Guarulhos". Setembro/2002.



- COMISSÃO ESPECIAL DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE GUARULHOS. "Atas Comissão Especial de Revitalização do Centro de Guarulhos". 2002.
- "Decreto N. 21.530", criando o Serviço de Fomento Agropecuário da Capital, de 01 de julho de 1952.
- Decreto n.º 20.865". Regulariza os incentivos fiscais, de 28 de fevereiro de 2000.
- "Decreto Estadual n.º 47.863". Dispõe sobre a criação do Conselho de Desenvolvimento da Grande São Paulo: do Grupo Executivo da Grande São Paulo - GEGRAN e dá outras providências, de 29 de março de 1967.
- "Decreto Estadual n.º 48.163". Redefine a Região Metropolitana, incluindo, além dos municípios criados pelo Decreto n.º 47.863, os de Biritiba-Mirim, Guararema, Jujutiba, Salesópolis e Santa Isabel, de 3 de julho de 1967.
- "Decreto de Tombamento Municipal - N. 21.143". Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 28 de dezembro de 2000.
- DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. "Estudo de viabilidade hidráulica para implantação de obras de controle de cheias na bacia hidrográfica do rio Baquirivu-Guaçu. Relatório BAT- O1G", 1999.
- DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DE MINAS GERAIS - DER-MG, [http://www.der.mg.gov.br/html/mapa\\_site.html/](http://www.der.mg.gov.br/html/mapa_site.html/).
- DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DE SÃO PAULO - DER-SP, <http://www.der.sp.gov.br/vder/malha/pedagio.asp>
- DERSA. "Projeto – Rodoanel". In: [www.dersa.com.br](http://www.dersa.com.br).
- DERSA. "Investimentos, Cronograma e Programas". In: [www.dersa.com.br](http://www.dersa.com.br).
- DIOCESE de Guarulhos. **Dioceses de Guarulhos**. Guarulhos: Diocese de Guarulhos, 2003/2004.
- EMLASA. **Memória Urbana – a Grande São Paulo até 1940 – Volume 1**. São Paulo: Arquivo do estado/Imprensa Oficial, 2001.
- EMLASA. **Memória Urbana – A Grande São Paulo até 1940 Vol. 2**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- EMLASA. "Metrópoles em Dados - Região Metropolitana de São Paulo". São Paulo, <http://www.emplasa.sp.gov.br/>, 18 de novembro de 2003.
- EMLASA. "Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado – II (Revisão e Atualização/82)". São Paulo: EMLASA, <http://www.emplasa.sp.gov.br>.
- EMLASA/CEBRO. "Programa de Melhorias do Sistema de Transporte Coletivo de Guarulhos – 1980". São Paulo: Emplasa/Cebro - Engenheiros Consultores, 1980.

- EMLASA. **Anel de Integração da Região Metropolitana de São Paulo – Rodoanel**. São Paulo: Emplasa, 1997 “Estudo de Impacto Ambiental EIA – Relatório de Impacto Ambiental RIMA - Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos”.
- FOLHA METROPOLITANA. Guarulhos: Folha Metropolitana, 03 de setembro de 2000.
- FOLHA METROPOLITANA – Edição Especial. “O Trem da Cantareira”. Guarulhos: Folha Metropolitana, 08 de dezembro de 1982, p. 01.
- FOLHA METROPOLITANA. “Um Ponto de Lazer Gerou o Progresso da Vila”. Guarulhos: Folha Metropolitana, 08 de dezembro de 1989, p. 02.
- FOLHA METROPOLITANA. “Aeroporto de Guarulhos vai operar em 83”. Guarulhos: Folha Metropolitana, 7 e 8 de dezembro de 1980, p. 3.
- FOLHA METROPOLITANA. “Malha Viária Prejudica interligação de bairros”. Guarulhos: Folha Metropolitana, 8 de dezembro de 1989, p. 4.
- FOLHA DE SÃO PAULO. “Dos Abruzzos a Guarulhos – um quadro de vida paulista – Carta de Eugênio Saraceni”. São Paulo: FSP, 15 de outubro de 1973, p. 14.
- FOLHA DE SÃO PAULO. “População cresce 150% ao redor do aeroporto”. São Paulo: FSP, 20 de janeiro de 2003, p. C1 e C2.
- FREITAS, Affonso A. de. **Tradições e reminiscências paulistanas**. São Paulo: Governo do estado, 1978.
- \_\_\_\_\_ In: **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo: Departamento de Cultura Municipal, Vol. IV 1934.
- **Guarulhos (Cidade Símbolo) em Revista**. Guarulhos: Editor/Proprietário – Miguel Benedito Parente, Jan/Fev/Março de 1981.
- GUARULHOSWEB. “Festa da Carpição em Bonsucesso”. [http://www.guarulhosweb.com.br/realtime/materia\\_0282002142538.shtml](http://www.guarulhosweb.com.br/realtime/materia_0282002142538.shtml), 02 de agosto de 2002.
- GUARULHOSWEB. “262ª Festa da Carpição acontece na próxima segunda-feira”. <http://www.guarulhosweb.com.br/realtime/3072003170550.shtml>. 17 de março de 2003.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Estatística. Sinopse Estatística do Município de Guarulhos – Estado de São Paulo. **Sinopse Estatística do Município de Guarulhos - Subsídios para o Estudo da Evolução Política. Alguns Resultados Estatísticos – 1945. Principais Resultados Censitários – 1-IX-1940**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1948.
- IBGE. *VIII Recenseamento Geral - 1970. Censo Demográfico - São Paulo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1973.

- IBGE. **Boletim Estatístico do Conselho Nacional de Estatística, n. 34.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, abril-junho de 1951.
- IBGE. **Dados Demográficos e Censitários.** Rio de Janeiro: IBGE, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.
- INFRAERO. "Aeroporto Internacional Viracopos/Campinas", <http://www.infraero.gov.br>.
- INFRAERO. "Aeroporto Internacional de São Paulo", <http://www.infraero.gov.br>.
- INFRAERO. "Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos", <http://www.infraero.gov.br> Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. **Jubileu Social**. São Paulo: IMESP, 1944, p. 100 e 111.
- INFRAERO. **Relatório Anual 2000.** Brasília: Infraero, 2000.
- INFRAERO. **Relatório Anual 2001.** Brasília: Infraero, 2001.
- INFRAERO. **Estudo de Impacto Ambiental EIA – Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos.** São Paulo: Infraero, 1992.
- INFRAERO. **Revista Aeroporto Internacional De São Paulo/Guarulhos - 15 Anos.** Guarulhos: Centro de Negócios Aeroportuários de São Paulo, 2000.
- JORNAL DE GUARULHOS. "A Cidade e Sua Indústria", 8 de dezembro de 1981, p. 4
- JORNAL OLHO VIVO. "Italianos Expõem Arte e Festejam Até Domingo". Guarulhos, Olho Vivo, 16 de agosto de 2001, p. 24.
- JORNAL OLHO VIVO. "Italianos Tiveram Palestra, Exposição e Muita Festa". Guarulhos, Olho Vivo, 21 de agosto de 2001, p. 12.
- "Lei Complementar Federal n.º 14". Estabelece as regiões metropolitanas de São Paulo: Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza, de 8 de junho de 1973.
- "Lei Complementar Estadual n.º 94". Dispõe sobre a Região Metropolitana da Grande São Paulo, de 29 de maio de 1974.
- "Lei Estadual n.º 1.038". São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 19 de dezembro de 1906, de 19 de dezembro de 1906.
- "Lei Estadual n.º 1.021". São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 06 de novembro de 1906, de 06 de novembro de 1906.
- "Lei Estadual n.º 2331". São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 27 de Dezembro de 1928, de 27 de Dezembro de 1928.
- "Lei Municipal de Zoneamento n.º 444". Promulga o zoneamento da cidade de Guarulhos, de 26 de março de 1957
- "Lei n.º 2456". Eleva o município de Guarulhos à comarca, de 30 de dezembro de 1953.
- "Lei Municipal de Zoneamento n.º 1.503". Alteração do zoneamento da cidade.

- “Lei Municipal n.º 1.689”, de 30 de dezembro de 1971. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do município de Guarulhos, de 17 de setembro de 1969.
- “Lei Municipal, nº 3999/91”. Tratando do Zoneamento Municipal, de 1991
- “Lei Municipal nº 4818/96”. Tratando do zoneamento municipal, de 1996
- “Lei Municipal nº 5.428”. Incentivos Fiscais, de 12 de novembro de 1999.
- “Lei Provincial n.º 34”, de 24 de março de 1880.
- “Lei Provincial n.º 71”. São Paulo: assembléia Legislativa Provincial, 03 de maio de 1886.
- “Lei Provincial n.º 66”. São Paulo: Assembléia Legislativa Provincial, 27 de março de 1889.
- “Lei Municipal n.º. 76”, de 15 de Fevereiro de 1928.
- “Lei Provincial n.º 34”. São Paulo: Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo, 24 de março de 1880.
- “Lei de Zoneamento Municipal nº 3733/90”, de 1990.
- “Livro 1º Antigo - Termo de Contrato de Aforamento de Terrenos de Índios deste Município - 1890-1891”. Guarulhos: Manuscrito/Câmara Municipal, 1890-189.
- “Livros de Impostos Municipais - Indústrias e Profissões”. Guarulhos: Manuscritos/Câmara Municipal e Prefeitura Municipal, 1897-1940.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo**. São Paulo: Martins Editora, 1952.
- NOVA DUTRA. **Relatórios e Dados Informativos**. In: [www.novadutra.com.br](http://www.novadutra.com.br)
- **O Estado de São Paulo: Guarulhos-Metrópole**. “Carpição é comemorada há 259 anos”, 04 de agosto de 2000.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: OESP, 17/11/1912.
- O ESTADO DE SÃO PAULO: **Guarulhos-Metrópole**. “Fidelidade à Nossa Senhora move Carpição”, 11 de agosto de 2000.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. “Movimento Pedia Emancipação”. São Paulo: OESP, <http://www.estado.com.br/jornal/suplem/seub/99/05/14/>.
- “Ofício 300/42”. Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 25 de maio de 1942. In: RANALI, João. **Cronologia Guarulhense: Volume I**. Guarulhos: s/e, 1986, 122.
- OLIVEIRA SOBRINHO, Prefeito José de Oliveira. **Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Guarulhos – 1920**. Guarulhos/São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarulhos/ Typ. Do Norte, 1920

- OLIVEIRA, Prefeito José Maurício de. **Relatório Apresentado à Câmara Municipal de Guarulhos – 1928**. Guarulhos/São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarulhos/ Typ. Gianotti, 1928.
- OLIVEIRA, Prefeito José Maurício de. **Relatório da Prefeitura Municipal de Guarulhos Apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Gabriel Monteiro da Silva, DD Diretor Geral do Dep. Das Municipalidades pelo Prefeito José Maurício de Oliveira.– 1943**. Guarulhos/São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 1943.
- OLIVEIRA, Heitor, Maurício de. “Iluminação”. In: “Folha de Guarulhos”. Guarulhos: Folha de Guarulhos, 06 de setembro de 1936, capa.
- PADRE CELESTINO, Gomes d’Oliveira Figueiredo. “Relatório e Anotações. Terceiro Livro de Tombo da Paróquia de Guarulhos”, 1913.
- POLI, Rinaldo. “Entrevista - Era Industrial”. In: **Folha Metropolitana**, 08 de dezembro de 1982, p. 6.
- POLI, Primo. “Entrevista - O primeiro prefeito eleito diretamente”. In: **Jornal Olho Vivo**. Guarulhos, Jornal Olho Vivo, 7 e 8 de dezembro de 2002, p. 29.
- PORTO, Fernando. “Guarulhos quer ser o centro empresarial do próximo milênio”. In: **Jornal da Tarde**. São Paulo: <http://www.jt.estadao.com.br/noticias/99/07/11/tu3.htm>, 11 de julho de 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS - PMG, <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>, 2003.
- PMG. “Livros de Aforamentos”. Guarulhos: PMG, Várias Datas.
- PMG. “Livros de Registro de Caixa”. Guarulhos: PMG, Várias Datas.
- PMG. “Livros de Imposto Predial”. Guarulhos: PMG, Várias Datas.
- PMG. “Livros de Imposto Sobre Indústrias e Profissões”. Guarulhos: PMG, Várias Datas.
- PMG. “Livros de Registro de Condutores de Veículos”. Guarulhos: Vários Números e Datas.
- PMG. “Livro de Leis Desta Prefeitura Municipal de Guarulhos”. Guarulhos: PMG, 16 de junho de 1936.
- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. **Relatórios Oficiais**. Guarulhos: Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, Vários Números e Datas
- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. **Código de Posturas**. Guarulhos: Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, 1994.

- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. **Código de Posturas**. Guarulhos: Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, 1911.
- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. "Processos Administrativos". Guarulhos: Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, Várias Datas.
- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. "Livros de Alinhamento". Guarulhos: Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, Várias Datas.
- PMG. & CAMARA MUNICIPAL. **Lei Orgânica do Município**. Guarulhos: PMG/Câmara Municipal, consolidada em agosto/200.
- "Processo Administrativo N<sup>o</sup>. 17298/74" Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, Protocolo de Entrada em 13 de novembro de 1974.
- "Processo Administrativo N<sup>o</sup>. 02041/75". Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, Protocolo de Entrada em 17 de fevereiro de 1975.
- "Processo Administrativo N<sup>o</sup>. 16863/77". Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, Protocolo de Entrada em 25 de outubro de 1977.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei Complementar Federal N<sup>o</sup> 14**, De 8 de junho de 1973.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Constituição**. 1989.
- "Revisita dos Municípios. Ano VIII, n.º. 4". São Paulo: Órgão da Empresa Jornalística dos Municípios, 1967.
- REVISTA NOVAS DA DUTRA. São Paulo: <http://www.novadutra.com.br/resgate.html>, 2001.
- SAINT- HILAIRE, Auguste de. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo, 1822**. São Paulo/Belo Horizonte: Editora da USP/Itatiaia, 1974.
- SAINT- HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de São Paulo**. São Paulo/Belo Horizonte: Editora da USP/Itatiaia, 1976.
- **São Paulo e seus homens no Centenário – Obra Comemorativa do 1 Centenário de Independência do Brasil**. São Paulo: s/e. 1922.
- "2<sup>o</sup> Livro de Registro de Contratos de Aforamentos: 20/09/1891". Guarulhos: Manuscrito/Câmara Municipal, 20 de setembro de 1891.
- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO-PMG. "Parte I – Equação Econômico Territorial- Situação Atual". In: **Diagnóstico Preliminar para o Plano Diretor de Guarulhos**. Guarulhos: CD-Room / PMG, abril/2002.
- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO-PMG. **Diagnóstico Preliminar para o Plano Diretor de Guarulhos**. Guarulhos: CD-Room / PMG, abril/2002.

- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO-PMG. **Sumário de Dados**. Guarulhos: PMG, 1999.
- SIGeo - Sistema de Informações Georreferenciadas (SIGeo) da Prefeitura Municipal de Guarulhos. "Dados Populacionais a partir dos números fornecidos pelo IBGE In: <http://www.guarulhos.sp.gov.br/>. Guarulhos: SIGeo, 2000.
- FOLHA DA MANHÃ. "Suplemento Especial da Folha da Manhã". "O 'Cinturão Verde'". In: "Suplemento Especial da Folha da Manhã". São Paulo: Folha da Manhã, 24 a 25 de janeiro de 1954, p. central e 06.
- TAMASSIA, Mario Boari. "'Guarulhos e sua Economia'". In: **Amizade - Boletim do Rotary Club de Guarulhos**. Guarulhos: Rotary Club, abril de 1956, Capa - p. 04.
- "Termo de Contrato de Aforamento de Terrenos de Índios deste Município - 16/051896-12/03/1932". Guarulhos: Manuscrito/Câmara Municipal, 16 de maio de 1896 - 12 de março de 1932.
- TRIBUNA DE GUARULHOS. "Dinamismo e Progresso no Nosso 'IV Centenário'". Guarulhos, 15 de janeiro de 1960, primeira página.
- TRIBUNA DE GUARULHOS. "Cumbica Substitui o Galeão". Guarulhos, 15 de janeiro de 1960, p. 5.
- VISÃO. "Guarulhos Quatrocentão". São Paulo: Visão, 24 de junho de 1960, p. 46-47.

## DEPOIMENTOS

- ÁLVARO MESQUITA. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- CIRILO, José Cirilo Rosa. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- DONA DIVA. **Depoimentos**. São Paulo: d.d. (diferentes datas).
- DONA ZEZÉ. **Depoimentos**. São Paulo: d.d. (diferentes datas).
- Irmãs Servas do Sagrado Coração de Jesus Agonizante. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- IVONE Christofero Félix Pires. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- JOSÉ Roberto dos Santos. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- MARIO ANTUNES. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- MARQUES, Manoel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosas da Província de São Paulo**. São Paulo: s/e, 1879.
- MASSAMI KISHI. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- MESTRE DITÃO, Benedito Flauzino. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- MESTRE JOÃO PEÃO. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).

- MESTRE MACUCO, Aparecido Garcia. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- MESTRE XAVIER, José Francisco Xavier. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- OLIVEIRA, Alves Fontes. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- OLIVIA dos Santos Martins. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- PADRE FRIZZO. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- PADRE LINDERMAN. **Depoimentos**. Guarulhos. d.d. (diferentes datas).
- PAPÚ, Cicero José da Cruz. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d.(diferentes datas).
- ROMILDO Feliz Pires. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- RUBENS dos Santos. **Depoimentos**. Guarulhos: d.d. (diferentes datas).
- WASHINGTON Ribeiro Macedo. **Depoimento**. Guarulhos, 2003.

#### PLANTAS

- AUTORIA DESCONHECIDA – “Planta da Cidade de Guarulhos” – 1937.
- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. “Mapa de loteamentos”. Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de áreas de risco”. Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de Favelas”. Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de Expansão urbana”. Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de influência da 3º pista”. Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de localização das áreas estruturadoras do território”. Guarulhos: PMG, 2002.” /
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de Aptidão física ao assentamento urbano”. Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . “Mapa de Zoneamento”. Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . “Mapa Rede de transporte atual - Linhas municipais”. Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . “Mapa Rede de transporte atual - Linhas setoriais e intersetoriais”. Guarulhos: PMG, 2002.



- \_\_\_\_\_ . "Mapa Rede de transporte atual - Linhas radiais". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa Rede de transporte atual - Linhas Diametrais". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Projetos viários estruturadores". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa da região metropolitana de São Paulo". Guarulhos: PMG, / 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa Geológico". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa Hipsométrico". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa Clinográfico". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa Morfológico". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Cobertura Vegetal Nativa". Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Áreas degradadas por mineração". Guarulhos: PMG, . / 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Áreas degradadas por resíduos sólidos". Guarulhos: / PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Anéis de distribuição de água". Guarulhos: PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Áreas especialmente protegidas". Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . "Mapa da Macrodrenagem". Guarulhos: PMG, 2002. /
- \_\_\_\_\_ . "Mapa de Vias pavimentadas e não pavimentadas". Guarulhos: / PMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ . EMPLASA. Sistema Cartográfico Metropolitano - SCM - Guia de **Informações para o Usuário**. São Paulo: Emplasa. 1993.

**BIBLIOGRAFIA****BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE GUARULHOS**

- ANDRADE, Márcio Roberto Magalhães de. "Cartografia de aptidão para assentamento urbano do município de Guarulhos". São Paulo: USP – Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia – Pós-graduação, Dissertação de Mestrado, 1999.
- ARAÚJO, Marli Almeida. "Redesenhando Bonsucesso". Guarulhos: Monografia Apresentada Junto à Banca de Graduação da UnG, 1987.
- CORRÊA DE NEGREIROS, et alli. "Plano de Manejo para o Pq Estadual da Cantareira". **Boletim Técnico N° 10**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Coord. Da Pesquisa de Recursos Naturais, Instituto Florestal, 1974.
- DINIZ, H. N. & Duarte, U. "Caracterização geológica e hidrogeológica da Bacia Hidrográfica do Rio Baquirivu-guaçu na região de Guarulhos – SP". In: **Rev. Univ. de Guarulhos, 3**. Guarulhos, São Paulo, 1996, p. 51-61.
- DINIZ, H. N. "Estudo do Potencial Hidrogeológico da Bacia Hidrográfica do Rio Baquirivu-guaçu, Municípios de Guarulhos e Arujá-SP." Tese de Doutorado, IG-USP, 1996.
- GAMA, Haroldo LEANDRO, Expedito. **Formação de Uma Metrópole**. São Paulo: CDDH, 1998.
- NORONHA, Adolfo De Vasconcelos. **Guarulhos Cidade Símbolo**. Guarulhos; s/e, 1960.
- PASCUAL, Francisco de Paula Freixa. "Evolução Urbana de Guarulhos". Guarulhos: Universidade de Guarulhos – Centro de pós-graduação, pesquisa e extensão. 1º e 2º volume, 1999.
- PIETÁ, Elói. **Revirando a História de Guarulhos**. São Paulo: Inca, 1992.
- RANALI, João. **Cronologia Guarulhense: 2 Volumes**. Guarulhos: s/e, 1986.

- \_\_\_\_\_ . **Coisas Nossas e dos Outros**. Guarulhos: s/e, 1979.
- \_\_\_\_\_ . **Guarulhos: História e Estatística**. Guarulhos: s/e, 1945.
- \_\_\_\_\_ . **A Ficção Veste a História - Episódios de Uma Cidade**. São Paulo: s/e, s/d.
- \_\_\_\_\_ e ROMÃO, Gasparino. **Edição Histórica Comemorativa do III Centenário da elevação à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos (1685-1985)**. Guarulhos: PMG, 1985.
- ROMÃO, Gasparino José & Noronha, A. V. **Guarulhos: 1880-1980**. Guarulhos: PMG, 1980.
- RIBEIRO, Silvio. **Guarulhos – Uma explosão – uma breve história**. São Paulo: Editora Maitiry, 1995.
- SALES, Geraldo Francisco & ORDOÑEZ, Marlene. **Guarulhos – Nosso Município**. São Paulo: IBEP, 1980.
- SANTOS, Carlos José F. “Artigo de Divulgação da 260ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso-Guarulhos”. In: **Informativo Vitruvius**. São Paulo: Página desenvolvida por Abílio Guerra. Agosto/2001-  
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arquitextos.asp>
- SILVA, Jovino Cândido da. **Cantareira – O Caminho da Metropolização**. Guarulhos: s/e, 1999.
- TESTONE, Maria Theresa Avelino. **Jardim Tranqüilidade – um bairro e suas lembranças**. Guarulhos: Editora e Tipografia Soares, 1999.
- THOMEU, Paschoal. “Apresentação”. In: RANALI, João. **Cronologia Guarulhense: Volume 1**. Guarulhos: s/e, 1986, p. 7.

- TORRES, Haroldo da Gama & OLIVEIRA, Maria A de. "Quatro Imagens da Periferia Paulistana - Guarulhos". In: **Revista Espaço & Debates - 42**. São Paulo: NERU, 2001.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- Agência Estado. **Perfil da Economia Brasileira - Edição 1995**.  
[http://www11.agemado.com.br/proj\\_com/cbmm/6\\_4.htm](http://www11.agemado.com.br/proj_com/cbmm/6_4.htm)
- AGUIAR, Joaquim Castro. **Direito da cidade**. Rio de Janeiro: Renovar, 1996.
- ALMEIDA, Antonio. In: **Revista do Patrimônio - N. 24**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- AMARAL, Rita de C. "Festa à Brasileira. - Significados do festejar, no país que "nao é sério". Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 1998.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ARANTES, Antonio A. "A Guerra dos Lugares". In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. - Cidade, n. 23**. São Paulo, 1994, p. 191-203.
- \_\_\_\_\_. **Paisagens Paulistanas - transformações do espaço público**. Campinas: Unicamp, 2000.
- \_\_\_\_\_. In: **Revista do Patrimônio - N. 24**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. "Cultura da Cidade: animação sem frase". In: **Revista do Patrimônio - N. 24**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- \_\_\_\_\_. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Edusp, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlos. In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Crítica**. Madrid, Hermann Blume, 1984.
- ÀRIES, P. & DUBY, G. (Org.) **A história da vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- AZEVEDO, A . de. "Subúrbios Orientais de São Paulo". São Paulo: Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil da FFCL da USP, 1945.

- \_\_\_\_\_ . "São Paulo de Vila Quinhentista à Metrópole Regional". In: **Boletim Paulista de Geografia**, n . 39. São Paulo, 1961.
- \_\_\_\_\_ . **A cidade de São Paulo. Estudos de Geografia Urbana, v. III. Metrópole Paulista.** São Paulo: São Paulo Editora, coleção Brasileira, 1958.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares.** Campinas: Papyrus, 1994.
- BAER, Werner. **A industrialização e o desenvolvimento econômico no Brasil.** São Paulo: Ed. da Fund. Getúlio Vargas, 1.979.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 1988.
- \_\_\_\_\_ . **A cultura popular na idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- BACHELARD, G. In: **Bachelard - Os Pensadores.** São Paulo: Abril, 1984.
- BALDEZ, Miguel Lanzellotti. **Conselhos Populares e Usucapião Especial Urbano.** Petrópolis: Centro de Defesa Direitos Humanos, 1991.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Lisboa: Edições 70, 1991.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editorial Minas Gerais, 1998.
- BENEVIDES, Masia Vitória. **O governo Kubtschek.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- BENÉVOLO, Leonardo. **As Origens da Urbanística Moderna.** Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **História da Arquitectura Moderna.** São Paulo: Editora Perspectivas, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_ . "La Pérdida Del Áura' de La Obra De Arte: Una Nueva Condición De La Era Técnica". In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Crítica.** Madrid: Hermann Blume, 1984, p. 32 - 34.
- \_\_\_\_\_ . **Rua de mão única.** São Paulo: Brasiliense, 1987
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro. O ciclo ideológico do desenvolvimentismo.** Contraponto. Rio de Janeiro. 1988.
- BLOCH, Marc. "A História, os Homens e o Tempo". In: **Introdução à História.** Lisboa: Publicação Europa-América.

- BÓGUS, Lúcia M. Machado e BAENINGER, Rosana. "Redesenhando o Espaço no Interior Paulista". In: **Perspectiva**, Volume 9, n. 3. São Paulo: Revista da Fundação Seade, Jul-Set/1995, p. 62 - 70.
- BOMTEMPI, Silvio. **O Bairro de São Miguel Paulista**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura - PMSP, 1970.
- \_\_\_\_\_. **O Bairro da Penha de França**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura - PMSP, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Origens Históricas de São Miguel Paulista**. São Paulo: Unicsul, 2000.
- BONDUKI, Nabil G. **Origens da habitação social no Brasil - Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. 2a. Edição. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.
- BORJA, J., FORN, M. de, "Políticas da Europa e dos Estados para as cidades". In: **Espaço & Debates**, ano XVI, n.º 39. São Paulo: NERU, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Gostos de Classe e Estilos de Vida**. In: ORTIZ, Renato (Org.) **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 82.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: 1998
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994
- BRAUDEL, Fernad. **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRESCIANI, Maria Stella. "As Sete Portas da Cidade". In: **Revista Espaço & Debate**. 34: **Cidade e História**. São Paulo: NERU, 1991.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Imagens da Cidade - Século XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/FAPESP, 1993.
- BRUNO, Emani da Silva (Org.) **Memória da cidade de São Paulo: depoimentos de moradores e visitantes 1553/1958**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/DPH, 1981.
- \_\_\_\_\_. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História - Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

- BURGESS, W. "O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa", in: PIERSON, Donald. **Estudos de ecologia humana**. São Paulo: Ed. Martins, s/d.
- **CADERNOS LE MONDE DIPLOMATIQUE**. Um outro mundo urbano é possível, nº2, Janeiro/2001.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CAMPOS NETO, Cândido Malta. "Os Rumos da Cidade: urbanismo e modernização em São Paulo". São Paulo: Tese junto à FAU-USP. 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas estratégicas para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP.1997.
- \_\_\_\_\_ . **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.-
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1959.
- \_\_\_\_\_ . **Os Parceiros do rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- \_\_\_\_\_ . **Cultura Caipira**. In: <http://www.mundocaipira.com.br/>.
- CANO, Wilson (e outros). "Tendências do desenvolvimento regional em São Paulo". In: **São Paulo no Limiar do Século XXI, Coleção, 8 volumes**. São Paulo: Fundação SEADE, 1992.
- \_\_\_\_\_ . **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 2a Edição, 1981.
- \_\_\_\_\_ . "Concentração e Desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/1995". In: **Revista Economia e Sociedade, n.8**. Campinas: Unicamp,1997.
- \_\_\_\_\_ . "Padrões Diferenciados das Principais Regiões Cafeeiras (1850-1930)". In: **Estudos Econômicos – Volume 15, N.2**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1985, p. 291-306.
- CARDOSO, F.H e FALETO E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina** RJ, Ed. Guanabara, 1970
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **Os caminhos da reflexão sobre cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **A Reprodução do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **Espaço-tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 200.

- \_\_\_\_\_, **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1995**. Campinas, IE/UNICAMP, 1998.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de & LIMA, Solange Ferraz de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo: álbum da cidade de São Paulo (1887-1954)**. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Fapesp, 1997.
- CASSALHO, Valter. "Picando Fumo – Crônicas da Roça". In: **Cultura Vozes**. Nº 4. Volume 94. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 46-65.
- CASSARES, Norma Cianflone. **Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivo e Bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e IMESP, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_, **Prática Epistemológica e Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 1975.
- CEBRAP. **São Paulo 1975 - Crescimento e Pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspecto da cultura popular no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: 1984.
- \_\_\_\_\_, **Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHOAY, Françoise. "A História e o Método em Urbanismo". In: BRESCIANI, Stella (Org.) **Imagens da Cidade - Séculos XIX e XX**. São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1994.
- \_\_\_\_\_, **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- COMPANS, Rose. "O paradigma das *global cities* nas estratégias de desenvolvimento local". In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. maio/novembro, n.º 1 São Paulo: ANPUR, maio de 1999, p.91-114.
- D'ALÉSSIO, Lucrécia. **Signo Contextual**. São Paulo: Perspectiva, 1990.



- DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEÁK, C. e SCHIFFER, S. (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DEAN, Warren. **A industrialização de S. Paulo (1.880 - 1.945)**. Trad. Octavio Mendes Cajado, 3 ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 1.971.
- DE DECCA, Edgar. "O estatuto da história". In: **Revista Espaço & Debate**. 34: **Cidade e História**. São Paulo: NERU, 1991.
- DESCARTES, René. In: **Descartes – Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1983.
- DIAS, Márcia Lúcia Rebello Pinho. **Desenvolvimento urbano e habitação popular em São Paulo, 1870 a 1914**. São Paulo: Nobel, 1982.
- **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.) São Paulo/Rio de Janeiro: Folha de São Paulo/Ed. Nova Fronteira, 1994/1995.
- DINIS, Eli. **Empresário, Estado e capitalismo no Brasil: 1930-1945**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- DOWBOR, Ladislau. **Globalização, Metropolização e Políticas Neoliberais**. São Paulo: Educ, 1997.
- \_\_\_\_\_ . (Org.) **Desafios da Globalização**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- DURKEIM, Emilé. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1971.
- FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. São Paulo: Vozes, 1999.
- FENELON, Déa Ribeiro. "Trabalho, cultura e História Social. Perspectivas de investigação". In: **Projeto História, Revista do Pós-Graduação em História da PUC-SP, n. 4**. São Paulo: Educ, 1985.
- FERNANDES, Florestan. **Democracia e Desenvolvimento**. São Paulo: Hucitec
- FIORI, José L. **Para uma economia política do Estado brasileiro**. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1992

- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_ . **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S. A, 1998
- FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. São Paulo: Zahar, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GEOUSP – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA. **Espaço e Tempo. Revista da pós-graduação em Geografia**. - Nº 6. São Paulo: GEOUSP, 1999.
- \_\_\_\_\_ . **Espaço e Tempo. Revista da pós-graduação em Geografia - Nº 8**. São Paulo: GEOUSP, 2000.
- GIESBRECHT, Ralph Mennucci. <http://www.estacoesferroviarias.com.br/g/guarulhos>.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras. 1989.
- GITAHY, M.L.C. & PEREIRA, P. C.X. **O Complexo Industrial da Construção e a Habitação Econômica Moderna 1930-1964**. São Carlos/São Paulo: RiMa/Fapesp, 2002: p. 35-51.
- GOLDMANN, L. **A Criação Cultural na Sociedade Moderna**. São Paulo: Difel, 1972
- GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço**. São Paulo: Edusp, 1997.
- GOULART, Nestor. "Sobre a História da Urbanização – história urbana". In: **Revista Espaço & Debate**. 34: **Cidade e História**. São Paulo: NERU, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Vol.5**. São Paulo: Civ. Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_ . **Cadernos do Cárcere – Vol. 4**. São Paulo: Civ. Brasileira, 1999
- \_\_\_\_\_ . **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1991.
- **Grande Enciclopédia Delta Larousse – Volume 3**. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1972.

- GREGOTTI, Vittorio. "El Juicio Histórico Y Su Utilización". In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antología Crítica**. Madrid, Hermann Blume, 1984, P. 45-46.
- GROSTEIN, Marta Dora. "Uma cidade por refazer: a periferia paulistana". In: **Revista USP-5**. São Paulo: EDUSP, Março/Abril/Maio de 1999.
- \_\_\_\_\_ . "A cidade clandestina; os ritos e os mitos. O papel da irregularidade na estruturação do espaço no município de São Paulo, 1900-1987". São Paulo: Tese de Doutorado FAU-USP, 1987.
- GUATARI, Felix. "Espaço e poder: a criação de territórios na cidade". In: **Revista Espaço e Debate**. N. 16. São Paulo: Cortez, 1985.
- GUINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GUNN, Philip. "Urbanização do Sudeste: dominação das metrópoles?." In: GONÇALVES, Maria Flora (org.), **O Novo Brasil Urbano: impasses, dilemas, perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, p. 88-89.
- HARVEY, David. "Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio". In: **Espaço & Debates**, ano XVI, n.º 39. São Paulo: NERU, 1996, p. 121-45.
- \_\_\_\_\_ . **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- \_\_\_\_\_ . **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HOBSBAWM, E.J. "O Ressurgimento da Narrativa. Alguns Comentários". In: **Revista de História**. Campinas: UNICAMP, 1991.
- HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- \_\_\_\_\_ . Sergio Buarque de. **Visões do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_ . **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- \_\_\_\_\_ . **O colapso do populismo no Brasil**. Editora Civilização Brasileira. São Paulo. 1994
- INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS FLORESTAN FERNANDES. "São Paulo: Dinâmicas e Transformações. Indicadores demográficos, sociais, econômicos e urbanísticos por zonas e distritos". São Paulo: Cd-rom, 2000.

- JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do Pós-Moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1994.
- KOWARICK, Lúcio (Org.). **As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LAGRECA DE SALES, Marta Maria. "Projeto Urbano: opção metodológica e algumas práticas". São Paulo: FAU-USP, Dissertação de Mestrado, jun/99.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. **A Estruturação da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro 1971
- \_\_\_\_\_ . "Depoimento". In: **Espaço & Debate**. São Paulo: NERU, 1981, p. 85-91.
- LAPA, J. R. A. **A economia cafeeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LEFBVRE, Henri. **Introdução à modernidade: Prelúdios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- \_\_\_\_\_ . **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- \_\_\_\_\_ . **La production de l'espace**. Paris: Maspero, 1974.
- LE GOFF, Jacques et. al. **A Nova História**. Coimbra: Almedina, 1978.
- LEME, Maria Cristina da Silva (org.) **Urbanismo no Brasil 1895 - 1965**. São Paulo: Ed. Studio Nobel / FAUUSP / FUPAM, 1999.
- LEMOS, Carlos A. C. "O Estudo da História na Formação do Arquiteto". In: SZMRECSANYI, M. I.(Org.) **Anais do Seminário Nacional: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP, 1994.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma Nova História Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- LIBÂNIO, Maria Lúcia Leonardi. "A Invenção da cidade de São Paulo". São Paulo: Dissertação de Mestrado – PUC/SP, 1989.
- LIMA, Heitor F. **3 Industriais Brasileiros: Mauá, Rui Barbosa e Simonsen**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- LUKÁCS, Georg. "El Arte como superestructura". In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Critica**. Madrid, Hermann Blume, 1984, p. 26.
- LUZ, Nícia V. **A luta pela industrialização no Brasil: 1808-1930**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

- MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na Metrópole - textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- MALTA, Candido. "Espaço Urbano". In: **Evolução Urbana da Cidade de São Paulo: 1872-1945**. São Paulo: Eletropaulo, 1989.
- MARCONDES, Maria José de Azevedo. **Cidade e Natureza - Proteção dos mananciais e exclusão social**. São Paulo: Studio Nobel - Fapesp - Edusp, 1999.
- MARICATO, Ermínia. **Metrópole na Periferia do capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. "Povoamento, Divisões Administrativas, Limites". In: **A Cidade de São Paulo - Povoamento e População, 1750-1850 (com base nos registros paroquiais e nos recenseamentos antigos)**. São Paulo: Ed. Pioneira/Edusp, 1974.
- MARTINS, Luciano. "A crise do nacional-desenvolvimentismo". In: "Folha de São Paulo,". São Paulo: FSP, 29.12.1991
- MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- \_\_\_\_\_ . "Depoimento". In: **Espaço & Debate**. São Paulo: NERU, 1981, p. 75-84.
- \_\_\_\_\_ . "Abismos da História". In: **Memória - 19**. São Paulo: DPH-Eletropaulo, pp.19.
- MARX, Karl. In: **Marx - Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.
- MAX, Murillo. **Seis Conventos, Seis Cidades**. São Paulo: Tese de Doutorado Defendida junto à FAUUSP, sob orientação do Prof. Dr. Benedito Lima de Toledo. 1984.
- MAUTNER, Yvonne. "A periferia como fronteira de expansão do capital". In: DEÁK, CSABA & SCHIFFER, Sueli R. (Orgs.) **O processo de Urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP/FUPAM, 1999.
- MILARÉ, Édis. **Direito do Ambiente - doutrina - prática - jurisprudência - glossário**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.
- MONNET, Jérôme. In: **Revista do Patrimônio - N. 24**. Brasília: Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- MONTEIRO, John. **Negros da Terra. Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

- MOREIRA, Antonio Claudio M.L. "Conceito de Ambiente Urbano e Impacto Ambiental. Material didático da disciplina - Políticas Públicas de Proteção do Ambiente Urbano" do Curso de Pós-Graduação da FAUUSP, 2001.
- \_\_\_\_\_ . "Megaprojetos & Ambiente Urbano: uma metodologia para elaboração do Relatório de Impacto de Vizinhança". Tese de Doutorado apresentada à FAUUSP, 1997.
- \_\_\_\_\_ . "Megaprojetos & Ambiente Urbano: parâmetros para elaboração do Relatório de impacto de vizinhança." In: **Pós - Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n.7, p. 107-118. São Paulo: FAUUSP, 1999.
- MOREIRA, Iavani. "A Dinâmica Econômica da Região Metropolitana de São Paulo", In: *Site da Companhia City de Desenvolvimento*, <http://www.spsitecity.com.br/megalopole/index.htm>, s/d.
- MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo: da comunidade à metrópole**. São Paulo: Difel, 1970.
- NERY JR, José M, SOMEKH, Nádia e ROLNIK, Raquel. "Políticas públicas para o manejo do solo urbano – experiências e possibilidades". In: **Revista Pólis N. 27**. São Paulo: Instituto Pólis, 1996.
- OMEGNA, Nelson. **A Cidade Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PANOFSKY, Erwin. In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Crítica**. Madrid, Hermann Blume, 1984.
- PAOLI, Maria Célia. In: **Revista do Patrimônio – N. 24**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- PASSOS, Maria Lúcia Perrone de Faro. "Apresentação". In: **Evolução Urbana da Cidade de São Paulo (1872-1945)**. São Paulo: Eletropaulo, 1989.
- PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Crítica**. Madrid: Hermann Blume, 1984.
- PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares Sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas**. São Paulo: EDUSP, 1995.

- PIERSON, Donald. "Caipira Versus 'Cidadão' em Cruz das Almas". In: **Revista Sociologia – Volume XII – N. 4**. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Outubro de 1950, p. 312-313 até 322.
- \_\_\_\_\_ . "O Estudo de Cruz das Almas". In: **Revista Sociologia – Volume XII – N. 1**. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Março de 1950, p. 33-43.
- PÓLIS. Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais. **Políticas públicas para o manejo do solo urbano: experiências e possibilidades, nº27 – especial**. São Paulo: Polis, 1996.
- PORTOGHESI, Paolo. **Depois da Arquitectura Moderna**. Lisboa: Arte & Comunicação, Edições 70 Ltda., 1985.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução Política do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. "A Perspectiva do Arquiteto sobre a Cidade". In: PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares Sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 170.
- \_\_\_\_\_ . "Sobre a História da Urbanização – história urbana". In: **Revista Espaço & Debate. 34: Cidade e História**. São Paulo: NERU, 1991, p. 15.
- \_\_\_\_\_ . "Urbanização e Planejamento no Brasil - 1960/1983". In: **Cadernos de Pesquisa do LAP - 11 - Série Urbanização e Urbanismo**. São Paulo, FAU-USP, jan.- fev. 1996.
- \_\_\_\_\_ . "Notas sobre a organização das Regiões Metropolitanas" In: **Cadernos de Pesquisa do LAP - 12 - Série Urbanização e Urbanismo**. São Paulo: FAU-USP, mar.- abr. 1996.
- \_\_\_\_\_ . "Notas sobre o Urbanismo no Brasil - Segunda parte: séculos XIX e XX". In: **Cadernos de Pesquisa do LAP - 09 - Série Urbanização e Urbanismo**. São Paulo: FAU-USP, set.- out, 1995.
- \_\_\_\_\_ . "Apropriação do solo urbano e política habitacional". In: **Cadernos de Pesquisa do LAP – Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação**. São Paulo: FAUUSP, Julho/Agosto de 1996.
- **Revista Espaço & Debates**. Revista de Estudos Regionais e Urbanos - Vários Número. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos (NERU). Vários Anos.

- RIBEIRO, Luiz Cesar de Q., SANTOS JR., Orlando Alves (orgs.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana. O futuro das cidades brasileiras na crise.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- RODRIGUES, Marly. **Imagens do passado – A instituição do patrimônio em São Paulo: 1969-1987.** São Paulo: UNESP, IMESP, CONDEPHAAT, FAESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. In: **Revista do Patrimônio – N. 24.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- RODRÍGUEZ, Octávio. "O pensamento da CEPAL: síntese e crítica". In: **Novos Estudos CEBRAP, n.º 16.** São Paulo: CEBRAP, dez. 1986, p. 8-28.
- ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei – Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo.** São Paulo: Studio Nobel/FAESP, 1997
- RYBCZYNSKI, W. **Vida nas cidades: expectativas urbanas no Novo Mundo.** Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. "O papel da iniciativa privada na formação da periferia paulistana. In: **Revista Espaço & Debate.** Revista de Estudos Regionais e Urbanos - N.37 São Paulo: NERU. 1981, p. 19-33.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964.** São Carlos/São Paulo: RiMa/Fapesp, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, Carlos José F. **Nem Tudo Era Italiano – São Paulo e Pobreza (1890-1915).** São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Várzea do Carmo: Lavadeiras, Caipiras e 'Pretos Véios'". In: **Memória Energia, n. 28.** São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, 2001, p.74-96.
- \_\_\_\_\_. "Periferia Metropolitana Paulistana em Interação com os Primórdios da Urbanização de São Paulo: Século XIX/XX – Penha e Guarulhos". In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de História Econômica e 5 Conferência Internacional de História de Empresas.** São Paulo: Publicação em CD-Rom pela Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica. Set.2001.



- \_\_\_\_\_ . "A População Pobre Nacional na Cidade de São Paulo: Virada do século (1890-1915)". In: **Boletim de Pesquisa N. 6 / Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP**. São Paulo: EDUC(Editora da PUC/SP). 1996, pp. 25 a 33.
- SANTOS, Mariza Veloso Motta. In: **Revista do Patrimônio – N. 24**. Brasília: Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_ . et alli (orgs.) **Território. Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994.
- \_\_\_\_\_ . **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo: Hucitec, (2 edição) 1996.
- \_\_\_\_\_ . **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, (3ª edição) 1991.
- \_\_\_\_\_ . **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, (3 edição) 1996.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.
- SCHIFFER, Sueli Ramos, "Impacto da descentralização econômica da Região Metropolitana de São Paulo na estruturação do espaço nacional." In: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPUR**. Salvador: Anpur, 1991.
- SCHNORE, Leo (or.) **Estudos de urbanização**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da Metrópole**. São Paulo: Atiliê Editorial, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. "Fragmentação, simultaneidade, sincronização: o tempo, o espaço e a megalópole moderna". In: **Revista Espaço & Debate. 34: Cidade e História**. São Paulo: NERU, 1991.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. Paz e Terra. 1979
- SILVA, José Afonso da. **Direito Ambiental Constitucional**. São Paulo: Editora Malheiros, 1999.
- \_\_\_\_\_ . **Direito Urbanístico Brasileiro**. São Paulo: Editora Malheiros, 2000.

- SILVA, Maria Beatriz Setúbal de Rezende Silva. In: **Revista do Patrimônio** – N. 24. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura. 1996.,p. 165
- SILVA, Sergio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1.986.
- SIMONSEN, Roberto C. **Evolução Industrial do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Cia. Edit. Nacional e Edit. da U.S.P., 1.973.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2a edição, 1977.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SOMEKH, Nadia. **A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador**. São Paulo: Nobel/EDUSP/Fapesp, 1997.
- STOLCKE, Verena. **Cafecultura, homens mulheres e capital (1.850-1.980)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1.986.
- SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira, origem desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1.986.
- SZMRECSANYI, Maria Irene(Org.) **Anais do Seminário Nacional: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Educação e Fecundidade: Ideologia Teoria e Método na Sociologia da Reprodução Humana**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1986.
- SZMRECSANYI, Maria Irene. “Rio e São Paulo: raízes da substituição da metrópole nacional”. In: **Revista USP** – 17. São Paulo: Edusp, 1993, p. 203-218.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano**. São Paulo: FAUUSP, 1985.
- \_\_\_\_\_. “A Cidade Industrial: conceito e teoria na História do urbanismo - do passado ao presente”. In: **Anais do Seminário Nacional: O Estudo da História na Formação do Arquiteto - Revista Pós - Número Especial**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP, 1994, p.146 - 149.
- TESSAROLLO, Juiana Moras. “Notas sobre o planejamento da Grande São Paulo”. In: **Ciências Políticas e Sociais - Volume II, Número 2**. São Paulo: Revista da Escola de Sociologia e Política

- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_ . **Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- TOLEDO SILVA, Ricardo. "A conectividade das redes de infra-estrutura e o espaço urbano de São Paulo nos anos 90". Texto para discussão em aula, FAU - USP. 2000.
- TORRES, Haroldo da Gama e OLIVEIRA, Maria Aparecida. "Quatro imagens da periferia paulistana". In: **Espaço & Debate - 42**. São Paulo: NERU, 2001, p. 64-69.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a História - Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Unb, 1971.
- VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil. 1ov., 5aed., Populações Rurais do centro-Sul (paulistas, Fluminenses, Mineiros)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1998.
- VIRILO, Paul. "A cidade superexposta". In: **Revista espaços e Debates - Temporalidades - n.33**. São Paulo: NERU. 1991.
- VOLPE, Galvano Della. In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Critica**. Madrid, Hermann Blume, 1984.
- WEBER, Max. In: PATETTA, Luciano. **História De La Arquitectura - Antologia Critica**. Madrid, Hermann Blume, 1984.
- \_\_\_\_\_ . "Conceito e Categorias de Cidade". In: VELHO, O. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_ . **O Campo e a Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- ZUKIN, S. "Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando cultura e poder". In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 24**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio

**ACERVOS CONSULTADOS**

- Acig – Associação Comercial de Guarulhos
- Agende – Agência de Desenvolvimento de Guarulhos
- Arquivo da Câmara Municipal de Guarulhos
- Arquivo do Estado de São Paulo
- Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos, Núcleo do Patrimônio Cultural e Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico Municipal
- Biblioteca da Emplasa
- Biblioteca do IBGE
- Biblioteca da Pós-Graduação e da Graduação da FAU-USP
- Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico
- DERSA – Desenvolvimento Rodoviário S.A. – Acervo Digital (Via Internet) do [www.dersa.com.br](http://www.dersa.com.br)
- Divisão Técnica do SIGeo-Guarulhos (Sistema de Informações Georreferenciadas) - Secretaria de Economia e Planejamento
- Fundação Seade
- Infraero - Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária
- Movimento de Luta por Moradia de Guarulhos e Movimento Contra a Terceira Pista
- Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de Guarulhos
- Nova Dutra – Acervo Digital (Via Internet) [www.novadutra.com.br](http://www.novadutra.com.br)